

Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina





INSTITUTO DE PLANEJAMENTO E ECONOMIA AGRÍCOLA DE SANTA CATARINA SECRETARIA DE ESTADO DO DESENVOLVIMENTO RURAL E DA AGRICULTURA

Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina

2001-2002

APOIO INSTITUCIONAL







ESTADO DE SANTA CATARINA

Governador do Estado de Santa Catarina

Espiridião Amin Helou Filho

Vice-Governador

Paulo Roberto Baurer

Secretário de Estado do Desenvolvimento Rural e da Agricultura

Otto Luiz Kiehn

EXPEDIENTE

Secretário Executivo do Instituto Cepa/SC

Djalma Rogério Guimarães

Gerente Técnico

Walter A. Casagrande

Gerente de Desenvolvimento Organizacional

José Elaudio Della Giustina

COORDENAÇÃO

Bibl. Telmelita Senna

ELABORAÇÃO

Eng. Agr. Admir Tadeo de Souza
Eng. Agr. Cesar A. Freyesleben Silva
Econ. Francisco Assis de Brito
Eng. Agr. Guido Boeing
Econ. José Souza Filho
Méd. Vet. Jurandi Soares Machado
Econ. Luiz Marcelino Vieira
Eng. Agr. Luiz Toresan
Econ. Paulo Zoldan
Eng. Agr. Simão Brugnago Neto
Eng. Agr. Tabajara Marcondes
Eng. Agr. José Maria Paul

APOIO

Bibliotecária – Telmelita Senna Copidesque – Joares A. Segalin Revisão Editorial – Zélia Alves Silvestrini Digitação – Neusa Maria dos Santos Preços – João Manoel Anderson Econ. Márcia Janice Cunha Varaschin Revisão Técnica – Eng. Agr. José Maria Paul

PROJETO GRÁFICO

Capa – Vincent Pasquier (QUO Graphis)
 Edição de Arte, Editoração Eletrônica, Gráficos e Mapas –
 Alexandre Oliveira (QUO Graphis)

 Assistente de Arte – Juliana Diniz da Silveira (QUO Graphis)

Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina. - v.1- 1976-Florianópolis: Instituto Cepa/SC, 1976-

Anual

 ${\it Título}$ anterior: Síntese Informativa sobre a Agricultura Catarinense, 1976-1981.

Publicada em 2 volumes de 1984 a 1991. Publicação interrompida em 1992.

1. Agropecuária - Brasil-SC - Pereiodo. I. Instituto de Planejamento e Economia Agrícola de Santa Catarina.

ISSN 1677-5953

Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina – 2001-2002. Florianópolis, 2002

estado de Santa Catarina tem suas atividades agropecuárias assentadas predominantemente sobre a agricultura familiar diversificada. Mais de 90% das propriedades agrícolas estaduais apresentam este perfil, ou seja, possuem até 50 hectares de área, são exploradas diretamente pelo proprietário e sua família, dedicam-se à produção de no mínimo três atividades agropecuárias e seus produtos e, em razão de sua modesta participação individual no mercado, apresentam pequeno poder de barganha.

Estas características representaram, por muitos anos, fator de estabilidade, dando origem ao denominado modelo catarinense de pequena propriedade familiar. Mais recentemente, no entanto, a globalização da economia, com o aumento da competitividade, tornou mais vulnerável o sistema.

Entre as inúmeras alternativas propostas com vistas à superação dos obstáculos enfrentados pela agricultura familiar, devem-se destacar, pela sua importância, o desenvolvimento de atividades diversificadas que agregam valor ao trabalho e renda ao produtor, a formação de redes de cooperação, através do cooperativismo e de parcerias (que permitem aumentar o poder de barganha do pequeno produtor) e a geração e disseminação de informações sobre a produção e o mercado, entre outras, que servem como base para a tomada de decisão.

Comprometido com a promoção da atividade rural de Santa Catarina, de uma forma geral, e com o desenvolvimento da agricultura familiar, em particular, o Instituto Cepa/SC vem procurando prestar a sua contribuição na busca de alternativas que viabilizem a pequena produção familiar.

Com este objetivo, tem na geração e disseminação de informações uma de suas principais atribuições, em consonância com as prioridades estabelecidas pela Secretaria do Desenvolvimento Rural e da Agricultura. Assim, fazem parte de sua função o acompanhamento e a análise periódica de preços agrícolas e de safras e mercado de uma série de produtos agropecuários, que têm sua versão mais expressiva na Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina.

Além de contemplar informações conjunturais sobre a produção e o mercado dos principais produtos agropecuários do estado, a Síntese apresenta também informações estruturais relativas a território, clima, população, mão-de-obra, bem como da estrutura econômica e social da agricultura.

Esta edição foi contemplada com uma série de melhorias em seu projeto gráfico e em seu conteúdo, além de ter sido editada também em versão eletrônica (CD ROM e internet). Esperase, com isto, atender cada vez melhor às necessidades do nosso usuário.

Ao agradecer as colaborações que tornaram possível a presente edição, esperamos que este documento cumpra a tarefa que se propõe, de subsidiar o desenvolvimento rural sustentável, especialmente da pequena e média propriedade familiar, que no momento é o principal desafio a ser vencido por todos aqueles que estão efetivamente comprometidos com esta tarefa.

> Djalma Rogério Guimarães Secretário Executivo do Instituto Cepa/SC



SUMÁRIO

PARTE I

| A Conjuntura Econômica em 2001 e a Agricultura Brasileira | 08 |
|---|-------|
| As Regras para a Safra 02/03 | 16 |
| | |
| | |
| DESEMPENHO DA PRODUÇÃO VEGETAL | 20 |
| Alho | 20 |
| Arroz | |
| Banana | |
| Batata | |
| Cebola | |
| Feijão | |
| Fumo | |
| Maçã | |
| Mandioca | |
| Milho | |
| Soja | |
| Tomate | |
| Trigo | |
| Uva | |
| Flores e Plantas Ornamentais | |
| DESEMPENHO DA PRODUÇÃO ANIMAL | 97 |
| Carne de Frango | 97 |
| Carne Bovina | |
| Carne Suína | . 101 |
| Leite | . 104 |
| Mel | . 113 |



| DESEMPENHO DA P | PESCA | 122 |
|----------------------|--|-----|
| DESEMPENHO DA A | AQÜICULTURA | 128 |
| Peixes de Águas inte | riores | 129 |
| | | |
| Moluscos (ostras e m | exilhões) | 135 |
| DESEMPENHO DO S | SETOR FLORESTAL | 138 |
| PARTE II | | |
| DIVISÃO POLÍTICA | DO TERRITÓRIO E INFORMAÇÕES CLIMÁTICAS | 151 |
| CARACTERIZAÇÃO | SOCIOECONÔMICA | 157 |
| ESTRUTURA DE PR | ODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO | 162 |
| INFORMAÇÕES ECO | ONÔMICAS DA AGROPECUÁRIA | 165 |
| PREÇOS AGRÍCOLA | \S | 169 |
| | | |
| PARTE III | | |
| ANEXO I – Divisão | territorial do estado de Santa Catarina, com indicação das mesorregiões, | |
| | egiões geográficas e municípios | |
| | ções de municípios do estado de Santa Catarina territorial do estado de Santa Catarina, com indicação das regiões | |
| hidrogr | áficas e municipios | 182 |
| ANEXO IV – Conceit | OS | 189 |
| LISTA DE FONTES | | 191 |
| | | |
| | | |
| LISTA DE QUADROS . | | 195 |
| LISTA DE TABELAS | | 196 |
| ÍNDICE REMISSIVO | | 204 |



CONVENÇÕES

- = números entre parênteses em tabela, tão somente, não em texto, significam números negativos.
- ... o dado é desconhecido, podendo o fenômeno existir ou não existir.
- o fenômeno não existe.

0; 0,0; 0,00: o dado existe, mas seu valor é inferior à metade da unidade adotada na tabela.

NOTA: As diferenças porventura apresentadas entre soma de parcelas e totais são provenientes de arredondamento de dados.

SIGLAS UTILIZADAS

ABCC - Associação Brasileira de Criadores de Camarão

ABEF - Associação Brasileira dos Exportadores de Frango

ABIMCI - Associação Brasileira das Indústrias de Madeira Processada Mecanicamente

ABPM - Associação Brasileira de Preservadores de Madeira

ABPM - Associação Brasileira dos Produtores de Maçã

ABCC - Associação Brasileira de Criadores de Camarão

Afubra - Associação dos Fumicultores do Brasil

Agapomi - Associação Gaúcha dos Produtores de Maçã e Pêra

Aincadesc - Associação das Indústrias de Carnes e Derivados no Estado de Santa Catarina

Anda - Associação Nacional para Difusão de Adubos e Corretivos Agrícolas

Anfavea - Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores

Apinco - Associação Brasileira dos Produtores de Pintos de Corte

BCB - Banco Central do Brasil

Bndes - Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social

Ceagesp - Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais do Estado de São Paulo

Ceasa/SC - Centrais de Abastecimento do Estado de Santa Catarina S.A.

Cidasc - Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina

Conab - Companhia Nacional de Abastecimento

Epagri/Cepea - Empresa de Pesquisa Agropecuária e de Extensão Rural de Santa Catarina /Centro de Referência em Pesquisa e Extensão Apícola

Epagri/Climerh - Empresa de Pesquisa Agropecuária e de Extensão Rural de Santa Catarina/Centro Integrado de Meteorologia e Recursos Hídricos

FAASC - Federação das Associações de Apicultores de Santa Catarina

FAO - Food and Agriculture Organization of the United Nations

FAT - Fundo de Amparo ao Trabalhador

Ibama/Cepsul - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis/Centro de Pesquisa e Extensão Pesqueira das Regiões Sudeste e Sul

IBGE - Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Ibraflor - Instituto Brasileiro de Floricultura

Mapa/DFA/SC - Ministério da Agricultura, Pecuária e do Abastecimento/Delegacia Federal da Agricultura

MDA – Ministério do Desenvolvimento Agrário

Ocesc - Organização das Cooperativas do Estado de Santa Catarina

Pronaf - Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

SDA/Gedef – Secretaria de Estado do Desenvolvimento Rural e da Agricultura/Gerência de Desenvolvimento Florestal

SDE - Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico e Integração ao Mercosul

Secex/Decex - Secretaria de Comércio Exterior/Departamento de Operações de Comércio Exterior

Sindicarne - Sindicato da Indústria de Carnes

Sudepe/Coreg - Superintendência do Desenvolvimento da Pesca

Univali/CTTMar – Universidade do Vale do Itajaí/ Centro de Ciências Tecnológicas da Terra e do Mar

Usda - United States Department of Agriculture



Parte 1

A CONJUNTURA ECONÔMICA EM 2001 E A AGRICULTURA BRASILEIRA

Produto Interno Bruto (PIB) do País teve um desempenho bem abaixo das estimativas projetadas no início de 2001, que apontavam crescimento entre 4% e 4,5%. Cresceu apenas 1,51%, atingindo R\$ 1,185 trilhão. O maior aumento foi registrado na produção agropecuária, estimado em 5,1%, seguido pelos serviços, de 2,5%. A indústria registrou queda de 0,58%. A taxa trimestral acumulada do PIB no final do ano indicava uma tendência de desaceleração da economia que vem se confirmando em 2002. A renda per cápita do brasileiro atingiu R\$ 6.873.

As causas do crescimento menor do que o esperado da economia brasileira em 2001 têm origem tanto externa quanto interna. O desaquecimento das principais economias mundiais, o ataque terrorista aos EUA e a contaminação dos países emergentes pelas crises

da Argentina e da Turquia afetaram os fluxos globais de investimento e comércio. Houve, com isso, uma reversão das expectativas quanto ao futuro da economia global, e o câmbio passa a sofrer crescente pressão.

Internamente, a crise energética frustrou expectativas de investimentos e elevou custos para empresas e famílias. A desvalorização do real também elevou custos e impediu que a inflação ficasse dentro das metas estabelecidas pela equipe econômica, dificultando a queda dos juros e um maior crescimento econômico.

Em 2002, com exceção de um abrandamento da crise energética, aos mesmos focos de risco acima citados somam-se o crescimento da dívida interna e externa, o agravamento e alargamento das crises econômicas e políticas na América Latina e os riscos relacionados à transição política no Brasil. Estes



fatores estão potencializando a vulnerabilidade externa do País e adiam o tão esperado crescimento econômico sustentado da região.

Os indicadores econômicos e sociais confirmam os efeitos da instabilidade e crise. O IPCA e o IGP-DI, índices referência da variação dos preços no País, encerraram 2001 respectivamente em 7,6% e 10,40%, ambos acima do verificado no ano anterior. A taxa Selic média, que orienta a taxa de juros no mercado, fechou o ano em 19%, também acima da taxa verificada 12 meses antes, contrariando as expectativas de redução dos juros.

A taxa de desemprego aberto do País alcançou média de 6,2%, ante 7,1% no ano anterior, porém voltou a crescer nos primeiros meses de 2002. O rendimento médio do pessoal ocupado, em termos reais, registrou queda. No setor externo, observou-se uma tendência de depreciação do real, que, embora tenha invertido o ritmo de desvalorização nos últimos dois meses do ano, voltou a se desvalorizar no primeiro semestre de 2002. O saldo da balança comercial teve uma reversão positiva, passando de um déficit de US\$ 636 milhões para um superávit de US\$ 2,64 bilhões, sustentada não somente pela depreciação da moeda, como também por estratégias comerciais mais agressivas. O baixo crescimento econômico também ajudou na melhora da balança pela redução do volume de importações. Os superávits comerciais continuam crescentes em 2002 e já trazem algum alívio ao balanço de pagamentos.

No que respeita à produção do agronegócio, os resultados alcançados foram bastante positivos, já que o clima favorável e os resultados de uma constante evolução tecnológica garantiram uma safra recorde. A produção nacional de grãos, leguminosas e oleaginosas

bateu mais um recorde, atingindo 98,5 milhões de toneladas (safra 00/01), de acordo com o IBGE. Esta estimativa representa aumento de 18,4% em relação à colheita anterior. Para a safra 01/02, as estimativas da produção estão apontando para um crescimento de apenas 0,77%, situando-se ao redor de 99,3 milhões de toneladas. A frustração das safras de soja e milho, que tiveram significativa perda de produtividade, é a causa principal deste pequeno aumento no volume produzido de grãos.

O saldo da balança comercial do agronegócio em 2001 foi recorde e chegou a U\$ 19 bilhões, 28% a mais que no ano anterior. As exportações do setor foram de US\$ 23,96 bilhões, contra U\$ 20,69 bilhões em 2000, e a sua participação nas exportações totais passou de 37,6% para 41,2%. Tal resultado foi alcançado graças ao excelente desempenho comercial do setor de carnes, mas também do de grãos, farelos e óleos de soja. Destacaram-se ainda o fato de o País passar de importador para exportador de milho e também a melhora da balança dos produtos lácteos, cujo déficit caiu significativamente, entre outros fatores. Também o aumento da produtividade nas plantas agroindustriais confere crescente competitividade às empresas e está contribuindo significativamente para o aumento das exportações.

No campo institucional, observa-se uma crescente articulação entre governo e empresas, visando acordos comerciais com outros países, bem como para a tomada de decisões em organismos internacionais. Estas interações tendem a crescer e a influenciar o desenvolvimento e organização das cadeias produtivas. Por outro lado, o segmento empresarial ganha maior autonomia ao assumir cada vez mais funções antes exercidas pelo Esta-



do. As responsabilidades pelos riscos e financiamentos são cada vez mais assumidas pelo setor produtivo através do desenvolvimento da bolsa de mercadorias e dos mercados a termo.

É também crescente, tanto no segmento empresarial, como no da agricultura familiar, a percepção da interdependência entre seus segmentos e a necessidade de interação e cooperação entre produtores, agroindústria, prestadores de serviços, fornecedores, instituições de apoio, exportadores, consumidores, e outros, com vistas a interesses comuns.

Graças à evolução desses fatos e à sua potencialidade, o agronegócio brasileiro tem conseguido superar as crises que o rodeiam e o escandaloso protecionismo das nações ricas. A oferta interna de alimentos tem crescido e atenuado a pressão inflacionária, gerado empregos e divisas ao País.

O DESEMPENHO DA AGROPECUÁRIA CATARINENSE NA SAFRA 00/01

Apesar de ser parte do mesmo sistema econômico, Santa Catarina se diferencia no País por ter uma economia agrícola de base familiar, de estabelecimentos agrícolas menores, de produção relativamente diversificada e de maior valor agregado. Embora esta agricultura tenha tido extraordinário crescimento e grandes transformações, restam ainda grandes desafios a serem vencidos, seja no tocante à produção e ao seu processo produtivo, seja no tocante à necessidade de criar novas fontes de dinamismo no interior, visto que o esvaziamento de regiões agrícolas tradicionais persiste e deve continuar nos próximos anos.

O PIB da agropecuária de Santa Catarina cresceu 2,4% em 2001, menos do que nos

dois anos anteriores, que foi de cerca de 10%. Em parte, esta base de comparação elevada explica a redução no ritmo de crescimento no ano passado. Vale lembrar também que, no período 1985-1999, a agricultura estadual cresceu a uma taxa maior que a da economia estadual e brasileira, registrando extraordinário desempenho. Segundo dados do IBGE, em 1985, por exemplo, a agropecuária catarinense representava 5,2% da brasileira. Em 1999, este percentual alcançou 6,4%, enquanto a participação do PIB total do estado no brasileiro passava de 3,2% para 3,6%, respectivamente. Neste mesmo período, a agricultura catarinense cresceu 83%, enquanto a do Sul do País crescia 67% e a brasileira, 54%. Os dados são ilustrativos da importância e dinamismo da agricultura estadual.

Apesar de um menor crescimento da produção agropecuária em 2001, a recuperação dos preços de importantes produtos estaduais resultou em um desempenho bastante favorável. Com isso, o valor agregado do setor cresceu 17,7% e está estimado em R\$ 4,8 bilhões. O valor bruto corrente da produção está estimado em R\$ 7,1 bilhões e o consumo intermediário do setor (soma dos principais insumos e serviços utilizados no processo produtivo), em R\$ 2,2 bilhões.

A tabela 1 apresenta a participação de Santa Catarina em relação ao Brasil no tocante à área e produção agrícola e também à posição do estado na produção nacional. Os dados reafirmam a pujança do setor no contexto nacional, se considerados o tamanho do estado e as limitações de suas terras. O estado se destaca ainda como o maior produtor nacional de suínos, o segundo maior de carne de aves e o sexto de leite.



TABELA 1/I – ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E POSIÇÃO DE SANTA CATARINA NA PRODUÇÃO NACIONAL, SEGUNDO OS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS – SAFRA 00/01

| PRODUTO | ÁREA PLA | NTADA (ha) | PRODU | PRODUÇÃO (t) | |
|--------------|----------|------------|-----------|--------------|----------------------|
| | SC | SC/BR (%) | SC | SC/BR (%) | PRODUÇÃO NACIONAL |
| Alho | 2.792 | 19,6 | 20.861 | 20,6 | 2 ^a |
| Arroz | 137.170 | 4,3 | 892.673 | 8,8 | 3ª |
| Banana (1) | 28.251 | 5,5 | 585.858 | 9,8 | 3ª |
| Batata | 10.556 | 6,9 | 128.814 | 4,6 | 5ª |
| Cebola | 24.129 | 37,8 | 375.551 | 36,4 | 1 ^a |
| Feijão | 145.403 | 3,7 | 164.148 | 6,7 | 6ª |
| Fumo | 93.678 | 31,0 | 178.207 | 31,6 | 2 ^a |
| Maçã (1) | 15.377 | 50,0 | 378.748 | 52,4 | 1 ^a |
| Mandioca (1) | 37.983 | 2,2 | 708.950 | 3,2 | 10ª |
| Milho | 896.112 | 6,9 | 3.946.870 | 9,5 | 6ª |
| Soja | 198.853 | 1,4 | 534.321 | 1,4 | 9ª |
| Tomate | 2.613 | 4,6 | 125.201 | 4,1 | 6ª |
| Trigo | 51.007 | 2,9 | 79.865 | 2,4 | 4 ^a |

FONTE: IBGE. (1) Área destinada à colheita.

As exportações estaduais cresceram 11,7% em 2001 e atingiram US\$ 3,028 bilhões (5,2% do total nacional). Deste total, o agronegócio participa com 58%. As exportações concentram-se em produtos florestais (madeira, móveis, papel e papelão, principalmente), carnes de aves e suínas e fumo, os quais representaram 91% das vendas externas deste segmento. O crescimento das exportações do agronegócio em 2001 foi de 21,2%, quase o dobro do crescimento das exportações totais. As vendas de carnes suínas (+143,4%) e de aves (+42,7%) foram as principais responsáveis por este desempenho.

Uma análise do desempenho dos 17 principais produtos agropecuários de Santa Catarina demonstrou um crescimento médio de 3,4% na produção em 2001, quando comparada com a do ciclo anterior, e de 8,2% no dos preços. A produção agrícola cresceu 0,77% e a pecuária, 5,8%. O menor crescimento da agricultura deveu-se à frustração com alguns produtos. Condições climáticas adversas

acabaram reduzindo a produção de maçãs (-24%); fumo (-5%); feijão (-28%) e cebola (-18%). A redução da área plantada também acabou afetando a produção de fumo e do feijão. A evolução dos preços e da produção para os grupos dos produtos selecionados pode ser observada na tabela 2.

As quebras na produção foram compensadas pela produção de milho (+16%) e arroz (+12%). No caso do milho, principal produto agrícola do estado, houve aumento da área de 8,5%, principalmente devido ao excelente desempenho comercial da safra anterior. Também contribuíram o clima e os estímulos do governo estadual para a redução do déficit em Santa Catarina. A cultura do arroz cresce sobretudo pelo aumento de produtividade. Houve incremento também na produção de batata-inglesa (8%), mandioca (2,4%), soja (1,8%), banana (8,3%) e tomate (8,5%). A cultura do tomate cresceu em área e produtividade e vem melhorando o padrão técnico, tornando-se importante no estado.



A pecuária participa com pouco mais da metade do valor dos produtos analisados e teve um desempenho expressivo. A avicultura cresceu 5,9% e a suinocultura, 7,1%. A avicultura continua mantendo seu crescimento ao longo das últimas décadas. Inicialmente, sustentava-se na expansão do mercado interno; agora, nas exportações. A contínua melhoria do perfil técnico do produto e os custos mais baixos no ano passado estimularam o setor.

A suinocultura também está sendo estimulada pelas exportações. A oferta mais equilibrada com a demanda reajustou os preços e melhorou a rentabilidade dos produtores. O preço do milho, principal item do custo de produção, também ficou abaixo do ano anterior e melhorou as margens de comercialização do setor.

A bovinocultura de leite tem dado sinais de crescimento mais consistentes, mas tem enfrentado problemas com importações julgadas desleais e queda nos preços dos derivados. Pressões políticas dos produtores marcaram o ano.

A evolução média dos preços recebidos dos 17 produtos analisados acompanhou a

evolução dos principais índices de inflação do País. O índice de preços do setor teve um crescimento de 8,2%; o das lavouras ficou em 6,2% e o da pecuária, em 9,9%.

O crescimento do índice deve-se ao aumento dos preços da maioria dos produtos considerados, com exceção do milho (-21%), do alho (-3,2%), da mandioca (-28,6%) e do leite (-6,9%). No caso do milho, a queda do preço deveu-se ao grande volume produzido nacionalmente. Tiveram aumento acima do índice médio o arroz, a cebola, o feijão, o tomate, o trigo, a batata e a maçã. A quebra na produção nacional de maçãs acabou resultando em preços extremamente favoráveis em 2001.

Os preços dos suínos cresceram 12,7% e o dos frangos, 11%. O crescimento das exportações, decorrente dos problemas sanitários na Europa e em países concorrentes, bem como de políticas comerciais mais agressivas, deu sustentação aos preços internos e se constitui no principal fator de crescimento da atividade. A produção de frangos de Santa Catarina representa cerca de 60% das exportações nacionais do produto e está sendo favorecida pela depreciação do câmbio. Tam-

TABELA 2/I – VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO (VBP) E VARIAÇÃO DA PRODUÇÃO E DOS PREÇOS NA AGROPECUÁRIA CATARINENSE SEGUNDO GRUPOS DOS PRINCIPAIS PRODUTOS – 2000-2001

| GRUPOS DE | VBP (mil R\$) | | 2004 (0/) | VARIAÇÃO DA | VARIAÇÃO DE |
|---------------------|---------------|-----------|------------|--------------|-------------|
| PRODUTOS | 2000 | 2001 | 2001 (%) | PRODŮÇÃO (1) | PREÇOS (2) |
| Grãos | 1.089.294 | 1.131.407 | 21,83 | 9,83 | (5,47) |
| Hortaliças | 204.989 | 243.899 | 4,71 | (9,62) | 31,65 |
| Frutas | 363.673 | 428.137 | 8,26 | (14,10) | 37,36 |
| Raízes e Tubérculos | 73.477 | 83.109 | 1,60 | 4,36 | 8,39 |
| Fumo | 423.736 | 420.569 | 8,12 | (5,37) | 4,89 |
| Carnes (3) | 2.179.685 | 2.591.817 | 50,07 | 6,12 | 12,05 |
| Leite | 290.898 | 280.410 | 5,41 | 3,53 | (6,90) |
| Agricultura | 2.155.168 | 2.307.121 | 44,54 | 0,77 | 6,25 |
| Pecuária | 2.470.584 | 2.872.227 | 55,46 | 5,82 | 9,87 |
| TOTAL | 4.625.752 | 5.179.347 | 100,00 | 3,46 | 8,23 |

FONTE: Instituto Cepa/SC

Indica o crescimento da produção entre as safras de 99/00 e 00/01.
Indica a variação dos preços entre 2000 e 2001.
Refere-se aos abates totais no estado.



bém houve recuperação das vendas no mercado interno, o que resultou em um excelente ano para o setor. A queda nos preços do leite deve-se a fatores como produção crescente, concentração industrial e no varejo, guerra fiscal entre estados, além da concorrência com importações.

Quanto à produção florestal, observa-se um contínuo declínio das atividades extrativas, ao passo que as atividades relativas à silvicultura continuam crescendo. O crescimento das exportações vem mantendo a expansão da demanda de matérias-primas. Os principais produtos são derivados das florestas de pínus e destinam-se principalmente à produção de móveis, laminados e compensados, celulose e pastas.

Quanto à variação dos preços pagos pelos produtores catarinenses em 2001, calculados no consumo intermediário do setor, destacouse o crescimento dos preços de sementes e mudas (33%), de combustíveis e lubrificantes (21,5%); energia elétrica (15%) e o de adubos, corretivos e defensivos (16,5%). Os medicamentos e os produtos da alimentação animal tiveram crescimento nominal de 14%. Na média, o índice de preços cresceu 15% e o de volume (quantum), 4,6 %.

A despeito deste aumento no preço dos insumos, o desempenho global do PIB agrícola foi positivo, já que houve crescimento na produção e nos seus preços. Os reflexos podem ser observados na expansão das vendas de máquinas agrícolas e equipamentos em Santa Catarina, no aumento da movimentação financeira dos municípios de vocação tipicamente agrícola, bem como na evolução do faturamento e expansão das grandes unidades agroindustriais.

DESEMPENHO DA AGROPECUÁRIA CATARINENSE NA SAFRA 01/02

Os dados preliminares da produção agrícola para a safra 01/02 e as estimativas para o setor pecuário, tendo como referência os mesmos 17 produtos analisados na safra anterior, indicam um crescimento de 3,7%, ligeiramente maior que em 2001. A pecuária, novamente, está sendo o segmento responsável pelo crescimento do setor, com expansão de 5,9%, contra apenas 0,86% da agricultura. As estimativas de produção e preços foram baseadas nos dados referentes ao primeiro semestre do ano, comparados com os do mesmo período do ano anterior, conforme dados da tabela 3.

O crescimento da produção de carnes, principalmente frangos e suínos, e de leite está garantindo à pecuária um crescimento maior que o dos produtos agrícolas. A produção suína continuou em expansão no primeiro semestre, porém, as exportações, embora

TABELA 3/I – ESTIMATIVA DA EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO E DOS PREÇOS AO PRODUTOR NA AGROPECUÁRIA CATARINENSE, SEGUNDO GRUPOS DOS PRINCIPAIS PRODUTOS – SAFRAS 00/01-01/02

| GRUPOS DE PRODUTOS | VARIAÇÃO DA PRODUÇÃO (1) | VARIAÇÃO DOS PREÇOS (2) |
|---------------------|-----------------------------|----------------------------|
| Grãos | -9,26 | 39,31 |
| Hortaliças | 3,58 | 0,23 |
| Raízes e tubérculos | -2,24 | -38,57 |
| Fumo | 10,55 | 8,90 |
| Frutas | 17,24 | -4,43 |
| Carnes (3) | 6,19 | 9,95 |
| Leite | 3,53 | 7,14 |
| Agricultura | 0,86 | 15,55 |
| Pecuária | 6,02 | 9,66 |
| TOTAL | 3,72 | 12,25 |

FONTE: Instituto Cepa/SC.

Variação percentual entre as safras de 00/01 e 01/02. A estimativa para a produção pecuária em 2002 está baseada no desempenho do setor no primeiro semestre de 2002.
Variação percentual dos preços médios mensais recebidos pelo produtor no primeiro semestre de 2001 e 2002.

primeiro semestre de 2001 e 2002. (3) Refere-se aos abates totais no Estado.



crescentes, não foram suficientes para enxugar o mercado e remunerar melhor o produtor, que está atravessando o ano com a rentabilidade comprometida, sobretudo pelo aumento do preço dos insumos.

A produção de frangos tende a continuar crescendo. Os preços no primeiro semestre tiveram bom desempenho; no entanto, preocupam o aumento dos custos da atividade, o crescimento dos excedentes internos, o modesto crescimento das exportações no primeiro semestre e as crescentes barreiras impostas ao frango brasileiro no exterior.

No segmento agrícola, destaca-se a queda na produção de grãos, ocasionada pela expressiva queda na produção de milho (-20,2%). A queda na produção do cereal deveu-se ao desestímulo causado pelo desempenho comercial da safra anterior, que provocou diminuição na área plantada, e também a problemas climáticos. Estes fatores fizeram com que o déficit estadual do cereal voltasse a crescer e a pressionar os preços, que tiveram expressivo crescimento. Os demais itens cresceram, à exceção do grupo raízes e tubérculos, devido à redução na produção de mandioca. A cultura do fumo vem firmando-se como uma atividade de crescente importância econômica e social - cresceu 10,5%. Também cresceu a produção da cebola (5%), da maçã (21%) e da banana (6,8%).

Dentre os preços recebidos pelo produtor no primeiro semestre de 2002, destaca-se o crescimento dos preços dos grãos, principalmente os de milho (61%), arroz (24%) e soja (27%). A produção leiteira teve seus preços recuperados como efeito das medidas tomadas para atenuar a crise do exercício anterior, que resultaram num melhor ajuste da produção. Tiveram que-

da significativa os preços da banana, da batatainglesa, da cebola e da mandioca.

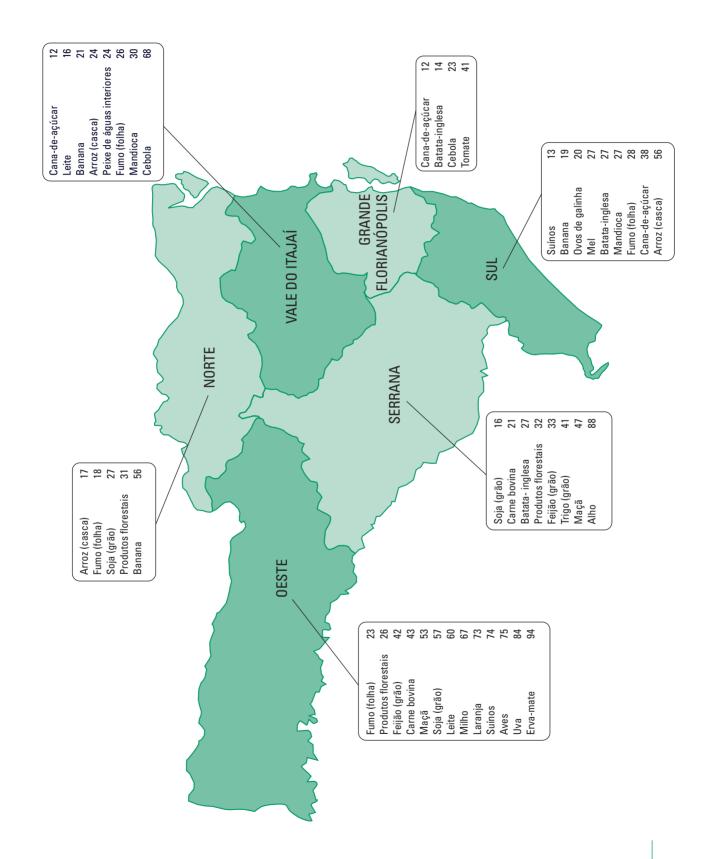
Dados divulgados pelo IBGE para o primeiro semestre de 2002 indicam crescimento de 8,3% para a agroindústria nacional. O resultado foi o melhor registrado pelo setor desde o segundo semestre de 1994, quando houve crescimento de 7,9%. O bom desempenho, segundo a mesma fonte, deveu-se ao crescimento da safra em 2002, ao aumento da produtividade obtida pela indústria e pelo campo e à desvalorização cambial combinada com a abertura de novos mercados, que tem estimulado as exportações. O setor vem apresentando crescimento consecutivo no número de postos de trabalho, contrariando tendências em outros segmentos. As projeções para o conjunto da economia para o segundo semestre permanecem pessimistas frente à deterioração do cenário externo e à crise cambial que enfrenta o País. Para o segmento de alimentos, entretanto, a expectativa é de que o desempenho continue positivo e favoreça Santa Catarina, que tem na agricultura importante sustentação.

Na seqüência deste documento são abordados os principais aspectos referentes ao plano safra 02/03, bem como uma análise mais detalhada de cada um dos principais produtos do agronegócio catarinense, aí compreendidos os produtos que estão tendo crescente importância econômica e social, como os da produção florestal, da pesca e da aqüicultura, flores e plantas ornamentais.

Paulo Zoldan



MAPA 1/I – DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DO VALOR DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA E PESQUEIRA, POR PRODUTO, SEGUNDO AS MESORREGIÕES GEOGRÁFICAS – SANTA CATARINA – 2001





AS REGRAS PARA A SAFRA 02/03

m 24 de julho, com a publicação da Resolução Nº 3.001, do Banco Central do Brasil, estava completo o arcabouço de normas que norteiam a política agrícola brasileira. Nela foram definidas as regras para o conjunto da agricultura familiar do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar − Pronaf.

Apesar de quase um mês depois de publicado o conjunto de normas para a agricultura patronal, mais uma vez, o grande foco é constituído pelo montante de recursos disponíveis para o produtor.

Após a conclusão do plantio da safra 02/03, há que se constatar novamente que o fator de maior relevância na ampliação de área e de produção foi o preço de comercialização do milho e da soja da safra anterior. Outro fator que pode ser determinante para isso é a condição de refinanciamento setorial que vem sendo conseguida, especialmente pela conversão das Medidas Provisórias Nº 9 e 24, deste ano, e pelo rebate conseguido através da Resolução Nº 2.999, do Banco Central.

É fato que se anuncia um volume de recursos que não chega ao campo na quantidade especificada e, muito menos, ao custo divulgado. Isto tem provocado certo ceticismo das lide-

ranças rurais relativamente às regras anunciadas pelo governo para a próxima safra, pois os efeitos desejados para o crédito só serão alcançados quando satisfizerem pelo menos as condições de oportunidade e quantidade.

Mesmo assim, as resoluções do Banco Central do Brasil de № 2.974 a 2.998, publicadas em 4 de julho, relativas ao financiamento da agricultura e da pecuária para período 02/03, sob a égide do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, trouxeram muitos programas e algumas ações que vieram ao encontro das aspirações do meio rural de Santa Catarina.

Desse conjunto destacaremos os preços mínimos, o custeio da safra (particularmente os limites individuais por produtor), os custos do crédito e as linhas especiais de financiamento para investimento.

Os preços mínimos de algodão em caroço, alho, arroz, feijão, mandioca, farinha e fécula, milho, soja e sorgo, vigentes no Centro-Sul, todos aumentaram. Os preços vigentes em Santa Catarina variaram de 7% a 27%, com destaque especial para o milho. Mesmo assim, o preço por saco de milho a R\$ 9,50 não é suficiente para se tornar estimulador diante da situação cambial e como alternativa para o cultivo da soja.



Os demais preços mínimos que vigem em Santa Catarina na safra que se inicia são: alho, R\$ 1,55/kg; arroz longo fino, R\$ 14,00/sc de 50 kg; feijão, R\$ 30,00/sc de 60 kg; raiz de mandioca, R\$ 35,00/t; farinha de mandioca, R\$ 10,43/sc de 50 kg; fécula de mandioca, R\$ 0,31/kg; soja, R\$ 11,00/sc de 60 kg e sorgo, R\$ 6,38/sc de 60 kg.

O montante de crédito previsto pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento para atender a todas as necessidades de custeio, comercialização e aos programas de investimento está estimado em R\$ 21,7 bilhões. Destes, R\$ 18,7 bilhões serão recursos disponibilizados no ano agrícola com juros pré-fixados, representando um aumento de 14% sobre os R\$ 16,4 bilhões aplicados no ano agrícola que se encerrou.

São R\$ 16,3 bilhões a serem emprestados a 8,75% ao ano para custeio e comercialização. Destes, R\$ 2,8 bilhões estão previstos para os programas de investimento administrados pelo BNDES e R\$ 100 milhões para o Proger Rural. Além destes recursos, outros R\$ 2,4 bilhões provêm do Finame, dos Fundos Constitucionais e do Funcafé, todos com juros pré-fixados, que variam de 6% a 11,95% ao ano.

Para o custeio, os limites de financiamento para a safra 02/03 são de R\$ 400 mil para os agricultores de algodão; R\$ 300 mil para arroz, feijão, mandioca, sorgo e milho em cultivos irrigados; R\$ 250 mil para o milho em culturas de sequeiro; R\$ 200 mil para os agricultores de soja do Centro-Oeste, do Norte, do sul do Maranhão, do Piauí e da Bahia; R\$ 150 mil para arroz, sorgo e feijão de sequeiro, para mandioca, amendoim, fruticultura e soja nas Regiões Sul e Sudeste; R\$ 100 mil para café e R\$ 60 mil para os demais

custeios, inclusive o pecuário.

A oferta interna de milho foi insatisfatória na safra 01/02. Além disso, as cotações da soja e a taxa de câmbio permitiram um melhor resultado financeiro que o do milho. Este fato gera uma expectativa mais favorável ao incremento da área de soja em detrimento do milho. Para estimular a produção brasileira de milho na safra 02/03, o governo aumentou o limite de financiamento desta cultura e não inclui o financiamento desta lavoura no limite estabelecido para cada produtor no financiamento de todas as culturas na próxima safra. Além dessas medidas, foram ampliados os recursos para os contratos de opção para cinco milhões de toneladas.

Para o investimento, os programas a cargo do BNDES se ampliam e se aperfeiçoam. Além de manter programas já consagrados em anos anteriores, como o Moderfrota, o Prosolo, o Prodamel, o Prodevinho e o Profruta, entre outros, criaram mais quatro programas de investimento e realizaram alterações que dão ainda maior alcance a outros cinco programas. O Proleite permite agora o financiamento de construção de instalações para silagem; o Propasto permite o financiamento de operações de destoca, energizadores de cercas e construções de saleiros; o Proazem ampliou o limite de financiamento de R\$ 100 mil para de R\$ 300 mil; o de Aqüicultura também ampliou o limite, passando de R\$ 80 mil para R\$ 150 mil, além de financiar todas as espécies cultivadas; o de Sistematização de Várzeas (Sisvárzea) agora tem abrangência nacional.

Para o atendimento direto dos agricultores foram criados o Proirriga e o Proflora e se fez uma adaptação no Procacau. Para o financia-



mento das atividades agroindustriais das cooperativas, foi criado o Prodecoop, cujas prioridades serão detalhadas pelo BNDES. Este programa terá taxas de juros fixos de 10,75% ao ano; os demais, juros fixos de 8,75% ao ano.

O Programa de Apoio à Agricultura Irrigada – Proirriga – tem limite individual de financiamento de R\$ 250 mil por ano, podendo financiar a implantação, renovação ou reconversão de sistemas de irrigação, incluindo as obras de infra-estrutura associadas ao empreendimento. Foi destinado para esse primeiro ano do programa o valor de R\$ 200 milhões; o prazo de pagamento será de até oito anos, com até três anos de carência.

O Programa de Plantio Comercial de Florestas – Proflora – tem limite individual de financiamento de R\$ 150 mil por ano, podendo financiar a recomposição da reserva legal ou o plantio de florestas, principalmente para uso industrial. A primeira parcela deverá ser paga seis meses após o primeiro corte, limitado a oito anos, e os juros deverão ser cobrados e não capitalizados durante o prazo de carência. Será permitido até 35% do valor dos financiamentos para o custeio nos anos dois ao quatro para a manutenção associada ao empreendimento. Foi destinado para esse primeiro ano do programa o valor de R\$ 60 milhões; o prazo de pagamento será de até 12 anos.

O Programa de Apoio à Cacauicultura – Procacau - tem limite individual de financiamento de R\$ 200 mil por ano, respeitado o valor de R\$ 2,3 mil/ha, podendo financiar a recuperação da lavoura cacaueira por meio de clonagem e adensamento. Este programa, que substitui o Programa de Recuperação da Lavoura Cacaueira Baiana, recebeu para este ano o valor de R\$ 230 milhões.

No Pronaf, além das regras já consagradas com a edição pelo Banco Central do Brasil das normas para a safra 01/02, as mudanças mais substanciais, e que de alguma forma merecem destaque, são a linha de crédito de investimento para silvicultura e sistemas agroflorestais, a qual passou a se chamar de Pronaf-Floresta, e a proibição ao financiamento do fumo.

As condições de pagamento são as mesmas do Proflora. O limite individual de financiamento é de R\$ 6 mil para agricultores enquadrados no Grupo C e R\$ 4 mil por ano para agricultores enquadrados no Grupo D.

A primeira parcela também deverá ser paga seis meses após o primeiro corte, observada uma carência de oito anos. Os juros são de 4% ao ano, com rebate de 25%, respeitada, para o reembolso e para o pagamento dos juros, a capacidade de renda de cada exploração vegetal.

Um avanço significativo no Pronaf foi o fim da punição dos produtores que haviam tomado crédito de investimento em linhas de crédito fora do programa e que haviam sido excluídos de seus benefícios. Note-se que a razão desta exclusão tem sido quase sempre a ausência de recursos por parte do próprio Pronaf. Mesmo assim, deve-se destacar que a época do anúncio das medidas foi oportuna.

Outro fator positivo é que o governo federal vem ampliando os programas de investimento e a capacidade produtiva do campo pelo alargamento dos programas de investimento, os quais não estão mais centrados no binômio grãos e oleaginosas. Mesmo assim, há um incremento persistente nessa produção, que deve exceder 100 milhões de toneladas.

Francisco Assis de Brito



PROGRAMAS PARA A SAFRA 02/03

| PROGRAMAS | RESOLUÇÃO | RECURSOS (R\$ milhões) | LIMITE (R\$ mil) | PRAZO (até) | TAXAS DE JUROS | CARÊNCIA (até) | ITENS FINANCIÁVEIS | OBSERVAÇÕES |
|----------------|-----------|---------------------------|--------------------------------|----------------|-------------------|-------------------|---|--|
| | | | 100% | (| 8,75% a.a | Conforme o | Tratores agrícolas e implementos, colheita deiras, colheitadeiras e equipamentos para | Para produtores com renda anual até R\$ 250 mil por ano |
| 1. Moderfrota | 2.975 | 1.000 | %06 | 6 ou 8 anos | 10,75% a.a | projeto | | Para produtores com renda anual acima de R\$ 250 mil por ano |
| 2. Propasto | 2.981 | 360 | 150 | 5 anos | 8,75% a.a | 2 anos | Aquisição, transporte, aplicação e incorporação de corretivos, implantação de cercas, conservação do solo, pequenos bebedouros e aquisição de sementes e semeaduras. | Limite individual passou de R\$ 50 mil para R\$ 150 mil por ano |
| 3. Prosolo | 2.980 | 200 | 80 | 5 anos | 8,75% a.a | 2 anos | Aquisição, transporte, aplicação e incorporação de corretivos; adubação verde. | Limite individual passou de R\$ 40 mil para R\$ 80 mil por ano |
| 4. Proleite | 2.983 | 100 | 09 | 5 anos | 8,75% a.a | 2 anos | Aquisição, transporte, aplicação e incorporação de corretivos; adubação verde, mecâ- nicas, picadeiras, misturador de ração, etc.), sistemas de geração de energia alterna- tiva para a eletricidade convencional e construção de instalações para silagem. | Limite individual passou de R\$ 40 mil para R\$ 60 mil por ano |
| 5. Proazem | 2.984 | 100 | 300 | 8 anos | 8,75% a.a | 3 anos | Investimentos fíxos e semifixos relacionados com a implantação, recuperação, ade- quação ou modernização de unidades armazenadoras. | Ampliado o limite de financia- mento para R\$ 300 mil. |
| 6. Profruta | 2.978 | 100 | 100 | 8 anos | 8,75% a.a | 3 anos | Implantação de culturas (serviços e insumos) e investimentos fixos e semifixos. | Limite individual passou de R\$ 40 mil para R\$ 100 mil por ano |
| 7. Aquicultura | 2.985 | 70 | 150 | 5 anos | 8,75% a.a. | 2 anos | Serviços de topografía, terraplanagem, construção de viveiros, açudes, tanques e canais, aquisição de redes, cabos e material para a confecção de poitas, aquisição de máquinas e equipamentos, instalação de estruturas de apoio. | Ampliado o limite de financia- mento para R\$ 150 mil. |
| 8. Prodecap | 2.977 | 40 | 40 | 8 anos | 8,75% a.a. | 2 anos | Matrizes e reprodutores, benfeitorias e equipamentos necessários ao manejo e recursos para capacitação técnica e gerencial. | Aumentou o prazo de paga- mento de 5 para 8 anos |
| 9. Procaju | 2.976 | 30 | 40 | 8 anos | 8,75% a.a. | 3 anos | Substituição de copas ou plantio de sequeiro ou irrigado, preparação de plantio, implantação de viveiros, aquisição de mudas e insumos necessários ao plantio, implementação de práticas de conservação do solo e da água; implantação de unidades de processamento de castanha e do pedúnculo. | Restrito à Região Nordeste |
| 10. Sisvárzea | 2.982 | 10 | 40 | 5 anos | 8,75% a.a. | 2 anos | Operações necessárias à sistematização da área, definidas mediante projeto técnico. | A partir dessa safra, tem âmbito nacional. |
| 11. Prodeflor | 2.998 | 20 | 50 | 5 anos | 8,75% a.a. | 2 anos | Investimentos fixos e semifixos relativos à implantação e/ou melhoramento de culturas de flores. | |
| 12. Prodamel | 2.979 | 10 | 20 | 5 anos | 8,75% a.a. | 2 anos | Benfeitorias necessárias ao manejo; aquisição deequipamentos necessários à produção, à extração e ao acondicionamento de mel e de outros derivados apícolas; equipamentos de proteção, etc. | Limite de 150 mil para uso coletivo |
| 13. Prodevinho | 2.974 | 20 | 100 (20 mil por hectare) | 8 anos | 8,75% a.a. | 3 anos | Preparo da área e implantação ou reconversão para outro sistema de condução; mudas; manutenção no período de implantação (adubos, fungicidas, herbicidas e produtos diversos). | Restrito ao Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná |
| 14. Proirriga | 2.986 | 200 | 250 | 8 anos | 8,75 | 3 anos | Implantação, renovação ou reconversão de sistemas de irrigação, incluindo as obras de infra-estrutura associadas ao empreendimento. | Programa novo. |
| 15. Ploflora | 2.992 | 90 | 150 | 12 anos | 8,75 | 8 anos | Recomposição da reserva legal ou o plantio de florestas, principalmente para uso industrial. Atividades agroindustriais e cotas-partes vinculadas. | Programa novo. |
| 16. Prodecoop | 2.987 | 250 | 20.000 | 12 anos | 10,75 | 3 anos | Atividades agroindustriais e cotas-partes vinculadas. | Programa novo. Limite variável: 70% a 90% do valor do proje- to, em função do faturamento da cooperativa. |
| 17. Procacau | 2.988 | 230 | 200 | 8 anos | 8,75 | 3 anos | Conforme projeto técnico, os necessários à enxertia e à recomposição do adensa- mento. | Programa adaptado. |

OBS. Limite de financiamento e taxas de juros determinadas pela renda do produtor (ver coluna de observações).



Desempenho da produção vegetal

ALHO

alhicultura mundial vem apresentando crescimento gradativo nos últimos anos. No comparativo entre as safras 2000 e 2001, observa-se crescimento de 1,5% na área plantada e aumento na produção mundial de somente 0,6%. Em consequência, houve queda no rendimento médio das lavouras de 0,9%; ou seja, em 2001 colheram-se no mundo 92 kg/ha de alho a menos que em 2000. A tabela 1 apresenta os dez maiores produtores mundiais da olerícola e o comparativo nas duas últimas safras. A China é, de todos, o maior produtor, com 6.600 mil toneladas, respondendo por 65,2% da oferta mundial, sendo também o país com a maior área plantada. A maior produtividade entre os dez principais produtores mundiais continua sendo a do Egito, que conseguiu, no último ano, 23.168 kg/ha, quantidade 2,3 vezes maior que a média mundial.

A safra brasileira se destacou por ter aumentado sua participação na produção mundial na última safra; por apresentar crescimento em todos os estados produtores; por ser 20% maior que a safra anterior e por estabelecer um novo recorde de produção no País, permitindo ao setor, no médio prazo, acreditar no auto-abastecimento do produto. Nos 14.208 hectares cultivados, foram colhidas 101.102 toneladas, com produtividade média de 7.104 kg/ha, com destaque para os significativos aumentos de produção e produtividade das lavouras dos estados de Goiás, Bahia e Minas Gerais, como se pode observar na tabela 2. Tal incremento se deveu à tecnologia adotada, notadamente o uso de irrigação através de pivô central, o adensamento do plantio e o cultivo do alho vernalizado, com semente de qualidade. Naquela região, que envolve os estados citados, o obstáculo

TABELA 1/I – ALHO – ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E PRODUTIVIDADE NO MUNDO E PRINCIPAIS PAÍSES – 2000-2001

| PAÍS | | ÁREA PLANTADA (ha) | | PRODUÇÃO (t) | | PRODUTIVIDADE (kg/ha) | |
|----------------|---------|-----------------------|------------|-----------------|--------|--------------------------|--|
| | 2000 | 2001 | 2000 | 2001 | 2000 | 2001 | |
| China | 482.800 | 489.200 | 6.466.289 | 6.600.000 | 13.393 | 13.491 | |
| Índia | 114.400 | 120.000 | 517.700 | 500.000 | 4.525 | 4.167 | |
| Coréia | 42.416 | 37.118 | 483.778 | 406.385 | 10.666 | 10.948 | |
| Estados Unidos | 18.130 | 18.130 | 336.840 | 336.840 | 18.579 | 18.579 | |
| Rússia | 55.875 | 30.000 | 335.326 | 200.000 | 6.014 | 6.667 | |
| Egito | 11.000 | 9.298 | 301.270 | 215.420 | 27.388 | 23.168 | |
| Espanha | 24.100 | 24.000 | 187.000 | 179.000 | 7.759 | 7.458 | |
| Argentina | 16.300 | 14.000 | 155.000 | 130.570 | 9.509 | 9.326 | |
| Tailândia | 24.500 | 23.123 | 131.403 | 127.738 | 5.363 | 5.524 | |
| Turquia | 14.000 | 14.000 | 110.000 | 110.000 | 7.857 | 7.857 | |
| MUNDO | 980.510 | 995.746 | 10.056.734 | 10.121.008 | 10.256 | 10.164 | |

FONTE: FAO.

para o crescimento das áreas plantadas tem sido o regime de chuvas. Em anos em que chove pouco na região e em que há escassez de água nos reservatórios, os produtores têm receio de não poder manter as lavouras suficientemente irrigadas, preferindo não arriscar com o aumento de área.

TABELA 2/I – ALHO – ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E PRODUTIVIDADE NO BRASIL E PRINCIPAIS ESTADOS – 2000-2001

| ESTADO | ÁREA PL (h | | | | ÇÃO PRODUTIVIDA (kg/ha) | |
|-------------------|---------------|--------|--------|---------|----------------------------|-------|
| | 2000 | 2001 | 2000 | 2001 | 2000 | 2001 |
| Piauí | 36 | 23 | 162 | 88 | 4.500 | 3.826 |
| Ceará | 27 | 29 | 91 | 90 | 3.370 | 3.103 |
| Bahia | 1.277 | 1.394 | 8.462 | 11.872 | 6.626 | 8.516 |
| Minas Gerais | 1.922 | 2.524 | 11.017 | 20.541 | 5.732 | 8.138 |
| Espírito Santo | 684 | 414 | 4.550 | 2.673 | 6.652 | 6.457 |
| São Paulo | 193 | 245 | 1.283 | 2.005 | 6.648 | 8.184 |
| Paraná | 645 | 691 | 2.451 | 3.333 | 3.800 | 4.823 |
| Santa Catarina | 2.793 | 2.792 | 20.827 | 20.861 | 7.457 | 7.614 |
| Rio Grande do Sul | 4.142 | 4.323 | 24.419 | 24.618 | 5.895 | 5.695 |
| Goiás | 1.536 | 1.450 | 10.206 | 12.310 | 6.645 | 8.490 |
| Distrito Federal | 115 | 323 | 683 | 2.711 | 5.939 | 8.393 |
| BRASIL | 13.384 | 14.208 | 84.215 | 101.102 | 6.292 | 7.116 |

FONTE: IBGE.

O mercado brasileiro ainda depende de produto importado. São utilizadas mensalmente cerca de 10 mil toneladas para consumo e, ainda, entre 25 mil e 30 mil toneladas anuais para o plantio da safra subseqüente, totalizando uma demanda média de 150 mil toneladas/ano.

O crescimento da oferta interna, nos últimos anos, tem contribuído eficazmente para a redução das importações. A tabela 3 mostra o comportamento das importações brasileiras de alho desde 1995 e a significativa queda nos volumes importados nos últimos anos, principalmente da Espanha e da China, países que produzem na mesma época em que o Brasil produz nos estados do Sudeste, na Bahia e em Goiás. O grá-

fico 1 mostra a queda dos preços pagos por unidade internalizada, sinalizando o aumento da competitividade nacional, provocando, em alguns anos, diferencial bastante significativo de preços, conforme se pode observar pela comparação da média de preços de 1997 e 2000. A defasagem chegou a 34%.

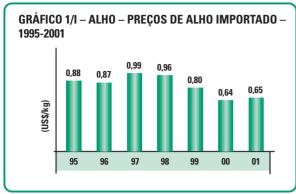
TABELA 3/I – ALHO – VOLUME IMPORTADO NOS PRINCIPAIS PAÍSES FORNECEDORES – 1995-2001

(t)

| | | | | | | | (-/ |
|-----------|--------|---------|--------|---------|--------|--------|--------|
| PAÍS | 1995 | 1996 | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 |
| Argentina | 45.125 | 52.041 | 47.288 | 70.886 | 52.710 | 56.565 | 59.809 |
| China | 37.998 | 40.408 | 32.159 | 13.878 | 18.260 | 13.325 | 13.049 |
| Espanha | 1.157 | 2.939 | 8.156 | 17.501 | 17.354 | 16.520 | 4.154 |
| Outros | 1.103 | 6.419 | 2.946 | 10.756 | 5.100 | 2.398 | 815 |
| MUNDO | 85.382 | 101.807 | 90.549 | 113.022 | 93.425 | 88.807 | 77.827 |

FONTE: Secex/Decex.





FONTE: Secex/Decex.

Santa Catarina continua sendo o segundo estado da Federação em volume de produção da hortaliça, superado apenas pelo Rio Grande do Sul, e já acompanhado muito de perto pelo estado de Minas Gerais. Em termos de produtividade média, a alhicultura catarinense, que se notabilizou pelas maiores médias até então, foi suplantada pelos estados do centro do País, que apresentaram grande evolução nos últimos anos. A produção estadual na safra 2001 foi 6,7% maior, a área plantada registrou queda de 0,6% e o rendimento médio das lavouras passou de 6.014 para 7.011kg/ha. A maior participação na oferta estadual, entre as microrregiões, continua sendo a de Curitibanos, que concentrou 85% da produção, deteve 77,7% da área plantada e apresentou rendimento médio 17,3% maior que a média estadual. A tabela 4 mostra os números conseguidos em cada microrregião do estado e o comparativo das três últimas safras.

A produção catarinense, antes de extrema importância em função da grande oferta de produto comercial, hoje está mais identificada como fornecedora de alho-semente. A maior parte do alho-semente utilizada nas regiões centrais do País é originária das lavouras catarinenses.

Para a próxima temporada, a expectativa é de aumento na área plantada em todos os estados produtores.

O aumento de área previsto é superior a 30%. O maior percentual está sendo esperado na Região Central, principalmente nos estados da Bahia, Goiás e Minas Gerais. Lá a área plantada deverá ser 52% maior que a anterior. Para Santa Catarina, a estimativa é de que a área cultivada deverá crescer entre 8% e 10%, o mesmo acontecendo no estado do Rio Grande do Sul. A se confirmarem os aumentos previstos na área plantada e considerando-se, no mínimo, estabilidade na produtividade média das lavouras, deverá ocorrer novo recorde na produção nacional e, consequentemente, maior

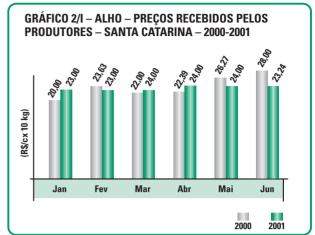
TABELA 4/I – ALHO – ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO NAS MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS DE SANTA CATARINA - SAFRAS 98/99-00/01

| MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA | ÁREA PLANTADA PRODUÇÃO RENDIME (ha) (t) (kg/ha | | | | | NDIMEN (kg/ha) | ТО | | |
|----------------------------|---|-------|-------|--------|--------|-------------------|--------|-------|-------|
| | 98/99 | 99/00 | 00/01 | 98/99 | 99/00 | 00/01 | 98/99 | 99/00 | 00/01 |
| Campos de Lages | 103 | 84 | 84 | 660 | 562 | 573 | 6.408 | 6.690 | 6.821 |
| Chapecó | 7 | 7 | 41 | 36 | 36 | 29 | 5.143 | 5.143 | 707 |
| Concórdia | 7 | 7 | 7 | 114 | 33 | 33 | 16.286 | 4.714 | 4.714 |
| Curitibanos | 1.670 | 2.160 | 2.157 | 12.900 | 17.770 | 17.778 | 7.725 | 8.227 | 8.242 |
| Florianópolis | 3 | 3 | 2 | 9 | 9 | 6 | 3.000 | 3.000 | 3.000 |
| Ituporanga | 4 | 4 | 4 | 8 | 8 | 8 | 2.000 | 2.000 | 2.000 |
| Joaçaba | 539 | 465 | 454 | 2.518 | 2.220 | 2.312 | 4.672 | 4.774 | 5.093 |
| Rio do Sul | 10 | 10 | 2 | 30 | 30 | 6 | 3.000 | 3.000 | 3.000 |
| Tabuleiro | 10 | 24 | 9 | 31 | 84 | 70 | 3.100 | 3.500 | 7.778 |
| Tubarão | 12 | 15 | 15 | 68 | 83 | 75 | 5.667 | 5.533 | 5.000 |
| Santa Catarina | 2.375 | 2.793 | 2.775 | 16.421 | 19.583 | 20.890 | 6.914 | 7.011 | 7.530 |

FONTE: IBGE.

queda nos volumes importados. O entusiasmo dos produtores para com a nova safra, e que motivou tão significativo aumento de área, foi a comercialização tranqüila e rápida da última temporada. Os preços recebidos em Santa Catarina, mesmo não sendo os melhores dos últimos anos, foram compensadores e mais estáveis (Gráfico 2), motivo que estimulou os produtores a se dedicarem mais à exploração.

Admir Tadeo de Souza



FONTE: Instituto Cepa/SC.

ARROZ

Mundo: Rendimento cresce, produção recua e comércio se expande levemente

produção mundial de arroz em casca veio crescendo progressivamente até 1999, quando alcançou 610 milhões de toneladas. A partir daí, retrocedeu moderadamente, produzindo, em 2001, 593 milhões de toneladas. Para este ano, está estimada em 587 milhões de toneladas, ou seja, menos 1% em relação a 2001 e menos 4% em relação a 1999.

O desempenho de 2001 refletiu, em grande medida, o contrabalanceamento entre os grandes incrementos nas produções da Austrália, Bangladesh, Índia e EUA e as expressivas quedas na Indonésia, Brasil, Camboja, China, Egito, Japão, Paquistão e Vietnã.

São dados que mantêm as tendências, já manifestadas, de declínio da produção chinesa e de estabilização da indiana, as quais representam, juntas, metade do arroz do planeta (Tabela 1).

TABELA 1/I – ARROZ EM CASCA – QUANTIDADE PRODUZIDA DOS PRINCIPAIS PAÍSES – 1990/2001

| ESTAD0 | 1990 | 1995 | 2000 | 2001 | | | | |
|--|-------------|-------------|-------------|-------------|--|--|--|--|
| | | TONELADAS | | | | | | |
| Mundo | 518.166.426 | 546.719.453 | 600.638.089 | 592.831.326 | | | | |
| China | 191.614.680 | 187.297.968 | 189.814.060 | 181.514.992 | | | | |
| Índia | 111.517.408 | 115.440.000 | 129.444.000 | 131.900.000 | | | | |
| Indonésia | 45.178.752 | 49.744.140 | 51.898.000 | 50.096.000 | | | | |
| Bangladesh | 26.777.904 | 26.398.000 | 37.442.000 | 39.112.000 | | | | |
| Vietnã | 19.225.104 | 24.963.700 | 32.529.500 | 31.925.400 | | | | |
| Mianmar | 13.971.800 | 17.956.900 | 21.323.868 | 20.600.000 | | | | |
| Japão | 13.124.000 | 13.435.000 | 11.863.000 | 11.320.000 | | | | |
| Brasil | 7.420.931 | 11.226.064 | 11.089.800 | 10.207.200 | | | | |
| EUA | 7.080.000 | 7.887.000 | 8.657.810 | 9.663.560 | | | | |
| Coréia do Sul | 7.721.968 | 6.387.301 | 7.124.773 | 7.316.216 | | | | |
| EM PERCENTUAL SOBRE A PRODUÇÃO DE 1990 | | | | | | | | |
| Mundo - 5,5 15,9 14,4 | | | | | | | | |
| China | - | (2,3) | (0,9) | (5,3) | | | | |
| Índia | - | 3,5 | 16,1 | 18,3 | | | | |
| Indonésia | - | 10,1 | 14,9 | 10,9 | | | | |
| Bangladesh | - | (1,4) | 39,8 | 46,1 | | | | |
| Vietnã | - | 29,8 | 69,2 | 66,1 | | | | |
| Mianmar | - | 28,5 | 52,6 | 47,4 | | | | |
| Japão | - | 2,4 | (9,6) | (13,7) | | | | |
| Brasil | - | 51,3 | 49,4 | 37,5 | | | | |
| EUA | - | 11,4 | 22,3 | 36,5 | | | | |
| Coréia do Sul | - | (17,3) | (7,7) | (5,3) | | | | |
| Coreia do Sul | _ | (17,0) | (1,1) | EUVILE: EV | | | | |

FONTE: FAO.



Em termos de rendimento, porém, a curva tendencial muda de direção. Seu crescimento médio esteve próximo a 11% nos 11 anos considerados. Foi declinante em apenas um dos dez países detentores dos maiores níveis de produtividade por área (Tabela 2).

TABELA 2/I – ARROZ EM CASCA: RENDIMENTO DOS 10 PRINCIPAIS PAÍSES – 1990/2001

| | 1990 | 1995 | 2000 | 2001 | | | | |
|--|---------|----------|----------|---------|--|--|--|--|
| | | (kg/ha) | | | | | | |
| Mundo | 3.528,5 | 3.660,8 | 3.896,7 | 3.912,0 | | | | |
| Austrália | 8.838,3 | 8.544,1 | 12.089,7 | 9.530,8 | | | | |
| Egito | 7.266,3 | 8.135,6 | 9.102,4 | 8.769,2 | | | | |
| EUA | 6.197,5 | 6.301,0 | 7.039,7 | 7.205,5 | | | | |
| Coréia do Sul | 6.205,7 | 6.052,4 | 6.753,1 | 6.929,9 | | | | |
| Japão | 6.327,9 | 6.343,2 | 6.702,3 | 6.658,8 | | | | |
| China | 5.716,6 | 6.021,0 | 6.264,1 | 6.349,6 | | | | |
| Argentina | 3.670,9 | 5.030,6 | 4.779,8 | 5.677,8 | | | | |
| Irã | 3.778,7 | 4.068,3 | 3.689,6 | 4.583,3 | | | | |
| Turquia | 4.962,5 | 4.000,0 | 4.375,0 | 4.425,0 | | | | |
| México | 3.741,8 | 4.679,2 | 4.180,5 | 4.342,4 | | | | |
| EM PERCENTUAL SOBRE O RENDIMENTO DE 1990 | | | | | | | | |
| Mundo | - | 3,7 | 10,4 | 10,9 | | | | |
| Austrália | - | (3,3) | 36,8 | 7,8 | | | | |
| Egito | - | 12,0 | 25,3 | 20,7 | | | | |
| EUA | - | 1,7 | 13,6 | 16,3 | | | | |
| Coréia do Sul | - | (2,5) | 8,8 | 11,7 | | | | |
| Japão | - | 0,2 | 5,9 | 5,2 | | | | |
| China | - | 5,3 | 9,6 | 11,1 | | | | |
| Argentina | - | 37,0 | 30,2 | 54,7 | | | | |
| Irã | - | 7,7 | (2,4) | 21,3 | | | | |
| Turquia | - | (19,4) | (11,8) | (10,8) | | | | |
| México | - | 25,1 | 11,7 | 16,1 | | | | |

FONTE: FAO

O arroz beneficiado, por sua vez, totalizou 407 milhões de toneladas em 1999. Em 2001, recuou para 395,3 milhões, devendo produzir 392,7 milhões de toneladas no ano em curso.

O comércio mundial, em 2001, movimentou 23,7 milhões de toneladas em equivalente de arroz beneficiado (4% a mais do que em 2000).

Para o corrente ano, prognostica-se uma nova expansão do volume de trocas internacionais em torno de 6% em relação a 2001, englobando 25,2 milhões de toneladas .

Do lado das exportações, Tailândia e Índia colocaram-se como importantes abastecedo-res mundiais de arroz. Já o recuo da produção chinesa por dois anos consecutivos segue elevando sua participação nas importações de seu principal alimento.

Mercosul: acordo em crise, menos comércio de arroz

O Mercosul, em 1997, produzia 10,7 milhões de toneladas de arroz. Alcançou seu ápice dois anos depois, ao produzir 14,8 milhões de toneladas.

Recuou a partir de 2000, totalizando, em 2001, 12,2 milhões de toneladas – valor bem próximo ao esperado na presente safra.

A participação das produções dos países platinos neste desempenho foi inquestionável: em 1997, o Uruguai produzia 1,02 milhão de toneladas e a Argentina, 1,2 milhão de toneladas. Em 1999, alcançaram os respectivos recordes de 1,33 e 1,66 milhão de toneladas. Em 2001, suas safras reduziram-se, respectivamente, 22% (para 1,03 milhão) e 48% (para 855,5 mil toneladas). Para o ano de 2002, prevê-se uma produção uruguaia de 850 mil toneladas e, para a Argentina, de 680 mil toneladas.

A produção brasileira de arroz, por sua vez, vem recuando moderadamente nos últimos anos. Em 1997, produziu 8,4 milhões de toneladas. Em 1999, praticamente se igualou à demanda interna do País (11,7 milhões de toneladas). Encolheu para 10,2 milhões de toneladas no passado ano agrícola. No presente ano, deve movimentar-se em direção contrária, acrescendo 130 mil toneladas a este total (Tabela 3).



| INDEEN O/I | Annoe em ondon | LVOLOĢAO D | m i nobogno i | OIL I MIO E TOTA | E DO INLINOCOO | L 1007 LUUL | | | | | |
|------------|----------------|------------|-----------------|------------------|----------------|-------------|--|--|--|--|--|
| ESTADO | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 (1) | | | | | |
| TONELADAS | | | | | | | | | | | |
| Brasil | 8.351.665 | 7.716.090 | 11.709.700 | 11.089.800 | 10.207.200 | 10.500.000 | | | | | |
| Uruguai | 1.023.800 | 949.800 | 1.328.200 | 1.209.100 | 1.030.200 | 850.000 | | | | | |
| Argentina | 1.205.140 | 1.011.135 | 1.658.200 | 903.630 | 855.480 | 680.000 | | | | | |
| Paraguai | 141.580 | 80.921 | 128.093 | 101.049 | 102.330 | 100.000 | | | | | |
| Total | 10.722.185 | 9.757.946 | 14.824.193 | 13.303.579 | 12.195.210 | 12.130.000 | | | | | |
| | | EM PERO | CENTUAL SOBRE O | TOTAL | | | | | | | |
| Brasil | 77,9 | 79,1 | 79,0 | 83,4 | 83,7 | 77,9 | | | | | |
| Uruguai | 9,5 | 9,7 | 9,0 | 9,1 | 8,4 | 9,5 | | | | | |
| Argentina | 11,2 | 10,4 | 11,2 | 6,8 | 7,0 | 11,2 | | | | | |
| Paranuai | 13 | 0.8 | n q | 0.8 | 0.8 | 1 3 | | | | | |

TABELA 3/I – ARROZ EM CASCA – EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO POR PAÍS E TOTAL DO MERCOSUL – 1997-2002.

FONTE: FAO.

(1) Dados preliminares.

A confirmação desse último dado deixa patente a necessidade de o País importar cerca de 500 mil toneladas a mais do que o previsto para suprir a demanda interna. Isto porque:

- precisa garantir um estoque mínimo de arroz em volume próximo a este e realizar pequenos volumes de exportação;
- tem um estoque final de safra estimado em quase 1,6 milhão de toneladas, das quais apenas 500 mil são apropriadas para o consumo humano; e,
- comprará cerca de 700 mil toneladas dos dois parceiros do Mercosul.

A crise por que passam a Argentina e o Mercosul, as expressivas quebras de produção desse país em razão de desastres climáticos, somados à reação dos produtores brasileiros (mais fortemente, os gaúchos) constituem-se nos principais fatores de atenuação da pressão sobre o mercado brasileiro de arroz.

Brasil: Safra menor, mercado estabilizado e preços sustentados

A produção brasileira de arroz vem evoluindo gradativamente, através de movimentos de contração e expansão. Mesmo tendo ultrapassado dez milhões de toneladas em 1986, drásticas quedas de produção a recolocaram em patamares inferiores, inclusive em anos mais recentes.

Mesmo assim, desde 1997 o rendimento médio nacional por área elevou-se 25% (a produção subiu 11% e a área cultivada baixou em idêntica proporção). Este processo de incorporação de tecnologia mostrou-se mais dinâmico em alguns estados de produção expressiva (Mato Grosso, Santa Catarina, Pará e Mato Grosso do Sul); em outros, do Norte e Nordeste, com pequeno e ascendente volume de produção (Tabela 4).

O comportamento do mercado nacional do arroz no ano de 2001 foi marcado pela movimentação controlada do produto e pela conseqüente sustentação dos preços em patamares satisfatórios aos produtores.

Foi reforçado, após a unificação da atuação dos segmentos da cadeia produtiva em âmbito nacional e do Mercosul, em meados do ano. A Associação Brasileira da Cadeia Produtiva do Arroz – Abrarroz – vem sendo dinamizada pelo segmento industrial e pelo lavoureiro dos três estados de maior produção e liderada a partir do Rio Grande do Sul.

Alcançou o "status" de parceira do governo federal na idealização de mecanismos de comer-



TABELA 4/I - ARROZ EM CASCA - PRODUÇÃO - BRASIL - 1997-2002

| ESTADO | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | | | | |
|-------------------|-----------|---------------|----------------|---------------|------------|------------|--|--|--|--|
| TONELADAS | | | | | | | | | | |
| Brasil | 9.289.966 | 7.743.665 | 11.782.662 | 11.089.788 | 10.195.423 | 10.333.502 | | | | |
| Rio Grande do Sul | 4.091.580 | 3.594.856 | 5.630.077 | 4.986.675 | 5.252.287 | 5.330.611 | | | | |
| Mato Grosso | 694.904 | 776.502 | 1.811.114 | 1.851.517 | 1.151.816 | 1.168.074 | | | | |
| Santa Catarina | 776.480 | 634.841 | 758.837 | 799.031 | 892.673 | 917.000 | | | | |
| Maranhão | 922.116 | 361.132 | 643.246 | 713.358 | 645.309 | 664.299 | | | | |
| Demais Estados | 2.804.886 | 2.376.334 | 2.939.388 | 2.739.207 | 2.253.338 | 2.253.518 | | | | |
| | EM PE | RCENTUAL SOBR | E O TOTAL (BRA | SIL 1997=100) | | | | | | |
| Brasil | 100,0 | 83,4 | 126,8 | 119,4 | 109,7 | 111,2 | | | | |
| Rio Grande do Sul | 44,0 | 38,7 | 60,6 | 53,7 | 56,5 | 57,4 | | | | |
| Mato Grosso | 7,5 | 8,4 | 19,5 | 19,9 | 12,4 | 12,6 | | | | |
| Santa Catarina | 8,4 | 6,8 | 8,2 | 8,6 | 9,6 | 9,9 | | | | |
| Maranhão | 9,9 | 3,9 | 6,9 | 7,7 | 6,9 | 7,1 | | | | |
| Demais Estados | 30,2 | 25,6 | 31,6 | 29,5 | 24,3 | 24,2 | | | | |

FONTE: IBGE.

cialização e sustentação de preços. Dentre eles, desponta a realização de séries de leilões de contratos de opção e de recompra de periodicidade regular, que garantiu um preço mínimo de comercialização do arroz em torno de R\$ 16,00 por saca de 50 quilos — um pouco superior aos custos médios de produção do irrigado gaúcho (estimado em R\$ 15,18).

Este, porém, não foi o único fator a influenciar o comportamento do produto no mercado. Deram sua contribuição o atraso no ingresso da produção gaúcha no mercado — devido ao prolongado período de chuvas —, a expectativa (confirmada) de redução da produção nacional, além da já mencionada menor proporção de produto de qualidade na composição dos estoques reguladores.

Santa Catarina: tendência à estabilidade

A produção catarinense da safra 01/02 foi superior à imediatamente anterior em quase 3%, alcançando 917 mil toneladas. Deste total, cerca de 98,5%, ou, 903 mil toneladas, constituiu-se de arroz irrigado.

Indica uma queda de 34% da produção de arroz de sequeiro, que agora está em torno de 14 mil toneladas (LSPA/IBGE, junho/2002). Os eventos climáticos negativos ocorridos durante o desenvolvimento biológico das plantas de sequeiro fizeram seu rendimento cair acentuada mente, de 1,9 mil quilos por hectare na safra passada para os atuais 1,33 mil quilos por hectare.

A produção do arroz irrigado cresceu 2% entre as duas últimas safras, mas, se comparada com a da safra 99/00, seu crescimento foi expressivo (13%). Este resultado deve-se ao incremento substancial da produtividade média estadual, que alcançou 7,05 mil quilos por hectare na safra 01/02. Isto significa que se elevou 19% entre esta e a safra 99/00, e 9% se comparada com a safra 00/01.

Dentre as regiões produtoras do irrigado, os maiores índices de crescimento situam-se nas microrregiões de Tubarão e Itajaí. A primeira incrementou sua produtividade em 9% entre as duas últimas safras; a segunda, em 7,5%. Comparando-se a última com a safra 99/00, o rendimento de Itajaí cresceu 12,5% e o de Tubarão, 18% (Tabela 5).



TABELA 5/I – ARROZ IRRIGADO – PRODUÇÃO E RENDIMENTO NAS PRINCIPAIS MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS – SANTA CATARINA – 2000-2002

| MICRORREGIÃO | 2 | :000 | 20 | 2001 | | 02 | CRESCIM | ENTO (%) | |
|----------------|---------|--------|---------|----------|---------|--------|---------|-----------------|--|
| GEOGRÁFICA | (t) | % SC | (t) | % SC | (t) | % SC | 02/01 | 02/00 | |
| | | | P | RODUÇÃO | | | | | |
| Santa Catarina | 799.031 | 100,0 | 885.653 | 100,0 | 903.403 | 100,0 | 2,0 | 13,1 | |
| Araranguá | 245.204 | 30,7 | 283.685 | 32,0 | 297.957 | 33,0 | 5,0 | 21,5 | |
| Joinville | 132.632 | 16,6 | 147.429 | 16,6 | 149.011 | 16,5 | 1,1 | 12,3 | |
| Tubarão | 100.684 | 12,6 | 110.410 | 12,5 | 124.070 | 13,7 | 12,4 | 23,2 | |
| Criciúma | 93.677 | 11,7 | 98.758 | 11,2 | 91.431 | 10,1 | (7,4) | (2,4) | |
| Rio do Sul | 78.142 | 9,8 | 84.689 | 9,6 | 83.164 | 9,2 | (1,8) | 6,4 | |
| Blumenau | 60.356 | 7,6 | 63.359 | 7,2 | 68.154 | 7,5 | 7,6 | 12,9 | |
| Itajaí | 52.295 | 6,5 | 61.153 | 6,9 | 69.286 | 7,7 | 13,3 | 32,5 | |
| Outras MRGs | 36.041 | 4,5 | 36.170 | 4,1 | 20.330 | 2,3 | (43,8) | (43,6) | |
| | | | RE | NDIMENTO | | | | | |
| MICRORREGIÃO | 20 | 000 | 20 | 2001 | | 2002 | | CRESCIMENTO (%) | |
| GEOGRÁFICA | (kg/ha) | ÍNDICE | (kg/ha) | ÍNDICE | (kg/ha) | ÍNDICE | 02/01 | 02/00 | |
| Santa Catarina | 5.920,9 | 100,0 | 6.457,1 | 100,0 | 7.047,4 | 100,0 | 9,1 | 19,0 | |
| Araranguá | 5.800,9 | 98,0 | 6.451,8 | 99,9 | 6.181,0 | 87,7 | (4,2) | 6,6 | |
| Joinville | 7.068,1 | 119,4 | 8.045,2 | 124,6 | 7.129,0 | 101,2 | (11,4) | 0,9 | |
| Tubarão | 5.918,8 | 100,0 | 6.397,4 | 99,1 | 6.970,0 | 98,9 | 9,0 | 17,8 | |
| Criciúma | 6.103,5 | 103,1 | 6.318,5 | 97,9 | 5.927,0 | 84,1 | (6,2) | (2,9) | |
| Rio do Sul | 7.362,9 | 124,4 | 7.673,2 | 118,8 | 7.786,0 | 110,5 | 1,5 | 5,7 | |
| Blumenau | 7.177,5 | 121,2 | 7.411,3 | 114,8 | 6.979,0 | 99,0 | (5,8) | (2,8) | |
| Itajaí | 6.630,5 | 112,0 | 6.953,2 | 107,7 | 7.475,0 | 106,1 | 7,5 | 12,7 | |
| Outras MRGs | 2.460,3 | 41,6 | 2.676,7 | 41,5 | 5.422,8 | 76,9 | 102,6 | 120,4 | |

FONTE: IBGE.

Mesmo com limitação em área inundável, esse desempenho positivo da orizicultura catarinense teve por base o menor grau de incertezas do mercado nacional e os níveis dos preços alcançados pelo produto. Os preços pagos aos produtores, por exemplo, que em janeiro de 2000 se situavam na casa dos R\$ 14,00, passaram a oscilar entre R\$ 10,65 e R\$ 11,55 de março a dezembro do mesmo ano. Começa a elevar-se a partir de janeiro de 2001, mas

varia entre R\$ 11,64 e R\$ 12,53 até maio. Entre junho e agosto do mesmo ano, alterna-se de R\$ 13,86 a R\$ 15,92. De outubro desse ano a janeiro do corrente, os patamares de preços elevaram-se ainda mais, chegando a variar entre R\$ 17,79 e R\$ 19,42. Desceram desse patamar, voltando ao intervalo entre R\$ 14,63 e R\$ 15,94 nos meses de entrada da nova safra.

Cesar A. Freyesleben Silva



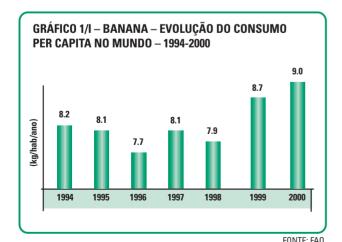
BANANA

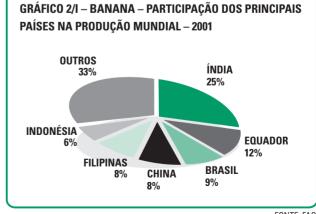
entre as frutas cultivadas no mundo, a banana é a que apresenta o maior volume de produção e é uma das mais consumidas. Conforme se pode observar no gráfico 1, que apresenta a evolução crescente no consumo mundial.

É também muito importante pelo grande número de empregos gerados em toda a cadeia produtiva. É particularmente importante na alimentação humana, pois em muitos países faz parte da alimentação básica de grande parte da população, graças ao seu alto valor nutritivo. Em alguns países, principalmente da América Central, tem significativa importância econômica por ser a principal fonte de arrecadação. Em outros, é o principal item nas exportações, sendo, para alguns, o único produto comercializado externamente.

A produção na safra do ano 2001 totalizou 68.651.267 toneladas nos 4.201.809 hectares cultivados em todo o mundo. A maior produrea plantada continua sendo a do Brasil, com pouco mais de 12% do total. O maior índice de produtividade dos bananais foi registrado na Nicarágua, com rendimento de 55.398 kg/ha. No gráfico 2, a seguir, estão representados os mais importantes produtores do mundo.

No Brasil, a banana é importante por ser a segunda fruta em volume produzido, superada apenas pela laranja. Importante é observar que o Brasil é um dos principais consumidores mundiais da fruta. O consumo médio da população brasileira, que, segundo dados divulgados pela FAO em junho último era de 29,9 kg/hab no ano 2000, cresceu alguns pontos percentuais nos últimos anos, apesar do aumento de consumo e da popularidade de outras frutas no País. A tabela1 mostra a evolução do consumo nacional das frutas mais consumidas no Brasil nos últimos cinco anos e a performance da banana de 1996 a 2000.





FONTE: FAO.



TABELA 1/I – CONSUMO PER CAPITA DE FRUTAS NO BRASIL – 1996-2000 (kg/hab/ano)

| FRUTA | 1996 | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 |
|---------------|------|------|------|------|------|
| Banana | 26,9 | 27,8 | 26,8 | 27,4 | 29,9 |
| Laranja | 28,9 | 40,0 | 24,1 | 38,5 | 8,4 |
| Maçã | 5,2 | 4,8 | 4,8 | 5,0 | 4,8 |
| Uva | 2,2 | 2,9 | 2,8 | 2,3 | 2,9 |
| Limão | 2,1 | 2,2 | 2,3 | 2,2 | 2,1 |
| Outras Frutas | 19,4 | 21,0 | 19,7 | 19,0 | 19,6 |

FONTE: FAO

No último ano, o Brasil produziu 5.956.339 toneladas em 528.789 hectares cultivados, com um rendimento médio de 11.264 kg/ha. A produção em 2001 foi 7% menor que a do ano 2000, segundo o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola — LSPA divulgado pelo IBGE. A área plantada foi praticamente a mesma, passando de 528.468 hectares no ano 2000, para 528.789 em 2001. A produtividade média dos pomares teve o mesmo percentual de queda que a produção.

A queda em produção e produtividade média nacional neste ano deveu-se à mudança promovida pelo IBGE na divulgação dos resultados. Antes, os resultados eram apresentados em cachos; pela nova sistemática, os números são divulgados em quilos. Esta medida é considerada mais correta, pois padroniza a informação e confere maior exatidão aos resultados. A tabela 2 apresenta o comparativo das safras 2000 e 2001. Ali se observam aumentos significativos na produção e na produtividade das Regiões Sudeste e Nordeste, estabilidade na Região Sul e menores volumes de produção com menor produtividade nas Regiões Centro-Oeste e Norte. Observa-se também aumento da produtividade média em alguns estados do Nordeste e do Sudeste, onde o maior uso da tecnologia disponível está sendo o ponto alto da cultura. Nesses estados, o principal alvo para a comercialização tem sido o mercado externo.

Maior empenho em qualificar a produção está ocorrendo também nos estados da Bahia, Alagoas, Sergipe, Rio Grande do Norte e Minas Gerais. A grande preocupação do produtor brasileiro, que persistiu em 2001, são a Sigatoka Negra e sua evolução no território nacional. Produtores, comerciantes e técnicos de todo o País têm-se reunido para discutir providências a adotar para impedir o avanço territorial desta moléstia, cuja presença já foi detectada na região amazônica, podendo inviabilizar a exploração comercial de banana em todo o País.

Apesar da diminuição da produção, aumentou a oferta do produto nos mercados, devido à redução dos índices de perdas nos bananais. Graças ao aprimoramento tecnológico, os índices de perda da fruta (do local de produção até a mesa do consumidor) foram reduzidos de 60% para 30% nos últimos anos. Neste aspecto, influíram também a dedicação do produtor no manejo e no tratamento da produção, a exigência dos consumidores e a concorrência com outras frutas, que se destacam pela qualidade e apresentação no mercado.

Para atender a exigências de mercado, Santa Catarina deverá iniciar em 2002 a implantação de um sistema de produção integrada de banana. O programa, coordenado pela Epagri, terá como base a utilização de sistemas bioclimáticos de previsão e controle de pragas e doenças, tendo como objetivo, além da diminuição dos custos de produção, a redução do uso de produtos químicos nas lavouras. Esta tendência já está sendo observada na produção de frutas e hortaliças, também por exigência da maioria dos mercados em todo o mundo.



TABELA 2/I - BANANA - ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO NO BRASIL - 2000-2001

| ESTADO/REGIÃO | ÁRE | A PLANTA (ha) | DA | Р | RODUÇÃO (t) | | RE | NDIMENT((kg/ha) |) |
|------------------|---------|------------------|-----|-----------|----------------|-----|--------|---------------------|-----|
| | 2000 | 2001 | % | 2000 | 2001 | % | 2000 | 2001 | % |
| | Α | В | B/A | C | D | D/C | E | F | E/F |
| Rondônia | 7.980 | 6.703 | 84 | 59.140 | 56.038 | 95 | 7.411 | 8.360 | 113 |
| Acre | 6.858 | 5.207 | 76 | 76.260 | 43.625 | 57 | 11.120 | 8.378 | 75 |
| Amazonas | 43.574 | 34.083 | 78 | 430.695 | 106.019 | 25 | 9.884 | 3.111 | 31 |
| Roraima | 3.500 | 3.500 | 100 | 30.800 | 28.000 | 91 | 8.800 | 8.000 | 91 |
| Pará | 60.019 | 59.600 | 99 | 1.149.088 | 563.141 | 49 | 19.145 | 9.449 | 49 |
| Tocantins | 5.035 | 5.185 | 103 | 30.620 | 22.879 | 75 | 6.081 | 4.413 | 73 |
| Norte | 126.966 | 114.278 | 90 | 1.776.603 | 819.702 | 46 | 13.993 | 7.173 | 51 |
| Maranhão | 11.678 | 11.732 | 100 | 116.940 | 117.320 | 100 | 10.014 | 10.000 | 100 |
| Piauí | 2.804 | 2.843 | 101 | 31.104 | 35.688 | 115 | 11.093 | 12.553 | 113 |
| Ceará | 42.656 | 41.548 | 97 | 368.730 | 296.440 | 80 | 8.644 | 7.135 | 83 |
| Rio G. do Norte | 3.715 | 4.324 | 116 | 61.092 | 123.101 | 202 | 16.445 | 28.469 | 173 |
| Paraíba | 16.467 | 15.922 | 97 | 247.880 | 272.584 | 110 | 15.053 | 17.120 | 114 |
| Pernambuco | 33.245 | 46.232 | 139 | 331.668 | 327.850 | 99 | 9.976 | 7.091 | 71 |
| Alagoas | 4.283 | 4.706 | 110 | 38.700 | 100.436 | 260 | 9.036 | 21.342 | 236 |
| Sergipe | 3.809 | 3.991 | 105 | 33.192 | 52.915 | 159 | 8.714 | 13.259 | 152 |
| Bahia | 49.570 | 47.435 | 96 | 568.950 | 717.220 | 126 | 11.478 | 15.120 | 132 |
| Nordeste | 168.227 | 178.733 | 106 | 1.798.256 | 2.043.554 | 114 | 10.689 | 11.434 | 107 |
| Minas Gerais | 41.572 | 42.110 | 101 | 462.170 | 585.340 | 127 | 11.117 | 13.900 | 125 |
| Espírito Santo | 20.455 | 19.815 | 97 | 155.691 | 137.312 | 88 | 7.611 | 6.930 | 91 |
| Rio de Janeiro | 28.858 | 26.676 | 92 | 151.461 | 159.764 | 105 | 5.248 | 5.989 | 114 |
| São Paulo | 51.470 | 53.997 | 105 | 892.500 | 1.105.827 | 124 | 17.340 | 20.479 | 118 |
| Sudeste | 142.355 | 142.598 | 100 | 1.661.822 | 1.988.243 | 120 | 11.674 | 13.943 | 119 |
| Paraná | 6.000 | 8.203 | 137 | 113.760 | 115.145 | 101 | 18.960 | 14.037 | 74 |
| Santa Catarina | 25.996 | 28.785 | 111 | 546.032 | 585.858 | 107 | 20.770 | 20.353 | 98 |
| Rio G. do Sul | 10.724 | 8.285 | 77 | 108.630 | 102.511 | 94 | 10.130 | 12.373 | 122 |
| Sul | 43.013 | 45.273 | 105 | 768.422 | 803.514 | 105 | 17.865 | 17.748 | 99 |
| Mato G. do Sul | 4.305 | 3.590 | 83 | 53.880 | 32.094 | 60 | 12.516 | 8.940 | 71 |
| Mato Grosso | 30.817 | 22.885 | 74 | 196.270 | 119.623 | 61 | 6.369 | 5.227 | 82 |
| Goiás | 12.640 | 13.411 | 106 | 144.250 | 146.555 | 102 | 11.412 | 10.928 | 96 |
| Distrito Federal | 145 | 196 | 135 | 1.870 | 3.054 | 163 | 12.897 | 15.582 | 121 |
| Centro-Oeste | 47.907 | 40.082 | 84 | 396.270 | 301.326 | 76 | 8.272 | 7.518 | 91 |
| BRASIL | 528.468 | 528.789 | 100 | 6.401.373 | 5.956.339 | 93 | 12.113 | 11.264 | 93 |

FONTE: IBGE.

As exportações estão se destacando a cada ano no elenco das exportações brasileiras de frutas, tanto pelo aumento nos volumes exportados, quanto pela diversificação de fornecedores e compradores, dando ao País notoriedade na venda da banana no mercado externo. Até meados da década de 90, as exportações brasileiras de banana "in natura" eram restritas aos países da América do Sul, como mostra a tabela 3. Além disso, o comércio era

feito especificamente com a Argentina, o Paraguai e o Uruguai durante todo o ano e em alguns meses com a Bolívia e o Chile. Os estados fornecedores eram somente Santa Catarina e São Paulo. Hoje, os compradores são de quase todos os continentes e o fornecimento abrange quase todas as regiões do País, envolvendo a maioria dos estados da Federação.

Em Santa Catarina, no último ano, a área plantada aumentou 10,7% e a produção cres-



ceu 7,3%, enquanto a produtividade média foi 3% menor. Os municípios que fazem parte da mesorregião Sul Catarinense apresentaram redução na produção, enquanto os da mesorregião Norte obtiveram significativo aumento nos volumes produzidos, como se observa na tabela 4. A diferença foi atribuída à tecnologia empregada nos pomares logo após a ocorrência de geadas e à imediata providência dos produtores da região Norte, a menos atingida. Esta recuperação foi conseguida graças a uma adubação mais pesada e a um controle mais rígido das pragas e doenças nos pomares. Os maiores índices de produtividade foram observados nas microrregiões de Blumenau, Joinville e São Bento do Sul.

A tabela 5 apresenta os principais municípios produtores de Santa Catarina. Observase que a maior produção está no município de Corupá, na microrregião de Joinville, seguido bem de perto pelo município de Luiz Alves, situado na microrregião de Blumenau. A maior área plantada também é a do município de Corupá, enquanto a maior produtividade em 2001 foi constatada no município de Schoereder, na microrregião de Joinville.

O mercado, em 2001, esteve bastante complicado, principalmente em razão do acúmulo de oferta no inverno, determinado pela condição climática do ano anterior, especificamente o frio intenso e prolongado que provocou alterações na oferta do produto, ou seja, falta no verão e sobra no inverno. Desta forma, os produtores tiveram dificuldades a partir da entrada do inverno até o mês de novembro, com recuperação lenta dos preços a partir do início do mês de dezembro, conforme mostram os gráficos 3 e 4. Outro problema que está sendo enfrentado pela bananicultura em Santa Catarina e que, de certa

TABELA 3/I – BANANA – EXPORTAÇÃO BRASILEIRA E PERCENTUAL DE PARTICIPAÇÃO NO MERCOSUL – 1997-2001 (t)

| AN0 | BRASIL | MERCOSUL | PARTICIPAÇÃO (%) |
|------|---------|----------|------------------|
| 1997 | 40.070 | 40.039 | 100 |
| 1998 | 68.558 | 68.131 | 99 |
| 1999 | 81.156 | 75.682 | 93 |
| 2000 | 71.812 | 58.325 | 81 |
| 2001 | 105.112 | 88.322 | 84 |

FONTE: Secex/Decex.

TABELA 4/I - BANANA - ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO NAS MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS DE SANTA CATARINA – 2000-2001

| MICRORREGIÃO | | LANTADA ha) | | UÇÃO t) | RENDIMENTO (kg/ha) | | |
|------------------|--------|----------------|---------|------------|-----------------------|--------|--|
| GEOGRÁFICA | 2000 | 2001 | 2000 | 2001 | 2000 | 2001 | |
| Araranguá | 5.460 | 5.639 | 62.228 | 40.294 | 11.400 | 7.140 | |
| Blumenau | 3.704 | 4.390 | 96.315 | 115.741 | 26.000 | 26.360 | |
| Canoinhas | 50 | 50 | 350 | 350 | 7.000 | 7.000 | |
| Chapecó | 17 | 14 | 150 | 124 | 8.820 | 8.850 | |
| Concórdia | 10 | 10 | 110 | 110 | 11.000 | 11.000 | |
| Criciúma | 2.261 | 2.216 | 28.565 | 21.914 | 12.630 | 9.880 | |
| Florianópolis | 661 | 659 | 8.304 | 8.306 | 12.560 | 12.600 | |
| Itajaí | 2.183 | 3.064 | 59.998 | 73.465 | 27.480 | 23.900 | |
| Joinville | 10.969 | 12.039 | 279.512 | 315.035 | 25.480 | 26.160 | |
| São Bento do Sul | 286 | 286 | 5.014 | 5.720 | 17.530 | 20.000 | |
| Tabuleiro | 29 | 29 | 342 | 342 | 11.790 | 11.790 | |
| Tijucas | 120 | 122 | 1.464 | 1.340 | 12.200 | 10.980 | |
| Tubarão | 237 | 267 | 3.630 | 3.117 | 15.320 | 11.670 | |
| SANTA CATARINA | 25.996 | 28.785 | 546.032 | 585.858 | 21.000 | 20.350 | |

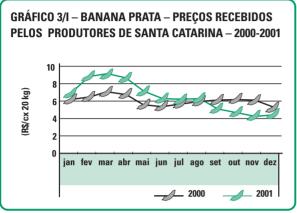
FONTE: IBGE

TABELA 5/I – BANANA – ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO NOS PRINCIPAIS MUNICÍPIOS DE SANTA CATARINA – 2001

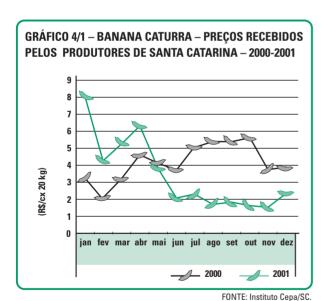
| MUNICÍPIO | ÁREA PLANTADA (ha) | PRODUÇÃO (t) | RENDIMENTO (kg/ha) |
|----------------------|--------------------------|-----------------|-----------------------|
| Corupá | 4.000 | 107.000 | 26.750 |
| Luiz Alves | 3.500 | 102.725 | 29.350 |
| Jaraguá do Sul | 1.900 | 46.100 | 24.263 |
| São João do Itaperiú | 1.260 | 33.150 | 26.310 |
| Massaranduba | 1.300 | 31.590 | 24.300 |
| Garuva | 1.293 | 31.325 | 24.227 |
| Schoereder | 900 | 29.800 | 33.111 |
| Joinville | 1.250 | 28.750 | 23.000 |
| Guaramirim | 936 | 27.620 | 29.509 |
| Barra Velha | 840 | 24.600 | 29.286 |

FONTE: IBGE

forma, retardou a recuperação dos preços de venda nesta temporada foi a concorrência com outras frutas. O mercado hoje oferece diversas frutas em qualquer época do ano, alterando as regras de mercado.



FONTE: Instituto Cepa/SC



As exportações apresentaram volumes crescentes, como se pode observar na tabela 6. A menor performance no ano 2000 se deveu aos

problemas climáticos enfrentados pelos produtores catarinenses, que provocaram sensível redução na oferta da fruta. Os volumes recuperados no ano 2001, mesmo que na quase totalidade sejam comercializados com os vizinhos países do Mercosul, são fruto do aumento da qualificação da produção estadual.

TABELA 6/I - BANANA - VOLUME DAS EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DE SANTA CATARINA E PERCENTUAL DA PARTICIPAÇÃO CATARINENSE – 1997-2001 (t)

| | • | | |
|------|---------|--------|------------------|
| ANO | BRASIL | SC | PARTICIPAÇÃO (t) |
| 1997 | 40.070 | 12.024 | 30 |
| 1998 | 68.558 | 26.043 | 38 |
| 1999 | 81.156 | 46.354 | 57 |
| 2000 | 71.812 | 32.090 | 45 |
| 2001 | 105.112 | 55.561 | 53 |

FONTE: Secex/Decex.

Para a próxima safra, espera-se aumento na área plantada, na produtividade média e, principalmente, no ganho em qualidade em todo o País. A mudança de hábitos do consumidor, nos últimos anos, modificou a maneira de comercializar os alimentos, especialmente frutas, verduras e legumes. As exigências vão desde a sanidade do produto, exigindo sua rastreabilidade e a eliminação de ingredientes nocivos à saúde humana, passando pelo sabor, aspecto visual, proteção do meio ambiente, higienização do ambiente de trabalho e aspectos sociais, com a exigência de os funcionários estarem devidamente registrados, treinados e não serem menores de idade. Desta forma, o produtor, por menor que seja e por mais distante que esteja do mercado, deve estar atento para não ser excluído do processo. Por isso, além de produzir, é importante que ele se inteire dos novos conceitos como: produto orgânico, selo de qualidade, garantia de origem, rastreabilidade, etc.

Admir Tadeo de Souza



BATATA

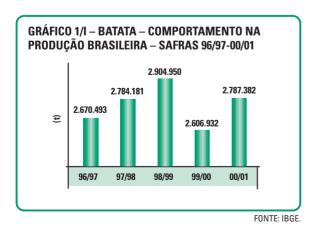
total da produção brasileira de batata colhido no ciclo correspondente ao ano agrícola 00/01, considerando-se as diversas safras cultivadas no País, foi de aproximadamente 2.787,38 mil toneladas.

A evolução, comparativamente ao volume alcançado na campanha anterior, foi de cerca 6,9%. Este crescimento é creditado, de modo especial, às boas condições de clima verificadas ao longo do ciclo da cultura e à adoção, pelos produtores, de tecnologias de cultivo mais apropriadas e que respondem com maiores índices de produtividade física por hectare.

Com efeito, o rendimento médio alcançado nesta safra apresentou-se como o mais elevado já registrado pela cultura. Situou-se em 18.286 kg/ha e superou em 6,8% a produtividade alcançada na safra anterior.

O total da área plantada somou 152.435 hectares e praticamente não se diferenciou do cultivo do ano passado.

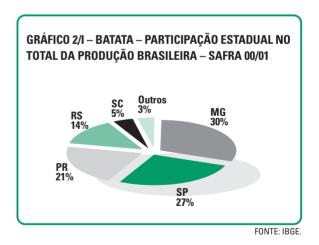
A evolução da produção brasileira de batata nos últimos anos, de acordo com dados disponibilizados pelo IBGE, é mostrada no gráfico 1.



Diante deste resultado de oferta, a produção nacional do tubérculo se recupera das perdas registradas na safra do ano passado e praticamente retorna aos níveis históricos de colheita verificados nos últimos anos.

Na primeira safra, ou das águas, o plantio totalizou 80,2 mil hectares e a produção colhida somou 1.356,1 mil toneladas. Na segunda, ou das secas, os números da cultura ficaram em 51,6 mil hectares e 908,2 mil toneladas, e na terceira, ou de inverno, a área cultivada foi de 20,5 mil hectares e a produção, de 523,1 mil toneladas.

A distribuição percentual da produção colhida nesta safra, segundo os principais estados produtores, de acordo com dados do IBGE, apresentou-se conforme o gráfico 2.



O desempenho da bataticultura brasileira neste ano agrícola, por estado produtor, apresentou-se de acordo com a tabela 1.



TABELA 1/I – BATATA - ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO NO BRASIL – SAFRA 00/01 (1)

| ESTADO | ÁREA PLANTADA (ha) | PRODUÇÃO (t) | RENDIMENTO (kg/ha) |
|-------------------|--------------------------|-----------------|-----------------------|
| Minas Gerais | 36.561 | 860.472 | 23.535 |
| São Paulo | 32.173 | 741.070 | 23.034 |
| Paraná | 32.062 | 582.440 | 18.166 |
| Rio Grande do Sul | 37.084 | 384.501 | 10.368 |
| Santa Catarina | 10.556 | 128.814 | 12.203 |
| BRASIL | 152.435 | 2.787.382 | 18.286 |

FONTE: IBGE.

(1) Dados sujeitos a modificações.

Os estados de Minas Gerais e São Paulo continuam se destacando como os principais fornecedores. Neles, a atividade desenvolvese com maior grau de tecnologia produtiva, resultando em rendimentos médios muito superiores aos dos demais estados produtores.

O bom desempenho registrado pela atividade nesta safra em todo o País, tanto na maioria dos estados produtores como em nível nacional decorre, principalmente, da maior motivação dos bataticultores, diante dos preços de mercado verificados este ano, considerados excelentes relativamente aos valores constatados nos últimos anos.

Em Santa Catarina, conforme demonstrado na tabela 2, a produção estadual somou 128,8 mil toneladas e representou um crescimento de 8,0% frente ao resultado obtido no ano passado. A área plantada, de 10,6 mil hectares, praticamente não se diferenciou da cultivada na safra precedente.

Do volume estadual produzido no corrente ano, cerca de 96,0 mil toneladas corresponderam à produção da primeira safra, ou das águas; 32,8 mil toneladas originaram-se da segunda safra, ou das secas mais a de inverno.

As microrregiões Campos de Lages, Tubarão e Canoinhas continuam concentrando a produção estadual, tendo respondido nesta safra com mais de 50% da oferta interna. O comportamento da cultura catarinense no ano agrícola 00/01, por microrregião produtora, apresentou-se conforme demonstrado na tabela 2.

TABELA 2/I – BATATA – ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO NAS MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS – SANTA CATARINA – SAFRA 00/01

| MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA | ÁREA PLANTADA (ha) | PRODUÇÃO (t) | RENDIMENTO (kg/ha) |
|----------------------------|--------------------------|-----------------|-----------------------|
| Campos de Lages | 2.608 | 29.708 | 11.391 |
| Tubarão | 1.865 | 23.156 | 12.416 |
| Canoinhas | 735 | 12.490 | 16.993 |
| Criciúma | 702 | 11.135 | 15.862 |
| Tabuleiro | 833 | 10.487 | 12.589 |
| Joaçaba | 580 | 9.679 | 16.688 |
| Rio do Sul | 649 | 6.455 | 9.946 |
| Ituporanga | 576 | 5.175 | 8.984 |
| Florianópolis | 396 | 4.646 | 11.732 |
| Curitibanos | 292 | 4.460 | 15.274 |
| Outras | 1.320 | 11.423 | 8.654 |
| SANTA CATARINA | 10.556 | 128.814 | 12.203 |

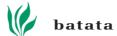
FONTE: IBGE.

O resultado estadual da cultura alcançado nesta safra ratifica o comportamento registrado nos últimos anos, de constante crescimento da produção interna, determinado pela necessidade de um melhor equilíbrio entre a oferta regional e os níveis de demanda, ainda bastante deficitários, considerando-se os indicativos de um consumo estadual por volta de 175,0 mil toneladas/ano.

Reflete também uma maior profissionalização do produtor, sempre atento à adoção de novas tecnologias produtivas, que resultam em aumento da produtividade e em melhoria da produção colhida.

A evolução da cultura em Santa Catarina, nos últimos cinco anos, apresentou-se de acordo com o gráfico 3.

Com referência aos preços recebidos pelos produtores, estes tiveram um comportamento semelhante ao registrado no atacado. Isto

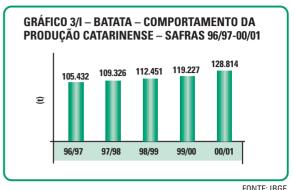


significa que durante praticamente todo o transcorrer deste ano mostraram-se fortemente majorados em relação aos valores registrados no ano passado.

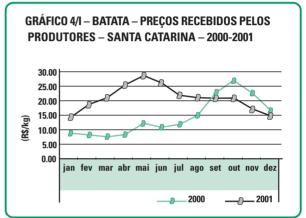
Remuneraram muito satisfatoriamente a atividade. A média mensal comportou-se conforme demonstrado no gráfico 4.

Para a campanha correspondente ao ano agrícola 01/02, os primeiros indicativos oficiais, em nível nacional, apontam para uma pequena redução da área a ser plantada, tendo em vista a projeção de queda no cultivo previsto para o estado de São Paulo. A produção a ser colhida deverá se manter em patamar semelhante ao registrado na safra anterior.

Para Santa Catarina, os prognósticos do IBGE revelam crescimento da atividade. O total da produção a ser colhida é avaliado em aproximadamente 138,5 mil toneladas. A área a ser plantada, em 10,8 mil hectares.



FONTE: IBGE.



FONTE: Instituto Cepa/SC

TABELA 3/I – BATATA – ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO POR ESTADO – SAFRAS 98/99-00/01

| ESTADO | ÁR | EA PLAN (ha) | ΓADA | | PRODUÇÃ (t) | 0 | RENDIMENTO (kg/ha) | | |
|------------------|---------|-----------------|---------|-----------|----------------|-----------|-----------------------|--------|--------|
| | 98/99 | 99/00 | 00/01 | 98/99 | 99/00 | 00/01 | 98/99 | 99/00 | 00/01 |
| Minas Gerais | 44.735 | 33.337 | 36.561 | 991.310 | 707.570 | 860.472 | 22.160 | 21.225 | 23.535 |
| São Paulo | 31.380 | 27.665 | 32.173 | 676.130 | 633.520 | 741.070 | 21.547 | 22.900 | 23.034 |
| Paraná | 41.426 | 36.449 | 32.062 | 612.227 | 648.377 | 582.440 | 14.779 | 17.789 | 18.166 |
| Rio G.do Sul | 42.975 | 39.377 | 37.084 | 401.303 | 389.636 | 384.501 | 9.338 | 9.895 | 10.368 |
| Santa Catarina | 10.997 | 10.492 | 10.556 | 112.451 | 119.227 | 128.814 | 10.226 | 11.364 | 12.203 |
| Bahia | 1.190 | 1.746 | 2.750 | 27.610 | 49.122 | 71.300 | 23.202 | 28.134 | 25.927 |
| Distrito Federal | 480 | 373 | 258 | 15.482 | 12.207 | 8.320 | 32.254 | 32.727 | 32.248 |
| Espírito Santo | 570 | 542 | 524 | 8.628 | 8.577 | 8.243 | 15.137 | 15.825 | 15.731 |
| Rio de Janeiro | 144 | 102 | 96 | 1.730 | 1.318 | 1.270 | 12.014 | 12.922 | 13.229 |
| Paraíba | 809 | 920 | 361 | 4.601 | 6.660 | 907 | 5.678 | 7.239 | 2.512 |
| Sergipe | 32 | 2 | 10 | 239 | 28 | 45 | 7.469 | 14.000 | 4.500 |
| Pernambuco | 130 | 62 | - | 900 | 512 | - | 6.923 | 8.258 | - |
| Goiás | 1.835 | 1.172 | - | 52.150 | 30.160 | - | 28.420 | 25.734 | - |
| Ceará | 35 | 3 | - | 189 | 18 | - | 5.400 | 6.000 | - |
| BRASIL | 176.738 | 152.242 | 152.435 | 2.904.950 | 2.606.932 | 2.787.382 | 16.436 | 17.124 | 18.286 |

FONTE: IBGE

Guido Boeing



CEBOLA

s dados de desempenho da cebolicultura brasileira, correspondente ao ano agrícola 00/01, revelaram um montante de produção colhida da ordem de 1.030,7 mil toneladas do bulbo; o total da área plantada somou 63,8 mil hectares; a produtividade média alcançada foi de 16.153 kg/ha.

Os valores em questão, disponibilizados pelo IBGE, apresentam-se diminuídos em cerca de 10,9%, 4,1% e 7,1%, respectivamente, em relação aos dados da safra anterior. A redução é atribuída aos sérios problemas de ordem climática que afetaram, indistintamente, a quase totalidade dos principais estados produtores.

Na Região Sul, foram as fortes e constantes geadas e o excesso de chuvas verificadas nas fases de semeadura e transplante das mudas que interferiram no total da área plantada e no rendimento médio dos campos ceboleiros. Na Região Sudeste, especificamente no estado de São Paulo, foi a prolongada estiagem.

As perdas mais significativas verificaram-se nos estados de Santa Catarina e São Paulo, os dois principais produtores nacionais do bulbo.

Em Santa Catarina, a redução de 0,5% na área de plantio foi insignificante; a produção colhida, de 375,5 mil toneladas, entretanto, representou uma diminuição superior a 80,0 mil toneladas, ou o correspondente a 17,7% em relação à oferta da safra anterior.

No estado de São Paulo, a falta de chuvas determinou uma redução de 23,3% na área cultivada e de 33,0% no volume da colheita estadual.

Nos demais estados produtores - excetuando-se o Rio Grande do Sul, onde o resul-

tado final da cultura também se mostrou ligeiramente diminuído –, a atividade registrou pequenos ganhos frente aos valores do cultivo passado.

O desempenho da cebolicultura brasileira nesta safra, por estado produtor, segundo o IBGE, apresentou-se de acordo com a tabela 1.

O resultado desta safra, não obstante apresentar-se diminuído como decorrência das adversidades climáticas registradas ao longo do ciclo da cultura, confirma a tendência que se tem verificado nos últimos anos, de recuo da área plantada e crescimento da produção interna (Gráficos 1 e 2), tendo em vista a utilização de novas tecnologias produtivas pelos produtores, as quais têm resultado em extraordinários ganhos de produtividade média das lavouras.

No estado, os números finais da cebolicultura, como já se destacou, aparecem inferiores aos da safra passada, especialmente quanto ao valor relativo ao montante da produção colhida e à produtividade média obtida por hectare.

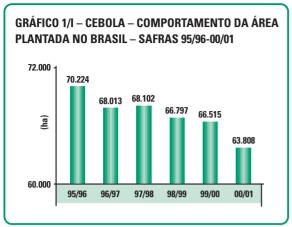
De acordo com a pesquisa de conclusão de safra promovida pelo IBGE e devidamente ra-

TABELA 1/I – CEBOLA – ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO NOS PRINCIPAIS ESTADOS – SAFRA 00/01 (1)

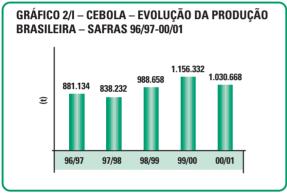
| ÁREA PLANTADA (ha) | PRODUÇÃO (t) | RENDIMENTO (kg/ha) |
|--------------------------|--|--|
| 24.129 | 375.551 | 15.564 |
| 8.150 | 182.629 | 22.408 |
| 15.762 | 180.401 | 11.445 |
| 3.986 | 101.295 | 25.413 |
| 4.088 | 68.834 | 16.838 |
| 2.295 | 64.280 | 28.009 |
| 5.398 | 57.678 | 10.685 |
| 63.808 | 1.030.668 | 16.153 |
| | PLANTADA (ha) 24.129 8.150 15.762 3.986 4.088 2.295 5.398 | PLANTADA (ha) 24.129 375.551 8.150 182.629 15.762 180.401 3.986 101.295 4.088 68.834 2.295 64.280 5.398 57.678 |

FONTE: IBGE.

(1) Dados sujeitos a modificações.



FONTE: IBGE



FONTE: IBGE

tificada pelo Grupo de Coordenação das Estatísticas Agropecuárias de Santa Catarina, a área cultivada nesta safra foi de 24.129 hectares, não se diferenciando significativamente, portanto, dos 24.241 hectares plantados no ano anterior.

O total da produção colhida somou 375.551 toneladas e o rendimento médio dos campos catarinenses, 15.564 kg/ha, involução de 17,7% e 17,3%, respectivamente, sobre os valores da safra 99/00.

O menor desempenho da atividade neste ano agrícola deve ser atribuído exclusivamente a uma série de contratempos de ordem climática verificados ao longo de todo o ciclo evolutivo da cultura. Apesar de pulverizada por todas as microrregiões do estado (é de aproximadamente 150 o número de municípios catarinenses produtores de cebola), a produção estadual continua se concentrando no Alto Vale do Itajaí. Nesta safra, a exemplo do registrado em anos anteriores, o Alto Vale do Itajaí respondeu por cerca de 85,0% da oferta interna.

O comportamento desta safra, no estado e por microrregião produtora, apresentou-se de acordo com a tabela 2.

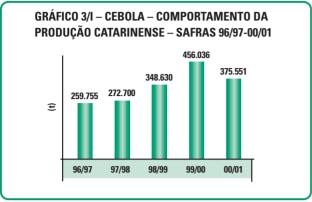
O estado continua respondendo pela primeira colocação na oferta brasileira deste bulbo, tendo contribuído, na safra recém-finda, com aproximadamente 36,0% do total da produção nacional.

A evolução mostrada nos últimos anos pela atividade ceboleira no estado catarinense é visualizada no gráfico 3.

Do total de 375,6 mil toneladas do produto colhido nesta safra em Santa Catarina, estima-se que somente 260,0 mil tenham sido direcionadas ao mercado. O volume restante, 115,6 mil toneladas, correspondente a 30,8% da colheita estadual, se perdeu nas fases de colheita, cura, armazenamento, beneficiamento e comercialização.

TABELA 2/I – CEBOLA – ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO – SANTA CATARINA – SAFRA 00/01(1)

| MICRORREGIÃO PRODUTORA | ÁREA PLANTADA (ha) | PRODUÇÃO (t) | RENDIMENTO (kg/ha) |
|---------------------------|--------------------------|-----------------|-----------------------|
| Ituporanga | 11.870 | 191.720 | 16.162 |
| Tabuleiro | 4.490 | 63.960 | 14.254 |
| Rio do Sul | 3.363 | 61.796 | 18.375 |
| Tijucas | 1.570 | 23.280 | 14.828 |
| Campos de Lages | 1.235 | 14.586 | 11.811 |
| Curitibanos | 455 | 8.235 | 18.099 |
| Joaçaba | 371 | 3.761 | 10.137 |
| Outras | 775 | 8.213 | 10.597 |
| SANTA CATARINA | 24.129 | 375.551 | 15.564 |

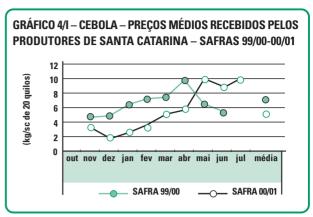


FONTE: IBGE

Em vista do menor nível da movimentação regional e da escassez generalizada da oferta nacional por ocasião da comercialização da safra sulina, os preços médios de venda recebidos pelos agricultores, conforme demonstrado no gráfico 4, situaram-se em patamar bastante superior, relativamente ao recebidos na campanha anterior, e remuneraram muito satisfatoriamente a atividade.

O preço médio ponderado final de comercialização da safra catarinense situou-se em R\$ 7,00/sc de 20 quilos, mostrando uma evolução de 36,5% comparativamente à safra anterior. Superou em aproximadamente 90,0% o custo de produção da cultura (o qual, de acordo com análises deste Instituto, revelavam para a grande maioria dos produtores custos totais de R\$ 3,67/sc e custos variáveis de R\$ 3,25/sc) e movimentou a economia regional com recursos da ordem de R\$ 92.295.000,00.

A cebola da classe 2 representou cerca de 20,0% do total da oferta líquida estadual. Foi comercializada a um preço médio de R\$ 3,80/sc e gerou um montante de vendas de R\$ 11.014.000,00. A cebola da classe 3 a 5 correspondeu a 80,0% das 260,0 mil toneladas ofertadas. O preço médio de venda situouse em R\$ 7,80/sc. O total resultante das vendas somou R\$ 81.281.000,00.



FONTE: Instituto Cena/SC

Na comercialização atacadista, os valores de venda também se mostraram bastante elevados e muito superiores aos registrados no ano anterior.

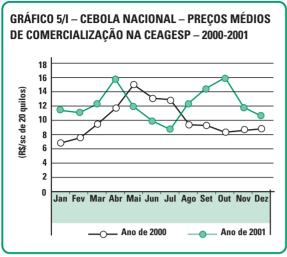
No entreposto atacadista da Ceagesp, na capital paulista, as cotações médias mensais da cebola nacional situaram-se, normalmente, em patamar acima dos R\$ 10,00/sc de 20 quilos e foram os mais altos valores de venda dos últimos quatro anos.

O comportamento dos preços naquela central de abastecimento nos dois últimos anos é visualizado no gráfico 5.

Como consequência de todos os entraves produtivos constatados neste ano agrícola, que interferiram decisivamente no montante da produção colhida e na disponibilidade de produto direcionado ao mercado, já amplamente abordados, o comércio internacional brasileiro voltou a registrar crescimento de aquisições externas do bulbo para garantir pleno suprimento das necessidades de consumo interno.

De acordo com informações disponibilizadas pela Secretaria de Comércio Exterior do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio, as importações brasileiras de cebola durante o ano de 2001 totalizaram aproximadamente 105,2 mil toneladas, 40,0% a mais do que no ano anterior.

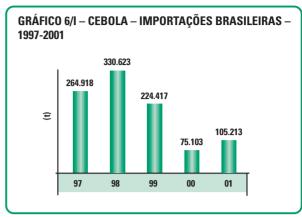




FONTE: Ceagesp.

Deste total, cerca de 87,8% veio da Argentina. O restante, formado de pequenos lotes, do Chile, Estados Unidos, Nova Zelândia, Países Baixos e Itália.

As importações deste ano representaram, para o País, uma evasão de divisas de US\$ 16.016.602,00, a um preço médio de US\$ 3,04/sc de 20 quilos.



FONTE: Secex/Decex.

O gráfico 6 mostra o comportamento das importações brasileiras de cebola nos últimos anos.

Para a próxima campanha nacional, correspondente ao ano agrícola 01/02, as expectativas são de manutenção dos valores atualmente registrados pela cultura, ou seja, a área a ser cultivada deverá situar-se por volta de 65,0 mil hectares; a produção, ao redor de 1,05 milhão de toneladas (Tabela 3).

TABELA 3/I – CEBOLA – ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO POR ESTADO – SAFRAS 98/99-00/01

| ESTADO | ÁR | EA PLANT (ha) | ADA | | PRODUÇÃ (t) | 0 | RENDIMENTO (kg/ha) | | | |
|------------------|--------|------------------|--------|---------|----------------|-----------|-----------------------|--------|--------|--|
| | 98/99 | 99/00 | 00/01 | 98/99 | 99/00 | 00/01 | 98/99 | 99/00 | 00/01 | |
| Santa Catarina | 21.806 | 24.241 | 24.129 | 348.630 | 45.036 | 375.551 | 15.988 | 18.813 | 15.564 | |
| São Paulo | 12.710 | 10.620 | 8.150 | 245.420 | 272.560 | 182.629 | 19.309 | 25.665 | 22.408 | |
| Rio G. do Sul | 16.648 | 16.584 | 15.762 | 177.349 | 181.338 | 180.401 | 10.653 | 10.935 | 11.445 | |
| Bahia | 4.703 | 4.518 | 3.986 | 58.069 | 74.667 | 101.295 | 12.347 | 16.527 | 25.413 | |
| Pernambuco | 4.350 | 3.053 | 4.088 | 62.351 | 48.573 | 68.834 | 14.334 | 15.910 | 16.838 | |
| Minas Gerais | 1.864 | 2.071 | 2.295 | 43.834 | 55.556 | 64.280 | 23.516 | 26.826 | 28.009 | |
| Paraná | 4.543 | 5.204 | 5.398 | 47.882 | 59.944 | 57.678 | 10.540 | 11.519 | 10.685 | |
| Distrito Federal | 54 | 126 | - | 2.160 | 4.684 | - | 40.000 | 37.175 | - | |
| Goiás | 60 | 39 | - | 2.400 | 2.340 | - | 40.000 | 60.000 | - | |
| Espírito Santo | 16 | 36 | - | 112 | 312 | - | 7.000 | 8.667 | - | |
| Mato Grosso | - | 5 | - | - | 225 | - | - | 45.000 | - | |
| Piauí | 18 | 13 | - | 68 | 59 | - | 3.778 | 4.538 | - | |
| Paraíba | 12 | 2 | - | 330 | 30 | - | 27.500 | 15.000 | - | |
| Sergipe | 9 | - | - | 42 | - | - | 4.667 | - | - | |
| Ceará | 4 | 3 | - | 11 | 8 | - | 2.750 | 2.667 | - | |
| BRASIL | 66.797 | 66.515 | 63.808 | 988.658 | 1.156.332 | 1.030.668 | 14.801 | 17.385 | 16.153 | |

FONTE: IBGE.

Guido Boeing



FEIJÃO

Produção mundial estabilizada e produtividade em alta

produção mundial dos feijões veio crescendo progressivamente desde princípio dos anos 60 do século passado. Alcançou 15 milhões de toneladas ao iniciar-se a década de 80 e desde o seu final passou a oscilar em torno de 16 milhões de toneladas.

Nos últimos cinco anos, a evolução da produção da variada gama de feijões no mundo mostrou minúsculo crescimento de 2%. Em relação ao ano 2000, a atual safra mundial foilhe inferior nos mesmos 2%.

Entre os principais países produtores, os três maiores perderam representatividade no início do período. Com efeito, Índia, Brasil e EUA, juntos, em 1997 eram responsáveis por 43% da produção mundial de feijão. Em 2001, passaram a produzir 8% menos, desta-

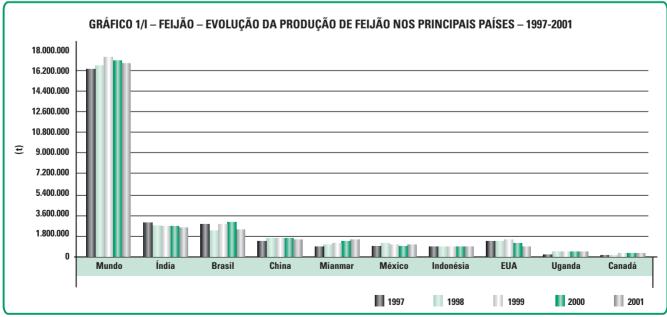
cando-se aí a contração da produção estadunidense, 26% nos dois últimos anos, e 33,5% nos cinco anos em questão.

Os demais países desse grupo - exceto a Indonésia, que estabilizou sua produção – expandiram-na de maneira expressiva, notadamente o africano Uganda (130%), o americano Canadá (96%) e o asiático Mianmar (57%) (Tabela 1) (Gráfico1).

TABELA 1/I – FEIJÃO – PERCENTUAL DE PRODUÇÃO NO MUNDO E NOS PRINCIPAIS PAÍSES – 1997/2001

| PAÍS | % SOBRE TOTAL 1997 | % SOBRE TOTAL 2001 | % 2000/01 | % 1997/01 |
|---------------|-----------------------|-----------------------|-----------|-----------|
| MUND0 | 100,0 | 100,0 | (2,2) | 2,2 |
| Índia | 18,0 | 15,3 | (2,3) | (13,1) |
| Brasil | 17,3 | 14,6 | (19,5) | (13,9) |
| China | 8,0 | 9,2 | (6,7) | 18,0 |
| Mianmar | 5,7 | 8,7 | 14,2 | 56,7 |
| México | 5,9 | 6,6 | 24,6 | 14,0 |
| Indonésia | 5,3 | 5,4 | - | 3,4 |
| EUA | 8,1 | 5,3 | (26,0) | (33,5) |
| Uganda | 1,3 | 3,0 | 21,7 | 131,2 |
| Canadá | 1,0 | 1,9 | 20,5 | 96,3 |
| Demais Países | 29,3 | 30,0 | 3,1 | 4,4 |

FONTE: Instituto Cepa/SC.



FONTE: FAO.

Foram níveis de crescimento da produção estreitamente vinculados à incorporação de tecnologia no cultivo da fabácea (leguminosa). Assim o indica a considerável elevação do rendimento médio mundial dos feijões (9%) nos mesmos cinco anos, embora tenha sido de tão somente 1,6% nos últimos dois anos.

Uganda teve o crescimento mais saliente, duplicando sua produtividade (99%), ao alcançar 700 quilos por hectare em 2001. Em comparação com o do ano 2000, o atual rendimento foi 16% maior. Na realidade, os EUA foram o único país a ter reduzida sua alta produtividade (-6%).

Dentre os maiores produtores, a China é um país com rendimentos bem superiores aos da média mundial, mostrando crescimento contínuo de quase 20% no qüinqüênio e de 7% no biênio final (Tabela 2).

Mercosul: Produção difícil para um mercado instável

Entre os anos de 1997 e 2000, a produção de feijão do Mercosul cresceu 6%, totalizando, nesse último ano, 3,38 milhões de toneladas. De 2000 a 2001, diminuiu 17,5%, somando 2,79 milhões de toneladas. Nos cinco anos em tela, reduziuse em 12,5%.

Dos quatro países componentes desse bloco econômico, a Argentina passou a dirigir parcela substancial de sua produção para o mercado brasileiro (cerca de 45% da safra 01/02 - 95% de "porotos negros"). Este país detém, hoje, aproximadamente 10% da produção do Mercosul.

Os recentes abalos de sua economia, juntamente com as oscilações do mercado brasileiro de feijão, repercutiram negativamente sobre a produção. Neste sentido, após ter atingido o cume de sua pro-

TABELA 2/I - FEIJÃO - RENDIMENTOS NO MUNDO E NOS PRINCIPAIS PAÍSES - 1997/2001

| PAÍS | 19 | 997 | 2 | 000 | 2 | 001 | VARIA PERCEN | AÇÃO NTUAL |
|-----------|---------|--------|---------|--------|---------|--------|-----------------|---------------|
| 17.10 | kg/ha | Índice | kg/ha | Índice | kg/ha | Índice | 01/00 | 01/97 |
| Mundo | 663,6 | 100,0 | 710,6 | 100,0 | 721,7 | 100,0 | 1,6 | 8,8 |
| Canadá | 1.830,1 | 275,8 | 1.650,3 | 232,2 | 1.897,6 | 262,9 | 15,0 | 3,7 |
| EUA | 1.871,4 | 282,0 | 1.841,4 | 259,1 | 1.762,0 | 244,1 | (4,3) | (5,8) |
| Indonésia | 1.611,1 | 242,8 | 1.607,1 | 226,2 | 1.607,1 | 222,7 | - | (0,2) |
| China | 1.232,8 | 185,8 | 1.374,9 | 193,5 | 1.466,8 | 203,2 | 6,7 | 19,0 |
| Mianmar | 680,0 | 102,5 | 729,3 | 102,6 | 793,3 | 109,9 | 8,8 | 16,7 |
| Brasil | 645,3 | 97,2 | 701,3 | 98,7 | 705,2 | 97,7 | 0,6 | 9,3 |
| Uganda | 350,8 | 52,9 | 600,9 | 84,6 | 699,0 | 96,8 | 16,3 | 99,3 |
| México | 597,5 | 90,0 | 587,8 | 82,7 | 637,1 | 88,3 | 8,4 | 6,6 |
| Índia | 351,1 | 52,9 | 360,3 | 50,7 | 362,0 | 50,2 | 0,5 | 3,1 |

FONTE: FAO.

⁽¹⁾ Relação entre o rendimento médio mundial com o de cada um dos países integrantes.



TABELA 3/I - FEIJÃO - PRODUÇÃO NO MERCOSUL, POR PAÍS - 1997-2001

| PAÍS | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 |
|-----------|------------------|------------------------|-----------------|------------|------------|
| MUNDO | 16.408.839 1 | 6.663.069 | 17.459.959 | 17.152.464 | 16.772.262 |
| Brasil | 2.840.243 | 2.191.153 | 2.830.915 | 3.038.238 | 2.445.346 |
| Argentina | 268.519 | 303.245 | 340.494 | 297.157 | 270.000 |
| Uruguai | 3.100 | 3.100 | 3.200 | 3.200 | 3.200 |
| Paraguai | 67.587 | 40.004 | 43.098 | 36.624 | 66.947 |
| MERCOSUL | 3.179.449 | 2.537.502 | 3.217.707 | 3.375.219 | 2.785.493 |
| % MUNDO | 19,4 | 15,2 | 18,4 | 19,7 | 16,6 |
| | % SOBRE TOTAL 19 | 97 % S | OBRE TOTAL 2001 | % 2000/01 | % 1997/01 |
| Brasil | 89,3 | | 86,4 | (19,5) | (13,9) |
| Argentina | 8,4 | | 12,0 | (9,1) | 0,6 |
| Uruguai | 0,1 | | 0,1 | - | 3,2 |
| Paraguai | 2,1 | , in the second second | 1,6 | 82,8 | (0,9) |
| Mercosul | 100,0 | · | 100,0 | (17,5) | (12,4) |

FONTE: FAO.

TABELA 4/I – FEIJÃO – RENDIMENTO NO MERCOSUL, POR PAÍS – 1997-2001

| PAÍS | 1 | 1997 | | 1999 | 2000 | 2001 | | VARIAÇÃO Percentual | |
|-----------|---------|------------|---------|---------|---------|---------|------------------|------------------------|-------|
| | kg/ha | Índice (1) | kg/ha | kg/ha | kg/ha | kg/ha | kg/ha Índice (1) | | 01/97 |
| Mundo | 663,6 | 101,1 | 694,3 | 719,7 | 710,6 | 721,7 | 101,5 | 1,6 | 8,8 |
| Argentina | 1.046,6 | 155,9 | 1.125,7 | 1.056,1 | 1.076,0 | 1.050,6 | 143,5 | -2,4 | 0,4 |
| Paraguai | 914,2 | 136,2 | 699,9 | 748,4 | 672,0 | 900,0 | 122,9 | 33,9 | -1,6 |
| Brasil | 645,3 | 96,1 | 661,3 | 681,5 | 701,3 | 705,2 | 96,3 | 0,6 | 9,3 |
| Uruguai | 607,8 | 90,6 | 607,8 | 615,4 | 615,4 | 615,4 | 84,0 | - | 1,3 |
| Mercosul | 671,1 | 100,0 | 696,1 | 708,8 | 723,0 | 732,2 | 100,0 | 1,3 | 9,1 |

FONTE: FAC

 $^{\scriptscriptstyle (1)}$ Relação entre o rendimento médio do Mercosul e o de cada país componente.

dução em 1999 (341 mil toneladas), a Argentina voltou ao nível da produção de 1996 (270 mil toneladas — Tabela 3).

O rendimento da cultura nos países desse bloco não apresentou modificações significativas (Tabela 4).

A produção platina do corrente ano deverá ser incrementada em 9%, apesar de uma área plantada 3% menor. Isto permite estimar uma produção próximo a 287 mil toneladas.

Brasil: Adversidades climáticas, mercado calmo e preços altos

A produção brasileira de feijão veio oscilando, no mesmo período, entre 2,2 milhões e 3,2 milhões de toneladas. No entanto, nos últimos seis anos cresceu cerca de 5,5% em quantidade produzida e perdeu 17% de área colhida. Logo, seus níveis de produtividade elevaram-se 27,5%.

Entre os dois últimos anos agrícolas, produziu-se aproximadamente 30% mais feijão



em área 22% maior. Em conseqüência, seu rendimento elevou-se 6,5%.

A primeira safra (por critério do IBGE/LSPA) do corrente ano agrícola teve maior parcela de responsabilidade nesse desempenho. Ampliou sua produção em 39%, com relação à quantidade produzida na primeira safra do ano agrícola 00/01, e em 20% nos seis anos mencionados. Estes números resultaram basicamente dos incrementos de 14,5% na produtividade e de 0,6% na área colhida no biênio; de 19% de produtivida-

de e de 22% da área no período maior (Tabela 5).

Estes números não só revelaram limitações no processo de incorporação de tecnologia à produção, como também mostraram correlação direta com o comportamento de mercado do produto. Mas não só. Foram matizadas ainda pelas ocorrências climáticas no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina, Minas Gerais e Goiás. Nesses dois últimos estados, condições climáticas favoráveis durante o desenvolvimento das lavouras proporcionaram

TABELA 5/I – FEIJÃO – VARIAÇÃO DA PRODUÇÃO, ÁREA COLHIDA E RENDIMENTO NO BRASIL E PRINCIPAIS ESTADOS – 1997-2002

| ESTADO | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 (1) | % SOBRE BRASIL 1997 | % SOBRE BRASIL 2002 | % 2002- 1997 | % 2002- 2001 |
|-------------------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|---------------------------|---------------------------|--------------------|--------------------|
| PRODUÇÃO (t) | | | | | | | | | | |
| Brasil | 2.989.637 | 2.199.934 | 2.815.960 | 3.038.238 | 2.436.356 | 3.153.439 | 100,0 | 100,0 | 5,5 | 29,4 |
| Paraná | 475.458 | 494.558 | 570.289 | 473.084 | 462.675 | 619.623 | 15,9 | 19,6 | 30,3 | 33,9 |
| Minas Gerais | 350.762 | 338.966 | 381.215 | 407.097 | 387.596 | 482.044 | 11,7 | 15,3 | 37,4 | 24,4 |
| Bahia | 472.929 | 221.125 | 348.873 | 540.125 | 246.031 | 453.546 | 15,8 | 14,4 | (4,1) | 84,3 |
| São Paulo | 221.100 | 254.430 | 293.600 | 237.776 | 320.887 | 283.900 | 7,4 | 9,0 | 28,4 | (11,5) |
| Goiás | 166.582 | 184.518 | 199.151 | 200.415 | 219.914 | 214.149 | 5,6 | 6,8 | 28,6 | (2,6) |
| Ceará | 133.769 | 58.056 | 189.824 | 196.696 | 117.124 | 214.068 | 4,5 | 6,8 | 60,0 | 82,8 |
| Santa Catarina | 226.239 | 158.284 | 210.958 | 227.923 | 164.148 | 170.000 | 7,6 | 5,4 | (24,9) | 3,6 |
| Rio Grande do Sul | 139.796 | 119.273 | 158.363 | 146.375 | 140.381 | 145.143 | 4,7 | 4,6 | 3,8 | 3,4 |
| Subtotal | 2.186.635 | 1.829.210 | 2.352.273 | 2.429.491 | 2.058.756 | 2.582.473 | 73,1 | 81,9 | 18,1 | 25,4B |
| ÁREA COLHIDA (h | a) | | | | | | | | | |
| Brasil | 4.826.287 | 3.324.388 | 4.148.057 | 4.332.314 | 3.280.782 | 3.992.177 | 100,0 | 100,0 | (17,3) | 21,7 |
| Bahia | 807.578 | 439.777 | 652.154 | 826.693 | 556.941 | 772.237 | 16,7 | 19,3 | (4,4) | 38,7 |
| Ceará | 393.488 | 359.202 | 576.736 | 569.777 | 510.215 | 592.504 | 8,2 | 14,8 | 50,6 | 16,1 |
| Paraná | 554.838 | 564.538 | 632.500 | 537.069 | 453.958 | 553.063 | 11,5 | 13,9 | (0,3) | 21,8 |
| Minas Gerais | 451.806 | 432.595 | 454.444 | 436.329 | 405.453 | 416.353 | 9,4 | 10,4 | (7,8) | 2,7 |
| São Paulo | 212.870 | 208.390 | 261.500 | 211.700 | 219.625 | 210.920 | 4,4 | 5,3 | (0,9) | (4,0) |
| Rio Grande do Sul | 186.701 | 181.202 | 197.083 | 181.713 | 147.868 | 165.691 | 3,9 | 4,2 | (11,3) | 12,1 |
| Santa Catarina | 237.664 | 212.204 | 240.379 | 212.799 | 143.441 | 153.000 | 4,9 | 3,8 | (35,6) | 6,7 |
| RENDIMENTO (kg/ | /ha) | | | | | | | | | |
| Brasil | 619,4 | 661,8 | 678,9 | 701,3 | 742,6 | 789,9 | 100,0 | 100,0 | 27,5 | 6,4 |
| Goiás | 1.611,7 | 1.703,2 | 1.384,9 | 1.785,0 | 1.532,7 | 1.698,8 | 260,2 | 215,1 | 5,4 | 10,8 |
| São Paulo | 1.038,7 | 1.220,9 | 1.122,8 | 1.123,2 | 1.461,1 | 1.346,0 | 167,7 | 170,4 | 29,6 | (7,9) |
| Minas Gerais | 776,4 | 783,6 | 838,9 | 933,0 | 956,0 | 1.157,8 | 125,3 | 146,6 | 49,1 | 21,1 |
| Paraná | 856,9 | 876,0 | 901,6 | 880,9 | 1.019,2 | 1.120,3 | 138,3 | 141,8 | 30,7 | 9,9 |
| Santa Catarina | 951,9 | 745,9 | 877,6 | 1.071,1 | 1.144,4 | 1.111,1 | 153,7 | 140,7 | 16,7 | (2,9) |
| Rio Grande do Sul | 748,8 | 658,2 | 803,5 | 805,5 | 949,4 | 876,0 | 120,9 | 110,9 | 17,0 | (7,7) |
| Bahia | 585,6 | 502,8 | 535,0 | 653,4 | 441,8 | 587,3 | 94,5 | 74,4 | 0,3 | 33,0 |
| Ceará | 340,0 | 161,6 | 329,1 | 345,2 | 229,6 | 361,3 | 54,9 | 45,7 | 6,3 | 57,4 |

expectativa de níveis elevados de produtividade, porém, o excesso de chuvas na colheita, além de prejudicar o rendimento das plantas, afetou bastante a qualidade do produto.

Em linhas gerais, pode-se dizer que esta primeira safra foi impulsionada pela movimentação um tanto limitada dos negócios, pelo discreto volume de transações e preços remuneradores alcançados pelo produto no transcorrer de 2001 (Tabela 6).

A segunda safra de feijão do período 01/02 teve comportamento diferente da anterior. Mesmo superando em 31% a produção da segunda safra 00/01, sua evolução nos últimos seis anos permaneceu no intervalo de 912 mil toneladas a 1,32 milhão de tonela-

TABELA 6/I – FEIJÃO 1ª SAFRA – VARIAÇÃO DA PRODUÇÃO, ÁREA COLHIDA E RENDIMENTO NO BRASIL E PRINCIPAIS ESTADOS – 1997-2002

| ESTADO | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 (1) | % SOBRE BRASIL 2002 | % 2002- 1997 | % 2002- 2001 |
|-------------------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|---------------------------|--------------------|--------------------|
| PRODUÇÃO (t) | | | | | | | | | |
| Brasil | 1.397.923 | 985.207 | 1.514.060 | 1.710.001 | 1.203.079 | 1.674.057 | 100,0 | 19,8 | 39,1 |
| Paraná | 373.000 | 378.910 | 400.000 | 368.500 | 332.310 | 448.000 | 26,8 | 20,1 | 34,8 |
| Minas Gerais | 227.191 | 130.918 | 166.497 | 208.177 | 162.728 | 215.486 | 12,9 | (5,2) | 32,4 |
| Ceará | 124.351 | 40.404 | 172.797 | 184.884 | 108.750 | 202.362 | 12,1 | 62,7 | 86,1 |
| Bahia | 217.197 | 49.722 | 180.320 | 315.077 | 114.162 | 165.838 | 9,9 | (23,6) | 45,3 |
| Santa Catarina | 199.806 | 116.718 | 166.501 | 176.953 | 127.796 | 136.000 | 8,1 | (31,9) | 6,4 |
| São Paulo | 70.100 | 86.700 | 99.100 | 86.600 | 108.750 | 122.500 | 7,3 | 74,8 | 12,6 |
| Rio Grande do Sul | 124.289 | 95.926 | 130.984 | 116.370 | 112.725 | 114.083 | 6,8 | (8,2) | 1,2 |
| Goiás | 27.104 | 30.378 | 68.492 | 99.838 | 66.583 | 79.692 | 4,8 | 194,0 | 19,7 |
| ÁREA COLHIDA (h | a) | | | | | | | | |
| Brasil | 2.490.928 | 1.850.038 | 2.415.780 | 2.499.906 | 2.062.992 | 2.505.264 | 100,0 | 0,6 | 21,4 |
| Ceará | 480.477 | 343.400 | 556.934 | 555.674 | 501.568 | 580.946 | 23,2 | 20,9 | 15,8 |
| Paraná | 448.200 | 460.122 | 479.000 | 449.000 | 325.794 | 392.498 | 15,7 | (12,4) | 20,5 |
| Bahia | 407.351 | 74.223 | 370.070 | 461.406 | 293.209 | 384.079 | 15,3 | (5,7) | 31,0 |
| Minas Gerais | 126.996 | 220.424 | 237.498 | 236.479 | 217.387 | 216.227 | 8,6 | 70,3 | (0,5) |
| Rio Grande do Sul | 145.451 | 137.371 | 147.139 | 142.135 | 113.495 | 124.992 | 5,0 | (14,1) | 10,1 |
| Santa Catarina | 206.524 | 146.046 | 164.228 | 157.924 | 104.775 | 112.000 | 4,5 | (45,8) | 6,9 |
| São Paulo | 77.900 | 71.490 | 93.800 | 82.500 | 79.287 | 77.860 | 3,1 | (0,1) | (1,8) |
| Goiás | 16.473 | 18.564 | 38.853 | 56.456 | 40.435 | 43.862 | 1,8 | 166,3 | 8,5 |
| RENDIMENTO (kg/ | ha) | | | | | | | | |
| Brasil | 561 | 533 | 627 | 684 | 583 | 668 | 100,0 | 19,1 | 14,6 |
| Goiás | 1.645 | 1.636 | 1.763 | 1.768 | 1.647 | 1.817 | 272,0 | 10,5 | 10,3 |
| São Paulo | 900 | 1.213 | 1.057 | 1.050 | 1.372 | 1.573 | 235,5 | 74,8 | 14,7 |
| Santa Catarina | 967 | 799 | 1.014 | 1.120 | 1.220 | 1.214 | 181,7 | 25,5 | (0,5) |
| Paraná | 832 | 823 | 835 | 821 | 1.020 | 1.141 | 170,8 | 37,1 | 11,9 |
| Minas Gerais | 559 | 594 | 701 | 880 | 749 | 997 | 149,3 | 78,4 | 33,1 |
| Rio Grande do Sul | 855 | 698 | 890 | 819 | 993 | 913 | 136,7 | 6,8 | (8,1) |
| Bahia | 533 | 285 | 487 | 683 | 389 | 432 | 64,7 | (18,9) | 11,1 |
| Ceará | 259 | 118 | 310 | 333 | 158 | 348 | 52,1 | 34,4 | 120,3 |



das, com tendência a queda (-9%). Esta, por sua vez, deveu-se essencialmente à forte queda de área (31% desde 1997), pois a produtividade do feijão cresceu 7% entre as duas últimas safrinhas e 32% desde 1997.

O aumento de área da presente safrinha (01/02) foi igualmente impulsionado por comportamento de mercado e preços em tudo semelhantes aos da primeira safra. Limitou-se a 22% por causa da insuficiência de água no período de plantio

(pouca chuva + baixa umidade do solo). A continuidade do fenômeno durante o ciclo da cultura terminou por afetar os índices de produtividade e a qualidade dos grãos (Tabela 7).

A terceira safra cresceu modestamente no período de seis anos (3,5%), mas declinou significativamente entre os dois últimos anos agrícolas (-11,5%). Isto se deveu principalmente à redução de área, embora nesta terceira safra fatores climáticos tenham imposto pequeno de-

TABELA 7/I – FEIJÃO 2ª SAFRA – VARIAÇÃO DA PRODUÇÃO, ÁREA COLHIDA E RENDIMENTO NO BRASIL E PRINCIPAIS ESTADOS – 1997-2002

| ESTADO | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 (1) | % SOBRE BRASIL 2002 | % 2002- 1997 | % 2002- 2001 |
|-------------------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|---------------------------|--------------------|--------------------|
| PRODUÇÃO (t) | | | | | | | | | |
| Brasil | 1.319.174 | 912.109 | 1.027.671 | 1.090.908 | 914.962 | 1.197.005 | 100,0 | (9,3) | 30,8 |
| Paraná | 65.500 | 108.000 | 137.000 | 101.500 | 115.276 | 156.534 | 13,1 | 139,0 | 35,8 |
| Bahia | 252.499 | 171.403 | 168.553 | 225.048 | 131.869 | 287.708 | 24,0 | 13,9 | 118,2 |
| Minas Gerais | 145.709 | 111.252 | 125.915 | 128.347 | 128.245 | 165.207 | 13,8 | 13,4 | 28,8 |
| São Paulo | 84.000 | 93.000 | 119.100 | 76.500 | 114.850 | 115.360 | 9,6 | 37,3 | 0,4 |
| Goiás | 69.129 | 53.953 | 50.391 | 29.265 | 64.106 | 42.864 | 3,6 | (38,0) | (33,1) |
| Santa Catarina | 74.007 | 41.566 | 44.457 | 50.970 | 36.352 | 34.000 | 2,8 | (54,1) | (6,5) |
| Rio Grande do Sul | 18.879 | 24.003 | 27.441 | 30.005 | 27.656 | 31.060 | 2,6 | 64,5 | 12,3 |
| Ceará | 24.659 | 17.203 | 17.027 | 11.812 | 8.374 | 11.706 | 1,0 | (52,5) | 39,8 |
| ÁREA COLHIDA (ha | a) | | | | | | | | |
| Brasil | 2.160.997 | 1.295.220 | 1.559.816 | 1.693.574 | 1.217.790 | 1.486.913 | 100,0 | (31,2) | 22,1 |
| Paraná | 65.500 | 93.000 | 117.000 | 81.490 | 81.445 | 111.810 | 7,5 | 70,7 | 37,3 |
| Bahia | 395.597 | 265.554 | 282.084 | 365.287 | 263.732 | 388.158 | 26,1 | (1,9) | 47,2 |
| Minas Gerais | 194.181 | 158.967 | 171.029 | 163.010 | 151.906 | 165.536 | 11,1 | (14,8) | 9,0 |
| São Paulo | 80.000 | 83.900 | 108.300 | 70.400 | 87.000 | 87.020 | 5,9 | 8,8 | 0,0 |
| Goiás | 59.477 | 46.699 | 70.499 | 26.524 | 49.705 | 36.159 | 2,4 | (39,2) | (27,3) |
| Santa Catarina | 91.985 | 66.158 | 76.151 | 54.875 | 38.666 | 41.000 | 2,8 | (55,4) | 6,0 |
| Rio Grande do Sul | 47.184 | 44.112 | 49.887 | 39.578 | 34.373 | 40.699 | 2,7 | (13,7) | 18,4 |
| Ceará | 32.818 | 19.450 | 19.802 | 14.103 | 8.647 | 11.558 | 0,8 | (64,8) | 33,7 |
| RENDIMENTO (kg/ | ha) | | | | | | | | |
| Brasil | 610 | 704 | 659 | 644 | 751 | 805 | 100,0 | 32,0 | 7,2 |
| Paraná | 1.000 | 1.161 | 1.171 | 1.246 | 1.415 | 1.400 | 173,9 | 40,0 | (1,1) |
| Bahia | 638 | 645 | 598 | 616 | 500 | 741 | 92,0 | 16,1 | 48,2 |
| Minas Gerais | 750 | 700 | 736 | 787 | 844 | 998 | 124,0 | 33,1 | 18,2 |
| São Paulo | 1.050 | 1.108 | 1.100 | 1.087 | 1.320 | 1.326 | 164,7 | 26,3 | 0,5 |
| Goiás | 1.162 | 1.155 | 715 | 1.103 | 1.290 | 1.185 | 147,2 | 2,0 | (8,1) |
| Santa Catarina | 805 | 628 | 584 | 929 | 940 | 829 | 103,0 | 3,0 | (11,8) |
| Rio Grande do Sul | 400 | 544 | 550 | 758 | 805 | 763 | 94,8 | 90,8 | (5,2) |
| Ceará | 751 | 884 | 860 | 838 | 968 | 1.013 | 125,8 | 34,9 | 4,6 |

clínio de produtividade (-1,5%). Esta mesma produtividade elevou-se pouco menos de 20% nos seis anos sob enfoque (Tabela 8).

A produção conjunta das três safras brasileiras de feijão tende a se concentrar nos estados mais representativos. Desses, os oito primeiros, em conjunto, produziram 73% do total nacional em 1997 e 82% em 2002.

Três dentre eles, no entanto, diminuíram sua participação - Bahia e Santa Catarina perderam, respectivamente, 4,5% 36% em área, e 4% e 25% em produção; o Rio Grande do Sul, por sua vez, incrementou levemente sua produção (4%) e reduziu sua área em pouco mais de 10%.

Aliás, o recuo de área é a tônica da evolução do cultivo de feijão nos seis anos em pauta. Um único estado entre os maiores produtores - Goiás - teve crescimento de área nesse período (22%). Outros, como o Ceará e Santa Catarina, tiveram perdas bastante

expressivas (-51% e -36%, respectivamente).

A perda de área, entretanto, foi mais que compensada pela intensidade do crescimento da produtividade média do feijão nacional (28%). À exceção da Bahia, que se manteve no mesmo patamar, os demais estados de maior rendimento por área cresceram em intensidade variada - entre 6% e 50%.

Os dois estados do extremo sul do País cresceram na faixa dos 17% (Tabela 5).

Santa Catarina: Produção em baixa e produtividade em alta

A produção catarinense de feijão vem seguindo a mesma trajetória da produção brasileira, tendente à redução. Tanto assim é que, desde 1997, seu volume de produção diminuiu 24%. Conjugando-se este fato com a forte redução de área (36% em seis anos), a pro-

TABELA 8/I – FEIJÃO 3º SAFRA - VARIAÇÃO DA PRODUÇÃO, ÁREA COLHIDA E RENDIMENTO NO BRASIL E PRINCIPAIS ESTADOS – 1997-2002

| ESTADO | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 (1) | % SOBRE BRASIL 2002 | % 2002- 1997 | % 2002- 2001 |
|-------------------|---------|---------|---------|---------|---------|----------|---------------------------|--------------------|--------------------|
| PRODUÇÃO (t) | | | | | | | | | |
| Brasil | 272.540 | 302.618 | 274.229 | 237.329 | 318.315 | 282.377 | 100,0 | 3,6 | (11,3) |
| Paraná | 17.500 | 16.050 | 16.000 | 3.084 | 15.089 | 15.089 | 5,3 | (13,8) | - |
| Minas Gerais | 106.839 | 96.799 | 87.559 | 70.573 | 96.623 | 101.351 | 35,9 | (5,1) | 4,9 |
| São Paulo | 67.000 | 74.730 | 75.400 | 74.676 | 97.287 | 46.040 | 16,3 | (31,3) | (52,7) |
| Goiás | 72.001 | 102.191 | 82.094 | 71.312 | 89.225 | 91.593 | 32,4 | 27,2 | 2,7 |
| Mato Grosso | 2.754 | 3.496 | 7.092 | 10.855 | 12.794 | 18.976 | 6,7 | 589,0 | 48,3 |
| Distrito Federal | 6.031 | 7.567 | 5.784 | 6.829 | 7.297 | 9.328 | 3,3 | 54,7 | 27,8 |
| ÁREA COLHIDA (ha) |) | | | | | | | | |
| Brasil | 174.362 | 179.130 | 172.461 | 138.834 | 168.273 | 151.234 | 100,0 | (13,3) | (10,1) |
| Paraná | 28.000 | 24.000 | 28.110 | 6.579 | 23.699 | 23.699 | 15,7 | (15,4) | - |
| Minas Gerais | 55.404 | 53.204 | 45.650 | 36.840 | 46.719 | 48.755 | 32,2 | (12,0) | 4,4 |
| São Paulo | 54.970 | 53.240 | 59.400 | 58.800 | 53.338 | 46.040 | 30,4 | (16,2) | (13,7) |
| Goiás | 31.717 | 43.074 | 33.818 | 29.299 | 36.160 | 34.590 | 22,9 | 9,1 | (4,3) |
| Mato Grosso | 1.461 | 1.539 | 2.975 | 4.755 | 5.556 | 8.002 | 5,3 | 447,7 | 44,0 |
| Distrito Federal | 2.490 | 3.169 | 2.308 | 2.561 | 2.801 | 3.628 | 2,4 | 45,7 | 29,5 |
| RENDIMENTO (kg/h | a) | | | | | | | | |
| Brasil | 1.563 | 1.689 | 1.590 | 1.709 | 1.892 | 1.867 | 100,0 | 19,4 | (1,3) |
| Paraná | 625 | 669 | 569 | 469 | 637 | 637 | 34,1 | 1,9 | - |
| Minas Gerais | 1.928 | 1.819 | 1.918 | 1.916 | 2.068 | 2.079 | 111,4 | 7,8 | 0,5 |
| São Paulo | 1.219 | 1.404 | 1.269 | 1.270 | 1.824 | 1.414 | 75,7 | 16,0 | (22,5) |
| Goiás | 2.270 | 2.372 | 2.428 | 2.434 | 2.468 | 2.648 | 141,8 | 16,7 | 7,3 |
| Mato Grosso | 1.885 | 2.272 | 2.384 | 2.283 | 2.303 | 2.371 | 127,0 | 25,8 | 3,0 |
| Distrito Federal | 2.422 | 2.388 | 2.506 | 2.667 | 2.605 | 2.571 | 137,7 | 6,2 | (1,3) |



dutividade cresceu quase 20%.

Entre os dois últimos anos agrícolas, os excessos climáticos trouxeram redução da área colhida e de produtividade – a primeira cresceu apenas 6% e a segunda declinou 3,5%. Em decorrência, a quantidade produzida elevou-se pouco menos de 3%.

As dez principais regiões, que produziram

91,5% do feijão estadual na produção de 01/02, mostraram recuo de 26% na quantidade produzida e 38% de área. Por isso, seu rendimento médio subiu quase 20%.

Nos dois últimos anos agrícolas, este mesmo rendimento baixou quase 2%, devido ao crescimento de 2% na produção e à expansão de 4% na área (Tabela 9).

TABELA 9/I – FEIJÃO TOTAL – PRODUÇÃO, ÁREA COLHIDA E RENDIMENTO NAS PRINCIPAIS MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS – SANTA **CATARINA - 1997-2002**

| MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 (1) | % SOBRE SC 1997 | % SOBRE SC 2002 | % 2002- 1997 | % 2002- 2001 |
|----------------------------|---------|---------|---------|---------|---------|----------|-----------------------|-----------------------|--------------------|--------------------|
| PRODUÇÃO (t) | | | | | | | | | | |
| Santa Catarina | 226.239 | 158.284 | 210.958 | 227.923 | 166.456 | 171.870 | 100,0 | 100,0 | (24,0) | 3,3 |
| Curitibanos | 45.585 | 31.904 | 50.327 | 46.782 | 30.126 | 33.039 | 20,1 | 19,2 | (27,5) | 9,7 |
| Canoinhas | 13.733 | 18.098 | 23.528 | 30.619 | 17.238 | 30.454 | 6,1 | 17,7 | 121,8 | 76,7 |
| Campos de Lages | 27.652 | 22.424 | 26.475 | 22.996 | 24.304 | 25.511 | 12,2 | 14,8 | (7,7) | 5,0 |
| Chapecó | 69.185 | 25.663 | 40.669 | 46.157 | 27.377 | 22.474 | 30,6 | 13,1 | (67,5) | (17,9) |
| Joaçaba | 15.433 | 11.288 | 13.163 | 17.156 | 16.856 | 14.714 | 6,8 | 8,6 | (4,7) | (12,7) |
| Xanxerê | 9.104 | 8.162 | 11.705 | 17.259 | 11.044 | 9.195 | 4,0 | 5,3 | 1,0 | (16,7) |
| Criciúma | 5.776 | 10.289 | 10.393 | 9.325 | 7.134 | 8.940 | 2,6 | 5,2 | 54,8 | 25,3 |
| Tubarão | 4.296 | 5.247 | 6.704 | 6.318 | 5.188 | 5.355 | 1,9 | 3,1 | 24,7 | 3,2 |
| São Miguel do Oeste | 12.893 | 5.389 | 7.373 | 10.453 | 8.742 | 5.346 | 5,7 | 3,1 | (58,5) | (38,8) |
| Concórdia | 8.445 | 4.694 | 4.195 | 5.711 | 6.109 | 2.188 | 3,7 | 1,3 | (74,1) | (64,2) |
| Subtotal | 212.102 | 143.158 | 194.532 | 212.776 | 154.118 | 157.216 | 93,8 | 91,5 | (25,9) | 2,0 |
| Demais MRGs | 14.137 | 15.126 | 16.426 | 15.147 | 12.338 | 14.654 | 6,2 | 8,5 | 3,7 | 18,8 |
| ÁREA COLHIDA (ha) | | | | | | | | | | |
| Santa Catarina | 237.664 | 212.204 | 240.379 | 212.799 | 143.208 | 151.853 | 100,0 | 100,0 | (36,1) | 6,0 |
| Chapecó | 83.860 | 65.843 | 74.641 | 61.268 | 31.306 | 32.122 | 35,3 | 21,2 | (61,7) | 2,6 |
| Campos de Lages | 27.678 | 27.161 | 27.320 | 23.166 | 19.972 | 21.480 | 11,6 | 14,1 | (22,4) | 7,6 |
| Curitibanos | 34.280 | 26.333 | 34.147 | 29.767 | 21.220 | 21.205 | 14,4 | 14,0 | (38,1) | (0,1) |
| Canoinhas | 11.452 | 15.800 | 16.495 | 18.340 | 11.650 | 18.830 | 4,8 | 12,4 | 64,4 | 61,6 |
| Joaçaba | 13.091 | 12.335 | 11.964 | 12.825 | 12.091 | 10.772 | 5,5 | 7,1 | (17,7) | (10,9) |
| São Miguel do Oeste | 17.000 | 14.477 | 14.804 | 13.570 | 10.100 | 9.014 | 7,2 | 5,9 | (47,0) | (10,8) |
| Criciúma | 6.995 | 9.160 | 11.525 | 9.635 | 7.840 | 8.890 | 2,9 | 5,9 | 27,1 | 13,4 |
| Xanxerê | 11.052 | 9.608 | 12.658 | 13.508 | 7.280 | 6.616 | 4,7 | 4,4 | (40,1) | (9,1) |
| Tubarão | 6.363 | 6.245 | 7.640 | 6.955 | 5.300 | 6.106 | 2,7 | 4,0 | (4,0) | 15,2 |
| Concórdia | 10.510 | 8.288 | 8.628 | 8.860 | 6.190 | 3.068 | 4,4 | 2,0 | (70,8) | (50,4) |
| Subtotal | 222.281 | 195.250 | 219.822 | 197.894 | 132.949 | 138.103 | 93,5 | 90,9 | (37,9) | 3,9 |
| Demais MRGs | 15.383 | 16.954 | 20.557 | 14.905 | 10.256 | 13.750 | 6,5 | 9,1 | (10,6) | 34,1 |
| RENDIMENTO (kg/ha) | | | | | | | | | | |
| Santa Catarina | 951,9 | 745,9 | 877,6 | 1.071,1 | 1.170,2 | 1.131,8 | 100,0 | 100,0 | 18,9 | (3,3) |
| Canoinhas | 1.199,2 | 1.145,4 | 1.426,4 | 1.669,5 | 1.479,7 | 1.617,3 | 126,0 | 126,4 | 34,9 | 9,3 |
| Curitibanos | 1.329,8 | 1.211,6 | 1.473,8 | 1.571,6 | 1.419,7 | 1.558,1 | 139,7 | 121,3 | 17,2 | 9,7 |
| Xanxerê | 823,7 | 849,5 | 924,7 | 1.277,7 | 1.517,0 | 1.389,8 | 86,5 | 129,6 | 68,7 | (8,4) |
| Joaçaba | 1.178,9 | 915,1 | 1.100,2 | 1.337,7 | 1.394,1 | 1.365,9 | 123,8 | 119,1 | 15,9 | (2,0) |
| Campos de Lages | 999,1 | 825,6 | 969,1 | 992,7 | 1.216,9 | 1.187,7 | 105,0 | 104,0 | 18,9 | (2,4) |
| Criciúma | 825,7 | 1.123,3 | 901,8 | 967,8 | 909,9 | 1.005,6 | 86,7 | 77,8 | 21,8 | 10,5 |
| Tubarão | 675,2 | 840,2 | 877,5 | 908,4 | 978,9 | 877,0 | 70,9 | 83,7 | 29,9 | (10,4) |
| Concórdia | 803,5 | 566,4 | 486,2 | 644,6 | 986,9 | 713,2 | 84,4 | 84,3 | (11,2) | (27,7) |
| Chapecó | 825,0 | 389,8 | 544,9 | 753,4 | 874,5 | 699,6 | 86,7 | 74,7 | (15,2) | (20,0) |
| São Miguel do Oeste | 758,4 | 372,2 | 498,0 | 770,3 | 865,5 | 593,1 | 79,7 | 74,0 | (21,8) | (31,5) |
| Subtotal | 954,2 | 733,2 | 885,0 | 1.075,2 | 1.159,2 | 1.138,4 | 100,2 | 99,1 | 19,3 | (1,8) |
| Demais MRGs | 919,0 | 892,2 | 799,0 | 1.016,2 | 1.203,0 | 1.065,7 | 96,5 | 102,8 | 16,0 | (11,4) |
| | | | | | | | | | | FONTE: IB |



Estes números expressam:

- o recuo das produções regionais de Curitibanos e especialmente do oeste catarinense; em seis anos, a primeira região rebaixou sua produção em 27%; as microrregiões oestinas reduziram sua participação na produção estadual de feijão da metade para um terço, o que leva a duas situações: uma, a substituição do feijão por milho ou outro grão mais produtivo e mais resistente às variações climáticas; outra, o enxugamento promovido pelo mercado onde os mais tecnificados permanecem - no primeiro caso se enquadram a produção de Chapecó, São Miguel d'Oeste e Concórdia, de menor média de absorção de tecnologia; no segundo, Xanxerê, Joaçaba e Curitibanos:
- o avanço da produção e produtividade nas regiões de Canoinhas e Sul.

Outro fator de redução da produção estadual de feijão é o continuado retrocesso da participação da segunda safra anual - retrocesso derivado principalmente de variações climáticas, não raro exacerbadas. A segunda safra tem como sustentáculo as produções do oeste (de Chapecó, Xanxerê e São Miguel d'Oeste, apesar da queda vertiginosa) e do sul (por ser sucedânea da produção de fumo), além da de Canoinhas (revitalizada pelos níveis de preço da primeira safra) (Tabela11).

A primeira safra do feijão, em queda menos intensa, abarcou 79% da produção estadual em 2002 (Tabela 10).



TABELA 10/I – FEIJÃO 1ª SAFRA – PRODUÇÃO, ÁREA COLHIDA E RENDIMENTO NAS PRINCIPAIS MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS – SANTA CATARINA – 2000-2002

| MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA | 2000 | 2001 | 2002 (1) | % SOBRE SC 2002 | % 2002- 2000 | % 2002- 2001 | % SOBRE FEIJÃO JUNTO |
|----------------------------|---------|---------|----------|-----------------------|--------------------|--------------------|----------------------------|
| PRODUÇÃO (t) | | | | | | | |
| Santa Catarina | 176.953 | 129.134 | 136.045 | 100,0 | (23,1) | 5,4 | 79,2 |
| Curitibanos | 46.618 | 29.976 | 33.039 | 24,3 | (29,1) | 10,2 | 100,0 |
| Canoinhas | 29.881 | 16.788 | 26.550 | 19,5 | (11,1) | 58,1 | 87,2 |
| Campos de Lages | 22.780 | 24.304 | 25.511 | 18,8 | 12,0 | 5,0 | 100,0 |
| Joaçaba | 16.323 | 16.354 | 14.684 | 10,8 | (10,0) | (10,2) | 99,8 |
| Chapecó | 27.290 | 14.636 | 13.953 | 10,3 | (48,9) | (4,7) | 62,1 |
| Xanxerê | 10.531 | 5.782 | 5.249 | 3,9 | (50,2) | (9,2) | 57,1 |
| São Miguel do Oeste | 7.304 | 6.146 | 4.264 | 3,1 | (41,6) | (30,6) | 79,8 |
| Concórdia | 4.018 | 4.769 | 2.053 | 1,5 | (48,9) | (57,0) | 93,8 |
| Tubarão | 1.720 | 1.450 | 1.344 | 1,0 | (21,9) | (7,3) | 25,1 |
| Criciúma | 1.894 | 1.374 | 1.318 | 1,0 | (30,4) | (4,1) | 14,7 |
| Subtotal | 168.359 | 121.579 | 127.965 | 94,1 | (24,0) | 5,3 | 81,4 |
| Demais MRGs | 8.594 | 6.656 | 8.080 | 5,9 | (6,0) | 21,4 | 55,1 |
| ÁREA COLHIDA (ha) | | | | | | | |
| Santa Catarina | 159.621 | 104.475 | 111.408 | 100,0 | 69,8 | 6,6 | 73,4 |
| Campos de Lages | 22.860 | 19.972 | 21.480 | 19,3 | 94,0 | 7,6 | 100,0 |
| Curitibanos | 29.630 | 21.120 | 21.205 | 19,0 | 71,6 | 0,4 | 100,0 |
| Chapecó | 40.600 | 17.501 | 19.482 | 17,5 | 48,0 | 11,3 | 60,7 |
| Canoinhas | 17.650 | 11.350 | 15.700 | 14,1 | 89,0 | 38,3 | 83,4 |
| Joacaba | 11.970 | 11.500 | 10.712 | 9,6 | 89,5 | (6,9) | 99,4 |
| São Miguel do Oeste | 9.980 | 6.710 | 6.329 | 5,7 | 63,4 | (5,7) | 70,2 |
| Xanxerê | 9.090 | 3.812 | 4.056 | 3,6 | 44,6 | 6,4 | 61,3 |
| Concórdia | 6.520 | 4.270 | 2.773 | 2,5 | 42,5 | (35,1) | 90,4 |
| Tubarão | 1.745 | 1.460 | 1.846 | 1,7 | 105,8 | 26,4 | 30,2 |
| Criciúma | 1.700 | 1.430 | 1.555 | 1,4 | 91,5 | 8,7 | 17,5 |
| Subtotal | 151.745 | 99.125 | 105.138 | 94,4 | 69,3 | 6,1 | 76,1 |
| Demais MRGs | 7.876 | 5.350 | 6.270 | 5,6 | 79,6 | 17,2 | 45,6 |
| RENDIMENTO (kg/ha) | | | | | | | |
| Santa Catarina | 1.108,6 | 1.236,0 | 1.221,1 | 100,0 | 10,2 | (1,2) | 107,9 |
| Curitibanos | 1.573,3 | 1.419,3 | 1.558,1 | 127,6 | (1,0) | (9,8) | 100,0 |
| Campos de Lages | 996,5 | 1.216,9 | 1.187,7 | 97,3 | 19,2 | 22,1 | 100,0 |
| Canoinhas | 1.693.0 | 1.479,1 | 1.691,1 | 138,5 | (0,1) | (12,6) | 104,6 |
| Joacaba | 1.363,7 | 1.422,1 | 1.370,8 | 112,3 | 0,5 | 4,3 | 100,4 |
| Chapecó | 672,2 | 836,3 | 716,2 | 58,6 | 6,6 | 24,4 | 102,4 |
| São Miguel do Oeste | 731,9 | 915,9 | 673,7 | 55,2 | (7,9) | 25,2 | 113,6 |
| Xanxerê | 1.158,5 | 1.516,8 | 1.294,1 | 106,0 | 11,7 | 30,9 | 93,1 |
| Concórdia | 616,3 | 1.116,9 | 740,4 | 60,6 | 20,1 | 81,2 | 103,8 |
| Tubarão | 985,7 | 993,2 | 728,1 | 59,6 | (26,1) | 0,8 | 83,0 |
| Criciúma | 1.114,1 | 960,8 | 847,6 | 69,4 | (23,9) | (13,8) | 84,3 |
| Subtotal | 1.109,5 | 1.226,5 | 1.217,1 | 99,7 | 9,7 | 10,5 | 106,9 |
| Demais MRGs | 1.091,2 | 1.244,1 | 1.288,7 | 105,5 | 18,1 | 14,0 | 120,9 |



TABELA 11/I – FEIJÃO 2ª SAFRA – PRODUÇÃO, ÁREA COLHIDA E RENDIMENTO NAS PRINCIPAIS MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS – SANTA CATARINA – 2000-2002

| MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA | 2000 | 2001 | 2002 (1) | % SOBRE SC 2002 | % 2002- 2000 | % 2002- 2001 | % SOBRE FEIJÃO JUNTO |
|----------------------------|-----------------|---------|----------|-----------------------|--------------------|--------------------|----------------------------|
| PRODUÇÃO (t) | | | | | | | |
| Santa Catarina | 50.970 | 37.322 | 35.825 | 100,0 | (29,7) | (4,0) | 20,8 |
| Chapecó | 18.867 | 12.741 | 8.521 | 34,1 | (54,8) | (33,1) | 37,9 |
| Criciúma | 7.431 | 5.760 | 7.622 | 15,4 | 2,6 | 32,3 | 85,3 |
| Tubarão | 4.598 | 3.738 | 4.011 | 10,0 | (12,8) | 7,3 | 74,9 |
| Xanxerê | 6.728 | 5.262 | 3.946 | 14,1 | (41,3) | (25,0) | 42,9 |
| Canoinhas | 738 | 450 | 3.904 | 1,2 | 429,0 | 767,6 | 12,8 |
| São Miguel do Oeste | 3.149 | 2.596 | 1.082 | 7,0 | (65,6) | (58,3) | 20,2 |
| Concórdia | 1.693 | 1.340 | 135 | 3,6 | (92,0) | (89,9) | 6,2 |
| Joaçaba | 833 | 502 | 30 | 1,3 | (96,4) | (94,0) | 0,2 |
| Curitibanos | 164 | 150 | - | 0,4 | (100,0) | (100,0) | - |
| Campos de Lages | 216 | - | - | - | (100,0) | - | - |
| Subtotal | 44.417 | 32.539 | 29.251 | 87,2 | (34,1) | (10,1) | 18,6 |
| Demais MRGs | 6.553 | 4.788 | 6.574 | 12,8 | 0,3 | 37,3 | 44,9 |
| ÁREA COLHIDA (ha) | | | | | | | |
| Santa Catarina | 55.450 | 38.670 | 40.445 | 100,0 | (27,1) | 4,6 | 26,6 |
| Chapecó | 22.460 | 13.805 | 12.640 | 31,3 | (43,7) | (8,4) | 39,3 |
| Criciúma | 7.935 | 6.410 | 7.335 | 18,1 | (7,6) | 14,4 | 82,5 |
| Tubarão | 5.210 | 3.840 | 4.260 | 10,5 | (18,2) | 10,9 | 69,8 |
| Canoinhas | 740 | 300 | 3.130 | 7,7 | 323,0 | 943,3 | 16,6 |
| Sao Miguel do Oeste | 3.695 | 3.390 | 2.685 | 6,6 | (27,3) | (20,8) | 29,8 |
| Xanxerê | 4.613 | 3.468 | 2.560 | 6,3 | (44,5) | (26,2) | 38,7 |
| Concórdia | 2.410 | 1.920 | 295 | 0,7 | (87,8) | (84,6) | 9,6 |
| Joaçaba | 855 | 591 | 60 | 0,1 | (93,0) | (89,8) | 0,6 |
| Curitibanos | 137 | 100 | - | - | (100,0) | (100,0) | - |
| Campos de Lages | 306 | - | - | - | (100,0) | - | - |
| Subtotal | 48.361 | 33.824 | 32.965 | 81,5 | (31,8) | (2,5) | 23,9 |
| Demais MRGs | 7.089 | 4.846 | 7.480 | 18,5 | 5,5 | 54,4 | 54,4 |
| RENDIMENTO (kg/ha) | | | | | | | |
| Santa Catarina | 919,2 | 965,1 | 885,8 | 2,6 | (3,6) | (8,2) | 78,3 |
| Xanxerê | 1.458.5 | 1.517,3 | 1.541,4 | 4,1 | (39,3) | 1,6 | 110,9 |
| Canoinhas | 997,3 | 1.500,0 | 1.247,3 | 4,0 | 25,1 | (16,8) | 77,1 |
| Criciúma | 936,5 | 898,6 | 1.039,1 | 2,4 | 11,0 | 15,6 | 103,3 |
| Tubarão | 882,5 | 973,4 | 941,5 | 2,6 | 6,7 | (3,3) | 107,4 |
| Chapecó | 840,0 | 922,9 | 674,1 | 2,5 | (45,5) | (27,0) | 96,4 |
| Joaçaba | 974,3 | 849,4 | 500,0 | 2,3 | (48,7) | (41,1) | 36,6 |
| Concórdia | 702,5 | 697,9 | 457,6 | 1,9 | (34,9) | (34,4) | 64,2 |
| Sao Miguel do Oeste | 852,2 | 765,8 | 403,0 | 2,1 | (52,7) | (47,4) | 67,9 |
| Curitibanos | 1.197,1 | 1.500,0 | - | 4,0 | (100,0) | (100,0) | - |
| Campos de Lages | 705,9 | - | - | - | (100,0) | - | - |
| Subtotal | 918,4 | 962,0 | 887,3 | 2,6 | (3,4) | (7,8) | 77,9 |
| Demais MRGs | 924,4 | 988,0 | 878,9 | 2,6 | (4,9) | (11,0) | 82,5 |
| | <i>5</i> = ., . | -00/0 | 0,0 | -,~ | , ./~/ | 1 | FONTE: IBGE. |

FONTE: IBGE.

(1) Dados sujeitos a modificações.

Cesar A. Freyesleben Silva



FUMO

Brasil ocupa papel de destaque na produção e no mercado internacional de fumo. É o terceiro produtor e primeiro exportador mundial desse produto em folha.

A fumicultura brasileira depende muito do comportamento das exportações, já que entre 60% e 70% da produção tem como destino o mercado externo. Assim, a produção nacional tem variado para mais ou para menos dependendo, sobretudo, das condições do mercado internacional.

Nos últimos anos, como o Brasil ampliou o seu espaço no mercado internacional, a produção brasileira tem sido crescente. Essa maior participação brasileira é decorrente, principalmente, dos seguintes fatores: sensíveis reduções na produção e nos estoques mundiais; perda de competitividade das exportações dos Estados Unidos e do Zimbábue; agressividade das indústrias brasileiras no mercado internacional; competitividade do preço e da qualidade do fumo nacional em relação aos de outros importantes exportadores mundiais.

TABELA 1/I – FUMO – PRODUÇÃO, EXPORTAÇÃO, IMPORTAÇÃO, CONSUMO E ESTOQUE FINAL, MUNDIAL E DOS PRINCIPAIS PAÍSES - 1998-2002

(mil t de peso seco)

| DISCRIMINAÇÃO | 1000 | 1000 | 2000 | | ae peso seco) |
|----------------|----------|----------|----------|----------|-------------------|
| | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 (1) |
| Produção | | | | | |
| Mundial | 5.927,78 | 5.974,27 | 5.987,48 | 5.591,90 | 5.585,88 |
| China | 2.010,25 | 2.098,91 | 2.169,20 | 1.997,18 | 1.979,63 |
| Índia | 572,20 | 587,60 | 599,40 | 530,00 | 575,00 |
| Brasil | 373,15 | 498,40 | 493,10 | 454,90 | 454,90 |
| Estados Unidos | 604,13 | 527,72 | 408,20 | 400,27 | 372,41 |
| Zimbábue | 192,38 | 170,94 | 210,69 | 172,11 | 172,11 |
| Indonésia | 123,65 | 133,35 | 157,05 | 157,34 | 157,34 |
| Exportação | | | | | |
| Mundial | 1.928,65 | 2.070,60 | 1.961,54 | 2.026,74 | 2.006,60 |
| Brasil | 300,50 | 343,00 | 341,50 | 354,90 | 354,90 |
| Estados Unidos | 211,92 | 191,98 | 179,89 | 185,83 | 190,00 |
| Zimbábue | 168,80 | 199,24 | 182,07 | 185,00 | 185,00 |
| China | 92,17 | 113,26 | 113,01 | 139,92 | 118,93 |
| Itália | 98,18 | 93,90 | 100,61 | 109,52 | 105,00 |
| Índia | 81,79 | 119,64 | 123,19 | 85,50 | 105,00 |
| Importação | | | | | |
| Mundial | 1.913,01 | 2.025,81 | 1.969,68 | 2.050,30 | 2.080,64 |
| Rússia | 200,90 | 264,67 | 285,00 | 307,50 | 307,50 |
| Estados Unidos | 246,76 | 241,07 | 196,60 | 254,38 | 270,00 |
| Alemanha | 222,59 | 266,98 | 263,08 | 247,07 | 257,00 |
| Reino Unido | 149,76 | 137,18 | 108,43 | 102,67 | 119,00 |
| Japão | 101,44 | 98,92 | 93,93 | 92,43 | 91,00 |
| Países Baixos | 84,81 | 84,86 | 79,99 | 75,99 | 75,99 |
| Consumo | | | | | |
| Mundial | 6.358,98 | 5.468,74 | 6.440,11 | 6.437,32 | 6.488,12 |
| China | 2.342,22 | 1.443,57 | 2.542,06 | 2.601,35 | 2.633,31 |
| Estados Unidos | 616,84 | 572,70 | 498,91 | 483,91 | 500,00 |
| Índia | 483,36 | 478,35 | 474,28 | 471,95 | 476,13 |
| Rússia | 180,46 | 265,70 | 301,48 | 308,51 | 309,30 |
| Alemanha | 142,65 | 170,04 | 175,30 | 177,79 | 180,00 |
| Indonésia | 133,30 | 153,59 | 174,61 | 169,40 | 169,40 |
| Estoque final | | | | | |
| Mundial | 6.720,00 | 7.179,75 | 6.732,71 | 5.910,86 | 5.082,05 |
| China | 2.787,48 | 3.340,03 | 2.892,00 | 2.204,60 | 1.491,63 |
| Estados Unidos | 1.605,89 | 1.610,00 | 1.536,00 | 1.520,91 | 1.473,32 |
| Turquia | 311,01 | 329,50 | 380,82 | 392,43 | 371,02 |
| Brasil | 162,95 | 212,13 | 266,98 | 264,93 | 262,88 |
| Japão | 272,70 | 247,50 | 231,11 | 225,26 | 220,46 |
| Itália | 140,92 | 151,46 | 150,80 | 139,07 | 133,91 |
| | | | | | sda (.lunho/2002) |

FONTE: Usda (Junho/2002).



Safra 01/02 - Situação do Sul do País e de Santa Catarina

A produção brasileira de fumo praticamente se confunde com a da Região Sul, que responde por mais de 95% do total nacional. Embora os números disponíveis ainda não sejam os finais, é certo que a safra brasileira 01/02 será uma das maiores da história, provavelmente a maior.

As últimas projeções da Afubra acerca dos três estados do Sul indicam uma produção de 635 mil toneladas; é a maior produção da história. A produção do Sul, somada à dos demais estados, deve resultar numa produção nacional de cerca de 658 mil toneladas. A maior produção nacional é de 655 mil toneladas, na safra 92/93.

É oportuno destacar que as primeiras estimativas da Afubra da safra 01/02 do Sul do País indicavam um crescimento de pouco

TABELA 2/I – FUMO – ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO – BRASIL – 1990-2002

| ANO | ÁREA PLANTADA (ha) | PRODUÇÃO (t) | RENDIMENTO (kg/ha) |
|----------|--------------------|--------------|--------------------|
| 1990 | 274.880 | 445.489 | 1.621 |
| 1991 | 287.330 | 413.831 | 1.440 |
| 1992 | 346.362 | 575.652 | 1.662 |
| 1993 | 375.679 | 655.739 | 1.745 |
| 1994 | 320.237 | 519.541 | 1.622 |
| 1995 | 293.643 | 455.986 | 1.553 |
| 1996 | 317.117 | 472.738 | 1.491 |
| 1997 | 338.240 | 596.952 | 1.765 |
| 1998 | 358.155 | 505.353 | 1.411 |
| 1999 | 341.731 | 629.525 | 1.842 |
| 2000 | 310.633 | 579.727 | 1.866 |
| 2001 | 301.704 | 564.536 | 1.871 |
| 2002 (1) | 329.375 | 658.681 | 2.000 |

FONTE: IBGE

(1) Estimativa com base nos dados da Afubra e do IBGE

TABELA 3/I – FUMO – ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO, SEGUNDO OS ESTADOS E REGIÕES – BRASIL – 1999-2001

| ESTADO/ | ÁRE | A PLANTADA | (ha) | | PRODUÇÃO (1 |) | REND | RENDIMENTO (kg/ha) | | |
|---------------------|---------|------------|----------|---------|-------------|----------|-------|--------------------|----------|--|
| REGIÃO | 1999 | 2000 | 2001 (1) | 1999 | 2000 | 2001 (1) | 1999 | 2000 | 2001 (1) | |
| Rio Grande do Sul | 151.765 | 145.480 | 148.658 | 306.393 | 294.873 | 298.166 | 2.019 | 2.027 | 2.006 | |
| Santa Catarina | 105.523 | 96.117 | 93.678 | 204.675 | 188.327 | 178.207 | 1.940 | 1.959 | 1.902 | |
| Paraná | 36.047 | 33.908 | 34.384 | 67.872 | 64.554 | 64.869 | 1.883 | 1.904 | 1.887 | |
| Região Sul | 293.335 | 275.505 | 276.720 | 578.940 | 547.754 | 541.242 | 1.974 | 1.988 | 1.956 | |
| Alagoas | 28.573 | 17.710 | 10.448 | 32.148 | 15.876 | 10.868 | 1.125 | 896 | 1.040 | |
| Bahia | 12.300 | 10.399 | 10.597 | 9.491 | 8.419 | 8.846 | 772 | 810 | 835 | |
| Sergipe | 3.941 | 3.411 | 1.666 | 6.417 | 5.364 | 1.992 | 1.628 | 1.573 | 1.196 | |
| Paraíba | 480 | 373 | 183 | 387 | 246 | 130 | 806 | 660 | 710 | |
| Rio Grande do Norte | 170 | 171 | - | 112 | 115 | - | 659 | - | - | |
| Ceara | 130 | 125 | 106 | 105 | 102 | 97 | 808 | 816 | 915 | |
| Piauí | 23 | 21 | - | 21 | 19 | - | 913 | - | - | |
| Maranhão | 29 | - | - | 14 | - | - | 483 | - | - | |
| Pernambuco | 12 | 10 | - | 3 | 7 | - | 250 | - | - | |
| Região Nordeste | 45.658 | 32.220 | 23.000 | 48.698 | 30.148 | 21.933 | 1.067 | 936 | 954 | |
| Minas Gerais | 1.933 | 2.059 | 1.858 | 1.402 | 1.311 | 1.300 | 725 | 637 | 700 | |
| São Paulo | 132 | 132 | 126 | 65 | 65 | 61 | 492 | 492 | 484 | |
| Região Sudeste | 2.065 | 2.191 | 1.984 | 1.467 | 1.376 | 1.361 | 710 | 628 | 686 | |
| Acre | 211 | 234 | - | 168 | 187 | - | 796 | - | - | |
| Para | 273 | 294 | - | 138 | 148 | - | 505 | - | - | |
| Amazonas | 189 | 189 | - | 114 | 114 | - | 603 | - | - | |
| Região Norte | 673 | 717 | - | 420 | 449 | - | 624 | - | - | |
| TOTAL | 341.731 | 310.633 | 301.704 | 629.525 | 579.727 | 564.536 | 1.842 | 1.866 | 1.871 | |

FONTE: IBGE.

(1) Dados sujeitos a pequenas alterações.

mais de 10% em relação às 509 mil toneladas colhidas em 00/01, ou cerca de 565 mil toneladas. Confirmados os números acima, o crescimento terá sido de quase 25%.

Em Santa Catarina, o setor fumageiro ganha cada vez maior importância econômica e social. Na safra 01/02, pouco menos de 52 mil produtores plantaram fumo no estado, tendo nesta atividade uma das suas principais fontes de renda. O estado é o segundo produtor nacional, com cerca de 33% da produção brasileira.

TABELA 4/I – FUMO – QUANTIDADE PRODUZIDA E EXPORTADA PELO BRASIL – 1992-2001

| AN0 | PRODUÇÃO (t) | EXPORTAÇÃO (t) | EXP./PROD. (%) |
|-------|--------------|----------------|----------------|
| 1992 | 575.652 | 276.337 | 48,0 |
| 1993 | 655.739 | 279.321 | 42,6 |
| 1994 | 519.541 | 335.567 | 64,6 |
| 1995 | 455.986 | 321.298 | 70,5 |
| 1996 | 472.738 | 365.254 | 77,3 |
| 1997 | 596.952 | 409.919 | 68,7 |
| 1998 | 505.353 | 392.875 | 77,7 |
| 1999 | 629.525 | 358.746 | 57,0 |
| 2000 | 579.727 | 353.022 | 60,9 |
| 2001 | 564.536 | 443.846 | 78,6 |
| Média | 555.575 | 353.618 | 63,6 |

FONTE: IBGE e Secex/Decex.

TABELA 6/I – FUMO – EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS – 1995-2001

| AN0 | VALOR (US\$ 1000 FOB) | TAXA DE CÂMBIO (1) | VALOR (R\$ 1000) |
|------|-----------------------|--------------------|------------------|
| 1995 | 1.174.961 | 0,9177 | 1.078.262 |
| 1996 | 1.515.392 | 1,0051 | 1.523.121 |
| 1997 | 1.664.806 | 1,0780 | 1.794.661 |
| 1998 | 1.558.990 | 1,1605 | 1.809.207 |
| 1999 | 961.237 | 1,8147 | 1.744.357 |
| 2000 | 841.474 | 1,8302 | 1.540.065 |
| 2001 | 944.316 | 2,3393 | 2.209.038 |

FONTE: Secex/Decex

A exemplo dos demais estados do Sul do País, a produção catarinense tem oscilado sensivelmente no transcorrer dos anos. A safra 01/02 será uma das maiores da história. Os números da Afubra apontam para 223 mil toneladas, inferior apenas às 226 mil toneladas da safra 92/93.

Isto se deve, principalmente, ao fato de que dificilmente outras alternativas de produção têm a mesma perspectiva de rentabilidade do fumo. Além de gerar um grande valor de produção em área pequena, a maior

TABELA 5/I – FUMO – EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS – 1992-2001

| ANO | QUANTIDADE (t) | VALOR (US\$ 1000 FOB) | (US\$/Kg) |
|------|----------------|-----------------------|-----------|
| 1992 | 276.337 | 981.604 | 3,55 |
| 1993 | 279.321 | 900.782 | 3,22 |
| 1994 | 335.567 | 1.030.708 | 3,07 |
| 1995 | 321.298 | 1.174.961 | 3,66 |
| 1996 | 365.254 | 1.515.392 | 4,15 |
| 1997 | 409.919 | 1.664.806 | 4,06 |
| 1998 | 392.875 | 1.558.990 | 3,97 |
| 1999 | 358.746 | 961.237 | 2,68 |
| 2000 | 353.022 | 841.474 | 2,38 |
| 2001 | 443.846 | 944.316 | 2,13 |

FONTE: Secex/Decex.

TABELA 7/I – FUMO – EXPORTAÇÕES CATARINENSES – 1992-2001

| AN0 | QUANTIDADE (t) | VALOR (US\$ 1000 FOB) | (US\$//Kg) |
|------|----------------|-----------------------|------------|
| 1992 | 24.641 | 96.075 | 3,90 |
| 1993 | 27.763 | 83.110 | 2,99 |
| 1994 | 33.173 | 84.677 | 2,55 |
| 1995 | 38.070 | 116.055 | 3,05 |
| 1996 | 39.452 | 140.674 | 3,57 |
| 1997 | 34.909 | 122.125 | 3,50 |
| 1998 | 38.735 | 127.255 | 3,29 |
| 1999 | 31.449 | 84.388 | 2,68 |
| 2000 | 37.882 | 88.697 | 2,34 |
| 2001 | 48.101 | 90.579 | 1,88 |

FONTE: Secex/Decex.

TABELA 8/I - FUMO - COMPARATIVO DAS SAFRAS DO SUL DO PAÍS - 99/00-01/02

| FCTADO. | | ÁREA (ha) | | | PRODUCÃO | (t) | RENDIMENTO MÉDIO (kg/ha) | | |
|-------------------|---------|-----------|-----------|---------|----------|-----------|--------------------------|-------|-----------|
| ESTADO . | 99/00 | 00/01 | 01/02 (1) | 99/00 | 00/01 | 01/02 (1) | 99/00 | 00/01 | 01/02 (1) |
| Rio Grande do Sul | 127.420 | 126.850 | 152.680 | 284.080 | 266.270 | 330.360 | 2.229 | 2.099 | 2.164 |
| Santa Catarina | 95.490 | 92.770 | 111.520 | 187.150 | 176.610 | 223.000 | 1.960 | 1.904 | 2.000 |
| Paraná | 34.750 | 34.170 | 40.310 | 67.810 | 66.230 | 81.730 | 1.951 | 1.938 | 2.028 |
| TOTAL | 257.660 | 253.790 | 304.510 | 539.040 | 509.110 | 635.090 | 2.092 | 2.006 | 2.086 |

FONTE: Afubra (Junho/02).

(1) Dado preliminar.

parte do seu custo de produção decorre de fatores como mão-de-obra e lenha, disponíveis para o produtor sem grande ou nenhum desembolso financeiro.

Além disso, também pesam na decisão de plantio as iniciativas das indústrias. Na eventualidade de, por circunstâncias de mercado, uma tendência de plantio não lhes interessar, atuam no sentido de revertê-la através de estímulos ou desestímulos como: maior ou menor rigor na classificação, adiantamentos ou não de recursos financeiros, prorrogação ou não de dívidas, garantias ou não para investimento, maior ou menor seleção de produtores integrados, entre outros.

A produção bem maior não impediu que também os preços recebidos pelos produtores superassem as projeções iniciais e, até mesmo, algumas perspectivas mais otimistas. A comercialização da safra de fumo do Sul do País transcorreu sem grandes percalços. Segundo projeções da Afubra, o preço médio recebido

por eles deve atingir R\$ 2,85/kg, 16% a mais do que os R\$ 2,45/kg da safra 00/01.

Perspectivas para 02/03

Este momento favorável do setor do fumo do Sul do País guarda estreita relação com a situação internacional. Em 2001, a quantidade exportada foi recorde; a expectativa é de que em 2002 haja um novo crescimento.

É, fundamentalmente, esta expectativa que explica a comercialização tranquila da safra 01/02. Se o Brasil não estivesse conseguindo ampliar a sua participação no mercado internacional, a situação seria outra.

Com a boa comercialização da safra 01/02, espera-se um novo incremento de área de plantio para a safra 02/03, a ser iniciada no segundo semestre deste ano.

Isto é sempre preocupante. Para não provocar problemas para os produtores, é importante que não só se confirme o esperado re-

TABELA 9/I – FUMO – PREÇO MÉDIO RECEBIDO PELOS PRODUTORES DO SUL DO PAÍS POR ESTADO – SAFRAS 96/97-01/02

| - 3AFNA3 30/3/- | 01/02 | | | | | | | | | |
|-----------------|-------|------|----------|------------|------|--------------------------|------|------------|--|--|
| SAFRA/ESTADO | | | (R\$/kg) | | | (US\$/kg) ⁽¹⁾ | | | | |
| SAFNA/ESTADU | RS | SC | PR | REGIÃO SUL | RS | SC | PR | REGIÃO SUL | | |
| 96/97 | 1,91 | 1,94 | 1,76 | 1,90 | 1,80 | 1,83 | 1,66 | 1,79 | | |
| 97/98 | 1,90 | 1,96 | 1,72 | 1,91 | 1,67 | 1,72 | 1,51 | 1,68 | | |
| 98/99 | 1,82 | 1,88 | 1,80 | 1,84 | 1,04 | 1,08 | 1,03 | 1,06 | | |
| 99/00 | 2,01 | 2,01 | 1,93 | 2,00 | 1,12 | 1,12 | 1,08 | 1,12 | | |
| 00/01 | 2,51 | 2,43 | 2,25 | 2,45 | 1,17 | 1,13 | 1,05 | 1,14 | | |
| 01/02 (2) | 2,86 | 2,89 | 2,71 | 2,85 | 1,17 | 1,19 | 1,11 | 1,17 | | |

FONTE: Afubra.

"O Conversão em dólar realizada pelo Instituto Cepa/SC.

"O Dado preliminar

TABELA 10/I – FUMO – PREÇO MÉDIO RECEBIDO PELOS PRODUTORES DO SUL DO PAÍS, SEGUNDO OS TIPOS – SAFRAS 96/97-01/02

| OAEDA TIDO | | (R\$ | (/kg) | | (US\$/kg) ⁽¹⁾ | | | |
|------------|----------|--------|-------|-------|--------------------------|--------|-------|-------|
| SAFRA/TIPO | VIRGÍNIA | BURLEY | COMUM | MÉDIA | VIRGÍNIA | BURLEY | COMUM | MÉDIA |
| 96/97 | 1,94 | 1,80 | 1,14 | 1,90 | 1,83 | 1,70 | 1,08 | 1,79 |
| 97/98 | 1,94 | 1,83 | 1,20 | 1,91 | 1,71 | 1,61 | 1,06 | 1,68 |
| 98/99 | 1,85 | 1,82 | 1,24 | 1,84 | 1,06 | 1,04 | 0,71 | 1,06 |
| 99/00 | 2,03 | 1,90 | 1,32 | 2,00 | 1,14 | 1,06 | 0,74 | 1,12 |
| 00/01 | 2,52 | 2,22 | 1,44 | 2,45 | 1,17 | 1,03 | 0,67 | 1,14 |
| 01/02 (2) | 2,92 | 2,62 | 1,69 | 2,85 | 1,20 | 1,08 | 0,69 | 1,17 |

FONTE: Afubra

"I Conversão em dólar realizada pelo Instituto Cepa/SC

"I Dado preliminar



corde de exportações deste ano, como também que elas continuem crescendo, no mínimo, nos mesmos níveis da produção.

Um conforto para os produtores é o fato de que, pela política cambial brasileira dos últimos anos, os preços internos apresentaram, em dólar, uma substancial redução. Isto ajuda a explicar a recuperação das exportações, já que aumentou a competitividade do produto brasileiro no mercado internacional. Em curto prazo, portanto, a expectativa é de manutenção neste quadro de exportações favoráveis.

Tabajara Marcondes

TABELA 11/I – FUMO – ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO – SANTA CATARINA – 1990-2002

| ANO | ÁREA PLANTADA (ha) | PRODUÇÃO (t) | RENDIMENTO (kg/ha) |
|----------|--------------------|--------------|--------------------|
| 1990 | 84.244 | 152.396 | 1.809 |
| 1991 | 84.940 | 145.048 | 1.708 |
| 1992 | 108.700 | 198.201 | 1.823 |
| 1993 | 126.171 | 226.421 | 1.795 |
| 1994 | 95.458 | 173.372 | 1.816 |
| 1995 | 80.997 | 135.732 | 1.676 |
| 1996 | 102.951 | 166.468 | 1.617 |
| 1997 | 104.804 | 200.736 | 1.915 |
| 1998 | 116.761 | 163.768 | 1.403 |
| 1999 | 105.523 | 204.675 | 1.940 |
| 2000 | 96.117 | 188.327 | 1.960 |
| 2001 (1) | 93.678 | 178.207 | 1.902 |
| 2002 (2) | 111.520 | 223.000 | 2.000 |

FONTE: IBGE.

Dados sujeitos a pequenas alterações.

Dados preliminares da Afubra.

TABELA 12/I – FUMO – ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO, SEGUNDO AS MESO E MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS – SANTA CATARINA – 1999-2001 (1)

| MICRORREGIÃO | ÁRE | A PLANTAD | A (ha) | | PRODUÇÃO | (t) | REND | IMENTO (k | g/ha) |
|----------------------|---------|-----------|--------|---------|----------|---------|-------|-----------|-------|
| MESORREGIÃO | 1999 | 2000 | 2001 | 1999 | 2000 | 2001 | 1999 | 2000 | 2001 |
| São Miguel do Oeste | 10.351 | 9.569 | 9.330 | 18.356 | 17.245 | 17.348 | 1.773 | 1.802 | 1.859 |
| Chapecó | 10.562 | 10.465 | 9.875 | 18.493 | 18.782 | 18.386 | 1.751 | 1.795 | 1.862 |
| Xanxerê | 1.029 | 1.088 | 1.149 | 1.861 | 1.970 | 2.194 | 1.809 | 1.811 | 1.909 |
| Joaçaba | 835 | 878 | 751 | 1.482 | 1.602 | 1.340 | 1.775 | 1.825 | 1.784 |
| Concórdia | 706 | 649 | 513 | 1.293 | 1.201 | 954 | 1.831 | 1.851 | 1.860 |
| Oeste Catarinense | 23.483 | 22.649 | 21.618 | 41.485 | 40.800 | 40.222 | 1.767 | 1.801 | 1.861 |
| Canoinhas | 17.268 | 16.882 | 16.901 | 33.926 | 33.985 | 31.853 | 1.965 | 2.013 | 1.885 |
| São Bento do Sul | 460 | 632 | 517 | 942 | 1.239 | 1.003 | 2.048 | 1.960 | 1.940 |
| Joinville | 102 | 64 | 42 | 209 | 129 | 81 | 2.049 | 2.016 | 1.929 |
| Norte Catarinense | 17.830 | 17.578 | 17.460 | 35.077 | 35.353 | 32.937 | 1.967 | 2.011 | 1.886 |
| Curitibanos | 601 | 613 | 575 | 1.080 | 1.118 | 1.064 | 1.797 | 1.824 | 1.850 |
| Campos de Lages | 1.029 | 1.020 | 872 | 2.033 | 2.039 | 1.671 | 1.976 | 1.999 | 1.916 |
| Serrana | 1.630 | 1.633 | 1.447 | 3.113 | 3.157 | 2.735 | 1.910 | 1.933 | 1.890 |
| Rio do Sul | 16.801 | 15.344 | 15.077 | 33.005 | 30.129 | 28.965 | 1.964 | 1.964 | 1.921 |
| Blumenau | 1.117 | 997 | 1.048 | 2.289 | 2.029 | 2.068 | 2.049 | 2.035 | 1.973 |
| Itajaí | 22 | - | 6 | 45 | - | 10 | 2.045 | - | 1.667 |
| Ituporanga | 8.288 | 8.056 | 8.021 | 16.720 | 16.142 | 15.193 | 2.017 | 2.004 | 1.894 |
| Vale do Itajaí | 26.228 | 24.397 | 24.152 | 52.059 | 48.300 | 46.236 | 1.985 | 1.980 | 1.914 |
| Tijucas | 3.087 | 2.677 | 2.684 | 6.192 | 5.366 | 4.973 | 2.006 | 2.004 | 1.853 |
| Florianópolis | 17 | 21 | 15 | 32 | 40 | 29 | 1.882 | 1.905 | 1.933 |
| Tabuleiro | 592 | 545 | 573 | 1.192 | 1.104 | 1.084 | 2.014 | 2.026 | 1.892 |
| Grande Florianópolis | 3.696 | 3.243 | 3.272 | 7.416 | 6.510 | 6.086 | 2.006 | 2.007 | 1.860 |
| Tubarão | 9.975 | 8.699 | 7.715 | 19.924 | 17.791 | 14.860 | 1.997 | 2.045 | 1.926 |
| Criciúma | 8.185 | 6.677 | 6.365 | 16.611 | 13.575 | 12.381 | 2.029 | 2.033 | 1.945 |
| Araranguá | 14.496 | 11.241 | 11.649 | 28.990 | 22.841 | 22.750 | 2.000 | 2.032 | 1.953 |
| Sul Catarinense | 32.656 | 26.617 | 25.729 | 65.525 | 54.207 | 49.991 | 2.007 | 2.037 | 1.943 |
| SANTA CATARINA | 105.523 | 96.117 | 93.678 | 204.675 | 188.327 | 178.207 | 1.940 | 1.959 | 1.902 |

FONTE: IBGE.

(1) Dados sujeitos a pequenas alterações.



MAÇÃ

produção brasileira de maçã colhida na safra correspondente ao ano agrícola 00/01 não repetiu o comportamento de constantes quebras de recordes registrados nos últimos anos.

De acordo com informações disponibilizadas pelo IBGE, o total da oferta nacional desta safra somou aproximadamente 723,1 mil toneladas, ou seja, redução em torno de 24,8% comparativamente ao montante colhido na safra anterior.

Esse menor desempenho deverá ser creditado, de modo particular, à repetição de problemas relacionados ao clima. Cabe lembrar que o excesso de chuvas no período de florescimento das plantas, entre os meses de setembro e outubro, afetou, em todos os principais estados produtores do País, a polinização das flores e, consequentemente, resultou em menor produtividade dos pomares. No início de 2001, no final do período de maturação e início de colheita, em algumas regiões produtoras o clima novamente comportou-se de maneira prejudicial. O elevado volume de precipitação pluviométrica interferiu na coloração da fruta, prejudicando-lhe o mercado em conseqüência da aparência (em termos de cor).

Além dos problemas de ordem climática, muitos empresários do setor também promoveram um raleio mais pesado, no intuito de obterem frutos de melhor calibre, o que, evidentemente, também interferiu no volume final da produção colhida.

O resultado oficial da produção brasileira desta safra, por estado produtor, apresentouse de acordo com a tabela 1.

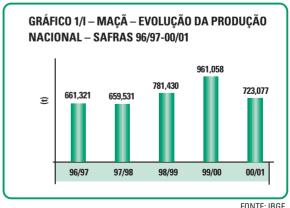
TABELA 1/I – MAÇÃ – DESEMPENHO DA PRODUÇÃO BRASILEIRA - SAFRA 00/01 (1)

| ESTADO | ÁREA PLANTADA (ha) | PRODUÇÃO (t) | PARTICIPAÇÃO NA PRODUÇÃO (%) |
|----------------|--------------------------|-----------------|------------------------------------|
| Santa Catarina | 17.815 | 378.748 | 52,38 |
| Rio G. do Sul | 13.733 | 304.447 | 42,11 |
| Paraná | 1.383 | 36.971 | 5,11 |
| São Paulo | 240 | 2.820 | 0,39 |
| Minas Gerais | 33 | 91 | 0,01 |
| BRASIL | 33.204 | 723.077 | 100,00 |

FONTE: IBGE. ELABORAÇÃO: Instituto Cepa/SC. ⁽¹⁾ Dados sujeitos a modificações.

Apesar da menor colheita obtida nesta última safra, a produção nacional, nos últimos anos, conforme demonstrado no gráfico 1, tem apresentado uma excelente performance, sobretudo quando se considera a necessidade de pesados e constantes investimentos, seja na implantação dos pomares, seja na alocação de infra-estrutura de armazenagem.

O extraordinário desempenho apresentado pela atividade nas últimas safras no Brasil, além de movimentar a economia dos estados produtores, seja na geração de empregos, na implantação do parque de armazenamen-



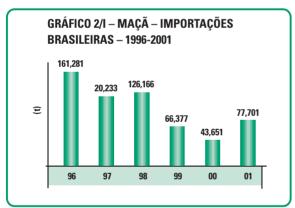
FONTE: IBGE.

to e classificação, seja no setor de transporte, tem contribuído para a redução dos volumes de importação e contribuído para o País aumentar sua participação entre os países exportadores da fruta.

Com efeito, nos últimos anos, conforme pode ser observado nos gráficos 2, 3 e 4, as compras externas do Brasil têm apresentado um comportamento declinante, enquanto as exportações normalmente, mostraram-se em ascensão.

Em razão da menor produção colhida nesta última safra, o comportamento do comércio internacional brasileiro da fruta apresentou algumas alterações relativamente à tendência registrada nos últimos anos.

As importações mostraram-se ligeiramen-



FONTE: Secex/Decex.



FONTE: Secex/Decex

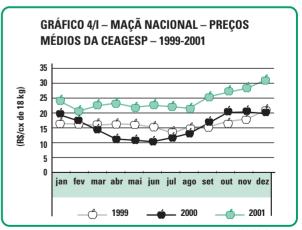
te evoluídas, comparativamente às realizadas nos dois últimos anos; as vendas externas, em declínio, não necessariamente em virtude dos problemas internos de produção, mas de excesso de oferta nos países europeus, nossos principais parceiros no mercado internacional.

No mercado interno, a comercialização desta última safra, pelos motivos anteriormente expostos, mostrou-se extremamente favorável e remuneradora para os produtores.

De acordo com dados disponibilizados pela Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais do Estado de São Paulo, a comercialização na Ceagesp revelou os melhores valores de venda dos últimos anos, com as cotações situando-se, durante os meses de maior escoamento da produção interna, em patamar sempre superior a 50,0% comparativamente aos preços do ano anterior.

O comportamento dos preços médios mensais verificados em 2001 na Ceagesp e o comparativo em relação às cotações dos dois últimos anos são mostrados no gráfico 4.

A tendência do setor para os próximos anos é de um crescimento mais moderado, comparativamente ao registrado nos últimos anos, o que não necessariamente espelha o



FONTE: Ceagesp.





TABELA 2/I – MAÇÃ – ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO POR ESTADO – SAFRAS 98/99-00/01

| | ÁREA | ÁREA PLANTADA (ha) | | | PRODUÇÃO (t) | | | RENDIMENTO (kg/ha) | | |
|----------------|--------|--------------------|--------|---------|--------------|---------|--------|--------------------|--------|--|
| ESTADO | 98/99 | 99/00 | 00/01 | 98/99 | 99/00 | 00/01 | 98/99 | 99/00 | 00/01 | |
| Santa Catarina | 15.750 | 16.779 | 17.815 | 371.678 | 500.142 | 378.748 | 23.599 | 29.808 | 21.260 | |
| Rio G. do Sul | 12.672 | 13.590 | 13.733 | 373.866 | 427.039 | 304.447 | 29.503 | 31.423 | 22.169 | |
| Paraná | 1.527 | 1.469 | 1.383 | 30.076 | 28.901 | 36.971 | 19.696 | 19.674 | 26.732 | |
| São Paulo | 414 | 363 | 240 | 5.718 | 4.885 | 2.820 | 13.812 | 13.457 | 11.750 | |
| Minas Gerais | 33 | 33 | 33 | 91 | 91 | 91 | 2.758 | 2.758 | 2.758 | |
| BRASIL | 30.396 | 32.234 | 33.204 | 781.430 | 961.058 | 723.077 | 25.708 | 29.815 | 21.777 | |

FONTE: IBGE.

potencial produtivo dos pomares já implantados. Reflete a necessidade de obtenção de frutos de melhor padrão para se conseguir uma maior agregação de valor na venda da fruta in natura.

Com relação à safra 01/02, as últimas avaliações oficiais da produção nacional pro-

jetam uma oferta bruta em torno de 851,1 mil toneladas do produto. O estado de Santa Catarina estima um montante de oferta de 460,0 mil toneladas, que corresponde à cerca de 54.0% da oferta interna.

Guido Boeing

MANDIOCA

Panorama mundial

mandioca é cultivada em mais de 90 países, exercendo forte função social, principalmente junto às famílias de baixo poder aquisitivo. Assim, alimenta mais de meio milhão de pessoas no mundo inteiro. Segundo a FAO, o consumo global per cápita é de aproximadamente 18 kg/hab/ano.

A mesma fonte mostra que a estrutura de consumo está basicamente voltada para a agricultura familiar, com 58% da produção destinada ao consumo humano in natura, 27% para o animal e apenas 15% para o industrial.

Na safra 00/01, a produção mundial de raiz foi de quase 179 milhões de toneladas, numa área colhida de 17 milhões de hectares, conforme tabela 1.



TABELA 1/I – MANDIOCA – ÁREA COLHIDA E PRODUÇÃO – MUNDIAL E NOS PRINCIPAÍS PAÍSES – 1999-2001

| PAÍS | ÁRE | A COLHIDA (1. | 000 ha) | PRODUÇÃO (1.000 t) | | | |
|-----------------|--------|---------------|---------|--------------------|---------|---------|--|
| PAIS | 1999 | 2000 | 2001 | 1999 | 2000 | 2001 | |
| Mundo | 16.641 | 17.032 | 17.024 | 171.918 | 176.784 | 178.868 | |
| China | 235 | 235 | 240 | 3.751 | 3.801 | 3.851 | |
| Brasil | 1.571 | 1.722 | 1.656 | 20.864 | 23.336 | 22.479 | |
| Rep. Dem. Congo | 2.034 | 1.967 | 1.902 | 16.500 | 15.959 | 15.436 | |
| Gana | 640 | 600 | 600 | 7.845 | 8.107 | 8.512 | |
| Índia | 268 | 270 | 270 | 6.700 | 7.000 | 7.000 | |
| Indonésia | 1.350 | 1.284 | 1.280 | 16.438 | 16.089 | 16.158 | |
| Moçambique | 958 | 926 | 926 | 5.353 | 5.362 | 5.362 | |
| Nigéria | 3.072 | 3.135 | 3.135 | 32.697 | 33.854 | 33.854 | |
| Tailândia | 1.065 | 1.131 | 1.150 | 16.507 | 19.064 | 18.283 | |
| Tanzânia | 656 | 848 | 761 | 7.181 | 5.758 | 5.650 | |
| Outros países | 4.792 | 4.914 | 5.104 | 38.082 | 38.454 | 42.283 | |

FONTE: FAO.

A Tailândia destaca-se nas vendas de farinha e de amido natural no mercado internacional, com participação de 92% e 86%, respectivamente, em relação ao volume total comercializado, conforme tabelas 2 e 3.

TABELA 2/I – FARINHA DE MANDIOCA – QUANTIDADE E VALOR DAS EXPORTAÇÕES MUNDIAIS E POR PAÍS – 1998-2000

| PAÍS | QU | ANTIDADE (m | il t) | VALOR (US\$ 1.000 FOB) | | | |
|-----------|---------|-------------|---------|------------------------|--------|--------|--|
| | 1998 | 1999 | 2000 | 1998 | 1999 | 2000 | |
| Mundo | 104.289 | 111.426 | 149.350 | 25.783 | 19.796 | 22.609 | |
| Brasil | 1.067 | 947 | 1.134 | 518 | 372 | 450 | |
| Gana | 1.729 | 1.456 | 2.053 | 273 | 491 | 623 | |
| Singapura | 318 | 587 | 312 | 251 | 295 | 215 | |
| Tailândia | 99.852 | 108.134 | 141.838 | 24.412 | 18.413 | 20.767 | |

FONTE: FAO.

TABELA 3/I – AMIDO DE MANDIOCA – QUANTIDADE E VALOR DAS EXPORTAÇÕES MUNDIAIS E POR PAÍS – 1998-2000

| PAÍS | QL | JANTIDADE (m | il t) | VALOR (US\$ 1.000 FOB) | | | |
|----------------|---------|--------------|---------|------------------------|---------|---------|--|
| FAIS | 1998 | 1999 | 2000 | 1998 | 1999 | 2000 | |
| Mundo | 552.716 | 701.032 | 983.371 | 140.905 | 137.273 | 156.112 | |
| Brasil | 13.375 | 9.749 | 9.086 | 4.190 | 2.682 | 2.820 | |
| China | 831 | 1.571 | 2.240 | 398 | 838 | 1.025 | |
| Hong Kong | 27.482 | 41.313 | 43.955 | 8.983 | 12.138 | 11.174 | |
| Estados Unidos | 98 | 2.211 | 6.167 | 77 | 700 | 1.943 | |
| Indonésia | 82.803 | 49.295 | 7.683 | 21.711 | 9.254 | 1.675 | |
| Holanda | 143 | 598 | 2.003 | 162 | 545 | 1.198 | |
| Singapura | 1.718 | 1.435 | 1.561 | 648 | 620 | 495 | |
| Tailândia | 415.548 | 591.236 | 906.378 | 101.632 | 108.914 | 133.586 | |

FONTE: FAO.

Os países que mais importaram farinha de mandioca foram a Nigéria (representando uma fatia de 46,6% do volume total adquirido) e Singapura (com 29,8% das compras totais efetivadas). Por outro lado, a

China (com 42,3%), a Indonésia (19,9%), o Japão (11,2%) e a Malásia (9,5%) foram os maiores compradores de amido de mandioca, conforme mostram as tabelas 4 e 5.

TABELA 4/I – FARINHA DE MANDIOCA – QUANTIDADE E VALOR DAS IMPORTAÇÕES MUNDIAIS E POR PAÍS – 1998-2000

| PAÍS | 0 | UANTIDADE (1 | mil t) | VALOR (US\$ 1.000 FOB) | | | |
|-----------|--------|--------------|--------|------------------------|-------|-------|--|
| PAIS | 1998 | 1999 | 2000 | 1998 | 1999 | 2000 | |
| Mundo | 28.495 | 21.250 | 19.476 | 4.877 | 4.013 | 3.547 | |
| Canadá | 844 | 606 | 638 | 275 | 222 | 215 | |
| Japão | 1.065 | 518 | 604 | 305 | 123 | 140 | |
| Laos | 228 | 1.505 | 1.505 | 43 | 250 | 250 | |
| Malásia | 292 | 675 | 675 | 37 | 145 | 145 | |
| Nigéria | 17.445 | 10.540 | 9.072 | 1.521 | 826 | 709 | |
| Portugal | 287 | 347 | 371 | 127 | 144 | 149 | |
| Singapura | 7.792 | 6.151 | 5.803 | 2.172 | 1.639 | 1.393 | |
| Uruguai | 277 | 255 | 290 | 107 | 81 | 98 | |

FONTE: FAO.

TABELA 5/I – AMIDO DE MANDIOCA – QUANTIDADE E VALOR DAS IMPORTAÇÕES MUNDIAIS E POR PAÍS – 1998-2000

| na ío | QU | ANTIDADE (m | il t) | VALO |)R (US\$ 1.000 | FOB) |
|----------------|---------|-------------|-----------|---------|----------------|---------|
| PAÍS | 1998 | 1999 | 2000 | 1998 | 1999 | 2000 |
| Mundo | 689.908 | 792.626 | 1.036.176 | 164.803 | 158.520 | 178.170 |
| Alemanha | 2.547 | 2.200 | 4.956 | 1.096 | 967 | 1.455 |
| Argentina | 4.814 | 5.265 | 3.858 | 1.605 | 1.496 | 1.222 |
| Austrália | 6.300 | 6.732 | 5.474 | 1.631 | 1.564 | 1.208 |
| Canadá | 2.225 | 4.386 | 7.540 | 968 | 1.420 | 2.216 |
| China | 319.314 | 422.475 | 438.729 | 69.433 | 78.875 | 71.166 |
| Hong Kong | 37.412 | 52.481 | 46.122 | 10.045 | 10.096 | 7.375 |
| Rep da Coréia | 2.744 | 1.672 | 4.030 | 760 | 344 | 696 |
| Estados Unidos | 18.425 | 27.289 | 22.362 | 7.599 | 9.744 | 7.757 |
| Filipinas | 8.602 | 11.326 | 11.490 | 2.849 | 2.933 | 1.890 |
| França | 4.933 | 4.316 | 5.522 | 1.819 | 1.497 | 1.279 |
| Indonésia | 81.554 | 8.300 | 205.989 | 17.298 | 1.447 | 32.346 |
| Japão | 84.754 | 98.383 | 115.668 | 21.453 | 19.815 | 20.657 |
| Malásia | 71.598 | 97.564 | 98.800 | 15.474 | 16.511 | 13.800 |
| Holanda | 593 | 2.289 | 4.599 | 361 | 884 | 1.330 |
| Singapura | 1.718 | 1.435 | 1.561 | 6.118 | 6.527 | 6.060 |

FONTE: FAO.

Panorama nacional

Safra 00/01

A safra brasileira 00/01 de mandioca apresentou uma área colhida de 1.655 mil de hectares e produção de 22.480 mil de toneladas, apresentando um decréscimo de -3,8% e de -3,7%, respectivamente, em relação à safra passada.

A Região Nordeste lidera a produção nacional com 7,9 milhões de toneladas (34,6%), seguida pela Região Norte, com 6,1 milhões de toneladas (26,6%), pela Região Sul, com 5,3 milhões de toneladas (23,3%), pela Região Sudeste, com 2,3 milhões de toneladas (9,9%) e, finalmente, pela Centro-Oeste, com 1,3 milhão de toneladas (5,6%). Os estados do Pará, Paraná e Bahia, juntos, são responsáveis por mais da metade do volume produzido.

O declínio da safra foi ocasionado pelas dificuldades na comercialização dos segmentos da fécula e da farinha, que atingiram com maior intensidade os estados produtores situados nas Regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, que buscaram alternativas junto ao Ministério da Agricultura, Pecuária e do Abastecimento – Mapa – para a comercialização do excesso de produção.

Esta situação mobilizou os diversos agentes à procura de alternativas para o setor nacional. Os resultados permitiram que, a partir do segundo semestre, pelo menos parte do volume de produtos estocados fosse comercializada, via AGF, pelo governo federal, perfazendo um total de aproximadamente 65 mil toneladas de farinha e 10 mil toneladas de fécula, beneficiando principalmente as agroindústrias paranaenses.

No Paraná, que possui o maior e mais moderno complexo farinheiro e feculeiro do País, foi significativo o número de agroindústrias que deixaram de operar ou funcionaram abaixo da capacidade instalada por falta de opção de mercado.

A diminuição nas vendas da farinha e fécula nos principais centros consumidores do País refletiu-se negativamente no comportamento dos preços da raiz, além de favorecer o aumento da área remanescente da lavoura em alguns estados brasileiros.

Safra 01/02

As estimativas do IBGE referentes à safra nacional eram, em abril, de uma área de mandioca a ser colhida de 1.645 mil hectares e produção de 22.888 mil toneladas. Estes números, comparados com os da safra passada, mostram-se praticamente inalterados.

Em alguns estados, a atividade de colheita de mandioca está apenas começando. Entretanto, nos estados produtores localizados nas Regiões Centro e Sul, esses serviços encontram-se em plena atividade.

As dificuldades de comercialização para os produtos e subprodutos da farinha prosseguem nos estados produtores nas Regiões Centro-Oeste e Sul durante o primeiro semestre deste ano, influindo nos preços do produto. Estes, embora estejam com tendência de queda no final do mês de junho e início de julho, se situarão acima dos níveis do mesmo período do ano passado.

Este quadro, entretanto, deverá persistir ainda no terceiro trimestre de 2002, pois, à medida que se intensificam as atividades de colheita nos estados produtores, provocarão excesso de produção e, conseqüentemente, continuarão mantendo os preços desses produtos estáveis, podendo refletir-

se negativamente nos valores pagos pela matéria-prima.

No segmento feculeiro, apesar de persistirem as dificuldades de comercialização, deverão surgir condições favoráveis, possibilitando a ampliação do volume de negócios, mediante a formação de novas parcerias, com novos investimentos para o setor.

TABELA 6/I – MANDIOCA – ÁREA COLHIDA E PRODUÇÃO NO BRASIL E NOS PRINCIPAIS ESTADOS – 2000-2002

| ESTADO | ÁREA (| OLHIDA (| (1.000 ha) | | DUÇÃO (1 | |
|--------------------|---------|----------|------------|--------|----------|--------|
| LOTADO | 2000 | 2001 | 2002 | 2000 | 2001 | 2002 |
| Brasil | 1.721,4 | 1655,8 | 1.645,0 | 23.336 | 22.479 | 22.888 |
| Mato Grosso do Sul | 32,5 | 34,2 | 32,7 | 591 | 621 | 606 |
| Bahia | 318,8 | 283,2 | 287,1 | 4.144 | 3.534 | 3.630 |
| Ceará | 84,0 | 84,3 | 84,3 | 712 | 732 | 777 |
| Maranhão | 134,7 | 140,7 | 151,2 | 938 | 1.046 | 1.180 |
| Pernambuco | 40,8 | 43,9 | 39,1 | 380 | 409 | 426 |
| Piauí | 35,5 | 41,3 | 43,2 | 404 | 429 | 446 |
| Pará | 296,4 | 283,2 | 284,4 | 4.097 | 4.010 | 4.544 |
| Minas Gerais | 69,5 | 63,7 | 63,3 | 902 | 824 | 851 |
| São Paulo | 34,3 | 42,0 | 41,5 | 770 | 1.044 | 1.004 |
| Paraná | 192,3 | 168,0 | 162,4 | 4.050 | 3.557 | 3.410 |
| Rio Grande do Sul | 90,4 | 85,2 | 87,1 | 1.297 | 1.261 | 1.314 |
| Santa Catarina | 38,5 | 38,0 | 33,0 | 692 | 709 | 600 |
| Sergipe | 30,3 | 32,1 | 31,3 | 445 | 466 | 460 |
| Amazonas | 94,9 | 94,9 | 69,3 | 957 | 957 | 637 |
| Demais estados | 228,5 | 221,1 | 235,10 | 2.957 | 2.880 | 3.003 |

FONTE: IBGE

Panorama estadual

Safra 00/01

Em Santa Catarina, em 2001, o mercado da farinha grossa conviveu com a forte concorrência do produto paranaense, que, devido à sensível diminuição nos negócios pelos estados nordestinos, buscou outros centros consumidores do País.

Todavia, as vendas de farinha fina, que têm o consumo focado principalmente nas regiões Litoral Sul, Grande Florianópolis e Litoral Norte do estado, conseguiram manter, com certa regularidade, o volume de negócios durante praticamente todo o ano passado.

O aumento da oferta dos derivados da mandioca nos principais centros consumidores do País exerceu forte pressão, para baixo, nos preços da farinha, da fécula e do polvilho azedo no mercado estadual.

No região Sul Catarinense, maior produtora de farinha e polvilho azedo no estado, que historicamente melhor remunerou o agricultor, constatou-se que em 2001 os valores médios pagos pela raiz da mandioca estiveram abaixo dos do Alto Vale do Itajaí.

A baixa remuneração dos produtos e subprodutos da mandioca e a queda no rendimento médio industrial nos segmentos da farinha e fécula, devido a fatores climáticos adversos, contribuíram para o aumento da área remanescente da cultura nas principais regiões produtoras do estado.

A tabela 7 mostra o comportamento das safras 98/99 a 00/01 (referentes aos anos de 1999 a 2001), nas microrregiões geográficas de Santa Catarina.



TABELA 7/I – RAÍZ DE MANDIOCA – ÁREA COLHIDA E PRODUÇÃO NAS MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS DE SANTA CATARINA – 1999-2001

| MICRORREGIÃO | Á | REA COLHIDA | (ha) | ı | PRODUÇÃO (t) | |
|---------------------|--------|-------------|--------|---------|--------------|---------|
| GEOGRÁFICA | 1999 | 2000 | 2001 | 1999 | 2000 | 2001 |
| Santa Catarina | 35.211 | 38.544 | 37.983 | 632.547 | 691.996 | 708.950 |
| Araranguá | 2.845 | 3.965 | 3.945 | 42.010 | 58.680 | 53.870 |
| Blumenau | 2.289 | 2.582 | 3.224 | 42.652 | 47.605 | 59.792 |
| Campos de Lages | 92 | 92 | 92 | 970 | 1.062 | 1.063 |
| Canoinhas | 737 | 697 | 517 | 11.605 | 10.755 | 7.875 |
| Chapecó | 4.663 | 4.782 | 4.957 | 72.692 | 81.399 | 87.451 |
| Concórdia | 1.706 | 1.498 | 1.511 | 30.294 | 25.859 | 25.849 |
| Criciúma | 1.010 | 1.210 | 780 | 17.020 | 20.260 | 13.890 |
| Curitibanos | 56 | 106 | 41 | 753 | 1.428 | 573 |
| Florianópolis | 1.447 | 1.447 | 1.387 | 21.275 | 24.260 | 22.800 |
| Itajaí | 457 | 489 | 413 | 6.825 | 6.986 | 6.159 |
| Ituporanga | 1.700 | 1.225 | 1.585 | 32.150 | 24.750 | 37.350 |
| Joaçaba | 335 | 505 | 319 | 5.344 | 8.009 | 5.028 |
| Joinville | 1.406 | 1.433 | 1.406 | 25.185 | 25.327 | 26.575 |
| Rio do Sul | 4.175 | 4.715 | 4.845 | 85.715 | 100.995 | 110.160 |
| São Bento do Sul | 90 | 50 | 70 | 1.395 | 775 | 1.075 |
| São Miguel do Oeste | 2.580 | 2.580 | 2.947 | 57.725 | 58.325 | 69.465 |
| Tabuleiro | 570 | 900 | 900 | 14.650 | 23.550 | 23.550 |
| Tijucas | 1.055 | 1.270 | 1.290 | 19.350 | 23.370 | 23.760 |
| Tubarão | 7.565 | 8.589 | 7.315 | 139.210 | 143.111 | 126.595 |
| Xanxerê | 433 | 409 | 439 | 5.727 | 5.490 | 6.070 |

FONTE: IBGE.

Safra 01/02

As estimativas do IBGE/GCEA-SC, de abril, apresentavam uma variação negativa da safra atual em relação à safra 00/01: área plantada de 33 mil hectares (-13,1%) e produção esperada de 600 mil toneladas (-14,6%), conforme a tabela 6. Este comportamento de queda foi ocasionado pela falta de estímulo ao produtor (baixos preços da raiz e derivados), forçando-o a buscar alternativas de renda em outras culturas (fumo, milho, feijão e cebola).

As atividades de colheita nas duas maiores regiões produtoras, Sul Catarinense e Alto Vale do Itajaí, este ano, excepcionalmente, iniciaram no mês de abril. A comercialização da matéria-prima continuou até o final de agosto.

O aumento gradativo da produção dos

derivados da mandioca nos meses de junho e julho, as limitações nas vendas e a conseqüente formação de estoques tornam mais competitivo o mercado da farinha, fécula e polvilho azedo, possibilitando alguma conquista de espaço no volume comercializado por quem tem mais tradição, além de criatividade, melhor preço e qualidade.

O produtor catarinense está se acostumando a conviver com um mercado pouco comprador e de preços estáveis, praticamente inalterados nos meses deste ano, embora se tenham apresentado em níveis relativamente acima dos custos de produção, dando aos segmentos produtivos e de transformação algumas esperanças de uma possível reação após o encerramento da safra, ao final de agosto.

No Litoral Sul Catarinense, os preços médios mensais da farinha grossa ao produtor, acumulados até junho, variaram de R\$ 9,88 a R\$ 10,57/saca de 50 quilos; os da farinha fina, entre R\$ 13,51 e R\$ 13,98/saca de 50 quilos, enquanto os da raiz de mandioca, negociados no período de abril a junho, atingiram entre R\$ 49,93 e R\$ 52,85/t. No Alto Vale do Itajaí, por outro lado, as agroindústrias da região mantêm os preços nos mesmos patamares do início da safra (15 de abril), pagando entre R\$ 50.00 e R\$ 60.00/t.

As tabelas 8, 9, 10, 11 e 12 e o gráfico 1 mostram o comportamento dos preços ao produtor da raiz, da farinha (grossa e fina) e da fécula nas regiões Sul Catarinense e Alto Vale do Itajaí, no período de janeiro de 1997 a junho de 2002, enquanto os gráficos 2 e 3 enfocam a evolução dos preços mensais da farinha grossa e fina de janeiro de 2000 a junho de 2002.

TABELA 8/I – RAIZ – SUL CATARINENSE - PREÇOS MENSAIS RECEBIDOS PELO PRODUTOR –

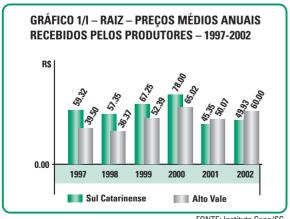
| 1997-2002 | | | | | | (R\$/t) |
|-----------|-------|-------|-------|--------|-------|---------|
| MÊS | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 |
| Março | 70,00 | - | 71,18 | 100,00 | - | - |
| Abril | 63,57 | 50,00 | 75,00 | 100,00 | 45,00 | 49,78 |
| Maio | 57,14 | 50,00 | 75,00 | 79,09 | 42,00 | 50,00 |
| Junho | 50,95 | 56,00 | 64,00 | 60,00 | 46,25 | 50,00 |
| Julho | 54,13 | 60,00 | 55,00 | 60,00 | 43,86 | - |
| Agosto | 57,81 | 63,10 | 63,33 | 68,89 | 42,17 | - |
| Setembro | 61,67 | 65,00 | - | - | 52,81 | - |

FONTE: Instituto Cepa/SC.

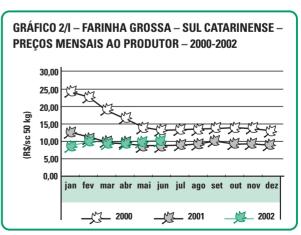
TABELA 9/I - RAIZ - ALTO VALE - PRECOS MENSAIS RECEBIDOS PELO PRODUTOR -

| 1997-2002 | | | | | | (R\$/1 |
|-----------|-------|-------|-------|-------|-------|--------|
| MÊS | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 |
| Abril | 40,00 | 35,80 | 50,00 | - | - | - |
| Maio | 40,00 | 36,75 | 51,05 | 65,11 | 53,36 | 60,00 |
| Junho | 42,29 | 35,00 | 52,00 | 65,00 | 53,00 | 60,00 |
| Julho | 41,19 | 36,65 | 53,18 | 65,00 | 48,00 | - |
| Agosto | 35,00 | 37,00 | 55,71 | 65,00 | 48,00 | - |
| Setembro | 38,53 | 37,00 | - | 65,00 | 48,00 | - |

FONTE: Instituto Cepa/SC.



FONTE: Instituto Cepa/SC.



FONTE: Instituto Cepa/SC



TABELA 10/I – FARINHA GROSSA – SUL CATARINENSE – PREÇOS MENSAIS AO PRODUTOR – 1997-2002 (R\$/sc 50 kg)

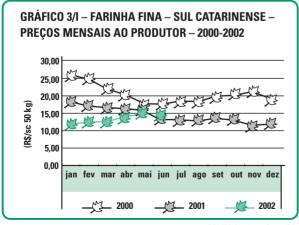
MÊS 1997 1998 1999 2000 2001 2002 Janeiro 10,00 11,70 12,47 24,00 12,50 9,00 Fevereiro 10,04 11,62 14,37 22,94 10,68 9,83 Março 10,00 10,76 10,57 16,00 18,90 9,62 Abril 10,25 9,00 10,00 10,67 15,11 16,72 Maio 10,36 10,08 14,57 13,95 8,40 10,00 10,50 Junho 10,43 11,70 12,00 12,90 8,63 Julho 10,15 11,50 13,20 9,16 11,83 Agosto 10,00 12,00 12,14 13,58 9,15 Setembro 11,81 13,32 14,00 10,24 10,18 Outubro 11,50 15,00 14,00 9,39 11,46 Novembro 9,00 12,00 11,50 18,42 14,00 Dezembro 12,00 11,50 21,35 13,16 9,00

FONTE: Instituto Cepa/SC.

TABELA 11/I – FARINHA FINA – SUL CATARINENSE - PREÇOS MENSAIS AO PRODUTOR – 1997-2002 (R\$/sc 50kg)

| | | | | | | (, 00 00.1g) |
|-----------|-------|-------|-------|-------|-------|--------------------------|
| MÊS | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 |
| Janeiro | - | 16,40 | 15,93 | 25,57 | 18,00 | 12,00 |
| Fevereiro | - | 16,00 | 16,84 | 24,53 | 16,73 | 12,42 |
| Março | - | 13,90 | 20,00 | 21,60 | 16,00 | 12,50 |
| Abril | - | 13,50 | 18,68 | 20,06 | 16,00 | 14,10 |
| Maio | - | 12,00 | 18,00 | 17,36 | 15,40 | 15,00 |
| Junho | - | 14,00 | 16,20 | 17,24 | 13,06 | 15,00 |
| Julho | - | 14,39 | 16,00 | 18,00 | 12,73 | - |
| Agosto | 16,00 | 15,00 | 16,29 | 18,17 | 12,70 | - |
| Setembro | 16,55 | 15,00 | 16,63 | 19,45 | 13,37 | - |
| Outubro | 18,96 | 15,00 | 18,64 | 20,14 | 12,95 | - |
| Novembro | 18,00 | 15,00 | 21,37 | 21,00 | 11,17 | - |
| Dezembro | 18,00 | 15,00 | 24,06 | 18,63 | 11,80 | - |

FONTE: Instituto Cepa/SC.



FONTE: Instituto Cepa/SC.

TABELA 12/I – FÉCULA – ALTO VALE – PREÇOS MENSAIS NA INDÚSTRIA – 1997-2002 (R\$/ka)

| INDUSTRIA - | 1337 200 | _ | | | | (Hø/Kg/ |
|-------------|----------|------|------|------|------|---------|
| MÊS | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 |
| Janeiro | 0,42 | 0,37 | 0,40 | 0,75 | 0,53 | 0,44 |
| Fevereiro | 0,42 | 0,36 | 0,41 | 0,75 | 0,53 | 0,44 |
| Março | 0,40 | 0,35 | 0,45 | 0,77 | 0,49 | 0,44 |
| Abril | 0,38 | 0,33 | 0,46 | 0,71 | 0,48 | 0,44 |
| Maio | 0,38 | 0,33 | 0,55 | 0,60 | 0,46 | 0,44 |
| Junho | 0,34 | 0,33 | 0,54 | 0,53 | 0,35 | 0,44 |
| Julho | 0,29 | 0,33 | 0,51 | 0,48 | 0,34 | - |
| Agosto | 0,28 | 0,33 | 0,47 | 0,53 | 0,34 | - |
| Setembro | 0,34 | 0,33 | 0,47 | 0,58 | 0,34 | - |
| Outubro | 0,37 | 0,33 | 0,48 | 0,56 | 0,35 | - |
| Novembro | 0,40 | 0,32 | 0,58 | 0,54 | 0,38 | - |
| Dezembro | 0,40 | 0,32 | 0,73 | 0,53 | 0,43 | - |

FONTE: Instituto Cepa/SC.



Perspectivas

As perspectivas para o setor mandioqueiro nacional são de que, até o final do ano, o produtor continuará convivendo com as poucas opções de venda, principalmente para as farinhas. As agroindústrias paranaenses, que concentram as maiores produções nacionais, continuarão operando abaixo da capacidade instalada.

Para o segmento da fécula, entretanto, o mercado apresenta-se relativamente favorável, propiciando novos investimentos.

Haverá um aumento gradativo da oferta de derivados da mandioca no terceiro trimestre deste ano nos principais centros produtores do País. A exemplo do que ocorreu no ano passado, continuará havendo uma forte pressão, para baixo, nos preços dos produtos catarinenses.

Embora seja ainda cedo para fazer qual-

quer prognóstico, daqui para frente, dependendo do comportamento do mercado, começará a delinear-se entre os diversos segmentos do setor a intenção de plantio referente à safra nacional 02/03 (se manterá, diminuirá ou aumentará a área plantada).

Em Santa Catarina, o preparo do solo se inicia em meados do mês de agosto e os serviços de plantio se estenderão até o mês de outubro. Uma coisa é certa: independentemente de quaisquer variáveis de mercado (preço, demanda, etc.), permanecerá na atividade o agricultor tradicional, seja por opção, seja por falta de alternativa.

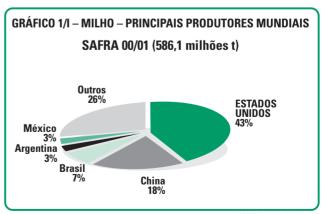
Da mesma forma que no ano passado, aumentará sensivelmente a área remanescente da lavoura para colheita (de dois ciclos) na próxima safra na região Sul Catarinense.

Luiz Marcelino Vieira

MILHO

Panorama Internacional

A produção mundial de milho da safra 00/01 situou-se em 586,1 milhões de toneladas, patamar 3,4% menor que o da safra 99/00 (606,7 milhões). Este decréscimo só não foi maior porque o forte recuo da produção chinesa (de 128,1 milhões para 106,0 milhões de toneladas) foi compensado pela recuperação da produção norte-americana e pela boa safra do Brasil. A participação dos países mais importantes no contexto da produção mundial pode ser vista no gráfico 1.



FONTE: Usda (maio/02).

Para 01/02, as projeções do Usda (jun/02) apontam para uma produção 586,91 milhões de toneladas, ou seja, para um volume pouco superior ao da safra anterior.

O patamar relativamente modesto das duas últimas safras, com produções inferiores ao montante do consumo global, provocou um gradativo e acentuado decréscimo dos estoques mundiais de milho. Estes, que já haviam caído de 171,1 milhões de toneladas na temporada 99/00 para 151,5 milhões na temporada 00/01, deverão recuar para algo próximo de 122,5 milhões ao final da temporada 01/02 e apresentam tendência de queda também para a nova temporada comercial que se iniciará em setembro (Tabela 1).

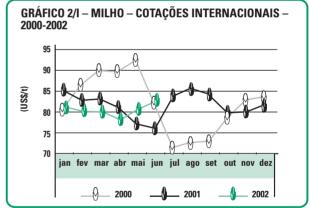
Os estoques norte-americanos, que, em razão da boa safra 00/01, haviam apresentado leve melhora, também apresentam tendência de declínio.

O mercado internacional, após ter iniciado 2001 bastante firme, acusou gradativo processo de enfraquecimento até meados do ano. A perspectiva de que o suprimento mundial permaneceria bastante folgado e a rejeição sofrida pelo milho Starlink (sinalizando redução das exportações norte-americanas) foram as causas principais deste comportamento. Em Chicago, os contratos da

primeira posição, que em janeiro, em termos médios, situaram-se em US\$ 85,20/t, caíram para U\$ 75,80/t em junho.

Entre julho e agosto, com as notícias de que o clima reduziria o potencial da safra dos Estados Unidos e da China, as cotações reagiram bem, atingindo em agosto os mais altos patamares do ano (média de US\$ 85,40/t).

A partir de setembro, com a consolidação da safra norte-americana num patamar um pouco superior ao esperado pelo mercado e com a leve melhora das estimativas do Usda na projeção dos estoques mundiais, os preços perderam um certo fôlego e em novembro recuaram para a média de US\$ 80,00/t, o menor nível do segundo semestre (Gráfico 2).



FONTE: Bolsa de Chicago

TABELA 1/I – MILHO – OFERTA/DEMANDA MUNDIAL E NORTE-AMERICANA – SAFRAS 00/01-02/03

(milhões t)

| DISCRIMINAÇÃO | | MUNDIAL | | | ESTADOS UNIDOS | | | | |
|-------------------|--------|---------|--------|--------|----------------|--------|--|--|--|
| | 00/ 01 | 01/02 | 02/03 | 00/01 | 01/02 | 02/03 | | | |
| Estoque inicial | 171,11 | 151,49 | 122,53 | 43,63 | 48,24 | 41,17 | | | |
| Produção | 586,08 | 586,91 | 606,50 | 251,85 | 241,48 | 245,12 | | | |
| Consumo doméstico | 605,71 | 615,87 | 626,37 | 198,26 | 199,91 | 200,92 | | | |
| Exportação | 77,25 | 70,15 | 72,55 | 49,16 | 48,90 | 52,71 | | | |
| Estoque final | 151,49 | 122,53 | 102,66 | 48,24 | 41,17 | 33,05 | | | |

FONTE: Usda (jun/02).

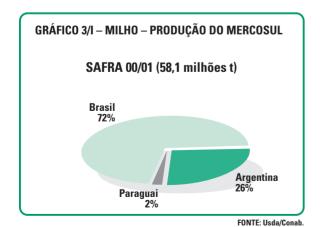


Entretanto, a perspectiva de um suprimento bem mais ajustado e a constatação de que a Argentina e a China disporão de um menor volume de milho para a exportação proporcionaram não só melhor sustentação ao mercado nas últimas semanas do ano, como também tendem a favorecer os precos nos primeiros meses do ano vindouro.

Panorama do Mercosul

Na safra 00/01, a produção de milho do Mercosul situou-se em 58.1 milhões de toneladas, apresentando um crescimento de 16,2% em relação à anterior (50 milhões). O recuo da produção da Argentina (de 17,2 milhões para 15,4 milhões de toneladas) foi compensada com sobra pelo incremento da produção brasileira, que avançou de 31,64 milhões para 41,54 milhões de toneladas.

Para a safra 01/02, as últimas projeções apontavam para uma produção regional em torno de 50 milhões de toneladas. O forte recuo decorre da diminuição da produção da Argentina para apenas 13 milhões de toneladas e a do Brasil, para apenas 36 milhões de toneladas. A participação dos países na produção do Mercosul pode ser visualizada no gráfico 3.



Ainda no que se refere à Argentina, o continuado declínio da produção está se refletindo em gradativa diminuição do volume das exportações. As vendas para o mercado internacional, que em 1999 atingiram quase 12 milhões de toneladas, caíram para 9,7 milhões em 2001 e para 6.5 milhões de toneladas neste ano. Para o ano vindouro, como a tendência é de nova queda da produção, os excedentes exportáveis deverão sofrer nova redução (Tabela 2)

TABELA 2/I – OFERTA/DEMANDA DA ARGENTINA – SAFRAS 00/01-02/03

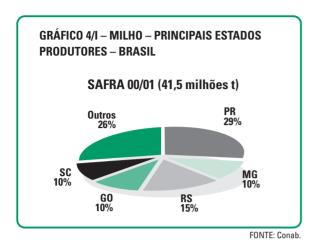
| DISCRIMINAÇÃO | SAFRAS | | | | | | |
|-------------------|--------|-------|-------|--|--|--|--|
| DISCHIMINAÇAU | 00/ 01 | 01/02 | 02/03 | | | | |
| Estoque inicial | 0,49 | 0,64 | 0,60 | | | | |
| Produção | 15,40 | 13,00 | 11,00 | | | | |
| Consumo doméstico | 5,60 | 4,55 | 4,60 | | | | |
| Exportação | 9,68 | 8,50 | 6,50 | | | | |
| Estoque final | 0,64 | 0,60 | 0,52 | | | | |

FONTE: Usda (majo/02)

Panorama brasileiro

A produção brasileira de milho na safra 00/01 situou-se em 41,5 milhões de toneladas. Este volume representou um avanço de 31,3% em relação aos 31,6 milhões de toneladas colhidos na anterior. Tal resultado se deveu ao aumento da área semeada e à excelente produtividade registrada na primeira safra do Centro-Sul, afora a boa performance da safrinha, cuja produção alcançou 6,3 milhões de toneladas. O Paraná, com 29% do total, permaneceu como o principal produtor, seguido, em importância, pelo Rio Grande do Sul, Goiás, Minas Gerais e Santa Catarina (Gráfico 4).





Em razão desta grande produção, a perspectiva inicial era de um suprimento nacional muito folgado, fato que pressionou negativamente o mercado nos primeiros meses do ano. Todavia, as medidas do governo de apoio à comercialização e, principalmente, o grande volume das exportações (próximo de 6,0 milhões de toneladas), ao promoverem um forte enxugamento da oferta, reduziram substancialmente os excedentes. Os estoques de passagem, segundo a Conab, situaram-se em 3,47 milhões de toneladas, patamar levemente inferior ao da temporada anterior (Tabela 3).

Este estreitamento dos estoques não só abriu espaço para a recomposição gradativa dos preços no transcorrer do segundo semestre, como manteve o mercado firme também no início de 2002.

TABELA 3/I - MILHO - OFERTA/DEMANDA - BRASIL - SAFRAS 98/99-01/02 (mil t)

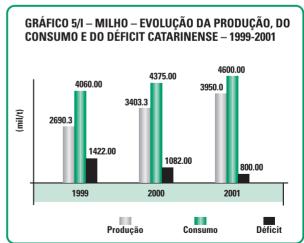
| OAI 11AO 30/33 01/02 | | | | | | | | | |
|----------------------|----------|----------|----------|----------|--|--|--|--|--|
| DISCRIMINAÇÃO | SAFRAS | | | | | | | | |
| Diodiminari grio | 98/99 | 99/00 | 00/ 01 | 01/02 | | | | | |
| Estoque inicial | 6.494,2 | 4.676,9 | 3.534,8 | 3.464,9 | | | | | |
| Produção | 32.393,4 | 31.640,9 | 41.535,2 | 36.015,7 | | | | | |
| Importação | 796,9 | 1.759,2 | 548,1 | 600,0 | | | | | |
| Consumo | 35.000,0 | 34.480,0 | 36.235,5 | 36.000,0 | | | | | |
| Exportação | 7,7 | 62,1 | 5.917,8 | 1.500,0 | | | | | |
| Estoque final | 4.676,9 | 3.534,8 | 3.464,9 | 2.580,6 | | | | | |

FONTE: Conab (maio/02).

Panorama catarinense

A safra catarinense apresentou excelente desempenho. O aumento de 8,5% na área plantada, o clima favorável e o melhor uso de tecnologia possibilitaram um incremento de 16% em relação à já boa produção obtida em 99/00. O incremento do plantio decorreu tanto do bom desempenho da comercialização em 2000, quanto do incentivo proporcionado pelo Programa de Auto-Suficiência de Milho, com destaque para a distribuição de sementes e de calcário. Por outro lado, o bom desempenho do clima e o maior uso de insumos permitiram que o rendimento médio das lavouras atingisse 4.404 kg/ha, ou seja, apresentasse um incremento de quase 7% em relação ao obtido na safra 99/00 (4.120 kg/ha).

O crescimento da produção repercutiu favoravelmente sobre o quadro da oferta/demanda catarinense. Apesar do continuado avanço do consumo, o déficit estadual, que já havia caído de 1,42 milhão de toneladas em 99 para 1,04 milhão em 2.000, recuou para pouco menos de 800 mil toneladas em 2001 (Gráfico 5).



FONTE: Instituto Cepa/SC



A perspectiva inicial de um suprimento nacional muito folgado pressionou negativamente os preços durante o período da colheita também em Santa Catarina. Todavia, à medida que as exportações foram se expandindo e se estendendo pelo segundo semestre, o mercado começou a sentir que os excedentes não seriam os inicialmente previstos, fato que provocou gradativa elevação dos preços em todo o Centro-Sul do País, com reflexos positivos também em Santa Catarina.

Os preços recebidos pelos produtores de Chapecó, que no período da colheita oscilaram numa faixa entre R\$ 7,70 e R\$ 8,40/sc (contra R\$ 10,80/11,00/sc no mesmo período de 2000), ganharam força a partir da segunda metade do ano, evoluindo para R\$ 9,30/sc em julho e para R\$ 12,00 no início de dezembro, caindo levemente na segunda semana do mês.

Perspectivas para 2002

O mau desempenho da comercialização do cereal no primeiro semestre de 2001 (acarretado, justamente, pelo grande volume da produção) e os bons preços alcançados pela soja no último quadrimestre do ano passado provocaram grande desestímulo ao plantio da primeira safra nacional de milho, cuja área caiu 10,5% em relação aos 10,55 milhões de hectares semeados no ano anterior.

Como consequência da diminuição do plantio e das perdas provocadas pelas estiagens no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, a produção da primeira safra nacional foi avaliada pela Conab (mai/02) em apenas 29,67 milhões de toneladas, o que representa um recuo de 15,8% em comparação aos 35,2 milhões colhidos na primeira safra do ano passado.

O plantio da safrinha, estimulado pela recuperação dos preços a partir do segundo semestre do ano passado, apresentou um incremento de área da ordem de 18%, alcançando 2,87 milhões de hectares.

Todavia, a escassez de chuvas e as altas temperaturas registradas na maioria das regiões produtoras acarretaram severos prejuízos à segunda safra brasileira de milho. Em razão disso, a produção está projetada em apenas 6,34 milhões de toneladas, volume que representa um declínio de pouco mais de 22% em relação ao estimado em fevereiro (8,1 milhões).

Por isso, o total da produção nacional deverá somar 36,02 milhões de toneladas, ou seja, um montante 13,3% inferior ao recorde de 41,54 milhões colhidos em 00/01.

Em razão do declínio da produção nacional, do crescimento do consumo e da continuidade das exportações, embora em volume significativamente menor, o suprimento nacional deverá mostrar-se bastante apertado em 2002.

A safra catarinense 01/02, a exemplo da nacional, também apresentou um desempenho sofrível. A queda da produção para apenas 3,15 milhões de toneladas (22,1% a menos que na anterior) foi provocada pela diminuição de 6,9% na área semeada (decorrência dos baixos preços do cereal no primeiro semestre de 2001 e das boas perspectivas que se desenhavam para os preços da soja) e pelas estiagens que causaram significativos prejuízos à cultura, especialmente na mesorregião oeste.

Como consequência da menor produção e do aumento do consumo, o déficit estadual de milho, que havia declinado para apenas 800 mil em 2001, voltará a crescer e deverá, em 2002, situar-se numa faixa próximo de 1,6 milhão de toneladas (Tabela 4).

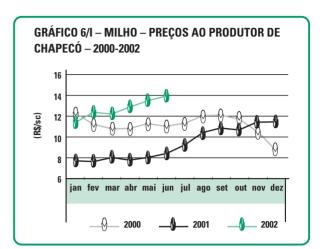


TABELA 4/I – MILHO – OFERTA/DEMANDA – SANTA CATARINA –
1999-2002 (mil t

| 1333-2002 | | | | (IIIII L) | | | | | |
|-------------------------|---------|---------|---------|-----------|--|--|--|--|--|
| DISCRIMINAÇÃO | ANOS | | | | | | | | |
| DiodiliwiiitAQAO | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | | | | | |
| I - CONSUMO | 4.056,0 | 4.374,6 | 4.591,1 | 4.749,8 | | | | | |
| 1 - Humano | 85,0 | 85,0 | 85,0 | 85,0 | | | | | |
| 2 - Animal | 3.917,8 | 4.235,7 | 4.452,1 | 4.610,8 | | | | | |
| • Suínos | 1.928,6 | 1.992,0 | 2.062,6 | 2.116,3 | | | | | |
| • Aves | 1.851,6 | 2.123,7 | 2.269,5 | 2.388,0 | | | | | |
| • Outros | 120,00 | 120,0 | 120,0 | 106,5 | | | | | |
| 3 - Indústrias/outros | 54,0 | 54,0 | 54,0 | 54,0 | | | | | |
| II - PERDAS | 135,0 | 162,0 | 195,0 | 100,0 | | | | | |
| III - NECESSIDADE TOTAL | 4.191,8 | 4.536,7 | 4.786,1 | 4.849,8 | | | | | |
| IV - PRODUÇÃO(1) | 2.770,0 | 3.455,0 | 4.000,0 | 3.250,0 | | | | | |
| V - DÉFICIT | 1.421,8 | 1.081,7 | 786,1 | 1.599,8 | | | | | |

FONTE: Estimativas do Instituto Cepa/SC (maio/02).

⁽¹⁾ Produção de milho, mais outros produtos.



FONTE: Instituto Cepa/SC.

Embora o crescimento do déficit estadual prejudique a atividade suinícola e a avícola, para os produtores de milho, ressalvados aqueles que perderam parcela significativa da produção, as perspectivas são boas, pois o mercado tende a permanecer firme.

A comercialização do cereal, no primeiro semestre de 2002, apresentou um desempenho expressivamente melhor que em 2001. Em junho, os preços ofertados aos produtores de Chapecó oscilaram na faixa dos R\$ 14,00/sc, valor que representou um incremento de quase 67% em relação aos de junho de 2001 e de 27,3% em comparação aos do mesmo mês de 2000 (Gráfico 6). Este comportamento, por sua vez, faz prever que na safra 02/03 o plantio de milho deverá voltar a crescer.

TABELA 5/I - MILHO - ÁREA COLHIDA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO MUNDIAL - SAFRAS 99/00-01/02

| NÍVEL | ÁREA CO | ÁREA COLHIDA (milhões de ha) | | | PRODUÇÃO (milhões de t) | | | RENDIMENTO (kg/ha) | | |
|---------------|---------|------------------------------|--------|--------|-------------------------|--------|--------|--------------------|-------|--|
| GEOGRÁFICO | 99/00 | 00/01 | 01/02 | 99/00 | 00/01 | 01/02 | 99/00 | 00/01 | 01/02 | |
| MUNDO | 139,87 | 136,36 | 135,95 | 606,72 | 586,09 | 586,91 | 4.360 | 4.300 | 4.320 | |
| E. Unidos | 28,53 | 29,32 | 27,85 | 239,55 | 251,85 | 241,49 | 8.400 | 8.590 | 8.670 | |
| China | 25,90 | 23,06 | 23,50 | 128,09 | 106,00 | 110,00 | 4.940 | 4600 | 4.680 | |
| Brasil | 12,49 | 12,97 | 12,00 | 31,64 | 41,54 | 35,00 | 2.530 | 3.200 | 2.920 | |
| Argentina | 3,10 | 2,82 | 2,25 | 17,20 | 15,40 | 13,00 | 5.550 | 5.460 | 5.780 | |
| México | 7,26 | 7,15 | 7,78 | 19,24 | 17,92 | 19,60 | 2.650 | 2.510 | 2.520 | |
| França | 1,76 | 1,80 | 1,89 | 15,64 | 16,23 | 16,10 | 8.890 | 9.040 | 8.520 | |
| Índia | 6,43 | 6,56 | 6,40 | 11,47 | 12,07 | 11,50 | 1.780 | 1.840 | 1.800 | |
| Itália | 1,03 | 1,06 | 1,10 | 10,06 | 10,14 | 10,37 | 10.060 | 9.530 | 9.440 | |
| África do Sul | 3,81 | 3,23 | 3,36 | 10,56 | 7,50 | 8,80 | 2.770 | 2.330 | 2.620 | |
| Canadá | 1,14 | 1,09 | 1,23 | 9,16 | 6,83 | 8,20 | 9.160 | 6.270 | 6.670 | |
| Outros | 48,42 | 46,30 | 48,59 | 114,11 | 100,61 | 112.85 | 2.357 | 2.173 | 2.322 | |

FONTE: Usda (Jun/02).



TABELA 6/I – MILHO – ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO POR ESTADO – BRASIL – SAFRAS – 99/00-01/02

| ESTADO | ÁREA P | LANTADA (| 1000 ha) | PRODUÇÃO (1000 t) | | | RENDIMENTO (kg/ha) | | |
|--------------------|----------|-----------|----------|-------------------|----------|----------|--------------------|-------|-------|
| ESTADO | 99/00 | 00/01 | 01/02 | 99/00 | 00/01 | 01/02 | 99/00 | 00/01 | 01/02 |
| Rondônia | 128,2 | 125,0 | 106,3 | 2224,4 | 193,8 | 175,4 | 1.750 | 1.550 | 1.650 |
| Acre | 34,9 | 30,0 | 30, 0 | 52,4 | 45,6 | 45,6 | 1.500 | 1.520 | 1.520 |
| Amazonas | 11,8 | 10,5 | 10,5 | 17,3 | 15,8 | 15,8 | 1.466 | 1.500 | 1.500 |
| Roraima | 15,0 | 11,0 | 11,0 | 19,5 | 16,5 | 16,5 | 1.300 | 1.500 | 1.500 |
| Pará | 410,0 | 318,8 | 341,1 | 621,2 | 483,0 | 573,0 | 1.515 | 1.515 | 1.680 |
| Amapá | 1,2 | 1,2 | 1,2 | 1,0 | 1,0 | 1,0 | 800 | 800 | 800 |
| Tocantins | 57,5 | 61,5 | 64,0 | 115,0 | 120,5 | 125,4 | 2.000 | 1.960 | 1.960 |
| Maranhão | 320,0 | 322, 0 | 321,3 | 313,6 | 310,0 | 289,2 | 980 | 960 | 900 |
| Piauí | 283,0 | 278,0 | 300,2 | 231,2 | 144,6 | 255,2 | 817 | 520 | 850 |
| Ceará | 619,0 | 612,8 | 690,6 | 636,3 | 245,1 | 621,5 | 1.028 | 400 | 900 |
| Rio Grande Norte | 97,2 | 83,0 | 103,8 | 58,9 | 8,0 | 65,4 | 606 | 96 | 630 |
| Paraíba | 161,0 | 140,1 | 166,7 | 149,7 | 8,4 | 75,0 | 930 | 60 | 450 |
| Pernambuco | 300,0 | 270,0 | 300,0 | 139,8 | 43,2 | 135,0 | 466 | 160 | 450 |
| Alagoas | 66,0 | 77,9 | 81,8 | 22,4 | 155,8 | 163,6 | 340 | 2.000 | 2.000 |
| Sergipe | 87,0 | 90,0 | 99,0 | 95,7 | 99,0 | 108,9 | 1.100 | 1.100 | 1.100 |
| Bahia | 654,2 | 705,5 | 673,3 | 1.306,2 | 1.013,1 | 993,8 | 1.997 | 1.436 | 1.476 |
| Minas Gerais | 1.272,4 | 1.246,4 | 1.191,7 | 4.138,7 | 4.020,1 | 4.635,9 | 3.253 | 3.225 | 3.890 |
| Espírito Santo | 46,4 | 46,9 | 50,2 | 111,1 | 129,0 | 138,1 | 2.395 | 2.750 | 2.750 |
| Rio de Janeiro | 16,4 | 14,4 | 11,8 | 32,3 | 28,1 | 26,9 | 1.970 | 1.950 | 2.280 |
| São Paulo | 1.159,3 | 1.246,4 | 1.171,4 | 2.909.1 | 4.110,3 | 4.105,9 | 2.509 | 3.298 | 3.505 |
| Paraná | 2.668,3 | 2.796,9 | 2.492,5 | 7.037,7 | 12.282,3 | 9.583,5 | 2.638 | 4.391 | 3.844 |
| Santa Catarina | 824,6 | 893,0 | 839,4 | 3.257,2 | 3.947,1 | 3.147,8 | 3.950 | 4.420 | 3.750 |
| Rio Grande do Sul | 1.540,0 | 1.663,2 | 1.413,7 | 3.766,8 | 6.070,7 | 3.930,1 | 2.446 | 3.650 | 2.780 |
| Mato Grosso do Sul | 513,8 | 545,9 | 481,2 | 1.193,6 | 2.054,3 | 1.270,8 | 2.323 | 3.763 | 4.269 |
| Mato Grosso | 557,5 | 542,9 | 718,3 | 1.467,2 | 1.827,9 | 2.159,6 | 2.632 | 3.367 | 3.007 |
| Goiás | 871,8 | 906,1 | 728,8 | 3.571,8 | 4.026,5 | 3.217,1 | 4.097 | 4.444 | 4.414 |
| Distrito Federal | 32,5 | 33,7 | 31,4 | 150,4 | 130,0 | 132.2 | 4.628 | 3.858 | 4.210 |
| BRASIL | 12.749,0 | 12.971,9 | 12.430,9 | 31.640,5 | 41.535,2 | 36.015,7 | 2.482 | 3.202 | 2.897 |

FONTE: Conab (maio/02).

TABELA 7/I – MILHO – ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO POR MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA – SANTA CATARINA – SAFRAS – 99/00-01/02

| MICRORREGIÃO | ÁREA PLANTADA (ha) | | | PRODUÇÃO (t) | | | RENDIMENTO (kg/ha) | | |
|------------------|--------------------|---------|-----------|--------------|-----------|-----------|--------------------|-------|-----------|
| GEOGRÁFICA | 99/00 | 00/01 | 01/02 (1) | 99/00 | 00/01 | 01/02 (1) | 99/00 | 00/01 | 01/02 (1) |
| São M. do Oeste | 119.100 | 126.700 | 124.140 | 439.331 | 500.688 | 305.200 | 3.688 | 3.952 | 2.457 |
| Chapecó | 193.690 | 217.120 | 201.430 | 773.611 | 904.805 | 690.000 | 3.994 | 4.167 | 3.426 |
| Xanxerê | 82.850 | 96.100 | 79.650 | 403.298 | 512.810 | 383.000 | 4.867 | 5.336 | 4.809 |
| Joaçaba | 82.430 | 86.130 | 85.930 | 358.415 | 395.506 | 274.980 | 4.348 | 4.592 | 3.200 |
| Concórdia | 79.060 | 78.810 | 78.330 | 285.871 | 323.116 | 242.820 | 3.615 | 4.100 | 3.100 |
| Canoinhas | 70.700 | 80.900 | 72.900 | 384.300 | 458.796 | 455.340 | 5.435 | 5.671 | 6.246 |
| São Bento do Sul | 7.800 | 7.840 | 7.940 | 34.020 | 36.588 | 45.676 | 4.361 | 4.667 | 5.753 |
| Joinville | 1.638 | 1.581 | 1.484 | 6.279 | 5.577 | 5.283 | 3.833 | 3.528 | 3.560 |
| Curitibanos | 49.170 | 56.980 | 50.300 | 235.081 | 292.449 | 259.982 | 4.780 | 5.132 | 5.169 |
| Campos de Lages | 44.440 | 46.740 | 45.290 | 131.570 | 143.295 | 132.892 | 2.960 | 3.066 | 2.934 |
| Rio do Sul | 29.105 | 29.090 | 27.085 | 110.601 | 120.174 | 111.939 | 3.800 | 4.131 | 4.133 |
| Blumenau | 6.707 | 6.770 | 5.373 | 18.877 | 19.642 | 15.912 | 2.815 | 2.901 | 2.961 |
| Itajaí | 470 | 348 | 60 | 1.253 | 888 | 149 | 2.665 | 2.552 | 2.483 |
| Ituporanga | 17.750 | 18.700 | 17.200 | 80.850 | 84.564 | 76.280 | 4.554 | 4.522 | 4.435 |
| Tijucas | 4.520 | 4.910 | 3.690 | 15.141 | 16.606 | 13.592 | 3.350 | 3.382 | 3.683 |
| Florianópolis | 1.385 | 1.437 | 1.535 | 4.599 | 4.798 | 5.139 | 3.320 | 3333 | 3.348 |
| Tabuleiro | 5.600 | 5.600 | 5.580 | 18.010 | 19.620 | 22.984 | 3.216 | 3.504 | 4.119 |
| Tubarão | 11.595 | 11.796 | 11.630 | 41.452 | 43.895 | 44.970 | 3.575 | 3.721 | 3.867 |
| Criciúma | 8.300 | 9.280 | 8.382 | 32.076 | 35.793 | 36.900 | 3864 | 3.857 | 4.402 |
| Araranguá | 9.700 | 9.280 | 6.480 | 28.630 | 27.269 | 18.796 | 2.952 | 2.983 | 2.900 |
| SANTA CATARINA | 826.010 | 896.112 | 834.409 | 3.403.265 | 3.946.870 | 3.141.789 | 4.120 | 4.404 | 3.765 |

FONTE: IBGE.

(1) Estimativa do Instituto Cepa/SC.

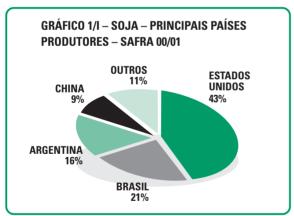
Simão Brugnago Neto



SOJA

Panorama mundial

produção mundial de soja da safra 00/01 situou-se em 175,10 milhões de toneladas, patamar 9,5% maior que o da safra 99/00 (159,90 milhões). O aumento da produção dos Estados Unidos para 75,1 milhões de toneladas (72,2 milhões na anterior), a da China, de 14,3 milhões para 15,4 milhões, a do Brasil, de 32,3 milhões para 37,2 milhões e a da Argentina de 21,2 milhões para 27,8 milhões de toneladas foram responsáveis pelo incremento. A participação percentual destes países na produção mundial pode ser visualizada no gráfico 1.



FONTE: Usda, Conab

Para a safra 01/02, as projeções do Usda (jun/02) apontam uma produção mundial de 183,8 milhões de toneladas, patamar 5,0% maior que o da anterior.

Em razão do aumento da produção, mesmo com o crescimento do consumo em cerca de 7,7%, os estoques mundiais evoluíram de 26,9 milhões para 29,1 milhões de toneladas ao final da temporada 00/01 (Tabela 1). Os estoques norte-americanos, todavia, recuaram de 7,9 milhões para 6,74 milhões de toneladas devido ao incremento do consumo doméstico e ao fato de as exportações haverem superado o aumento da produção

As cotações internacionais, que haviam terminado 2000 na faixa dos US\$ 186,00/t, iniciaram 2001 em gradativo recuo, chegando ao ponto mais baixo do ano em abril, quando atingiram, em termos médios, US\$ 158,60/t. Este movimento deveu-se, inicialmente, ao fato de a safra sul-americana ter apresentado boa evolução e alcançado uma grande produção, e, posteriormente, às projeções de novo incremento de plantio nos Estados Unidos.

Todavia, na medida em que as condições climáticas não se mostravam favoráveis para o desenvolvimento da nova safra dos Estados

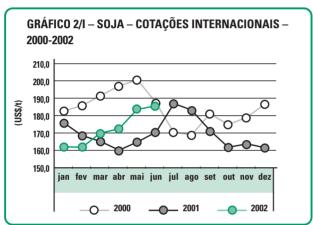
TABELA 1/I – SOJA-GRÃO – OFERTA/DEMANDA MUNDIAL E NORTE-AMERICANA – SAFRAS 99/00-01/02 (milhões de t)

| DISCRIMINAÇÃO | | MUNDIAL | | NOR. | TE-AMERICA | NA)) |
|-------------------|--------|---------|--------|-------|------------|-------|
| Diodilimitropio | 99/00 | 00/ 01 | 01/02 | 99/00 | 00/01 | 01/02 |
| Estoque inicial | 26,55 | 26,97 | 29,34 | 9,48 | 7,90 | 6,74 |
| Produção | 159,90 | 175,10 | 183,84 | 72,22 | 75,06 | 78,67 |
| Moagem | 136,23 | 147,67 | 157,81 | 42,94 | 44,65 | 46,13 |
| Exportação | 46,68 | 55,17 | 57,49 | 26,54 | 27,21 | 28,17 |
| Consumo doméstico | 160,77 | 172,83 | 184,28 | 47,39 | 49,10 | 50,80 |
| Estoque final | 26,97 | 29,34 | 29,43 | 7,90 | 6,74 | 6,52 |

FONTE: Usda (jun/02)



Unidos, o mercado voltou a subir, tendência que se estendeu até agosto, quando os contratos da primeira posição atingiram a média de US\$ 187,20/t. A partir daí, pressionaram negativamente o mercado tanto as indicações de que a safra norte-americana ainda se encaminhava para um novo recorde (apesar de alguns problemas), quanto o bom desenvolvimento da safra da América do Sul. As cotações caminharam em gradativo decréscimo, fechando o ano em US\$ 160,10/t (Gráfico 2).



FONTE: Bolsa Chicago

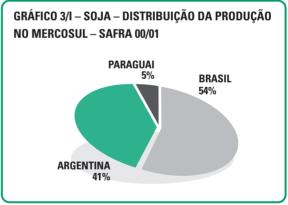
No cômputo do ano, as cotações do grão foram 8% inferiores às de 2000; as do farelo, menos 3,3%; as do óleo, 1,4%.

Após se terem mostrado praticamente estáveis nos dois primeiros meses de 2002, as cotações internacionais começaram a entrar em gradativo processo de firmeza. A recuperação deveu-se inicialmente à perspectiva de queda na área a ser semeada nos Estados Unidos e, posteriormente, à diminuição da oferta da safra da Argentina (em função da crise) e ao atraso do plantio da safra norte-americana devido ao excesso de umidade. Como consequência, os contratos da primeira posição, que em janeiro situaram-se na média de US\$ 160,70/t, evoluíram para US\$ 185,40/t em junho.

Para o segundo semestre de 2002, caso se confirmem as projeções do Usda de crescimento da demanda mundial e de queda da área cultivada nos Estados Unidos, a tendência é de as cotações internacionais se mostrarem melhores que as do mesmo período dos últimos dois anos.

Panorama do Mercosul

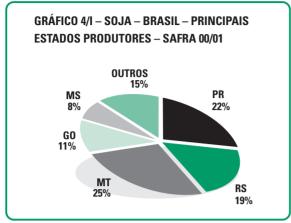
A produção do Mercosul cresceu 17,5%, evoluindo de 58.3 milhões de toneladas na safra 99/00 para 68,5 milhões na safra 00/01. O montante colhido representou quase 40% do total produzido no mundo. As participações de cada país no total da produção regional podem ser visualizadas no gráfico 3. Para a safra 01/02, os números disponíveis em junho projetavam uma produção de 76,1 milhões de toneladas, ou seja, um novo incremento de 4,5%.



FONTE: Usda.

Panorama brasileiro

A produção brasileira da safra 00/01, em razão do aumento de 1,3% na área semeada, das boas condições climáticas que se registraram na maioria das regiões produtoras e do incremento da produtividade resultante



FONTE: Conab.

do aumento do uso de tecnologia atingiu 37,22 milhões de toneladas, com crescimento de 15,1% em relação à do ano anterior.

O Mato Grosso, com uma produção de 9,2 milhões de toneladas, continuou sendo o maior produtor nacional, seguido, em ordem de importância, pelo Paraná (com 8,29 milhões), pelo Rio Grande do Sul (com 6,91 milhões), por Goiás (com 4,14 milhões) e pelo Mato Grosso do Sul (com 3.09 milhões de toneladas). A participação destes estados no contexto nacional pode ser vista no gráfico 4.

A comercialização interna foi sustentada pela desvalorização do real, fator que compensou com pequena folga o recuo das cotações internacionais, que apresentaram, na média dos primeiros seis meses de 2001, valores 12,7% inferiores aos da média do primeiro semestre de 2000. Entre julho e agosto, o fortalecimento das cotações internacionais e o novo repique do câmbio proporcionaram expressivo avanço aos preços ofertados aos produtores.

A grande produção nacional permitiu exportações de aproximadamente 15,7 milhões de toneladas de grãos, 10,3 milhões de farelo e 1,35 milhão de toneladas de óleo. O volume das vendas para o exterior, portanto,

TABELA 2/I – COMPLEXO SOJA – BRASIL – OFERTA/DEMANDA – SAFRAS 99/00-00/01 (mil t)

| DISCRIMINAÇÃO | GRÃO | | FAR | ELO | ÓL | E0 |
|-----------------|----------|----------|----------|----------|---------|---------|
| | 99/00 | 00/01 | 99/00 | 00/01 | 99/00 | 00/01 |
| Estoque inicial | 2.347,4 | 2.562,0 | 664,2 | 388,2 | 284,9 | 398,9 |
| Produção | 32.344,6 | 37.218,3 | 15.800,0 | 17.538,0 | 3.800,0 | 4.218,0 |
| Importação | 807,0 | 700,0 | 99,0 | 170,0 | 105,0 | 70,0 |
| Consumo | 21.420,0 | 23.630,0 | 6.800,0 | 7.400,0 | 2.860,0 | 2.920,0 |
| Exportação | 11.517,0 | 15.675,0 | 9.375,0 | 10.300,0 | 931,0 | 1.350,0 |
| Estoque final | 2.562,0 | 1.175,0 | 388,2 | 396,2 | 398,9 | 416,9 |

FONTE: Conab (fev/02).

somou cerca de 27.35 milhões de toneladas. contra 21,8 milhões exportados na temporada anterior, ou seja, apresentou um incremento de 25.0% no volume físico embarcado (Tabela 2).

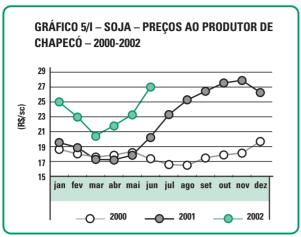
A receita cambial, embora não tenha crescido na mesma proporção em razão de as cotações internacionais terem apresentado valores inferiores aos de 2000, também superou com folga os 4,2 bilhões de dólares obtidos em 2000, tendo-se situado em 5,3 bilhões.

Panorama catarinense

No contexto nacional, Santa Catarina situou-se como o nono produtor. A safra 00/01, a despeito do decréscimo de 6,4% na área semeada, apresentou bom desempenho e situou-se em 534,3 mil toneladas, ou seja, registrou um avanço de 1,8% em relação à do ano anterior. Este comportamento também decorreu da boa produtividade, resultante do maior uso de tecnologia e do clima favorável.

Os preços recebidos pelos produtores catarinenses, que nos primeiros cinco meses de 2001 apresentaram um comportamento semelhante ao registrado em igual período do ano anterior (entre RS\$ 17,30 e R\$ 19,40/sc), apresentaram, a partir de junho, um significativo crescimento, chegando a atingir, em novembro, em termos médios, R\$ 27,90/sc (Gráfico 5).





FONTE: Instituto Cena/SC

Perspectiva para 2002

A nova safra brasileira de soja apresentou um expressivo crescimento de plantio. O último levantamento da Conab situou a área em cerca de 15,84 milhões de hectares, o que representa um aumento de 15,7% em comparação aos 13,69 milhões cultivados na safra anterior.

O incremento aconteceu em todos os estados, fruto tanto do bom comportamento dos preços da soja (especialmente no segundo semestre), quanto do mau desempenho da comercialização do milho e do algodão, culturas que cederam área para a oleaginosa.

Para a produção, a Conab, no levantamento de maio, estimou um volume de 41,1 milhões de toneladas, volume que representa um crescimento de 10,5% em relação ao colhido em 2001.

A produção só não foi maior porque a produtividade foi afetada por problemas climáticos, especialmente no extremo-sul do País. Se o clima não tivesse atrapalhado, a produção poderia ter alcançado um potencial próximo de 43 milhões de toneladas.

Em Santa Catarina, o plantio também registrou grande crescimento, passando de 198,9 mil para 244 mil hectares. Em razão disso, a perspectiva inicial era de que o estado viesse a colher algo próximo de 648 mil toneladas. Todavia, devido às estiagens dos primeiros meses do ano, a produtividade da cultura foi bastante afetada, fato que reduziu o potencial da produção para apenas 548 mil toneladas.

O resultado da safra brasileira, de qualquer forma, foi bastante bom e deverá permitir um razoável incremento no volume a ser exportado. As projeções indicam que serão vendidos ao exterior cerca de 17 milhões de toneladas de grãos, 11 milhões de farelo e 1,6 milhão de toneladas de óleo. Na temporada 00/01, como já enfatizado anteriormente, foram exportados, respectivamente, 15,7 milhões, 10,3 milhões e 1,35 mil toneladas.

As receitas cambiais também deverão apresentar expressivo avanço em relação às de 2001 (5,3 bilhões de dólares), especialmente pelo incremento do volume a ser exportado, uma vez que, em termos médios, as cotações internacionais do complexo, à exceção das do óleo (que foram mais altas), apresentaram nos cinco primeiros meses de 2002 um comportamento não muito diferente do registrado no mesmo período de 2001.

Os preços internos, por outro lado, apresentaram nos primeiros meses um comportamento melhor que o de 2001, pressupondo, apesar das estiagens (no caso de Santa Catarina), que a rentabilidade da cultura permanecerá positiva.

Simão Brugnago Neto



TABELA 3/I - SOJA - ÁREA COLHIDA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO MUNDIAL E DO MERCOSUL - SAFRAS 99/00-01/02

| NÍVEL | ÁREA CO | LHIDA (milhõ | ies de ha) | PRODU | JÇÃO (milhõe | s de t) | RENI | DIMENTO (k | g/ha) |
|----------------|---------|--------------|------------|--------|--------------|---------|-------|------------|-------|
| GEOGRÁFICO | 99/00 | 00/01 | 01/02 | 99/00 | 00/01 | 01/02 | 99/00 | 00/01 | 01/02 |
| MUND0 | 71,78 | 75,27 | 78,96 | 159,90 | 175,10 | 183,34 | 2.230 | 2.330 | 2.330 |
| Estados Unidos | 29,32 | 29,30 | 29,54 | 72,22 | 75,06 | 78,67 | 2.460 | 2.560 | 2.660 |
| Brasil | 13,60 | 13,93 | 16,35 | 34,20 | 39,00 | 43,50 | 2.510 | 2.800 | 2.660 |
| Argentina | 8,58 | 10,40 | 11,30 | 21,20 | 27,80 | 29,50 | 2.470 | 2.670 | 2.610 |
| China | 8,00 | 9,20 | 9,10 | 14,29 | 15,40 | 15,45 | 1.790 | 1.670 | 1.700 |
| Índia | 5,65 | 5,80 | 6,00 | 5,20 | 5,25 | 5,40 | 920 | 910 | 900 |
| Paraguai | 1,15 | 1,35 | 1,42 | 2,90 | 3,52 | 3,10 | 2.520 | 2.610 | 2.180 |
| Canadá | 1,00 | 1,06 | 1,03 | 2,78 | 2,70 | 1,58 | 2.770 | 2.550 | 1.530 |
| União Européia | 0,37 | 0,35 | 0,39 | 1,15 | 1,05 | 1,21 | 3.130 | 3.040 | 3.100 |
| Outros | 4,71 | 3,88 | 3,83 | 5,96 | 5,32 | 5,43 | 1.265 | 1.371 | 1.418 |
| MERCOSUL | 23,33 | 25,68 | 29,07 | 58,30 | 70,32 | 76,10 | 2.499 | 2.738 | 2.618 |
| Brasil | 13,60 | 13,93 | 16,35 | 34,20 | 39,00 | 43,50 | 2.510 | 2.800 | 2.660 |
| Argentina | 8,58 | 10,40 | 11,30 | 21,20 | 27,80 | 29,50 | 2.470 | 2.670 | 2.610 |
| Paraguai | 1,15 | 1,35 | 1,42 | 2,90 | 3,52 | 3,10 | 2.520 | 2.610 | 2.180 |

FONTE: Usda (Jun/02).

TABELA 4/I – SOJA – ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO POR ESTADO – SAFRAS 99/00-01/02

| | • | | | | | | | | |
|--------------------|----------|-----------|-----------|-----------|----------|-----------|-------|----------|-----------|
| ESTADO | ÁRE | A PLANTAD | A (ha) | | PRODUÇÃO | (t) | REI | NDIMENTO | (kg/ha) |
| LSTADO | 99/00 | 00/01 | 01/02 (1) | 99/00 | 00/01 | 01/02 (1) | 99/00 | 00/01 | 01/02 (1) |
| Tocantins | 45,6 | 47,3 | 61,5 | 110,4 | 106,4 | 141,5 | 2.420 | 2.250 | 2.300 |
| Rondônia | 11,8 | 25,0 | 28,6 | 35,4 | 76,5 | 90,1 | 3.000 | 3.060 | 3.150 |
| Pará | 2,3 | 0,7 | 2,7 | 4,9 | 1,5 | 6,3 | 2.120 | 2.100 | 2.300 |
| Maranhão | 175,8 | 187,6 | 238,3 | 439,3 | 425,9 | 464,7 | 2.500 | 2.270 | 1.950 |
| Piauí | 40,0 | 62,0 | 86,8 | 100,0 | 142,6 | 164,9 | 2.500 | 2.300 | 1.900 |
| Bahia | 635,3 | 690,6 | 800,0 | 1.524,7 | 1.450,3 | 1.464,0 | 2.400 | 2.100 | 1.830 |
| Minas Gerais | 594,4 | 642,0 | 719,0 | 1.396,8 | 1.444,5 | 1.941,3 | 2.350 | 2.250 | 2.700 |
| São Paulo | 558,5 | 513,8 | 542,6 | 1.172,9 | 1.335,9 | 1.456,9 | 2.100 | 2.600 | 2.685 |
| Paraná | 2.835,6 | 2.764,7 | 3.234,7 | 7.134,4 | 8.294,1 | 9.542,4 | 2.516 | 3.000 | 2.950 |
| Santa Catarina | 204,8 | 194,6 | 241,3 | 515,5 | 521,5 | 591,2 | 2.517 | 2.680 | 2.450 |
| Rio Grande do Sul | 3.009,1 | 2.954,9 | 3.279,9 | 4.965,0 | 6.914,5 | 5.707,0 | 1.650 | 2.340 | 1.740 |
| Mato Grosso do Sul | 1.106,6 | 1.064,5 | 1.192,2 | 2.323,9 | 3.087,1 | 3.314,3 | 2.100 | 2.900 | 2.780 |
| Mato Grosso | 2.800,0 | 2.968,0 | 3.487,4 | 8.456,0 | 9.200,8 | 10.654,0 | 3.020 | 3.100 | 3.055 |
| Goiás | 1.454,5 | 1.534,5 | 1.887,4 | 4.072,6 | 4.143,2 | 5.473,5 | 2.800 | 2.700 | 2.900 |
| Distrito Federal | 33,6 | 35,0 | 37,3 | 92,8 | 73,5 | 104,1 | 2.763 | 2.100 | 2.790 |
| BRASIL | 13.507,8 | 13.685,2 | 15.839,7 | 32. 344,6 | 37.218,3 | 41.116,2 | 2.395 | 2.720 | 2.596 |

FONTE: Conab.
(1) Estimativa maio/02.

TABELA 5/I – SOJA – ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO POR MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA – SANTA CATARINA – SAFRAS 99/00-01/02

| MICRORREGIÃO | ÁRE | A PLANTAD <i>i</i> | A (ha) | F | PRODUÇÃO (| t) | REN | IDIMENTO (| kg/ha) |
|------------------|---------|--------------------|-----------|---------|------------|-----------|-------|------------|-----------|
| GEOGRÁFICA | 99/00 | 00/01 | 01/02 (1) | 99/00 | 00/01 | 01/02 (1) | 99/00 | 00/01 | 01/02 (1) |
| São Miguel Oeste | 12.425 | 10.265 | 12.035 | 28.123 | 24.994 | 24.267 | 2.263 | 2.435 | 2.016 |
| Chapecó | 35.470 | 29.890 | 43.365 | 77.102 | 72.106 | 80.515 | 2.174 | 2.412 | 1.857 |
| Xanxerê | 77.323 | 69.890 | 85.700 | 191.204 | 190.319 | 162.208 | 2.473 | 2.723 | 1.893 |
| Joaçaba | 4.175 | 4.630 | 6.705 | 9.780 | 12.129 | 14.375 | 2.343 | 2.620 | 2.144 |
| Concórdia | 1.879 | 1.485 | 1.407 | 3.753 | 4.056 | 3.242 | 1.997 | 2.731 | 2.304 |
| Canoinhas | 48.400 | 47.800 | 54.500 | 138.720 | 139.650 | 161.580 | 2.866 | 2.922 | 2.965 |
| São Bento do Sul | 800 | 1.200 | 1.500 | 1.950 | 2.910 | 3.630 | 2.438 | 2.425 | 2.420 |
| Curitibanos | 29.340 | 30.810 | 35.006 | 67.929 | 80.595 | 88.773 | 2.315 | 2.616 | 2.536 |
| Campos Lages | 2.600 | 2.810 | 3.390 | 6.127 | 7.430 | 9.055 | 2.357 | 2.644 | 2.192 |
| Ituporanga | - | 73 | 5 | | 132 | 8 | - | 1.808 | 1.600 |
| SANTA CATARINA | 212.412 | 198.853 | 243.615 | 524.688 | 534.321 | 547.653 | 2.470 | 2.687 | 2.248 |

FONTE: IBGE.
(1) Estimativa do IBGE (Jun/01).



TOMATE

tomate é uma das mais importantes hortaliças cultivadas no mundo, sendo a segunda em volume de produção, superada apenas pela quantidade produzida de batatas.

A produção mundial em 2001 totalizou 100,3 milhões de toneladas, numa área plantada de 3.745.229 hectares, segundo relatório da FAO divulgado em maio último.

O volume obtido foi 2% menor que o produzido no ano passado, em uma área plantada que apresentou redução de apenas 0,2%. Desta forma, é de se notar que na última temporada o rendimento médio das lavouras em todo o mundo, baixou de 27.190 para 26.770 kg/ha.

A China foi o maior produtor, sendo responsável por 20% da produção, e é o país que detém a maior área plantada, cerca de 20,8%. Como destaque em produtividade média das lavouras figuram os Estados Unidos, com rendimento de 62.500 kg/ha. O Brasil foi o oitavo produtor, participando com 3% da oferta mundial. A tabela 1 apresenta a área plantada e a produ-

ção obtida de tomates no mundo e nos dez maiores países produtores, nos anos 2000 e 2001.

Na América do Sul, em todos os tempos, o Brasil deteve a hegemonia em área plantada e produção de tomates. Em 2001, foi responsável por cerca de 36,5% da área plantada e 50,6% da produção do continente. A participação do País em volume de produção foi mais que o dobro da participação chilena, que, por sua vez, produziu quase duas vezes a produção da Argentina. Esses números credenciam o Brasil como fornecedor potencial do produto in natura para os diversos mercados e, em especial, para os países do Mercosul.

O destaque em rendimento médio das lavouras fica por conta dos produtores chilenos, que produziram em 2001 a média de 59.400 kg/ha. A tabela 2 mostra a produção obtida e a área cultivada nos países da América do Sul nas safras 2000 e 2001.

A produção nacional obtida na safra 2001

TABELA 1/I – TOMATE – ÁREA PLANTADA E PRODUÇÃO NOS PRINCIPAIS PAÍSES PRODUTORES – 2000-2001

| PAÍS | ÁREA PLA | NTADA (ha) | PRODU | JÇÃO (t) |
|----------------|-----------|------------|-------------|-------------|
| 17110 | 2000 | 2001 | 2000 | 2001 |
| China | 754.353 | 779.703 | 19.324.767 | 20.135.040 |
| Estados Unidos | 169.290 | 164.000 | 11.270.000 | 10.250.000 |
| Índia | 500.000 | 500.000 | 8.500.000 | 8.500.000 |
| Turquia | 160.000 | 160.000 | 6.800.000 | 6.800.000 |
| Egito | 195.444 | 182.102 | 6.785.640 | 6.579.910 |
| Itália | 136.625 | 123.224 | 7.538.100 | 6.334.460 |
| Espanha | 60.200 | 63.000 | 3.582.600 | 3.785.400 |
| Brasil | 56.002 | 55.621 | 2.982.840 | 3.028.281 |
| Irã | 118.665 | 110.000 | 3.190.999 | 3.000.000 |
| México | 74.629 | 74.666 | 2.086.030 | 2.158.745 |
| Mundo | 3.750.176 | 3.745.229 | 101.975.637 | 100.259.346 |

FONTE : FAO.

TABELA 2/I – TOMATE – ÁREA PLANTADA E PRODUÇÃO NOS PAÍSES DA AMÉRICA DO SUL – 2000 – 2001

| PAÍS | ÁREA PLA | NTADA (ha) | PRODU | JÇÃO (t) |
|-----------------|----------|------------|-----------|-----------|
| IAIS | 2000 | 2001 | 2000 | 2001 |
| Brasil | 56.002 | 55.621 | 2.982.840 | 3.028.281 |
| Chile | 20.249 | 19.475 | 1.217.100 | 1.157.000 |
| Argentina | 20.500 | 20.800 | 675.193 | 700.000 |
| Colômbia | 17.264 | 18.000 | 375.082 | 380.000 |
| Venezuela | 11.000 | 11.500 | 231.064 | 215.000 |
| Peru | 7.957 | 7.400 | 250.429 | 197.300 |
| Bolívia | 7.385 | 8.526 | 97.728 | 137.816 |
| Equador | 7.401 | 7.178 | 65.819 | 70.431 |
| Paraguai | 1.803 | 1.803 | 61.304 | 61.304 |
| Uruguai | 2.000 | 2.000 | 36.000 | 36.000 |
| Guiana Francesa | 130 | 130 | 3.770 | 3.770 |
| Suriname | 77 | 88 | 930 | 960 |
| Total | 151.768 | 152.521 | 5.997.259 | 5.987.862 |

FONTE : FAO.



foi 2% maior que a do ano passado, enquanto a área plantada evoluiu somente 0,5%, significando um ganho na produtividade média das lavouras de 1,5%. A cultura teve maior expressão nos estados de Goiás, Minas Gerais e São Paulo, que, juntos, plantaram 54,6% da área e produziram 65% da oferta nacional em 2001. O estado de Goiás, além de ser o maior produtor do País, produzindo 23% do total, detém o maior índice de produtividade. Os tomaticultores goianos produziram 70.228 kg/ha, 29% a mais que a média nacional, como pode ser observado na tabela 3.

A cultura do tomateiro em Santa Catarina se destaca como a terceira ocupação hortícola; é atividade de pequenos e médios produtores rurais e envolve, segundo o Censo Agropecuário de 1995, do IBGE, cerca de 10.700 agricultores.

A produção estadual, em 2001, teve aumentada sua participação na oferta nacional, sendo o sexto maior produtor, apesar de ser a sétima maior área plantada. O volume produzido foi 8,5% maior que o obtido no ano 2000, embora a área plantada tenha evoluído somente 3,6%. Isto significou um aumento no rendimento médio das lavouras, em torno de 3,5%, resultado do aumento do uso da tecnologia disponível observado nas regiões produtoras do estado. A atividade está se tornando importante, fazendo com que, em maior ou menor escala, o plantio comercial seja adotado em todas as regiões. Os destaques na produção estadual, como se pode observar na tabela 4, foram as microrregiões de Joaçaba, Tabuleiro e Florianópolis; juntas, produziram 69% do total estadual, enquanto a microrregião de Canoinhas se destacou pelo

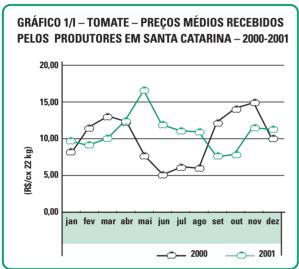
TABELA 3/I – TOMATE – ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO NOS ESTADOS – 2000-2001

| ESTADO | ÁREA PLA | NTADA (ha) | PROD | OUÇÃO (t) | RENDIMEN | ITO (kg/ha) |
|------------------|----------|------------|-----------|-----------|----------|-------------|
| LUIADU | 2000 | 2001 | 2000 | 2001 | 2000 | 2001 |
| Goiás | 10.201 | 10.274 | 712.448 | 721.525 | 69.841 | 70.228 |
| Minas Gerais | 9.682 | 10.245 | 532.380 | 626.580 | 54.987 | 61.160 |
| São Paulo | 11.480 | 10.290 | 709.060 | 625.630 | 61.765 | 60.800 |
| Rio de Janeiro | 3.363 | 3.342 | 193.368 | 197.398 | 57.499 | 59.066 |
| Bahia | 5.145 | 5.526 | 170.653 | 195.275 | 33.169 | 35.337 |
| Santa Catarina | 2.520 | 2.613 | 115.402 | 125.201 | 45.794 | 47.915 |
| Paraná | 2.580 | 2.556 | 109.201 | 117.643 | 42.326 | 46.026 |
| Espírito Santo | 1.499 | 1.514 | 95.289 | 99.433 | 63.568 | 65.676 |
| Rio G. Sul | 2.828 | 2.740 | 102.720 | 98.658 | 36.327 | 36.007 |
| Pernambuco | 2.002 | 2.478 | 89.283 | 92.241 | 44.597 | 37.224 |
| Ceará | 2.012 | 1.752 | 88.098 | 79.372 | 43.786 | 45.304 |
| Distrito Federal | 268 | 255 | 16.503 | 16.120 | 61.578 | 63.216 |
| Paraíba | 460 | 381 | 16.157 | 12.000 | 35.124 | 31.496 |
| M. Grosso Sul | 213 | 192 | 6.419 | 7.070 | 30.136 | 36.823 |
| R. G. Norte | 255 | 270 | 7.290 | 7.045 | 28.588 | 26.093 |
| Maranhão | 307 | 361 | 5.615 | 6.764 | 18.290 | 18.737 |
| Sergipe | 274 | 301 | 4.801 | 5.214 | 17.522 | 17.322 |
| Roraima | 110 | 360 | 800 | 3.260 | 7.073 | 9.056 |
| Amazonas | 768 | 768 | 3.255 | 3.255 | 4.238 | 4.235 |
| Mato Grosso | 179 | 164 | 4.098 | 3.021 | 22.894 | 18.421 |
| Brasil | 56.146 | 56.382 | 2.982.840 | 3.042.705 | 53.126 | 53.966 |

FONTE : IBGE

significativo aumento na produtividade média das lavouras. O rendimento médio naquela região é 54% maior que a média estadual e foi alcançado graças ao aumento do uso do cultivo protegido.

Uma característica da cultura em Santa Catarina, e que a conceitua como muito im-



FONTE: Instituto Cepa/SC.

portante no contexto nacional, é a possibilidade de oferta do produto durante todo o ano. Por haver, no estado, regiões distintas em relação ao clima, o território catarinense apresenta condições favoráveis de desenvolvimento da cultura em todos os meses, com maior concentração de oferta durante o verão. Daí o aumento, a cada ano, do volume de produto in natura exportado, especialmente para os países do Mercosul (Tabela 4).

Os preços recebidos pelos produtores foram compensadores no ano 2001, justificando, em parte, o empenho dos produtores durante o processo produtivo (Gráfico 1).

Apresentaram dois aspectos importantes e que chamam a atenção. Primeiro, a média anual dos preços da caixa de 22 quilos, que foi praticamente a mesma nos dois últimos anos (R\$ 10,14 no ano 2000 e R\$ 10,80 em 2001). Segundo aspecto: houve uma verdadeira sincronia entre os preços das duas sa-

TABELA 4/I – TOMATE – AREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO NAS MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS DE SANTA CATARINA – 2000-2001

| MICRORREGIÃO | ÁREA PLA | NTADA (ha) | PROD | UÇÃO (t) | RENDIMENTO (kg/ha) | | |
|------------------|----------|------------|---------|----------|--------------------|--------|--|
| GEOGRÁFICA | 2000 | 2001 | 2000 | 2001 | 2000 | 2001 | |
| Blumenau | 85 | 87 | 2585 | 3385 | 30.412 | 38.908 | |
| Campos de Lages | 152 | 170 | 6848 | 9334 | 45.053 | 54.906 | |
| Canoinhas | 55 | 55 | 3315 | 4060 | 60.273 | 73.818 | |
| Chapecó | 34 | 34 | 1825 | 1492 | 53.676 | 43.882 | |
| Concórdia | 13 | 13 | 571 | 621 | 43.923 | 47.769 | |
| Criciúma | 35 | 27 | 825 | 955 | 23.571 | 35.370 | |
| Curitibanos | 50 | 55 | 1850 | 2200 | 37.000 | 40.000 | |
| Florianópolis | 536 | 533 | 22802 | 26350 | 2.541 | 49.437 | |
| Itajaí | 18 | 16 | 670 | 680 | 7.222 | 42.500 | |
| Ituporanga | 68 | 70 | 3039 | 4051 | 44.691 | 57.871 | |
| Joaçaba | 624 | 799 | 37515 | 38015 | 60.120 | 47.578 | |
| Joinville | 54 | 26 | 1718 | 948 | 1.815 | 36.462 | |
| Rio do Sul | 40 | 40 | 1685 | 1900 | 2.125 | 47.500 | |
| Sao Bento do Sul | 17 | 17 | 680 | 680 | 40.000 | 40.000 | |
| Tabuleiro | 510 | 480 | 20780 | 22300 | 40.745 | 46.458 | |
| Tijucas | 93 | 81 | 3660 | 3220 | 9.355 | 39.753 | |
| Tubarão | 135 | 110 | 4970 | 5010 | 36.815 | 45.545 | |
| Xanxerê | 1 | 0 | 64 | 0 | 64.000 | 0 | |
| TOTAL | 2.435 | 2.526 | 11.2817 | 121.816 | 46.331 | 48.225 | |

FONTE : IBGE.



fras. Enquanto no ano 2000 os melhores preços foram registrados entre setembro e março e os piores entre meados de abril e final de agosto, em 2001 a situação foi exatamente contrária, como se pode observar no gráfico a seguir. Nota-se, também, que a variação de preços foi bastante estreita nos dois últimos anos, sem aqueles altos e baixos que ocorriam durante o período de comercialização em algumas safras e que deixam muitas dúvidas ao produtor quando da tomada de decisão. A maior estabilidade é um aspecto bastante positivo, pois dá ao produtor mais segurança para investir na atividade.

Admir Tadeo de Souza

TRIGO

A safra de 2001

s números acerca do balanço mundial de oferta e demanda de trigo do período 01/02 mostram uma situação bem mais apertada que a dos períodos anteriores. A produção mundial e os estoques finais ficaram entre os menores dos últimos anos.

Além disso, verificou-se uma sensível redução na produção de alguns dos principais exportadores mundiais, como as dos Estados Unidos, da União Européia e do Canadá.

No Brasil, a situação foi inversa. Segundo os números do IBGE, em relação ao ano de 2000 a área plantada e a produção cresceram 13% e 89%, respectivamente. A falta de sementes de qualidade impediu um crescimento mais significativo da área plantada.

Em relação à produção, não fossem algumas adversidades climáticas, seria ainda maior. De qualquer maneira, desde 1990, a produção de 2001 só foi inferior à de 1996,

TABELA 1/I – TRIGO – BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA MUNDIAL – SAFRAS 75/76-02/03

| Período | Àrea (milhões de ha) | Produção (milhões de t) | Comércio (milhões de t) | Consumo (milhões de t) | Estoque final (milhões de t) |
|---------|-------------------------|----------------------------|----------------------------|---------------------------|---------------------------------|
| 75/76 | 223,7 | 348,2 | 65,5 | 342,1 | 86,3 |
| 76/77 | 225,0 | 408,4 | 62,1 | 368,4 | 126,3 |
| 85/86 | 228,5 | 490,0 | 83,6 | 480,1 | 178,5 |
| 86/87 | 226,6 | 519,4 | 89,7 | 506,7 | 191,1 |
| 95/96 | 218,7 | 538,4 | 99,1 | 549,2 | 136,4 |
| 96/97 | 230,0 | 582,0 | 100,2 | 572,5 | 145,9 |
| 97/98 | 228,0 | 610,2 | 104,3 | 583,2 | 172,9 |
| 98/99 | 225,1 | 589,7 | 102,0 | 582,8 | 179,8 |
| 99/00 | 216,6 | 586,2 | 112,8 | 588,9 | 177,1 |
| 00/01 | 219,1 | 583,9 | 103,5 | 590,5 | 170,5 |
| 01/02 | 216,1 | 580,6 | 107,3 | 587,9 | 163,2 |
| 02/03 | 218,1 | 595,8 | 105,8 | 596,5 | 162,4 |

FONTE: Usda (Maio/02)



quando a área plantada foi 5,5% maior que a deste ano.

Em Santa Catarina também houve um importante incremento na safra. Embora os números de 2001 ainda fiquem longe dos alcançados anos atrás, significam um sensível crescimento em relação às safras mais recentes. Comparados com os da safra de 2000, por exemplo, os incrementos são de 65% na área plantada e de 47% na produção. O incremento da produção seria bem maior, não fosse uma forte geada no mês de setembro. A produção alcançaria quase 100 mil toneladas.

Apesar do balanço mundial de oferta e demanda mais apertado que o de anos anteriores, em função do baixo crescimento da economia mundial, da recuperação na produção de alguns importantes consumidores mundiais e da manutenção da forte concorrência entre os países exportadores, o mercado internacional continuou apresentando preços relativamente baixos.

Isto não significou dificuldades para os produtores brasileiros. O comportamento da taxa cambial dos últimos três anos aumentou a competitividade e o interesse pelo trigo nacional. Assim, a comercialização da safra nacional, mesmo com alguns momentos de distan-

TABELA 2/I – TRIGO – PRODUCÃO MUNDIAL E DOS PRINCIPAIS PAÍSES PRODUTORES - 97/98-02/03 (milhões de t)

| PAÍS | 97/98 | 98/99 | 99/00 | 00/01 | 01/02 | 02/03 |
|----------------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| Estados Unidos | 67,5 | 69,3 | 62,6 | 60,8 | 53,3 | 51,3 |
| Argentina | 15,7 | 13,3 | 16,4 | 16,2 | 15,5 | 16,5 |
| Austrália | 19,2 | 21,5 | 24,8 | 23,8 | 24,0 | 24,5 |
| Canadá | 24,3 | 24,1 | 26,9 | 26,8 | 21,3 | 24,0 |
| União Européia | 94,2 | 103,1 | 96,4 | 104,8 | 91,7 | 107,0 |
| China | 123,3 | 109,7 | 113,9 | 99,6 | 94,0 | 96,0 |
| Índia | 69,4 | 66,4 | 70,8 | 76,4 | 68,8 | 74,0 |
| Rússia | 44,2 | 27,0 | 31,0 | 34,5 | 46,9 | 41,0 |
| Outros | 152,4 | 155,3 | 143,5 | 141,1 | 165,2 | 161,5 |
| Mundial | 610,2 | 589,7 | 586,2 | 583,9 | 580,6 | 595,8 |

FONTE: Usda (maio/02).

ciamento entre os preços de compra e venda, transcorreu sem muitas dificuldades. Os preços recebidos pelos produtores brasileiros foram melhores que os da safra de 2000.

Em Santa Catarina não foi diferente. Houve um grande interesse pelo produto local e os preços aos produtores foram os melhores dos últimos anos. Nos principais meses de comercialização, os preços recebidos mais comuns foram entre 25% e 30% superiores aos da safra de 2000.

A safra de 2002

As primeiras projeções do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda) acerca da oferta e demanda mundiais de trigo do período 02/03 indicam aumento na produção mundial. Apesar disto, em função de a estimativa de consumo continuar acima da esperada para a produção, os estoques finais devem sofrer nova redução.

Embora o período 02/03 ainda esteja apenas começando e, portanto, seja bastante cedo para considerar que estes dados se confirmarão, alguns aspectos ganham destaque na situação apresentada.

Primeiro, a grande recuperação esperada na produção da União Européia (UE). Isto decorre da expectativa de um melhor rendimento médio e da previsão de aumento na área de plantio. Com isto, a projeção é de que a UE amplie um pouco as suas exportações para fora da comunidade, mas sem voltar a ter a mesma participação de alguns anos atrás no mercado internacional.

Segundo, a projeção de uma nova redução na área plantada e na produção dos Estados Unidos, país responsável por mais de 20% das exportações mundiais de trigo em grão. Embora em relação ao período 01/02 o decréscimo na produção seja pequeno, é bastante significativo quando se consideram os últimos anos.

Terceiro, no caso de outros importantes produtores e exportadores mundiais, como a Austrália, o Canadá e a Argentina, o Usda está prevendo crescimento na produção em relação à do período anterior.

Em relação à Argentina, permanecem dúvidas acerca desta tendência. Enquanto o Usda estima um pequeno crescimento na área de plantio neste país, em face de seus proble-

TABELA 3/I – TRIGO – ESTIMATIVA DE EXPORTAÇÃO, SEGUNDO OS PRINCIPAIS PAÍSES E MUNDIAL – SAFRAS 98/99-02/03 (milhões de t)

| Países | 98/99 | 99/00 | 00/01 | 01/02 | 02/03 |
|--------------------|-------|-------|-------|-------|-------|
| Estados Unidos | 29,0 | 29,4 | 27,8 | 26,5 | 24,0 |
| Austrália | 16,1 | 17,1 | 16,7 | 18,0 | 18,0 |
| Canadá | 14,4 | 19,4 | 17,4 | 16,5 | 15,5 |
| União Européia (1) | 14,6 | 17,4 | 15,2 | 10,0 | 12,0 |
| Argentina | 9,2 | 11,1 | 11,4 | 11,0 | 11,5 |
| Outros | 18,7 | 18,3 | 15,0 | 25,3 | 24,8 |
| Mundial | 102,0 | 112,8 | 103,5 | 107,3 | 105,8 |

FONTE: Usda (maio/02).

TABELA 4/I – TRIGO – ESTIMATIVA DE IMPORTAÇÃO, SEGUNDO OS PRINCIPAIS PAÍSES E MUNDIAL – SAFRAS 98/99-02/03 (milhões de t)

| Países | 98/99 | 99/00 | 00/01 | 01/02 | 02/03 |
|---------------|-------|-------|-------|-------|-------|
| Brasil | 7,4 | 7,3 | 7,5 | 6,7 | 6,5 |
| Japão | 6,0 | 6,0 | 5,9 | 5,8 | 5,8 |
| Egito | 7,5 | 5,9 | 6,1 | 5,8 | 5,5 |
| Iran | 2,6 | 7,4 | 6,2 | 6,0 | 5,0 |
| Coréia do Sul | 4,7 | 3,8 | 3,1 | 4,1 | 4,2 |
| Argélia | 4,3 | 4,8 | 5,6 | 4,0 | 4,0 |
| Indonésia | 3,1 | 3,7 | 4,1 | 4,0 | 4,0 |
| Outros | 66,5 | 73,9 | 65,0 | 70,9 | 70,8 |
| Mundial | 102,0 | 112,8 | 103,5 | 107,3 | 105,8 |

FONTE: Usda (maio/02).

TABELA 5/I – TRIGO – COMPARATIVO DA SAFRA Brasileira – 1980-2002

| ANO | ÁREA PLANTADA (ha) | PRODUÇÃO (t) | RENDIMENTO (kg/ha) |
|---------|-----------------------|-----------------|-----------------------|
| 1980 | 3.122.107 | 2.701.613 | 865 |
| 1981 | 1.920.142 | 2.209.631 | 1151 |
| 1986 | 3.864.255 | 5.689.680 | 1472 |
| 1987 | 3.455.897 | 6.034.586 | 1746 |
| 1988 | 3.594.920 | 5.737.971 | 1596 |
| 1994 | 1.472.083 | 2.096.259 | 1424 |
| 1995 | 1.036.343 | 1.533.871 | 1480 |
| 1996 | 1.825.628 | 3.292.759 | 1804 |
| 1997 | 1.544.489 | 2.489.070 | 1612 |
| 1998 | 1.423.789 | 2.269.847 | 1594 |
| 1999 | 1.254.275 | 2.461.856 | 1963 |
| 2000 | 1.535.723 | 1.725.792 | 1124 |
| 2001 | 1.730.577 | 3.260.834 | 1884 |
| 2002(1) | 1.873.577 | 3.872.739 | 2067 |

FONTE: IBGE.

Obs: Antes de 1988 a área é a colhida.

TABELA 6/I – TRIGO – PRODUCÃO BRASILEIRA, SEGUNDO OS ESTADOS – 1998-2000

| FOTADOO | ÁRI | EA PLANTAD | A (ha) | | PRODUÇÃO | (t) | RENI | RENDIMENTO (kg/ha) | | |
|--------------------|-----------|------------|-----------|-----------|-----------|-----------|-------|--------------------|-------|--|
| ESTADOS | 1998 | 1999 | 2000 | 1998 | 1999 | 2000 | 1998 | 1999 | 2000 | |
| Paraná | 963.100 | 755.828 | 850.633 | 1.593.881 | 1.548.133 | 700.118 | 1.655 | 2.048 | 823 | |
| Rio Grande do Sul | 379.900 | 398.133 | 560.550 | 538.112 | 725.940 | 884.507 | 1.416 | 1.823 | 1.578 | |
| Mato Grosso do Sul | 29.577 | 42.524 | 65.614 | 48.997 | 71.104 | 34.712 | 1.657 | 1.672 | 529 | |
| Santa Catarina | 28.785 | 24.861 | 30.897 | 42.411 | 45.440 | 54.318 | 1.473 | 1.828 | 1.758 | |
| São Paulo | 9.900 | 17.600 | 14.012 | 17.226 | 38.700 | 16.525 | 1.740 | 2.199 | 1.179 | |
| Minas Gerais | 2.881 | 4.031 | 5.615 | 13.155 | 16.480 | 22.885 | 4.566 | 4.088 | 4.076 | |
| Goiás | 7.973 | 10.288 | 6.887 | 11.757 | 12.840 | 8.509 | 1.475 | 1.248 | 1.236 | |
| Distrito Federal | 673 | 580 | 515 | 2.808 | 2.457 | 2.418 | 4.172 | 4.236 | 4.695 | |
| Mato Grosso | 1.000 | 430 | 1.000 | 1.500 | 762 | 1.800 | 1.500 | 1.772 | 1.800 | |
| Brasil | 1.423.789 | 1.254.275 | 1.535.723 | 2.269.847 | 2.461.856 | 1.725.792 | 1.594 | 1.963 | 1.124 | |

FONTE: IBGE.

⁽¹⁾ Considerado apenas a exportação para países de fora da comunidade.



TABELA 7/I – TRIGO – OFERTA E DEMANDA BRASILEIRAS – SAFRAS

97/98-01/02 (1000 t)

| , | | | | | (|
|-----------------|---------|----------|----------|----------|----------|
| DISCRIMINAÇÃO | 97/98 | 98/99 | 99/00 | 00/01 | 01/02 |
| Estoque inicial | 821,1 | 768,4 | 845,4 | 931,7 | 130,0 |
| Produção | 2.402,0 | 2.188,0 | 2.403,0 | 1.658,4 | 3.194,2 |
| Importação | 6.190,3 | 7.071,0 | 7.733,3 | 7.609,9 | 7.500,0 |
| Suprimento | 9.413,4 | 10.027,4 | 10.981,7 | 10.200,0 | 10.824,2 |
| Consumo | 8.645,0 | 9.182,0 | 10.050,0 | 10.070,0 | 10.100,0 |
| Estoque final | 768,4 | 845,4 | 931,7 | 130,0 | 724,2 |

FONTE: Conab.

TABELA 8/I – TRIGO EM GRÃO – QUANTIDADE IMPORTADA PELO BRASIL – 1996-2001

(t)

| PAÍS DE ORIGEM | 1996 | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 |
|----------------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| Argentina | 3.763.582 | 3.699.698 | 5.842.984 | 6.569.326 | 7.207.841 | 6.788.908 |
| Canadá | 977.402 | 817.309 | 370.275 | 191.613 | 163.075 | 33.820 |
| EUA | 941.466 | - | - | 95.078 | 51.685 | 102.912 |
| Uruguai | 137.996 | 86.809 | 24.526 | 34.234 | 36.015 | 1.001 |
| Paraguai | 55.700 | 246.174 | 131.222 | 865 | 64.079 | 87.670 |
| França | - | - | 26.163 | - | - | - |
| Outros | 7.366 | 10 | 14 | 19 | | - |
| Total | 5.883.512 | 4.850.000 | 6.395.184 | 6.891.135 | 7.522.694 | 7.014.311 |

FONTE: Conab.

TABELA 9 /I – FARINHA – QUANTIDADE IMPORTADA PELO BRASIL – 1996-2001

(t)

| PAÍS DE ORIGEM | 1996 | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 |
|----------------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|
| Argentina | 150.311 | 365.959 | 274.194 | 177.758 | 181.639 | 141.921 |
| Paraguai | 128 | 10.229 | 7.503 | 25 | - | 1.123 |
| Uruguai | 17.692 | 19.395 | 34.322 | 13.256 | 17.635 | 20.870 |
| Venezuela | 2.663 | 16 | 117 | 20 | 3.705 | 2.390 |
| Outros | 84 | 2.020 | 2.241 | 311 | 56 | 68 |
| Total | 170.878 | 397.619 | 318.377 | 191.370 | 203.035 | 166.372 |

FONTE: Conab.

TABELA 10/I – TRIGO – ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO – SANTA CATARINA – 1980-2002

| | , | ~ | |
|----------|-----------------------|-----------------|-----------------------|
| AN0 | ÁREA PLANTADA (ha) | PRODUÇÃO (t) | RENDIMENTO (kg/ha) |
| 1980 | 12.370 | 9.033 | 730 |
| 1981 | 8.978 | 8.620 | 960 |
| 1986 | 134.146 | 143.658 | 1.071 |
| 1987 | 128.890 | 160.120 | 1.242 |
| 1988 | 112.595 | 81.395 | 723 |
| 1994 | 61.370 | 74.147 | 1.208 |
| 1995 | 36.825 | 53.875 | 1.463 |
| 1996 | 72.062 | 105.056 | 1.458 |
| 1997 | 36.635 | 34.227 | 934 |
| 1998 | 28.785 | 42.411 | 1.473 |
| 1999 | 24.861 | 45.440 | 1.828 |
| 2000 | 30.897 | 54.318 | 1.758 |
| 2001 | 51.007 | 79.865 | 1.566 |
| 2002 (1) | 55.000 | 110.000 | 2.000 |

Fonte: IBGE.

mas econômicos e do aumento das taxas de exportação adotadas pelo governo, fontes internas trabalham com a possibilidade de um comportamento contrário ao esperado pelo Usda. A previsão da área de plantio está entre 6,0 milhões e 6,5 milhões de hectares; em 2001, a área plantada superou os 7,1 milhões de hectares.

Para o Brasil, as primeiras estimativas indicam um sensível crescimento da safra de 2002. A área de plantio é estimada em 1,9 milhão de hectares (a última área de plantio superior a esta foi a da safra 1992) e a produção, em pouco mais de 3,8 milhões de toneladas. É a maior produção esperada desde o final dos anos 80, quando o mercado era completamente controlado pelo governo.

Os principais fatores do incremento na área são: a boa disponibilidade de sementes

de qualidade (no ano passado, a falta de sementes limitou a área de plantio), o fato de em alguns estados ter havido limitações climáticas para o plantio do milho da segunda safra (cuja área concorre com a do trigo), o bom resultado alcançado por muitos produtores na safra anterior, a grande elevação nos preços internos no primeiro semestre deste ano, o preço mínimo fixado pelo governo (R\$ 285,00/t para os estados da Região Sul, e de R\$ 300,00 para os das Regiões Sudeste e Centro-Oeste), o interesse de muitos moinhos pela compra antecipada de trigo, o fato de ainda faltarem outras alternativas de plantio de inverno e, finalmente, a perspectiva de mais uma safra de comercialização favorável.

Em Santa Catarina, nos últimos anos, também tem havido recuperação na área plantada e na produção de trigo. A exemplo da situa-

TABELA 11/I - TRIGO - COMPARATIVO DAS SAFRAS DE SANTA CATARINA - 1999-2001

| MICRORREGIÃO | ÁRE | A PLANTAD | A (ha) | | PRODUÇÃO | (t) | RENDIMENTO (kg/ha) | | |
|---------------------|--------|-----------|--------|--------|----------|--------|--------------------|-------|-------|
| GEOGRÁFICA | 1999 | 2000 | 2001 | 1999 | 2000 | 2001 | 1999 | 2000 | 2001 |
| São Miguel do Oeste | 2.035 | 2.782 | 4.690 | 2.736 | 3.614 | 7.985 | 1.344 | 1.299 | 1.703 |
| Chapecó | 6.060 | 6.775 | 10.049 | 7.399 | 8.777 | 12.085 | 1.221 | 1.295 | 1.203 |
| Xanxerê | 5.910 | 6.425 | 13.325 | 8.639 | 9.463 | 9.615 | 1.462 | 1.473 | 722 |
| Joaçaba | 2.095 | 2.202 | 2.772 | 4.331 | 4.208 | 5.392 | 2.067 | 1.911 | 1.945 |
| Concórdia | 1.036 | 1.239 | 1.085 | 1.325 | 1.540 | 1.101 | 1.279 | 1.243 | 1.015 |
| Canoinhas | 750 | 500 | 6.060 | 1.416 | 896 | 11.296 | 1.888 | 1.792 | 1.864 |
| Sao Bento do Sul | - | - | 40 | - | - | 60 | - | - | 1.500 |
| Curitibanos | 6.514 | 10.521 | 12.502 | 18.363 | 24.433 | 30.804 | 2.819 | 2.322 | 2.464 |
| Campos de Lages | 431 | 438 | 469 | 1.201 | 1.372 | 1.512 | 2.787 | 3.132 | 3.224 |
| Rio do Sul | 30 | 15 | 15 | 30 | 15 | 15 | 1.000 | 1.000 | 1.000 |
| Santa Catarina | 24.861 | 30.897 | 51.007 | 45.440 | 54.318 | 79.865 | 1.828 | 1.758 | 1.566 |

FONTE: IBGE.

TABELA 12/I – TRIGO – PREÇOS MÍNIMOS DE GARANTIA – 1999-2002

(R\$/t)

| CLACCIFICAÇÃO/ANO | CLASSIFICAÇÃO/ ANO TIPO 1 (PH 78) | | | | TIPO 2 (PH 75) | | | TIPO 3 (PH 70) | | | | |
|--------------------|-----------------------------------|--------|--------|--------|----------------|--------|--------|----------------|--------|--------|--------|--------|
| CLASSIFICAÇÃO/ ANO | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 |
| Pão/Melhorador | 185,00 | 205,00 | 225,00 | 285,00 | 175,00 | 194,47 | 213,43 | 270,42 | 161,00 | 178,40 | 195,79 | 248,07 |
| Brando | 161,00 | 178,40 | 195,79 | 248,07 | 153,00 | 169,54 | 186,07 | 235,75 | 137,00 | 151,81 | 166,61 | 211,09 |
| Outros usos | 113,00 | 125,22 | 125,22 | - | 105,00 | 116,35 | 116,35 | - | 97,00 | 107,49 | 107,49 | - |

FONTE: Conab





TABELA 13/I – TRIGO – PREÇOS MÉDIOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES DE SANTA

CATARINA - 1996-2002

(R\$/sc de 60kg de trigo superior de PH78)

| MES/ANO | 1996 | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 |
|-----------|------|------|------|------|------|------|------|
| Janeiro | 10,7 | 8,4 | 8,6 | 9,0 | 11,7 | 12,4 | 15,9 |
| Fevereiro | 10,8 | 8,4 | 9,7 | 12,3 | 12,0 | 12,4 | 16,2 |
| Março | 11,0 | 8,2 | 9,8 | 13,9 | 12,0 | 12,6 | 16,5 |
| Abril | 11,0 | 8,4 | 10,2 | 14,2 | 12,1 | 14,3 | 16,8 |
| Maio | 12,8 | 9,3 | 10,5 | 14,7 | 12,5 | 15,5 | 17,7 |
| Junho | 14,2 | 10,8 | 10,8 | - | 13,5 | 16,4 | 18,9 |
| Julho | 14,5 | 10,7 | - | - | 13,8 | 16,8 | - |
| Agosto | 14,5 | 10,7 | - | - | 14,4 | 16,8 | - |
| Setembro | 14,7 | 10,3 | - | - | 14,8 | - | - |
| Outubro | 9,7 | 9,8 | 8,5 | 12,0 | 13,4 | 16,6 | - |
| Novembro | 9,6 | 9,0 | 8,9 | 12,8 | 12,2 | 16,2 | - |
| Dezembro | 8,7 | 9,0 | 8,9 | 12,2 | 12,2 | 16,0 | - |
| Média | 11,8 | 9,4 | 9,5 | 12,6 | 12,9 | 15,1 | 17,0 |

FONTE: Instituto Cepa/SC.

ção nacional, esta recuperação decorre dos bons resultados alcançados pelos produtores catarinenses nas últimas safras.

A safra de 2001 foi um exemplo claro. Apesar de problemas climáticos, o rendimento médio do estado (1.566 kg/ha) acabou não sendo tão baixo quanto se temia. Além disto, os preços recebidos pelos produtores atingiram patamares superiores aos esperados.

Para a safra estadual de 2002, cujo plantio se estende até o final do mês de julho, os primeiros levantamentos apontam para um novo incremento na área plantada. Caso não tivesse havido excesso de chuvas no transcorrer de junho e dificuldades de acesso a créditos de custeio em algumas regiões, a área plantada seria maior.

Com o incremento na área de plantio, sem contratempos climáticos importantes no transcorrer da safra, a expectativa é de que a produção estadual de 2002 atinja a maior quantidade dos últimos anos.

O crescimento da produção nacional não

deve dificultar a comercialização interna. Afinal, além de a produção interna continuar muito longe do consumo nacional, a permanência do real desvalorizado e os níveis dos preços internacionais tornam o preço do produto nacional mais atrativo do que o do importado.

Uma das poucas variáveis que podem atrapalhar a comercialização da safra nacional de 2002 são o crescimento da safra e a redução nos preços argentinos, particularmente após a grande desvalorização cambial no início deste ano.

Como as perspectivas não são estas, é de se esperar um grande interesse das indústrias nacionais pelo produto local e mais um ano de comercialização relativamente tranquila. Assim, apesar da sensível correção do preço mínimo de garantia estabelecido pelo governo, a tendência é de a comercialização da safra de 2002 praticamente não necessitar de intervenções oficiais.

Tabajara Marcondes



UVA

produção da uva no Brasil, como de resto toda a fruticultura, está crescendo impulsionada por uma demanda externa e pelo aumento no consumo interno. Este crescimento, que teve seu início nos meados da década de 90, se verifica tanto no cultivo de uvas finas para mesa (composta por uvas americanas e híbridas), quanto para a produção de vinhos finos, com as variedades européias.

A produção de uvas no Brasil e no resto do mundo se distribui em todo o território, mas se concentra em determinadas regiões. Ontem, fatores étnicos e culturais fizeram com que a produção brasileira de uvas se concentrasse no estado Rio Grande do Sul, onde se encontra metade da produção brasileira, especialmente na região da Serra Gaúcha. Hoje, cada vez mais, são determinantes na expansão dessa lavoura as condições de clima e solo.

Neste sentido, é importante destacar que a ampliação de área no Nordeste do Brasil, especialmente no Vale do São Francisco e no Ceará, e na região da campanha, no Rio Grande do Sul, têm como fator determinante essas condições.

Por este mesmo motivo, em Santa Catarina já se percebe uma ampliação muito expressiva da viticultura nas regiões Oeste e Serrana. Esta última, especialmente, conta com alguns grupos empresariais, que iniciaram os plantios comerciais no ano de 2000 e cuja produção está voltada à produção de vinhos finos.

A expansão da cultura no Brasil ocorre especialmente em novas áreas de concentração de produção empresarial, especialmente em vários dos 30 pólos frutícolas identificados pela Embrapa.

Dentre esses, o Pólo Petrolina/Juazeiro é o de maior importância, tanto pela oferta de uvas finas de mesa, produzidas com irrigação, como para a produção de matéria-prima para vinhos finos, identificado pela presença das vinícolas mais agressivas do Sul do Brasil e de outras de capital europeu.

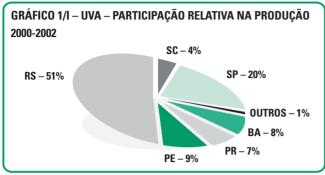
O Pólo Metade Sul do Rio Grande do Sul, diferentemente do anterior, está voltado à produção de vinhos finos, mas esta produção não tem relação com a exploração da vitivinicultura do Pólo Bento/Caxias. Aqui, a produção é caracterizada pela presença da agricultura familiar; mais de 75% dos vinhedos têm menos de 2 hectares. Além destes, é expressiva a expansão no Pólo do Baixo Jaguaribe no estado do Ceará e no Pólo do Norte de Minas.

A produção brasileira de uvas em 2002, segundo estimativa do IBGE, é de uma colheita superior a 1 milhão de toneladas, base que se estabeleceu na safra de 2000. De acordo com informações disponíveis do IBGE e dados estimados pelo Instituto Cepa/SC, no período de 2000 a 2002 o estado do Rio Grande do Sul continua com uma participação em torno de 50% da produção nacional e o de São Paulo, com 20% (Gráfico 1).

Cabe destacar que São Paulo, diferentemente do Rio Grande do Sul, tem como objetivo principal a produção de uvas finas de mesa, enquanto que o Rio Grande do Sul responde por 90% da produção de vinhos e mosto do País.

Depois desses, seguem na produção de uvas os estados de Pernambuco, Bahia e Paraná, com 9%, 8% e 7%, respectivamente. O estado de Santa Catarina responde por 4% da produção de uva; mesmo assim, ainda é o segundo produtor nacional de vinhos e mosto, com 5% da produção nacional, patamar em que permanece estagnado.





FONTE: IBGE.

Enquanto a produção nacional de uva para mesa está praticamente estagnada, o aumento na produção de uvas para vinho apresentou, entre 1996 e 2000, um aumento de 75%. Apesar dos riscos de tal afirmativa, em função da instabilidade no rendimento que essa produção apresenta, é importante destacar o aumento na área plantada em estados como Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais e Goiás, embora tal crescimento não possa ser registrado em estatísticas oficiais. Esta informação pode ser confirmada também pela crescente importação de mudas de uvas pelo Brasil nos últimos cinco anos. Em 1998, foram importadas em torno de 400 mil mudas; em 1999, chegaram a 600 mil. A partir de 2000 o número atinge um milhão de mudas e cresce para 1,6 milhão em 2001. Contudo, a partir de 2002, problemas sanitários interrompem tal crescimento, exigindo um esforço maior na produção de mudas pelo Brasil, passando, principalmente, a exigir maior rigor na fiscalização do material importado.

Se considerarmos que duas mil mudas são suficientes para a implantação de um hectare, a área implantada nos últimos cinco anos é mais que suficiente para inferir que nos próximos cinco anos haverá um substancial crescimento na oferta de uvas para vinhos finos.

Outra informação que merece destaque é o crescimento observado pelo Embrapa no estado de Pernambuco – cuja produção de vinhos, localizada no Vale do São Francisco, salta de 646.200 litros em 1995 para 7.091.261 em 2000.

A vitivinicultura catarinense tem concentração na microrregião de Joaçaba, que inclui os municípios situados na região do Alto Vale do Rio do Peixe, onde a produção de uvas representa em torno de 60% da produção estadual e concentra as principais cantinas do estado.

Iniciativas inovadoras permitem vislumbrar novos tempos na vitivinicultura catarinense. Um momento importante foi o fortalecimento da Câmara Setorial de Uva e Vinho e sua mobilização, que culminou com o levantamento, realizado em convênio pela Epagri e o Ministério da Agricultura, do Cadastro Vitivinícola de Santa Catarina em 2000, restringindo-se, no primeiro ano, à região do Vale do Rio do Peixe.

Também como iniciativa do setor, com o apoio decisivo da Epagri, foi o lançamento de vinhos de qualidade, com selo de identificação com uvas Niágara Branca e Isabel, produzidas no Vale do Rio do Peixe.

Uma iniciativa do poder público, decisiva para este novo momento que se espera, foi a implantação, pela Epagri, no ano de 2001, do Laboratório de Controle de Qualidade de Vinhos e Derivados de Uvas em Videira. Este laboratório foi dinamizado em 2002 pela parceria com a Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc), através do Campus de Videira, e o recém-criado curso de Biotecnologia, com ênfase em Enologia.

Na iniciativa privada, destacam-se, no extremo oeste, uma nova unidade industrial e o acelerado aumento de área que tal processo deslanchou; a unidade implantada em Rodeio e o melhoramento na produção dos vinhos no sul do estado e no Vale do Itajaí. Marcante tem sido também, por iniciativa do setor privado,



o plantio de uvas finas para vinho na região serrana em 2000 e, mais recentemente, a implantação de uma unidade industrial, cuja operação está sendo esperada para 2004.

O Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul - BRDE - e os demais agentes financeiros que operam os programas administrados pelo BNDES financiam a instalação e a reconversão de vinhedos com taxas pré-fixadas de 8,75% ao ano, com limite de R\$ 20 mil por hectare e de R\$ 100 mil por produtor.

As iniciativas em curso resultam, de certa forma, de um esforço conjunto e continuado, envolvendo instituições do setor público e organizações da sociedade civil ligadas à Câmara Setorial de Uva e Vinho. Ademais, as condições econômicas e especialmente a rentabilidade da atividade favorecem o seu desenvolvimento.

Quanto à comercialização nacional, entre as principais uvas de mesa estão a Niágara, como uva comum, e a Itália e Itália Rubi, como uvas finas.

Para a produção de vinhos, no Rio Grande do Sul, onde se processam mais de 350 milhões de litros por ano, reina absoluta a Isabel, com mais de 200 mil toneladas/ano.

Para a produção de vinhos finos, destacamse em volume a Merlot, a Cabernet Sauvignon e a Cabernet Franc entre as tintas; a Moscato, a Riesling, a Trebbiano e a Semillon, entre as brancas.

Apesar da ampliação da área nacional cultivada com irrigação, tanto para a produção de uvas de mesa como para vinhos finos, as condições naturais impõem uma forte concentração na oferta de uvas de mesa nos meses de dezembro a março, época de concentração também na colheita de uvas para produção do vinho fino no Sul do Brasil.

Apesar de a produção brasileira ainda representar muito pouco tanto na produção de uvas quanto na de vinhos, no cenário mundial, a abertura comercial iniciada nos anos 90, os acordos celebrados no âmbito do Mercosul e a ampliação de mercado experimentada depois do Plano Real estão a exigir uma maior aproximação das estatísticas com os resultados da balança comercial brasileira. Dados de organismos internacionais já colocam o Brasil entre os dez maiores importadores de uvas, especialmente do Chile e da Argentina.

Apesar de todos os avanços em Santa Catarina e no Brasil, a cultura enfrenta uma concorrência inimaginada há dez anos com a entrada do Chile na oferta de uvas e vinhos; mais recentemente, os problemas econômicos da Argentina permitirão competitividade à produção desses países, que estarão se tornando os maiores fornecedores de vinhos para o Brasil em muito pouco tempo.

O Chile especializou-se na fruticultura de clima temperado, especialmente em frutas de caroco, uva finas e vinhos finos e se tornou muito agressivo no mercado mundial, especialmente por sua produção direcionada aos mercados mais exigentes. Em função disso, o mercado brasileiro fica à mercê do excedente do mercado europeu, americano e asiático.

Ademais, é importante observar que, no mercado de vinhos finos, há uma desaceleração no consumo dos principais mercados, em contraposição à ampliação no consumo de mercados emergentes, entre eles a Ásia e o Brasil. Contudo, o mais importante hoje e nos próximos anos é a exposição a que estará submetida a produção brasileira, tendo que ampliar o mercado interno de vinhos finos, com qualidade e preço capazes de garantir um aumento relativo da presença do vinho fino nacional no mercado brasileiro.

Francisco Assis de Brito



FLORES E PLANTAS ORNAMENTAIS

Situação nacional

onforme pesquisa efetuada pelo Programa Brasileiro de Exportação de Flores e Plantas Ornamentais proporcionada pelo Convênio Apex/Ibraflor, a floricultura nacional contempla mais de cinco mil produtores, com vendas no atacado em va-

lores superiores a 400 milhões de reais e um valor de vendas no varejo em torno de R\$ 1,3 bilhão, envolvendo mais de 12 mil postos de vendas, 400 atacadistas e oito grandes centros de comercialização, quais sejam: Veiling-Holambra, Floranet, Ceasa-Campinas, Ceagesp, Agraflores, Cadeg, Mercaflor, Ceasa-Porto Alegre.

TABELA 1/I - BRASIL - EXPORTAÇÕES DE FLORES E PLANTAS ORNAMENTAIS - 1999-2001

| ESPÉCIE | ANO | US\$ FOB | UNIDADE | PARTIC. % | US\$/UN. |
|---------------------------|------|------------|-------------|-----------|----------|
| | 1999 | 4.051.583 | 37.096.638 | | 0,10 |
| Tubérculos/Rizomas | 2000 | 3.197.038 | 17.530.130 | 27,89 | 0,18 |
| | 2001 | 346.885 | 22.996.108 | | 0,14 |
| | 1999 | 24.570 | 22.900 | | 1,07 |
| Estacas/Enxertos | 2000 | 48.221 | 140.530 | 0,24 | 0,34 |
| | 2001 | 17.740 | 50.000 | | 0,35 |
| | 1999 | 126.932 | 57.510 | | 2,20 |
| Árvores/Arbustos/Silvados | 2000 | 40.988 | 38.050 | 0,66 | 1,07 |
| | 2001 | 81.795 | 52.500 | | 1,55 |
| | 1999 | 115.728 | 32.304 | | 3,58 |
| Orquídeas | 2000 | 32.906 | 5.160 | 0,47 | 6,37 |
| | 2001 | 30.588 | 5.055 | | 6,05 |
| | 1999 | 6.835.808 | 288.403.883 | | 0,02 |
| Plantas Ornamentais | 2000 | 6.441.770 | 308.736.121 | 54,22 | 0,02 |
| | 2001 | 7.324.844 | 352.654.623 | | 0,02 |
| | 1999 | 156.409 | 659.871 | 2,68 | 0,23 |
| Flores Frescas | 2000 | 314.710 | 1.066.519 | | 0,29 |
| | 2001 | 545.984 | 2.094.058 | | 0,26 |
| | 1999 | 1.096.076 | 270.820 | | 4,04 |
| Flores Secas | 2000 | 128.388 | 34.876 | 3,24 | 3,68 |
| | 2001 | 8.907 | 2.428 | | 3,66 |
| | 1999 | 108.347 | 90.561 | | 1,19 |
| Musgos/Líquens | 2000 | 84.649 | 109.940 | 0,77 | 0,76 |
| | 2001 | 99.237 | 104.000 | | 0,95 |
| | 1999 | 54.939 | 48.962 | | 1,12 |
| Folhagens Frescas | 2000 | 479.729 | 344.288 | 2,95 | 1,39 |
| | 2001 | 587.062 | 233.406 | | 2,51 |
| | 1999 | 394.969 | 141.106 | | 2,79 |
| Folhagens e Plantas Secas | 2000 | 1.013.175 | 344.232 | 6,88 | 2,94 |
| | 2001 | 1.205.206 | 433.075 | | 2,78 |
| | 1999 | 13.123.664 | | • | |
| TOTAL | 2000 | 11.884.342 | | | |

13.286.707FONTE: Secex/Decex.

2001



Os cultivos são efetuados em pequenas áreas de produção, com área média nacional de três hectares.

As exportações mundiais de flores e plantas ornamentais, em 1999, atingiram 7,5 bilhões de dólares; o Brasil exportou 0,2% deste valor, ou seja, 13 milhões de dólares. O comportamento das exportações nacionais no período 1995-1999 pode ser visualizado no gráfico 1.

O detalhamento das exportações brasileiras no período 1999-2001 é visualizado na tabela 1.

Conforme o Ibraflor, as exportações de flores e plantas ornamentais estão dependendo da ampliação e profissionalização da base produtiva do setor, incluindo transporte, distribuição, armazenamento e manuseio de flores, sendo de suma importância a organização da produção.

As importações brasileiras de flores e plantas ornamentais foram de 5,5 milhões de dólares em 1999 e corresponderam a 0,1% dos valores das importações mundiais.

As importações brasileiras se concentram principalmente na aquisição de rosas de corte provenientes da Colômbia e do Equador e em material para reprodução (sementes, bulbos, tubérculos, rizomas, etc.), vindo principalmente da Holanda. O gráfico 2 mostra o comportamento das importações nacionais no citado período.

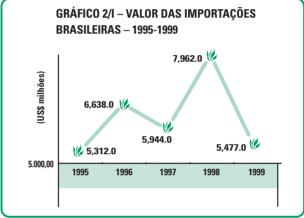
O detalhamento das importações brasileiras de flores e plantas ornamentais pode ser visto na tabela 2.

A estimativa do Ibraflor para o consumo per cápita anual de flores e plantas ornamentais no Brasil gira em torno de US\$ 4,00.

A área cultivada nacional, por estrutura de produção, apresenta-se com 73,5% em campo (cultivo em ambiente natural), 25,0% em estufas e 1,5% em telados, com os seguintes grupos: mudas e plantas ornamentais —



FONTE: Ibraflor.



FONTE: Ibraflor.

58,3%; flores e plantas envasadas – 19,1%; flores e folhagens de corte – 18,4%; outros produtos – 4,3%.

Quanto aos produtores de flores e plantas ornamentais, 41,9% são associados; 41,3% não pertencem a nenhuma associação; 13,3% são cooperados e 3,6% são cooperados e associados. A maioria deles (62,3%) não participa de treinamentos. A assistência técnica pública é prestada a 55,1% dos floricultores, enquanto a assistência técnica privada atinge 46,9% dos produtores.

O transporte da produção é feito em temperatura ambiente e com refrigeração a 5°C.

Os canais de comercialização interna estão assim distribuídos: box próprio da Ceasa –

flores e plantas ornamentais



30,9%; floricultura-terceiros – 20,4%; atacadistas – 19,4%; cooperativas – 5,9%; Garden Center – 4,1%; associações – 3,5%; outros - 11,6%.

O crédito rural é utilizado por 31,8% dos produtores.

A distribuição regional da produção de flores e plantas ornamentais, por estado, assim se apresenta: Rio Grande do Sul: Vacaria, Santa Cruz do Sul, Antônio Prado, Nova Petrópolis, Maquiné e Ivoti. No Paraná: Londrina, Marin-

gá, Foz do Iguaçu, Guarapuava e Curitiba. Em Santa Catarina: Joinville, Biguaçu, Rio do Sul e Corupá. Em São Paulo: Registro, Mogi das Cruzes, Arujá, Ibiúna, Cotia, São Roque, Atibaia, Paranapanema, Holambra e Campinas. No Distrito Federal: Brasília. No Espírito Santo: Venda Nova do Imigrante. No Rio de Janeiro: Petrópolis, Nova Friburgo, Rio de Janeiro, Rio Bonito, Sumidouro, Teresópolis, Guaratiba, Niterói, Maricá. No Amazonas: Manaus. Em Minas Gerais: Munhoz, Andra-

TABELA 2/I - BRASIL - IMPORTAÇÕES DE FLORES E PLANTAS ORNAMENTAIS - 1999-2001

| ESPÉCIE | ANO | US\$ FOB | UNIDADE | PARTIC. % | USS/UN. |
|------------------------------|------|-----------|------------|-----------|---------|
| | 1999 | 1.140.619 | 20.002.641 | | 0,05 |
| Bulbos/Tubérculos | 2000 | 1.461.355 | 23.682.335 | 26,00 | 0,06 |
| em repouso | 2001 | 1.337.043 | 21.143.036 | | 0,06 |
| Bulbos,Tubérculos em flor | 2000 | 5.273 | 100.000 | 3,22 | 0,05 |
| | 2001 | 481.887 | 512.000 | | 0,94 |
| Estacas/Enxertos | 2000 | 18.779 | 33.000 | 0,12 | 0,55 |
| | 2001 | 497 | 3.150 | 0,12 | 0,15 |
| | 1999 | 186.628 | 982.382 | | 0,18 |
| Árvores, Arbustos e Silvados | 2000 | 129.376 | 1.908.260 | 2,74 | 0,06 |
| | 2001 | 99.201 | 2.040.050 | | 0,04 |
| Roseiras | 2000 | 47.750 | 81.536 | 0,35 | 0,58 |
| | 2001 | 4.690 | 70.000 | 0,30 | 0,06 |
| | 1999 | 893.857 | 4.185.179 | | 0,21 |
| Outras Plantas | 2000 | 969.129 | 4.606.922 | 18,77 | 0,21 |
| Ornamentais | 2001 | 980.695 | 5.110.689 | | 0,19 |
| | 1999 | 83.312 | 164.086 | | 0,50 |
| Outras Plantas Vivas | 2000 | 164.741 | 1.517.000 | 2,25 | 1,10 |
| | 2001 | 93.702 | 447.600 | | 0,20 |
| | 1999 | 8.451 | 1.424 | | 5,98 |
| Flores e Botões | 2000 | 12.679 | 3.626 | 0,28 | 3,47 |
| | 2001 | 21.686 | 6.771 | | 5,22 |
| | 1999 | 52.972 | 21.902 | | 2,42 |
| Folhas/Ramos Secos | 2000 | 42.643 | 15.527 | 0,88 | 2,75 |
| | 2001 | 37.247 | 9.421 | | 3,95 |
| | 1999 | 129.371 | 117.341 | | 1,10 |
| Mudas de Orquídeas | 2000 | 95.435 | 128.611 | 1,97 | 0,74 |
| | 2001 | 73.687 | 64.630 | | 1,14 |
| | 1999 | 1.874.574 | 4.888.045 | | 0,38 |
| Flores e Botões | 2000 | 1.652.993 | 4.827.186 | 33,00 | 0,34 |
| Frescos - Rosas | 2001 | 1.471.051 | 4.317.545 | | 0,34 |
| | 1999 | 317.929 | 2.485.051 | | 0,12 |
| Mudas de Outras Plantas | 2000 | 593.348 | 2.580.943 | 10,42 | 0,22 |
| | 2001 | 667.206 | 7.542.403 | | 0,08 |
| | 1999 | 5.476.909 | | | |
| TOTAL | 2000 | 6.414.375 | | | |
| | 2001 | 7.094.420 | | | |

FONTE: Secex/Decex.



TABELA 3/I – PRODUTOS MAIS VENDIDOS NO VEILING-HOLAMBRA – 1992-1999

(mil unidades)

| PRODUTO | | | | ANOS | | | | |
|-----------------|-------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|
| PRODUTO | 1992 | 1993 | 1994 | 1995 | 1996 | 1997 | 1998 | 1999 |
| Rosas (dz) | 5.453 | 6.507 | 7.571 | 9.054 | 10.040 | 12.241 | 11.679 | 7.975 |
| Violetas (1) | 9.185 | 14.111 | 15.302 | 1.7381 | 19.123 | 20.698 | 15.259 | 14.288 |
| Crisântemos (2) | 1.202 | 1.517 | 920 | 2.091 | 2.277 | 1.650 | 1.342 | 1.601 |
| Azáleas (1) | 854 | 1.199 | 1.250 | 1.351 | 1.611 | 1.277 | 1.834 | 831 |
| Kalanchoes (1) | 1.887 | 2.257 | 3.205 | 3.590 | 4.245 | 6.483 | 6.914 | 8.292 |
| Crisântemos (1) | 391 | 444 | 791 | 1.148 | 1.382 | 1.867 | 1.873 | 1.860 |
| Gladíolos (dz) | 1.301 | 1.152 | 905 | 748 | 695 | 533 | 495 | - |
| Cravos (dz) | 190 | 83 | 193 | 372 | 387 | 459 | 338 | - |
| Gérberas (dz) | 262 | 307 | 302 | 259 | 260 | 325 | 234 | - |
| Gypsophila | 489 | 372 | 319 | 212 | 174 | 155 | 60 | - |
| Aster | - | - | - | - | - | 408 | - | - |
| Giboia Verde | - | - | - | - | - | - | 309 | - |
| Crisântemo (3) | - | - | - | - | - | - | - | 3.095 |
| Begônia (1) | - | - | - | - | - | - | - | 2.473 |
| Tango | - | - | - | - | - | - | - | 764 |
| Lírio (3) | - | - | - | - | - | - | - | 646 |

Fonte: Ibraflor.

"Em vasos.
"Em maços.
"Em pacotes de 13 a 15 unidades.

das, Barbacena, Belo Horizonte e Araxá. Na Bahia: Ituberá, Morro do Chapéu, Feira de Santana. Em Pernambuco: Recife, Gravatá, Bonito, Garanhuns, Petrolina e Barra do Guabiraba. No Ceará: Região Metropolitana de Fortaleza, Serra do Baturité, Serra de Ibiapaba e Cariri. Em Alagoas: Maceió, e no Pará: Belém.

A comercialização no Veiling-Holambra, nos últimos oito anos, dá uma noção das principais espécies de flores e plantas ornamentais comercializadas no Brasil (Tabela 3).

Situação estadual

O levantamento patrocinado pelo Convênio Apex/Ibraflor e efetuado pela Epagri permite visualizar a grande evolução nos últimos cinco anos na floricultura catarinense, oferecendo um novo panorama (Tabela 4).

O valor bruto desta produção, estimado pela Epagri, foi de aproximadamente R\$ 27.600.000,00

Os tipos de cultivo encontrados em Santa Catarina, em metros quadrados, foram de

TABELA 4/I – EVOLUÇÃO DA FLORICULTURA CATARINENSE – 1997 E 2002

| ITENS ANALISADOS | AN | 0S |
|------------------------------------|---------------|------------|
| TI EITO /III/IEIO/IEOO | 1997 | 2002 |
| Número de produtores | 115 | 370 |
| Municípios com produção | 25 | 112 |
| Área total cultivada (ha) | 342 | 917 |
| Produção anual (un.) | 4.338.280 (1) | 37.417.058 |
| Flores e plantas ornamentais (un.) | 3.084.184 | 4.053.201 |
| Flores em vasos (un.) | - | 101.190 |
| Flores cortadas (dz/maço) | 286.765 | 203.251 |
| Grama (m²) | 1.498.000 | 2.834.245 |
| Sementes (kg) | 15.000 | 76.882 |
| Flores/Folhas secas (maço) | 80.800 | 82.600 |

FONTE: Epagri/Ibraflor.

⁽¹⁾ Deste total 32.407.000 unidades são forrações com flor e sem flor (caixaria).

9.020.644 em ambiente natural (campo); 109.044 em estufas; 9.177.588 em telados e 34.204 em abrigos.

A mão-de-obra utilizada foi a familiar em 50,27%; no restante, foi contratada. O valor médio da mão-de-obra absorvida, incluindo a familiar, por propriedade pesquisada, foi de 4,82 pessoas.

A assistência técnica é prestada em 51,35% das propriedades, com predomínio da assistência privada. O crédito rural é uti-

flores e plantas ornamentais



lizado por 18,1% dos floricultores, uma vez que poucos fazem a escrituração agrícola (23,5%); 63,2% usam transporte próprio e 74,1%, de terceiros.

As benfeitorias e instalações encontradas fo-

ram as seguintes: 74,7% das propriedades possuem galpão de serviço; 73,5% possuem construção para produção; 57% possuem abrigos (estufas) em número de 1,3 por propriedade, medindo 289 m² cada. O minitúnel foi constatado em apenas 1,4% das propriedades, em número médio de 1,5 túnel por estabelecimento, cada um deles medindo 32 m²; os telados apareceram

A comercialização no mercado interno, em percentual, foi assim diagnosticado: diretamente com floristas, 47,6%; atacadistas, 37,3%; floricultura própria, 28,6%; Mercaflor; 2,7%; Garden, 1,4%; outros, 47,8%.

em 38,4% das explorações, em número médio de 1,6, e

com 450 m² por telado.

O destino principal da produção foram os estados de São Paulo, Rio Grande do Sul e Paraná.

A produção geral, registrada pelo levantamento em unidades, foi a seguinte, além das relacionadas na tabela 4:

- Bromélias 159, 425
- Orquídeas 167.091

- Roseiras 104.060
- Flor em vaso 101.190
- Samambaias 23.850
- Cactos 7.420
- Ornamentais 4.447.022
- Musgo (sc) 5.300

A produção catarinense por espécie, resultante do levantamento, pode ser verificada na tabela 5.

TABELA 5/I – SANTA CATARINA – PRODUÇÃO COMERCIALIZADA – 2000

| ESPÉCIE | FLOR EM VASO | FL | OR DE CO | RTE | FLOR SECA | DIVE | RSOS |
|---------------------|--------------|--------|----------|--------|-----------|-------|-------|
| LSI LUIL | Unidades | Dúzia | Maço | Pacote | Maço | Sc | kg |
| Crisântemo | 24.860 | - | - | 19.240 | - | - | - |
| Antúrio | 20.405 | 5724 | - | - | - | - | - |
| Gerânio | 17.080 | - | - | - | - | - | - |
| Espatifilo | 13.055 | - | - | - | - | - | - |
| Fúcsia | 11.240 | - | - | - | - | - | - |
| Copo-de-leite | 7.950 | 6.200 | - | - | - | - | - |
| Impatiens | 3.360 | - | - | - | - | - | - |
| Ciclamen | 1.800 | - | - | - | - | - | - |
| Petúnia | 960 | - | - | - | - | - | - |
| Poinsétia | 480 | - | - | - | - | - | - |
| Rosa | - | 84.256 | - | - | - | - | - |
| Áster | - | - | 25.720 | - | - | - | - |
| Tango (100 g) | - | - | 21.300 | - | - | - | - |
| Gipsofila | - | - | 16.000 | - | - | - | - |
| Cravo | - | 21.200 | - | - | - | - | - |
| Estátice | - | - | 6.400 | - | - | - | - |
| Hipéricum | - | - | 6.400 | - | - | - | - |
| Lírio | - | 1.500 | - | - | - | - | - |
| Cravina | - | 2.120 | - | - | - | - | - |
| Gérbera | - | 530 | - | - | - | - | - |
| Boca-de-leão | - | - | 371 | - | - | - | - |
| Latifólia | - | - | 120 | - | - | - | - |
| Palma | - | 80 | - | - | - | - | - |
| Flores diversas | - | - | 2.650 | - | - | - | - |
| Hortênsia | - | - | - | - | 40.000 | - | - |
| Trigo | - | - | - | - | 20.000 | - | - |
| Alpiste | - | - | - | - | 16.000 | - | - |
| Vime torcido | - | - | - | - | 1.600 | - | - |
| Outras | - | - | - | - | 5.000 | - | - |
| Bromélias (semente) | 300.000 | - | - | - | - | 5.300 | - |
| Musgo | - | - | - | - | - | - | - |
| Sementes diversas | - | - | - | - | - | - 7 | 6.882 |

FONTE: Epagri/Ibraflor.



As exportações catarinenses de flores e plantas ornamentais, no período 1999-2001, podem ser observadas na tabela 6.

TABELA 6/I - SANTA CATARINA - EXPORTAÇÕES DE FLORES E PLANTAS ORNAMENTAIS - 1999-2001

| ESPÉCIE | ANO | US\$ FOB | UNIDADE | PARTIC. % | US\$/UN. |
|------------------------|------|----------|---------|-----------|----------|
| | 1999 | 14.710 | 1.645 | | 8,94 |
| Orquídeas | 2000 | 18.617 | 3.201 | 6,88 | 5,81 |
| | 2001 | 24.589 | 3.513 | | 7,00 |
| | 1999 | 202.109 | 14.182 | | 14,25 |
| Plantas Ornamentais | 2000 | 50.123 | 5.128 | 31,42 | 9,77 |
| | 2001 | 12.221 | 6.965 | | 1,75 |
| | 1999 | 5.200 | 248 | | 20,96 |
| Flores | 2000 | 400 | 500 | 1,43 | 26,66 |
| | 2001 | 6.390 | 7.580 | | 14,92 |
| | 1999 | 28.938 | 4.931 | | 5,86 |
| Folhas e Plantas Secas | 2000 | 32.830 | 6.642 | 13,54 | 4,94 |
| | 2001 | 52.173 | 11.421 | | 4,56 |
| | 1999 | 14.395 | 35.200 | | 0,40 |
| Folhagens Verdes | 2000 | 236.172 | 280.000 | 46,55 | 0,84 |
| | 2001 | 141.210 | 144.000 | | 0,97 |
| Estacas e Enxertos | 2001 | 1.500 | 30.000 | 0,18 | 0,05 |
| | 1999 | 265.352 | | | |
| TOTAL | 2000 | 338.142 | | | |
| | 2001 | 238.083 | | | |

FONTE: Secex/Decex.

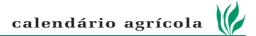
As importações catarinenses, no mesmo período, foram as seguintes (Tabela 7). Verifica-se que a balança comercial estadual de flores e plantas ornamentais foi altamente positiva no triênio analisado.

TABELA 7/I - SANTA CATARINA - IMPORTAÇÕES DE FLORES E PLANTAS ORNAMENTAIS - 1999-2001

| ESPÉCIE | ANO | US\$ FOB | UNIDADE | PARTIC. % | US\$/UN. |
|-----------------------|------|----------|---------|-----------|----------|
| Árvores/Arbustos | 1999 | 430 | 140 | 11,2 | 3,07 |
| Flores Secas | 2001 | 628 | 134 | 16,4 | 4,68 |
| Folhagens/Ramos Secos | 2001 | 2.782 | 2.744 | 72,4 | 1,01 |
| TOTAL | 1999 | 430 | | | |
| TOTAL | 2001 | 3.410 | 1 | | |

FONTE: Secex/Decex.

José Maria Paul



QUADRO 1/I – CALENDÁRIO AGRÍCOLA – PLANTIO, COLHEITA E COMERCIALIZAÇÃO DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS – SANTA CATARINA – 2002

| PRODUTO | FASE | | | | | | MES | | | | | | |
|----------------|----------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| ו ויטעטווי | | JAN | FEV | MAR | ABR | MAI | JUN | JUL | AG0 | SET | OUT | NOV | DEZ |
| | Plantio | | | | | | | | | | | | |
| ALH0 | Colheita | | | | | | | | | | | | |
| | Comerc. | | | | | | | | | | | | |
| | Plantio | | | | | | | | | | | | |
| ARROZ | Colheita | | | | | | | | | | | | |
| | Comerc. | | | | | | | | | | | | |
| BANANA | Colheita | | | | | | | | | | | | |
| DANANA | Comerc. | | | | | | | | | | | | |
| | Plantio | | | | | | | | | | | | |
| BATATA | Colheita | | | | | | | | | | | | |
| | Comerc. | | | | | | | | | | | | |
| | Plantio | | | | | | | | | | | | |
| CEBOLA | Colheita | | | | | | | | | | | | |
| | Comerc. | | | | | | | | | | | | |
| FEIJÃO | Plantio | | | | | | | | | | | | |
| 1a SAFRA | Colheita | | | | | | | | | | | | |
| TO OATTIA | Comerc. | | | | | | | | | | | | |
| FEIJÃO Plantio | | | | | | | | | | | | | |
| 2a SAFRA | Colheita | | | | | | | | | | | | |
| Zu OAITIA | Comerc. | | | | | | | | | | | | |
| | Plantio | | | | | | | | | | | | |
| FUM0 | Colheita | | | | | | | | | | | | |
| | Comerc. | | | | | | | | | | | | |
| | Plantio | | | | | | | | | | | | |
| MANDIOCA | Colheita | | | | | | | | | | | | |
| | Comerc. | | | | | | | | | | | | |
| | Plantio | | | | | | | | | | | | |
| MILH0 | Colheita | | | | | | | | | | | | |
| | Comerc. | | | | | | | | | | | | |
| | Plantio | | | | | | | | | | | | |
| SOJA | Colheita | | | | | | | | | | | | |
| | Comerc. | | | | | | | | | | | | |
| | Plantio | | | | | | | | | | | | |
| TRIGO | Colheita | | | | | | | | | | | | |
| | Comerc. | | | | | | | | | | | | |
| | Plantio | | | | | | | | | | | | |
| TOMATE | Colheita | | | | | | | | | | | | |
| | Comerc. | | | | | | | | | | | | |
| | Colheita | | | | | | | | | | | | |
| MAÇÃ | Comerc. | | | | | | | | | | | | |

FONTE: IBGE/Instituto Cepa/SC.

| maior concentração. |
|---------------------|
| menor concentração. |



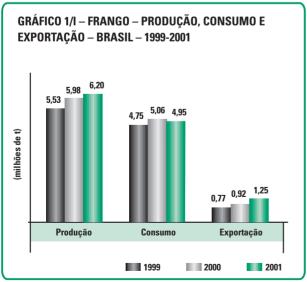
Desempenho da produção animal

CARNE DE FRANGO

Panorama nacional

produção nacional de frangos em 2001 foi de 6,6 milhões de toneladas, 10,4% a mais do que em 2000. O melhor desempenho das exportações, tanto em volume quanto em receita cambial, o aumento do peso médio de abate, os custos mais baixos, o aproveitamento da capacidade ociosa e a consolidação dos investimentos realizados no Sul e no Centro-Oeste são as principais variáveis deste desempenho.

As exportações atingiram 1,25 milhão de



FONTE: Instituto Cepa/SC

toneladas, representando um papel importante no escoamento da produção. A maior demanda na Europa e na Ásia, por conta dos problemas sanitários e da desvalorização do real, é o fator que mais estimulou os negócios. O aumento do leque de clientes e a conquista do mercado russo também tiveram um peso significativo.

O ano de 2001, que foi chamado de "o melhor ano" da história da avicultura nacional, deve encerrar-se com um crescimento nas vendas tanto no mercado interno como no externo. Após um primeiro semestre de baixo desempenho das vendas internas, o setor registrou aumento dos negócios no segundo semestre. A disponibilidade interna do produto manteve-se crescente no segundo semestre, apesar da rápida expansão das exportações. Este fato indica que o consumo interno apresentou recuperação, contrariando as expectativas de estabilidade.

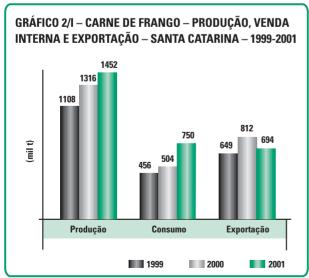
Os preços mais altos dos produtos concorrentes no varejo (o que provocou o deslocamento dos consumidores), a forte diversificação na apresentação do frango (que, por sua vez, atraiu novos consumidores) e a modernização das estruturas de logística das empresas (levando o produto a mais rapidamente atingir os pontos de vendas) concorreram para tal desempenho.



Panorama catarinense

A produção no estado, em 2001, também cresceu forte (9,8%). Este desempenho foi puxado pela importância da indústria local, pelos investimentos realizados, pelo aumento da produtividade e por sua forte inserção no mercado internacional. Esta expansão se deve, em parte, ao crescimento de 6,0% nos abates, que passaram de 622,8 milhões de cabeças para 660,0 milhões de cabeças e, em parte, ao aumento no peso médio de abate, que passou de 2,11 para 2,2 quilos por ave abatida.

A produção local representou pouco mais de 18% da produção nacional e 60% das exportações brasileiras. Na produção, o destaque cabe à forte expansão no Paraná, que se tornou o primeiro produtor nacional. No mercado, as exportações de Santa Catarina, que atingiram 750 mil toneladas, foram os destaques. Em função da forte expansão das exportações, a produção local perdeu participação no mercado interno. Em 2000, detinha 16% do mercado brasileiro de frangos; em 2001, caiu para 15%. Mesmo assim, a indústria local teve reconhecida presença na avicultura brasileira.



FONTE: Instituto Cepa/SC

Perspectivas para 2002

A produção nacional de frangos tende a atingir 7,2 milhões de toneladas em 2002, um crescimento de 9,1% sobre os 6,6 milhões de toneladas produzidas em 2001. Esta estimativa está pautada na capacidade instalada de produção, nos investimentos realizados por todos os segmentos do setor, na reorganização logística das grandes empresas, no surgimento de novos consórcios de exportação e, principalmente, na expectativa gerada ao longo de 2001 de que o consumo se manteria firme e as exportações continuariam em expansão. Outro fator que colaborou com esta situação é a capacidade que o setor tem apresentado, nos anos recentes, de superar sua capacidade instalada de produção devido a ganhos constantes de produtividade.

A produção no primeiro semestre atingiu ao redor de 3,6 milhões de toneladas. Este volume ainda permite projetar uma produção anual superior a 7,2 milhões de toneladas. Para escoar toda essa oferta, as exportações terão de crescer entre 10% e 15% e o consumo, entre 6,0% e 8,0%. Mas, no período, tanto o consumo interno como as exportações ficaram muito abaixo desta projeção.

Os exportadores se prepararam para um novo período de expansão dos negócios. O crescimento da oferta mundial e o aumento das exigências dos importadores, porém, estão dificultando o desempenho das exportações, que no primeiro semestre atingiram 614 mil toneladas, um modesto crescimento de apenas 3,9%. O consumo interno no período também não foi suficiente para enxugar todo o excedente interno, pois a disponibilidade superou em mais de 500 mil toneladas os primeiros seis meses do ano passado.



TABELA 1/I – CARNE DE AVES – OFERTA E DEMANDA BRASILEIRAS E CATARINENSES – 2001-2002 (mil t)

| SITUAÇÃO | | BRASIL | | SANTA CATARINA | | | | |
|----------------|-------|----------|-------|----------------|----------|-------|--|--|
| SITUAÇAU | 2001 | 2002 (1) | VAR % | 2001 | 2002 (1) | VAR % | | |
| Produção | 6.600 | 7.200 | 9,1 | 1.452 | 1.620 | 11,6 | | |
| Exportação | 1.250 | 1.440 | 15,2 | 750 | 864 | 15,2 | | |
| Venda Nacional | 5.345 | 5.745 | 7,5 | 702 | 756 | 7,7 | | |
| Per Cápita/Kg | 31,2 | 33,2 | 6,4 | 39 | 40 | 2,6 | | |

FONTE - Apinco, Abef, Instituto Cepa/SC

Há estoques nos Estados Unidos, na Europa e no Japão. A paranóia européia, sobre vaca louca e febre aftosa, já passou e a oferta mundial aumentou; os principais importadores podem escolher fornecedores, colocar mais exigências de segurança alimentar e barganhar preços.

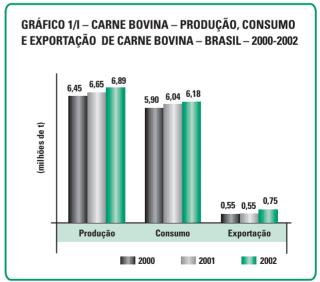
O consumidor ficou longe das gôndolas dos supermercados e o mercado externo perdeu grande parte de sua euforia. O otimismo de 2001 desapareceu. O fluxo das exportações já não é o mesmo. Os estoques se elevam e os supermercados usam o produto como atrativo. A tudo isso, acrescentem-se a elevação dos custos e a queda dos preços internacionais. A crise era anunciada ao final do ano passado, mas sem a dimensão com que se configurou. Este quadro indica urgência na formulação de uma estratégia dos avicultores para reduzir a produção no segundo semestre.

Jurandi Soares Machado

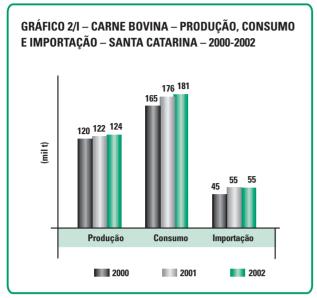
CARNE BOVINA

Panorama brasileiro

produção nacional de carne bovina em 2001 foi avaliada pelo Instituto Cepa/SC em 6,65 milhões de toneladas, 3,1% a mais do que em 2000. Empresas de consultoria estimam a produção brasileira para o mesmo ano ao redor de 6,9 milhões de toneladas. A pecuária de corte vem-se desenvolvendo no Centro-Oeste, onde os plantéis estão em expansão e a produtividade tem crescido. No Sul e no Sudeste, o efetivo tem crescido mais moderadamente, mas seu desempenho tem melhorado substancialmente, sobretudo devido



FONTE: Instituto Cepa/SC.



FONTE: Instituto Cepa/SC.

à redução da idade de abate. A expansão da oferta na entressafra também tem sido concorrido para a expansão da produção nacional nos últimos anos.

Em 2001, as exportações tiveram um bom desempenho. Os ganhos de qualidade, os problemas sanitários na Europa, a queda nas exportações argentinas e o câmbio favorável permitiram uma forte expansão das vendas. No mercado interno, o leve crescimento do consumo de carne bovina e a concorrência das outras carnes dificultaram um melhor desempenho aos pecuaristas.

TABELA 1/I – CARNE BOVINA – OFERTA E DEMANDA – BRASIL E SANTA CATARINA – 2001-2002 (mil t)

| SITUAÇÃO | | BRASI | L | SANTA CATARINA | | | | |
|------------|------|----------|--------|----------------|----------|--------|--|--|
| SITUAÇAU | 2001 | 2002 (1) | Var. % | 2001 | 2002 (1) | Var. % | | |
| Produção | 6645 | 6885 | 3,6 | 122 | 124 | 1,64 | | |
| Exportação | 700 | 750 | 7,1 | - | - | - | | |
| Consumo | 5990 | 6175 | 3,1 | 176 | 181 | 2,84 | | |

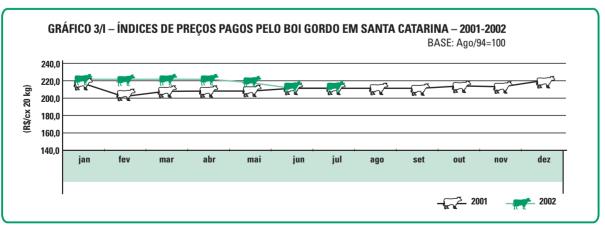
FONTE: IBGE, Instituto Cepa/SC

Panorama catarinense

A produção local, em 2001, teve um incremento moderado (1,7%), com a produção em equivalentes carcaças atingindo 122 mil toneladas, correspondente a um abate de 544,8 mil cabeças. As importações foram avaliadas em 55 mil toneladas, 22% a mais que no ano anterior. O consumo estadual cresceu apenas 6,7%, atingindo 176 mil toneladas, contra 165 mil toneladas em 2000. O incremento do consumo deve-se, em grande parte, à continuidade do crescimento da demanda por carne bovina industrial. A estabilidade no consumo per cápita deve-se à preferência dos consumidores pela carne de frangos e suína.

Comportamento dos preços

Os preços recebidos pelos pecuaristas entraram em um período de sustentação, apresentando pouca variabilidade ao longo do ano.



FONTE: Instituto Cepa/SC



Em 2001, não decresceram por conta do aumento das exportações e da perda da competitividade do produto importado da Argentina, pois o consumo interno teve apenas crescimento vegetativo. Durante o primeiro semestre de 2002, ao contrário do mesmo período do ano passado, os preços tiveram um comportamento melhor, sendo sustentados sobretudo pelas exportações, mas a grande oferta das carnes concorrentes dificultou uma evolução mais consistente.

Perspectivas

Para 2002, as estimativas para a produção nacional são de expansão dos negócios. A expectativa de crescimento das exportações, as associações estratégicas com o varejo para atender a mercados de alta renda e o aumento es-

perado na produtividade sinalizam que a produção poderá situar-se entre 6,9 milhões e 7,2 milhões de toneladas, um incremento de aproximadamente 3,6% sobre 2001. As estimativas para o consumo interno são de que cresça 3,0%, levemente abaixo do crescimento da oferta, principalmente devido à concorrência do frango, cujos preços tendem a permanecer mais atrativos para os consumidores.

A produção catarinense deverá manter um crescimento dentro das taxas históricas (1,64%), em torno de 124 mil toneladas. A produção estadual continuará inferior à demanda, com as estimativas das importações próximo a 55 mil toneladas. Grande parte deste volume importado destina-se à industrialização.

Jurandi Soares Machado

CARNE SUÍNA

Panorama da produção e mercado

produção brasileira de carne suína, em 2001, foi avaliada em 2,23 milhões de toneladas, um crescimento de 7,56%. Cresceu forte no Sul e no Centro-Oeste e, moderadamente, no Sudeste. No Sul, os abates totais foram avaliados em 17,5 milhões de cabeças, um incremento de 6,5%. O amadurecimento dos investimentos, o crescimento da produtividade, a recuperação da rentabilidade (seja pela redução dos custos de produ-

ção, seja pela recuperação dos preços internos) e a expansão das exportações estimularam o rápido crescimento da produção.

O consumo brasileiro de carne suína ficou estável em relação ao ano passado, permanecendo no patamar de 2,0 milhões de toneladas em equivalentes carcaças. O bom volume ofertado das carnes concorrentes (bovina e de frangos) colaborou para que o consumo interno permanecesse estável. Mas a forte expansão das exportações manteve o mercado interno enxuto, tendo sido o principal fator de sustentabilidade da atividade.



A produção catarinense, representando quase 30% da produção nacional, cresceu, em 2001, 6,4%, situando-se em 663 mil toneladas. A estrutura produtiva das grandes indústrias, fortemente planejada, a consolidação de pequenas indústrias artesanais (que atendem a um crescente mercado local e regional), o preparo gerencial dos suinocultores independentes e o aumento da produtividade explicam esta expansão.

Da produção estadual (663 mil toneladas), 15,9% destinou-se ao consumo local; 58,5%, ao mercado nacional e 25,6%, às exportações. A tendência do mercado para a produção local é de se manter crescente, seja pelo aumento das exportações, seja pela liderança da indústria.

Os abates totais em Santa Catarina aumentaram 4,57% em 2001, passando de 7,77 milhões para 8,13 milhões de cabeças. Os abates com inspeção atingiram 6,39 milhões de cabeças, um incremento de 6,33%. Já o volume destinado ao abate artesanal se manteve também crescente, tendo sido estimado em 1,0 milhão cabeças abatidas. A expansão dos pequenos negócios artesanais teve forte continuidade. Surgiram novos negócios (abatedouros e pontos de vendas) e cresceu o interesse dos consumidores em adquirir produtos suínos com origem em pequenas indústrias artesanais. Do total abatido, 78,64% foi sob inspeção federal, 10,26% sob outras for-

mas (pequenos negócios artesanais e de agricultores familiares) e 11,1% foi abatido nas propriedades para o auto consumo.

Panorama dos preços e dos custos

A partir de agosto de 2000, os suinocultores entraram em uma fase de otimismo. A redução dos custos de produção e a recuperação dos preços internos, decorrente da forte expansão das exportações, devolveram a rentabilidade à atividade.

Em 2000, houve seis meses de preços em baixa para os suinocultores. Isto pode ser avaliado pelo índice de preços, que caiu 13,0%. Somente a partir de agosto daquele ano iniciouse um processo de alta. As exportações para a Rússia, as vendas sazonais de inverno e de final de ano diminuíram os estoques, elevando os preços internos. Com este novo panorama, os índices apresentaram uma recuperação de 20,0%. Esta tendência persistiu ao longo de 2001, com o índice evoluindo 27,3%.

Perspectivas para 2002

No Brasil, as perspectivas para 2002 são de que a produção tenha uma expansão de até 6%, devendo situar-se ao redor de 2,37 milhões de toneladas. As vendas no mercado interno, em 2002, devem permanecer estáveis, provavelmente pouco mais de 2,0 milhões de

TABELA 1/I – CARNE SUÍNA – OFERTA E DEMANDA BRASILEIRAS E CATARINENSES – 2000-2002

(mil t)

| | | | BRASIL | | | SANTA CATARINA | | | | | |
|----------------|-------|-------|----------|---------|--------------|----------------|------|----------|--------------|---------|--|
| SITUAÇÃO | | | | VARIA | VARIAÇÃO (%) | | | 2222 (1) | VARIAÇÃO (%) | | |
| | 2000 | 2001 | 2002 (1) | 2001/00 | 2002/01 | 2000 | 2001 | 2002 (1) | 2001/00 | 2002/01 | |
| Produção | 2.077 | 2.234 | 2.368 | 7,56 | 6,0 | 623 | 663 | 712 | 6,42 | 7,4 | |
| Exportação | 135 | 260 | 320 | 92,59 | 23,1 | 95 | 170 | 200 | 78,95 | 17,6 | |
| Consumo | 1.977 | 1.974 | 2.048 | -0,15 | 3,7 | 98 | 105 | 112 | 7,14 | 6,7 | |
| Venda Nacional | - | - | - | - | - | 435 | 388 | 400 | -10,80 | 3,1 | |
| Per Cápita/kg | 11,87 | 11,6 | 11,6 | -2,27 | 2,7 | 21 | 22 | 23 | 3,29 | 4,5 | |

FONTE: Instituto Cepa/SC.

(1) Sujeito a reavaliação.

toneladas. Acredita-se que as exportações continuarão em expansão, mas não o suficiente para enxugar todo o volume ofertado. Mesmo assim, poderão crescer ao redor de 20%, dando continuidade ao comportamento registrado nos últimos dois anos. Se as vendas permanecerem firmes, sobretudo no mercado russo, e se se concretizar um aumento nos negócios com a China e o Japão, as exportações poderão aproximar-se das 320 mil toneladas.

Apesar do baixo desempenho econômico apresentado pela suinocultura brasileira no primeiro semestre, as estimativas ainda são de aumento. Somente mais ao final do ano poderá haver modificações nas expectativas, por conta de uma eventual eliminação de matrizes e/ou diminuição do peso médio de abate.

As perspectivas para 2002 podem ser evidenciadas pelo crescimento dos abates no Sul do País, principal região produtora, com aproximadamente 60% da produção nacional. De janeiro a maio, os abates regionais atingiram 8,1 milhões de cabeças, 13,8% a mais do que

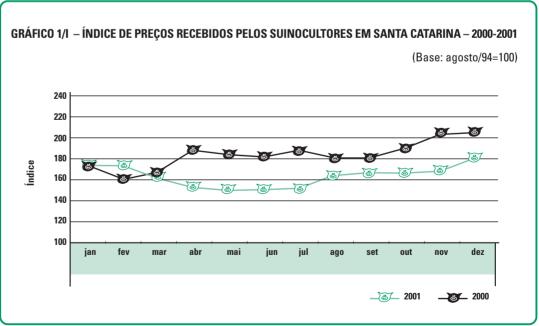
no mesmo período do ano passado, indicando que a produção regional deve se aproximar dos 20 milhões de cabeças. Este resultado permite projetar, para 2002, uma oferta nacional de 32,24 milhões de cabeças.

A consolidação dos investimentos feitos no Centro-Oeste e no Sul do País, o crescimento da produtividade no Sul, a rentabilidade de 2001 e a expectativa de continuidade

TABELA 2/I – SUÍNOS – ABATES TOTAIS EM SANTA CATARINA – 2000-2002 (mil cab.)

| MÊS | 2000 | 2001 | 2002 | VAR % |
|-----------|---------|---------|-------|-------|
| INF2 | 2000 | (a) | (b) | b/a |
| Janeiro | 624,3 | 675,5 | 722,0 | 6,89 |
| Fevereiro | 612,4 | 624,8 | 678,8 | 8,65 |
| Março | 654,7 | 694,9 | 687,7 | -1,03 |
| Abril | 592,1 | 651,4 | 741,8 | 13,88 |
| Maio | 669,8 | 705,3 | 724,6 | 2,74 |
| Junho | 643,4 | 649,3 | - | - |
| Julho | 666,4 | 684,3 | - | - |
| Agosto | 691,8 | 728,2 | - | - |
| Setembro | 659,7 | 669,0 | - | - |
| Outubro | 662,8 | 731,1 | - | - |
| Novembro | 630,9 | 669,5 | - | - |
| Dezembro | 663,8 | 644,2 | - | - |
| Total | 7.772,2 | 8.127,6 | - | - |

FONTE: Instituto Cepa/SC.



FONTE: Instituto Cepa/SC.

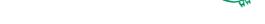


TABELA 3/I - ABATES TOTAIS DE SUINOS EM SC. RS E PR - 2000-2002

(mil cab.)

| ESTADO | SA | ANTA CATAF | RINA | RIO | GRANDE DO | SUL | | PARANÁ | |
|-----------|---------|------------|-------|---------|-----------|-------|---------|--------|-------|
| MÊS/ANO | 2001 | 2002 | VAR % | 2001 | 2002 | VAR % | 2001 | 2002 | VAR % |
| Janeiro | 675,5 | 722,0 | 6,9 | 428,2 | 538,1 | 25,7 | 315,2 | 370,9 | 17,7 |
| Fevereiro | 624,8 | 678,8 | 8,6 | 395,1 | 475,0 | 20,2 | 286,4 | 352,0 | 22,9 |
| Março | 694,9 | 687,7 | -1,0 | 438,9 | 467,8 | 6,6 | 340,8 | 379,2 | 11,3 |
| Abril | 651,4 | 741,8 | 13,9 | 424,2 | 537,1 | 26,6 | 301,6 | 420,1 | 39,3 |
| Maio | 705,3 | 724,6 | 2,7 | 472,3 | 545,3 | 15,5 | 329,7 | 420,5 | 27,5 |
| Junho | 649,3 | | | 412,2 | | | 321,3 | | |
| Julho | 684,3 | | | 463,3 | | | 355,9 | | |
| Agosto | 728,2 | | | 448,2 | | | 366,3 | | |
| Setembro | 669,0 | | | 422,7 | | | 330,4 | | |
| Outubro | 731,1 | | | 510,0 | | | 400,2 | | |
| Novembro | 669,5 | | | 513,0 | | | 356,4 | | |
| Dezembro | 644,2 | | | 537,3 | | | 353,7 | | |
| Subtotal | 3.351,9 | 3555,0 | 6,1 | 2.158,6 | 2563,3 | 18,7 | 1.573,6 | 1942,7 | 23,5 |
| Total | 8.127,6 | | | 5.465,3 | | | 4.057,8 | | |

FONTE: Instituto Cepa/SC, Acsurs, Sindicarne/PR e Sindicarnes/SC.

da expansão das exportações são os fatores que estão estimulando o crescimento da produção. Os números relativos aos investimentos das grandes empresas do setor sugerem a possibilidade de este crescimento ser ainda maior. A comprovação do aumento da oferta

nos primeiros cinco meses do ano e o represamento da produção, seja no campo, seja nas indústrias, confirmam as estimativas.

Jurandi Soares Machado

LEITE

Produção mundial

produção mundial de leite continua em crescimento. Segundo o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda), a produção dos principais produtores mundiais, que respondem por pouco menos de 80% dos 480 milhões de toneladas métricas produzidos mundialmente, deve chegar, em 2002, aos 382,59 milhões de toneladas, contra 378,53 milhões em 2001.

Ao contrário do que se esperava alguns anos atrás, não se confirma a tendência de decréscimo na produção dos dois principais produtores mundiais, União Européia (UE) e Estados Unidos (EUA), que respondem por quase 40% do total mundial.

No caso dos EUA, pelo contrário, embora em 2001 a produção tenha sido menor que a de 2000, verifica-se um crescimento de quase 9% de 1997 até 2002. A União Européia apresenta produção praticamente estabilizada no período, o que significa que os problemas sanitários ocorridos em parte do rebanho dos países da comunidade não repercutiram sobre a produção total de leite.



TABELA 1/I – PRODUÇÃO DE LEITE DE VACA DE ALGUNS PAÍSES SELECIONADOS – 1997-2002

(1.000 t métricas)

| PAÍS | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 (1) | 2002 (2) |
|------------------------|---------|---------|---------|---------|----------|----------|
| América do Norte | | | | | | |
| Canadá | 8.100 | 8.200 | 8.164 | 8.159 | 8.250 | 8.250 |
| México | 7.850 | 8.366 | 8.877 | 9.305 | 9.485 | 9.675 |
| Estados Unidos | 70.802 | 71.373 | 73.807 | 76.049 | 75.075 | 77.050 |
| Subtotal | 86.752 | 87.939 | 90.848 | 93.513 | 92.810 | 94.975 |
| América do Sul | | | | | | |
| Argentina | 9.060 | 9.450 | 10.300 | 9.800 | 9.600 | 9.200 |
| Brasil | 20.600 | 21.630 | 21.700 | 22.134 | 22.580 | 23.260 |
| Chile | 2.112 | 2.142 | 2.130 | 2.060 | 2.100 | 2.120 |
| Peru | 850 | 998 | 1.050 | 1.100 | 1.100 | 1.115 |
| Venezuela | 1.150 | 1.239 | 1.312 | 1.300 | 1.300 | 1.300 |
| Subtotal | 33.772 | 35.459 | 36.492 | 36.394 | 36.680 | 36.995 |
| União Européia | | | | | | |
| Dinamarca | 4.633 | 4.668 | 4.656 | 4.719 | 4.660 | 4.600 |
| França | 24.893 | 24.793 | 24.892 | 24.874 | 24.875 | 24.875 |
| Alemanha | 28.702 | 28.378 | 28.400 | 28.332 | 27.886 | 27.666 |
| Irlanda | 5.547 | 5.370 | 5.408 | 5.408 | 5.416 | 5.470 |
| Itália | 10.818 | 10.736 | 10.444 | 10.400 | 10.600 | 10.700 |
| Países Baixos | 10.922 | 11.000 | 11.174 | 11.155 | 11.200 | 10.500 |
| Espanha | 5.700 | 5.600 | 5.844 | 6.294 | 6.600 | 6.650 |
| Suécia | 3.303 | 3.331 | 3.299 | 3.300 | 3.300 | 3.300 |
| Reino Unido | 14.841 | 14.640 | 15.021 | 14.489 | 14.350 | 14.450 |
| Subtotal | 109.359 | 108.516 | 109.138 | 108.971 | 108.887 | 108.211 |
| Leste Europeu | | | | | | |
| Polônia | 11.980 | 12.500 | 12.068 | 11.800 | 12.000 | 12.200 |
| Romênia | 5.390 | 5.160 | 5.165 | 5.100 | 5.020 | 5.150 |
| Subtotal | 17.370 | 17.660 | 17.233 | 16.900 | 17.020 | 17.350 |
| Antiga União Soviética | | | | | | |
| Rússia | 34.100 | 33.000 | 32.000 | 31.900 | 32.100 | 33.000 |
| Ucrânia | 13.650 | 13.800 | 13.140 | 12.400 | 13.100 | 13.300 |
| Subtotal | 47.750 | 46.800 | 45.140 | 44.300 | 45.200 | 46.300 |
| Sul da Ásia | | | | | | |
| Índia | 34.500 | 35.500 | 36.000 | 36.250 | 36.400 | 36.500 |
| Subtotal | 34.500 | 35.500 | 36.000 | 36.250 | 36.400 | 36.500 |
| ÁSIA | | | | | | |
| China | 6.674 | 6.620 | 7.176 | 8.274 | 8.660 | 9.067 |
| Japão | 8.642 | 8.573 | 8.457 | 8.497 | 8.300 | 8.170 |
| Subtotal | 15.316 | 15.193 | 15.633 | 16.771 | 16.960 | 17.237 |
| OCEANIA | | | | | | |
| Austrália | 9.274 | 9.722 | 10.483 | 11.172 | 10.865 | 11.038 |
| Nova Zelândia | 11.500 | 11.640 | 11.070 | 12.835 | 13.705 | 13.980 |
| Subtotal | 20.774 | 21.362 | 21.553 | 24.007 | 24.570 | 25.018 |
| TOTAL | 365.593 | 368.429 | 372.037 | 377.106 | 378.527 | 382.586 |

FONTE: Usda.
⁽¹⁾ Dado preliminar.
⁽²⁾ Projeção.



Dentre os outros países com participação importante no mercado internacional, destacam-se, principalmente, a continuidade no crescimento das produções da Nova Zelândia e da Austrália e a redução na da Argentina. No período de 1997 a 2002, a produção da Nova Zelândia cresceu quase 22% e a da Austrália, 19%.

No caso da Argentina, a situação é inversa. A conjugação de fatores anteriores a 2002 aliada a outros mais recentes - como: redução do consumo interno, sobrevalorização cambial, redução das exportações, elevação dos preços dos insumos, baixo preços aos produtores, problemas de pagamento ao longo da cadeia produtiva, dificuldades de parte do setor industrial, redução do poder aquisitivo de grande parte da população, retomada do processo inflacionário, entre outros -, comprometem a produção leiteira argentina.

Depois de um longo período de avanços, nos últimos anos a sua produção é decrescente. Segundo a Secretaría de Agricultura, Ganadería, Pesca y Alimentación (SAGPyA), a produção argentina de leite de 2002 é projetada em apenas 8,9 bilhões de litros, quase 6% abaixo dos 9,453 bilhões de 2001 e 14% abaixo do recorde de 10.33 bilhões de litros de 1999.

Embora os números do Usda sejam um pouco diferentes destes da SAGPyA, o comportamento indicado é o mesmo.

TABELA 2/I – LEITE – PRODUÇÃO BRASILEIRA SEGUNDO OS ESTADOS – 1985/2000

(mil litros)

| | | | 0 00 20111200 | 1000,2000 | | | (|
|---------------------|------------|------------------------|---------------|------------|------------|------------|------------|
| ESTADO/ANO | 1985 | 1995/96 ⁽¹⁾ | 1996 | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 |
| Minas Gerais | 3.772.411 | 5.499.862 | 5.601.112 | 5.602.015 | 5.688.011 | 5.801.063 | 5.865.486 |
| Goiás | 1.055.295 | 1.830.057 | 1.999.398 | 1.868.976 | 1.978.579 | 2.066.404 | 2.193.799 |
| Rio Grande do Sul | 1.280.804 | 1.885.640 | 1.860.984 | 1.913.124 | 1.914.556 | 1.974.662 | 2.102.018 |
| São Paulo | 1.810.408 | 1.847.069 | 1.985.388 | 2.003.165 | 1.981.966 | 1.913.499 | 1.861.425 |
| Paraná | 919.892 | 1.355.487 | 1.514.481 | 1.579.837 | 1.625.226 | 1.724.917 | 1.799.240 |
| Santa Catarina | 603.704 | 869.419 | 866.064 | 852.169 | 870.809 | 906.540 | 1.003.098 |
| Bahia | 648.995 | 633.339 | 660.302 | 688.475 | 682.503 | 672.394 | 724.897 |
| Rio de Janeiro | 424.191 | 434.719 | 432.019 | 451.223 | 455.144 | 457.736 | 468.752 |
| Mato Grosso do Sul | 268.014 | 385.526 | 407.069 | 414.947 | 426.896 | 409.044 | 427.261 |
| Mato Grosso | 122.917 | 375.426 | 375.397 | 380.517 | 406.374 | 411.390 | 422.743 |
| Rondônia | 47.279 | 343.069 | 317.250 | 335.913 | 371.975 | 408.749 | 422.255 |
| Pará | 122.660 | 287.217 | 237.899 | 290.210 | 311.315 | 311.162 | 380.319 |
| Espírito Santo | 281.412 | 308.002 | 319.677 | 339.339 | 340.075 | 367.903 | 378.068 |
| Ceará | 354.021 | 384.836 | 390.384 | 387.990 | 313.297 | 325.267 | 331.873 |
| Pernambuco | 308.419 | 406.606 | 421.987 | 357.853 | 285.827 | 266.171 | 292.130 |
| Alagoas | 110.022 | 188.172 | 223.266 | 301.614 | 244.928 | 214.813 | 217.887 |
| Tocantins | 88.501 | 144.921 | 144.150 | 138.083 | 140.318 | 152.726 | 156.018 |
| Maranhão | 97.559 | 139.451 | 139.371 | 138.961 | 137.548 | 142.596 | 149.976 |
| Rio Grande do Norte | 140.735 | 158.815 | 159.591 | 161.629 | 129.904 | 129.165 | 144.927 |
| Sergipe | 92.933 | 134.392 | 134.806 | 127.228 | 118.022 | 122.424 | 115.142 |
| Paraíba | 172.938 | 154.923 | 150.189 | 149.802 | 86.863 | 95.684 | 105.843 |
| Piauí | 62.336 | 73.459 | 75.110 | 75.504 | 71.062 | 73.302 | 76.555 |
| Acre | 18.146 | 32.538 | 31.356 | 31.831 | 32.850 | 36.625 | 40.804 |
| Amazonas | 19.325 | 27.005 | 27.004 | 32.487 | 35.436 | 36.054 | 36.680 |
| Distrito Federal | 14.986 | 19.716 | 28.000 | 30.749 | 32.889 | 36.683 | 36.318 |
| Roraima | 7.426 | 9.534 | 10.659 | 9.523 | 8.816 | 10.000 | 9.958 |
| Amapá | 1.089 | 2.049 | 2.468 | 2.832 | 2.713 | 3.062 | 3.735 |
| Brasil | 12.846.418 | 17.931.249 | 18.515.390 | 18.666.010 | 18.693.914 | 19.070.048 | 19.767.206 |
| | | | | | | | |

FONTE: IRGE

Observação: Diferenças no total são provenientes de arredondamentos

(i) Período de 1/8/95 a 31/7/96



Produção brasileira, importação e exportação

A produção brasileira também continua em crescimento, especialmente a recebida pelas indústrias. Segundo os números do IBGE, em 2001, o volume de leite comercializado para as indústrias inspecionadas cresceu 9,6% em relação ao ano de 2000. Em alguns estados, os incrementos foram bem superiores aos deste percentual nacional.

A produção brasileira total de 2001 é estimada em pouco mais de 21 bilhões de litros.

Em relação às importações, o ano de 2001 foi de grandes mudanças. A redução nos preços internos do leite e derivados, a firmeza da taxa de câmbio, a elevação dos preços internacionais de alguns lácteos e as medidas adotadas pelo governo contra as importações de alguns países, inclusive do Mercosul, fizeram com que as importações brasileiras descessem a patamares bem inferiores aos dos últimos anos.

Além da redução nas importações, o Brasil ampliou sensivelmente as exportações de leite e derivados, coisa completamente fora de

TABELA 3/I – LEITE – COMPARATIVO ENTRE A PRODUÇÃO TOTAL E A DESTINADA À INDUSTRIALIZAÇÃO, SEGUNDO OS ESTADOS - 1997 E 2000

| FCTADO/ANO | | 1997 | | | 2000 | |
|---------------------|------------|------------|-------|------------|------------|-------|
| ESTADO/ANO | TOTAL | RECEBIDA | (%) | TOTAL | RECEBIDA | (%) |
| Minas Gerais | 5.602.015 | 2.919.134 | 52,1 | 5.865.486 | 3.329.695 | 56,8 |
| Goiás | 1.868.976 | 1.446.303 | 77,4 | 2.193.799 | 1.454.712 | 66,3 |
| Rio Grande do Sul | 1.913.124 | 1.291.685 | 67,5 | 2.102.018 | 1.556.944 | 74,1 |
| São Paulo | 2.003.165 | 1.942.549 | 97,0 | 1.861.425 | 2.132.671 | 114,6 |
| Paraná | 1.579.837 | 835.171 | 52,9 | 1.799.240 | 945.927 | 52,6 |
| Santa Catarina | 852.169 | 292.259 | 34,3 | 1.003.098 | 479.279 | 47,8 |
| Bahia | 688.475 | 257.466 | 37,4 | 724.897 | 252.322 | 34,8 |
| Rio de Janeiro | 451.223 | 470.301 | 104,2 | 468.752 | 438.313 | 93,5 |
| Mato Grosso do Sul | 414.947 | 177.043 | 42,7 | 427.261 | 174.232 | 40,8 |
| Mato Grosso | 380.517 | 155.479 | 40,9 | 422.743 | 184.897 | 43,7 |
| Rondônia | 335.913 | 261.919 | 78,0 | 422.255 | 384.455 | 91,0 |
| Pará | 290.210 | 44.740 | 15,4 | 380.319 | 137.855 | 36,2 |
| Espírito Santo | 339.339 | 197.628 | 58,2 | 378.068 | 147.829 | 39,1 |
| Ceará | 387.990 | 88.635 | 22,8 | 331.873 | 94.880 | 28,6 |
| Pernambuco | 357.853 | 56.833 | 15,9 | 292.130 | 69.839 | 23,9 |
| Alagoas | 301.614 | 58.160 | 19,3 | 217.887 | 89.091 | 40,9 |
| Tocantins | 138.083 | 12.756 | 9,2 | 156.018 | 45.080 | 28,9 |
| Maranhão | 138.961 | 15.080 | 10,9 | 149.976 | 22.024 | 14,7 |
| Rio Grande do Norte | 161.629 | 49.995 | 30,9 | 144.927 | 74.680 | 51,5 |
| Sergipe | 127.228 | 12.648 | 9,9 | 115.142 | 8.817 | 7,7 |
| Paraíba | 149.802 | 5.604 | 3,7 | 105.843 | 7.979 | 7,5 |
| Piauí | 75.504 | 12.524 | 16,6 | 76.555 | 11.342 | 14,8 |
| Acre | 31.831 | 8.437 | 26,5 | 40.804 | 8.167 | 20,0 |
| Amazonas | 32.487 | 160 | 0,5 | 36.680 | - | - |
| Distrito Federal | 30.749 | 74.104 | 241,0 | 36.318 | 55.574 | 153,0 |
| Roraima | 9.523 | 1.669 | 17,5 | 9.958 | 1.138 | 11,4 |
| Amapá | 2.832 | - | - | 3.735 | - | - |
| Brasil | 18.666.010 | 10.688.279 | 57,3 | 19.767.206 | 12.107.741 | 61,3 |

FONTE: IBGE.

Observação: Diferenças no total são provenientes de arredondamentos



TABELA 4/I – LEITE – PRODUÇÃO DESTINADA À INDUSTRIALIZAÇÃO, SEGUNDO OS ESTADOS – 1997-2001

| ESTADO/ANO | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 |
|---------------------|------------|------------|------------|------------|------------|
| Minas Gerais | 2.919.134 | 3.126.620 | 3.230.842 | 3.329.695 | 3.701.013 |
| São Paulo | 1.942.549 | 1.891.689 | 1.860.143 | 2.132.671 | 2.176.592 |
| Goiás | 1.446.303 | 1.445.517 | 1.358.909 | 1.454.712 | 1.713.587 |
| Rio Grande do Sul | 1.291.685 | 1.254.129 | 1.381.343 | 1.556.944 | 1.678.882 |
| Paraná | 835.171 | 860.466 | 897.112 | 945.927 | 1.083.827 |
| Santa Catarina | 292.259 | 350.580 | 396.629 | 479.279 | 551.421 |
| Rio de Janeiro | 470.301 | 492.538 | 469.988 | 438.313 | 432.195 |
| Rondônia | 261.919 | 294.004 | 321.622 | 384.455 | 387.424 |
| Bahia | 257.466 | 244.752 | 245.234 | 252.322 | 255.257 |
| Mato Grosso | 155.479 | 180.258 | 176.494 | 184.897 | 212.354 |
| Mato Grosso do Sul | 177.043 | 178.224 | 163.101 | 174.232 | 191.166 |
| Pará | 44.740 | 93.484 | 101.930 | 137.855 | 173.860 |
| Espírito Santo | 197.628 | 174.341 | 149.344 | 147.829 | 169.261 |
| Alagoas | 58.160 | 68.721 | 70.704 | 89.091 | 97.279 |
| Pernambuco | 56.833 | 53.825 | 23.162 | 69.839 | 96.430 |
| Ceará | 88.635 | 85.036 | 86.263 | 94.880 | 86.000 |
| Rio Grande do Norte | 49.995 | 59.097 | 59.841 | 74.680 | 79.257 |
| Tocantins | 12.756 | 16.528 | 34.719 | 45.080 | 59.986 |
| Distrito Federal | 74.104 | 65.271 | 55.015 | 55.574 | 46.169 |
| Maranhão | 15.080 | 17.673 | 17.586 | 22.024 | 30.309 |
| Sergipe | 12.648 | 7.904 | 9.093 | 8.817 | 16.232 |
| Piauí | 12.524 | 14.092 | 11.121 | 11.342 | 11.348 |
| Acre | 8.437 | 10.468 | 8.350 | 8.167 | 8.657 |
| Paraíba | 5.604 | 8.366 | 8.556 | 7.979 | 7.527 |
| Roraima | 1.669 | 1.653 | 1.812 | 1.138 | 277 |
| Amazonas | 160 | 137 | 8 | - | - |
| Brasil | 10.688.279 | 10.995.373 | 11.138.930 | 12.107.741 | 13.266.316 |

FONTE: IBGE. Observação: Diferenças no total são provenientes de arrendodamentos.

TABELA 5/I – LEITE – PRODUÇÃO BRASILEIRA DESTINADA À INDUSTRIALIZAÇÃO, SEGUNDO OS MESES - 1997-2001 (mil litros)

| OO MILOLO | 1007 2001 | | | | (1111 111103 |
|-----------|-------------|------------|------------|------------|--------------|
| Α | NO/MÊS 1997 | 1998 1999 | 2000 | 2001 | |
| Janeiro | 958.143 | 1.030.320 | 1.028.956 | 1.083.710 | 1.193.002 |
| Fevereiro | 825.195 | 881.126 | 893.282 | 1.001.475 | 1.007.830 |
| Março | 863.303 | 905.385 | 940.534 | 988.188 | 1.060.229 |
| Abril | 801.042 | 820.389 | 874.957 | 899.857 | 1.004.238 |
| Maio | 809.520 | 832.587 | 879.926 | 901.861 | 1.014.457 |
| Junho | 789.274 | 825.582 | 847.894 | 861.098 | 1.048.998 |
| Julho | 880.115 | 869.001 | 909.341 | 918.272 | 1.107.276 |
| Agosto | 874.358 | 916.544 | 922.791 | 968.794 | 1.117.034 |
| Setembro | 857.648 | 924.670 | 898.472 | 1.024.031 | 1.102.367 |
| Outubro | 983.480 | 969.400 | 935.473 | 1.123.015 | 1.189.815 |
| Novembro | 998.307 | 994.168 | 965.151 | 1.132.015 | 1.195.408 |
| Dezembro | 1.047.894 | 1.026.201 | 1.042.153 | 1.205.425 | 1.225.662 |
| Total | 10.688.279 | 10.995.373 | 11.138.930 | 12.107.741 | 13.266.316 |

FONTE: IBGE.

TABELA 6/I – LEITE E DERIVADOS – IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS – 1992-2001

| Ano | Quantidade (t) | Valor (US\$1000 FOB) | Valor Médio (US\$/t) |
|------|----------------|----------------------|----------------------|
| 1992 | 42.513 | 72.064 | 1.695 |
| 1993 | 87.718 | 149.155 | 1.700 |
| 1994 | 152.083 | 258.234 | 1.698 |
| 1995 | 355.619 | 610.406 | 1.716 |
| 1996 | 357.743 | 512.847 | 1.434 |
| 1997 | 318.747 | 454.656 | 1.426 |
| 1998 | 384.124 | 508.829 | 1.325 |
| 1999 | 383.674 | 439.951 | 1.147 |
| 2000 | 307.116 | 373.189 | 1.215 |
| 2001 | 141.189 | 178.611 | 1.265 |

FONTE: Secex/Decex (fev./02).

TABELA 7/I – LEITE E DERIVADOS-IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS. SEGUNDO OS PRINCIPAIS PAÍSES – 2000-2001

| PAÍS | Tonela | adas | Participação (%) | | |
|---------------|---------|---------|------------------|-------|--|
| | 2000 | 2001 | 2000 | 2001 | |
| Argentina | 148.767 | 59.758 | 48,4 | 42,3 | |
| Uruguai | 97.912 | 42.670 | 31,9 | 30,2 | |
| EUA | 9.512 | 9.906 | 3,1 | 7,0 | |
| Nova Zelândia | 8.994 | 5.172 | 2,9 | 3,7 | |
| Canadá | 4.946 | 2.078 | 1,6 | 1,5 | |
| Outros | 36.985 | 21.604 | 12,0 | 15,3 | |
| Total | 307.116 | 141.189 | 100,0 | 100,0 | |

FONTE: Secex/Decex (fev./02).

cogitação até recentemente. A grande desvalorização cambial dos últimos três anos, o forte crescimento da produção nacional de 2001, o decréscimo do consumo interno e a drástica redução nos preços internos não só viabilizaram como tornaram a exportação uma maneira de evitar o excesso de oferta interna, particularmente no período de maior produção.

Produção catarinense

A exemplo do que ocorreu no País, a produção catarinense apresentou expressivo crescimento em 2001. Estima-se que o volume de leite recebido pelas indústrias catarinenses com inspeção tenha atingido cerca 720 milhões de litros, um crescimento de 25% em relação aos 575,51 milhões de 2000. A produção total do estado em 2001 é estimada em 1,053 bilhão de litros.

As estatísticas do IBGE sobre quantidade de leite recebido pelas indústrias catarinenses apontam para números bem diferentes destes. Isto pode ser explicado por algumas características das estatísticas desse organismo.

Primeiro, porque o seu cadastro não contempla os postos de resfriamento, apenas as

TABELA 8/I – LEITE E DERIVADOS – IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS – JANEIRO A MAIO – 1992-2002

| | 0 11 1 (1) | (!!0********** | |
|------|----------------|----------------------|----------------------|
| Ano | Quantidade (t) | Valor (US\$1000 FOB) | Valor Médio (US\$/t) |
| 1992 | 27.214 | 45.329 | 1.666 |
| 1993 | 22.409 | 40.733 | 1.818 |
| 1994 | 18.015 | 28.644 | 1.590 |
| 1995 | 149.428 | 245.281 | 1.641 |
| 1996 | 100.023 | 161.344 | 1.613 |
| 1997 | 128.318 | 186.098 | 1.450 |
| 1998 | 146.156 | 194.874 | 1.333 |
| 1999 | 133.754 | 162.514 | 1.215 |
| 2000 | 133.354 | 149.327 | 1.120 |
| 2001 | 72.678 | 91.455 | 1.258 |
| 2002 | 76.735 | 96.362 | 1.256 |

FONTE: Secex/Decex (jul./02).

TABELA 9/I – LEITE E DERIVADOS- EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS – 1992-2001

| Ano | Quantidade (t) | Valor (US\$1000 FOB) | Valor Médio (US\$/t) |
|------|----------------|----------------------|----------------------|
| 1992 | 3.694 | 10.023 | 2.713 |
| 1993 | 14.195 | 22.661 | 1.596 |
| 1994 | 1.339 | 2.726 | 2.035 |
| 1995 | 2.407 | 5.846 | 2.429 |
| 1996 | 7.786 | 19.257 | 2.473 |
| 1997 | 4.304 | 9.410 | 2.186 |
| 1998 | 3.000 | 8.105 | 2.702 |
| 1999 | 4.398 | 7.520 | 1.710 |
| 2000 | 8.928 | 13.361 | 1.497 |
| 2001 | 19.371 | 25.030 | 1.292 |

FONTE: Secex/Decex.



TABELA 10/I – LEITE E DERIVADOS – EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS – **JANEIRO A MAIO - 1992-2002**

| ANO | QUANTIDADE (t) | VALOR (US\$1000 FOB) | VALOR MÉDIO (US\$/t) |
|------|----------------|----------------------|----------------------|
| 1992 | 419 | 1.626 | 3.882 |
| 1993 | 13.372 | 21.230 | 1.588 |
| 1994 | 571 | 1.156 | 2.026 |
| 1995 | 689 | 1.576 | 2.286 |
| 1996 | 3.205 | 7.402 | 2.309 |
| 1997 | 353 | 979 | 2.777 |
| 1998 | 1.596 | 3.951 | 2.475 |
| 1999 | 906 | 2.325 | 2.566 |
| 2000 | 2.993 | 4.266 | 1.425 |
| 2001 | 3.630 | 5.644 | 1.555 |
| 2002 | 14.190 | 16.932 | 1.193 |

FONTE: Secex/Decex (jul./02).

indústrias. Portanto, todo o leite recebido por postos de resfriamento vendido in natura de um estado para outro acaba sendo contabilizado como produção do estado para onde foi destinado. É o que acontece com o leite de Santa Catarina, um tradicional exportador de produto in natura.

Segundo, porque o cadastro do IBGE pode não contemplar todas as indústrias inspecionadas. Às vezes, por dificuldades de atualização cadastral, ainda que temporariamente, não está sendo computada a produção de uma indústria em funcionamento. No caso de Santa Catarina, embora o IBGE procure manter seu cadastro atualizado, isto pode estar

TABELAS 11/I – LEITE – PRODUÇÃO SEGUNDO AS MICRO E MESORREGIÕES GEOGRÁFICAS – SANTA CATARINA – 1985/2000 (mil litros)

| MICRO E MESORREGIÃO | 1985 | 1995/96 ⁽¹⁾ | 1996 | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 |
|----------------------|---------|------------------------|---------|---------|---------|---------|-----------|
| Chapecó | 75.139 | 145.240 | 144.957 | 129.259 | 122.642 | 128.861 | 167.552 |
| Concórdia | 50.351 | 90.351 | 90.351 | 93.113 | 94.282 | 99.737 | 103.500 |
| Joaçaba | 60.603 | 83.293 | 83.392 | 85.556 | 88.046 | 90.085 | 93.362 |
| São Miguel do Oeste | 61.030 | 128.612 | 125.014 | 131.120 | 142.955 | 159.157 | 174.002 |
| Xanxerê | 23.370 | 37.655 | 38.535 | 33.946 | 36.668 | 39.064 | 64.391 |
| Oeste Catarinense | 270.493 | 485.151 | 482.249 | 472.994 | 484.593 | 516.904 | 602.807 |
| Canoinhas | 21.609 | 46.422 | 45.099 | 47.640 | 44.675 | 43.396 | 46.320 |
| Joinville | 32.659 | 22.900 | 23.265 | 23.786 | 22.853 | 23.171 | 22.512 |
| São Bento do Sul | 4.401 | 4.903 | 5.180 | 5.150 | 5.150 | 5.141 | 5.219 |
| Norte Catarinense | 58.669 | 74.225 | 73.544 | 76.576 | 72.678 | 71.708 | 74.051 |
| Florianópolis | 6.767 | 6.392 | 6.391 | 6.533 | 7.069 | 7.933 | 7.935 |
| Tabuleiro | 9.219 | 12.436 | 12.436 | 10.649 | 13.127 | 13.353 | 15.196 |
| Tijucas | 9.509 | 9.315 | 9.315 | 7.480 | 7.766 | 8.055 | 9.303 |
| Grande Florianópolis | 25.495 | 28.143 | 28.142 | 24.662 | 27.962 | 29.341 | 32.434 |
| Campos de Lages | 34.315 | 36.567 | 36.422 | 36.686 | 39.164 | 40.172 | 40.505 |
| Curitibanos | 12.838 | 14.708 | 14.708 | 14.924 | 14.826 | 14.700 | 13.666 |
| Serrana | 47.153 | 51.275 | 51.130 | 51.610 | 53.990 | 54.872 | 54.171 |
| Araranguá | 14.526 | 14.778 | 14.767 | 14.647 | 14.596 | 12.081 | 11.585 |
| Criciúma | 14.781 | 18.004 | 18.228 | 17.518 | 16.663 | 16.380 | 17.629 |
| Tubarão | 32.866 | 48.245 | 48.390 | 49.014 | 49.267 | 49.466 | 50.279 |
| Sul Catarinense | 62.173 | 81.027 | 81.385 | 81.179 | 80.526 | 77.927 | 79.493 |
| Blumenau | 48.995 | 38.971 | 38.972 | 39.620 | 40.784 | 41.223 | 40.701 |
| Itajaí | 5.908 | 6.737 | 6.749 | 6.824 | 7.868 | 8.832 | 8.870 |
| Ituporanga | 18.879 | 22.964 | 22.964 | 21.379 | 23.922 | 24.946 | 26.205 |
| Rio do Sul | 65.939 | 80.925 | 80.925 | 77.320 | 78.479 | 80.779 | 84.365 |
| Vale do Itajaí | 139.721 | 149.597 | 149.610 | 145.143 | 151.053 | 155.780 | 160.141 |
| TOTAL DO ESTADO | 603.704 | 869.418 | 866.064 | 852.169 | 870.809 | 906.540 | 1.003.098 |

rovite. 1804. ⁽¹⁾ Período de 1/8/95 a 31/7/96. Observação: Diferenças no total são provenientes de arredondamentos.



sendo agravado pelo fato de que o número de indústrias, em particular as de inspeção municipal e estadual, cresceu substancialmente nos últimos anos.

Terceiro, pelo fato de que são as próprias indústrias que preenchem os questionários informando a produção recebida. Isto pode ajudar a subestimar a produção; não seria incomum que indústrias deixassem de informar a real quantidade e/ou até não informar em uma ou outra oportunidade.

Por estas razões, consideramos que não só as estatísticas da distribuição da produção entre os estados ficam prejudicadas, como também acaba sendo superestimada a chamada comercialização informal de leite. É um contra-senso imaginar que a produção total de leite do Brasil cresça a taxas maiores que a produção inspecionada, como, às vezes, as estatísticas oficiais sugerem.

Comportamento dos preços em 2001

O ano de 2001 é para ser esquecido pelos produtores. Exceto em alguns poucos meses, especialmente os do primeiro semestre, os preços estiveram sempre abaixo dos de 2000. A expectativa de um ano favorável, pela redução nas importações, acabou sendo inteiramente contrariada. É oportuno observar que no transcorrer do ano houve acréscimo nos custos de produção, o que significou duplo pre-

juízo para os produtores. A queda nos preços recebidos, ainda que em diferentes níveis, ocorreu em praticamente todo o País.

Os fatores que mais explicam a substancial redução de preço aos produtores brasileiros foram a produção da entressafra maior do que se esperava; a redução de consumo e vendas no varejo menores que o esperado; as indústrias que em algumas regiões operavam abaixo da capacidade normal, comprando menos matéria-prima pela necessidade de redução do consumo de energia; a concentração cada vez maior da compra da matéria-prima na mão de poucas indústrias; a excessiva concentração do mercado vare-

TABELA 12/I – LEITE – PRODUÇÃO INSPECIONADA TOTAL DAS INDÚSTRIAS E POSTOS DE RESFRIAMENTO CATARINENSES, SEGUNDO OS MESES – 1997-2001 (mil litros).

| ANO/MÊS | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 |
|-----------|---------|---------|---------|---------|---------|
| Janeiro | 36.772 | 40.450 | 37.109 | 44.983 | 59.862 |
| Fevereiro | 32.833 | 36.116 | 34.005 | 42.641 | 54.707 |
| Março | 33.285 | 36.613 | 35.092 | 41.754 | 55.139 |
| Abril | 29.691 | 32.660 | 31.872 | 37.788 | 49.603 |
| Maio | 29.686 | 32.655 | 32.878 | 41.330 | 51.308 |
| Junho | 29.753 | 32.728 | 33.379 | 43.898 | 52.513 |
| Julho | 32.966 | 36.263 | 41.677 | 49.478 | 60.264 |
| Agosto | 35.896 | 39.485 | 44.926 | 54.780 | 65.788 |
| Setembro | 36.819 | 40.501 | 46.153 | 56.115 | 67.480 |
| Outubro | 38.493 | 42.343 | 44.233 | 53.964 | 67.271 |
| Novembro | 38.262 | 42.088 | 43.709 | 53.325 | 66.651 |
| Dezembro | 39.916 | 43.908 | 45.456 | 55.456 | 69.414 |
| Total | 414.372 | 455.809 | 470.489 | 575.513 | 720.000 |

FONTE: Estimativas do Instituto Cepa/SC

TABELA 13/I – LEITE – PRODUÇÃO DESTINADA À INDUSTRIALIZAÇÃO EM SANTA CATARINA, SEGUNDO OS MESES – 1997-2001 (mil litros)

| ANO/MÊS | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 |
|-----------|---------|---------|---------|---------|---------|
| Janeiro | 23.853 | 29.281 | 32.759 | 37.729 | 47.386 |
| Fevereiro | 21.117 | 25.289 | 30.056 | 35.587 | 39.441 |
| Março | 22.792 | 25.564 | 30.139 | 33.657 | 39.428 |
| Abril | 20.165 | 23.927 | 27.719 | 31.437 | 36.283 |
| Maio | 19.611 | 24.528 | 28.802 | 33.723 | 38.633 |
| Junho | 19.246 | 26.538 | 28.826 | 36.344 | 42.651 |
| Julho | 23.469 | 30.939 | 34.013 | 39.798 | 46.619 |
| Agosto | 25.610 | 32.759 | 36.974 | 43.687 | 51.015 |
| Setembro | 28.034 | 33.806 | 37.701 | 46.278 | 51.278 |
| Outubro | 30.607 | 34.061 | 36.003 | 48.298 | 54.188 |
| Novembro | 28.259 | 31.479 | 35.569 | 45.356 | 51.937 |
| Dezembro | 29.496 | 32.409 | 38.068 | 47.385 | 52.562 |
| Total | 292.259 | 350.580 | 396.629 | 479.279 | 551.421 |

FONTE: IBGE



TABELA 14/I – LEITE – PRECOS MÉDIOS (1) RECEBIDOS PELOS PRODUTORES DE SANTA CATARINA – 1996-2002

| ANO/MÊS | | | | (R\$/I) | | | | | | | (US\$/I) | | | |
|------------|------|------|------|---------|------|------|------|------|------|------|----------|------|------|------|
| AIVU/IVIES | 96 | 97 | 98 | 99 | 2000 | 2001 | 2002 | 96 | 97 | 98 | 99 | 2000 | 2001 | 2002 |
| Janeiro | 0,21 | 0,21 | 0,21 | 0,23 | 0,26 | 0,25 | 0,27 | 0,21 | 0,20 | 0,19 | 0,15 | 0,14 | 0,13 | 0,11 |
| Fevereiro | 0,20 | 0,21 | 0,21 | 0,22 | 0,27 | 0,25 | 0,27 | 0,20 | 0,20 | 0,19 | 0,11 | 0,15 | 0,12 | 0,11 |
| Março | 0,20 | 0,21 | 0,21 | 0,23 | 0,27 | 0,26 | 0,28 | 0,20 | 0,20 | 0,19 | 0,12 | 0,15 | 0,12 | 0,12 |
| Abril | 0,21 | 0,21 | 0,22 | 0,23 | 0,27 | 0,28 | 0,30 | 0,21 | 0,20 | 0,19 | 0,14 | 0,15 | 0,13 | 0,13 |
| Maio | 0,22 | 0,21 | 0,23 | 0,23 | 0,29 | 0,30 | 0,32 | 0,22 | 0,19 | 0,20 | 0,14 | 0,16 | 0,13 | 0,13 |
| Junho | 0,22 | 0,23 | 0,23 | 0,23 | 0,30 | 0,32 | 0,33 | 0,22 | 0,21 | 0,20 | 0,13 | 0,17 | 0,13 | 0,12 |
| Julho | 0,22 | 0,24 | 0,24 | 0,26 | 0,32 | 0,33 | - | 0,22 | 0,22 | 0,21 | 0,14 | 0,18 | 0,13 | - |
| Agosto | 0,22 | 0,23 | 0,24 | 0,25 | 0,35 | 0,30 | - | 0,22 | 0,21 | 0,20 | 0,13 | 0,19 | 0,12 | - |
| Setembro | 0,21 | 0,22 | 0,24 | 0,25 | 0,34 | 0,26 | - | 0,20 | 0,20 | 0,20 | 0,13 | 0,18 | 0,10 | - |
| Outubro | 0,21 | 0,22 | 0,23 | 0,23 | 0,31 | 0,24 | - | 0,20 | 0,20 | 0,19 | 0,12 | 0,16 | 0,09 | - |
| Novembro | 0,21 | 0,21 | 0,23 | 0,24 | 0,27 | 0,25 | - | 0,20 | 0,19 | 0,19 | 0,12 | 0,14 | 0,10 | - |
| Dezembro | 0,21 | 0,21 | 0,22 | 0,25 | 0,25 | 0,26 | - | 0,20 | 0,19 | 0,18 | 0,14 | 0,13 | 0,11 | - |
| Média | 0,21 | 0.22 | 0.23 | 0,24 | 0.29 | 0,28 | 0,30 | 0.21 | 0,20 | 0.19 | 0.13 | 0.16 | 0.12 | 0,12 |

FONTE: Instituto Cepa/SC Posto na plataforma das indústrias

jista (grandes redes determinam preço para toda a cadeia produtiva); a guerra fiscal entre os estados; a continuidade de importações desnecessárias (apesar do decréscimo em relação ao ano passado); a desova de estoques formados no período da safra.

Primeiro semestre de 2002 e perspectivas

No transcorrer dos últimos meses de 2001, por razões diversas – como as mobilizações por parte dos produtores, as instalações das CPIs em diversos estados, o crescimento das exportações, a continuidade da redução nas importações, as medidas anunciadas pelo governo federal e por alguns governos estaduais, a perspectiva de alguma redução na produção nacional, a grande pressão sobre alguns elos da cadeia produtiva – começou-se a traçar para este ano um cenário em que a situação dos preços aos produtores melhoraria sensivelmente.

Isso está sendo plenamente confirmado. Desde o início do ano houve aumentos gradativos e, na maioria dos meses, o preço médio superou o do ano anterior. Com isto, no primeiro semestre o valor médio foi 6,5% superior ao do mesmo período de 2001.

Embora a menor oferta nacional seja um aspecto relevante na formação de melhores preços aos produtores catarinenses, a longa estiagem ocorrida na região Oeste, responsável por quase 70% do volume de leite vendido às indústrias catarinenses, também ajudou na configuração desta situação, na medida em que a oferta regional é menor que a esperada. No caso de muitas indústrias, a recepção dos primeiros meses do ano foi menor que a do mesmo período de 2001.

É oportuno destacar que a estiagem atingiu também, em diferentes épocas e em maior ou menor escala, regiões do Rio Grande do Sul e do Paraná, importantes produtores de leite e cuja produção, certamente prejudicada, repercute diretamente nos preços em Santa Catarina.

A indexação dos preços pela taxa cambial do dólar mostra como, em valores da moeda americana, apesar do aumento em real, os preços aos produtores catarinenses estão bastante baixos.



Neste momento, um dos poucos países entre os importantes produtores mundiais em que o preço aos produtores, em dólar, é inferior ao praticado no Brasil, é a Argentina.

O baixo preço brasileiro em dólar permite concluir que, em circunstâncias normais de mercado, parece muito difícil que as importações brasileiras voltem a atingir os elevados parâmetros de anos atrás. Além disto, ajudam a estimular as exportações brasileiras, que vêm apresentando um desempenho bastante favorável. Ainda assim, é natural esperar que a Argentina venha a ser um dos poucos países que conseguirão colocar produto no mercado brasileiro a preços competitivos.

Em relação às perspectivas de preços aos produtores para o segundo semestre, embora uma eventual retomada das importações da Argentina continue merecendo atenção, a maior preocupação deve estar voltada para o comportamento da oferta interna. Com os bons preços aos produtores nos vários estados, é de se esperar que a partir de agosto/setembro a oferta cresça sensivelmente. Se o mercado interno e as exportações não permitirem um escoamento favorável, este crescimento de oferta deverá repercutir negativamente nos preços recebidos.

A produção brasileira e a catarinense, por sua vez, tanto para o ano de 2002 como para o futuro próximo, dificilmente deixarão de seguir a tendência de crescimento verificada nos últimos anos. O que pode sofrer alteração é a taxa de crescimento, de acordo com os momentos mais ou menos satisfatórios para a produção e, certamente, com a distribuição geográfica da produção.

Tabajara Marcondes

MEL

Panorama mundial

produção mundial de mel, segundo a FAO, é de cerca de 1,3 milhão de toneladas, gerando um valor bruto anual de um 1,8 bilhão de dólares. No entanto, à medida que se agregam as transações oriundas dos derivados, tais como geléia real, pólen, polinização, dentre outros, este montante sobe substancialmente. Parte expressiva da produção está con-

centrada na China, Estados Unidos, Argentina, Turquia, Ucrânia, México, Índia e Ucrânia, responsáveis por mais da metade (54%) do volume físico total mundial (Tabela 1).

A mesma fonte informa que em 2000 foram exportadas, mundialmente, cerca de 370 mil toneladas de mel in natura nos principais centros consumidores mundiais, representando um



TABELA 1/I – MEL – QUANTIDADE TOTAL PRODUZIDA NO MUNDO E NOS PRINCIPAIS PAÍSES – 1997- 2001

| PAÍS | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 |
|----------------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| Mundo | 1.157.096 | 1.188.473 | 1.234.086 | 1.265.494 | 1.262.812 |
| Angola | 23.000 | 22.000 | 22.000 | 23.000 | 23.000 |
| Alemanha | 15.069 | 16.306 | 20.286 | 20.409 | 18.000 |
| Argentina | 75.000 | 75.000 | 93.000 | 98.000 | 90.000 |
| Austrália | 27.044 | 22.021 | 18.852 | 18.852 | 18.852 |
| Brasil | 19.062 | 18.308 | 19.751 | 21.865 | 20.000 |
| Canadá | 31.010 | 46.080 | 37.010 | 31.460 | 31.733 |
| China | 215.138 | 210.691 | 236.283 | 251.839 | 256.000 |
| Espanha | 31.544 | 32.700 | 32.000 | 32.000 | 32.000 |
| Estados Unidos | 89.147 | 99.930 | 94.000 | 100.243 | 100.243 |
| Etiópia | 27.600 | 28.000 | 28.500 | 29.000 | 29.000 |
| França | 15.797 | 17.212 | 18.097 | 18.000 | 18.000 |
| Índia | 51.000 | 51.000 | 51.000 | 52.000 | 52.000 |
| Quênia | 24.500 | 24.700 | 24.800 | 24.940 | 24.940 |
| México | 53.681 | 55.297 | 55.323 | 58.935 | 55.783 |
| Tanzânia | 24.500 | 25.000 | 25.500 | 26.000 | 26.000 |
| Turquia | 63.319 | 67.490 | 71.000 | 71.000 | 71.000 |
| Ucrânia | 58.062 | 58.899 | 55.451 | 52.439 | 52.000 |

FONTE: FAO.

TABELA 2/I - MEL - QUANTIDADE EXPORTADA, TOTAL E NOS PRINCIPAIS PAÍSES - 1996-2000 (t)

| PAÍS | 1996 | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 |
|--------------------|---------|---------|---------|---------|---------|
| Mundo | 293.802 | 272.458 | 306.815 | 340.447 | 370.431 |
| Austrália | 12.772 | 13.287 | 10.363 | 10.363 | 9.077 |
| Cuba | 4.511 | 3.776 | 4.499 | 5.151 | 5.697 |
| Vietnã | 2.441 | 2.443 | 5.400 | 3.000 | 3.400 |
| Alemanha | 16.170 | 13.061 | 13.574 | 17.149 | 22.307 |
| Argentina | 48.274 | 70.422 | 68.301 | 93.103 | 88.467 |
| Bulgária | 6.520 | 4.269 | 2.916 | 2.600 | 2.700 |
| Bélgica-Luxemburgo | 2.845 | 2.297 | 2.963 | 3.336 | - |
| Canadá | 9.962 | 8.408 | 11.481 | 14.717 | 15.513 |
| Chile | 3.685 | 1.565 | 4.436 | 1.745 | 4.616 |
| China | 83.546 | 48.306 | 78.787 | 87.364 | 103.042 |
| Espanha | 6.927 | 9.619 | 9.708 | 7.019 | 8.892 |
| Estados Unidos | 5.254 | 4.111 | 5.024 | 5.043 | 4.746 |
| França | 3.560 | 2.674 | 3.108 | 3.306 | 3.021 |
| Hungria | 13.159 | 7.675 | 9.262 | 9.889 | 12.806 |
| Itália | 1.887 | 2.617 | 2.254 | 3.435 | 3.295 |
| México | 28.910 | 26.900 | 32.441 | 22.477 | 31.115 |
| Romênia | 6.425 | 8.478 | 5.743 | 7.235 | 7.512 |
| Uruguai | 6.466 | 7.714 | 5.181 | 10.647 | 2.899 |

FONTE: FAO.

TABELA 3/I – MEL – VALOR DAS EXPORTAÇÕES, TOTAL E NOS PRINCIPAIS PAÍSES – 1996-2000

(US\$ 1000 FOB)

| PAÍS | 1996 | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 |
|--------------------|---------|---------|---------|---------|---------|
| Mundo | 507.003 | 462.118 | 456.313 | 429.586 | 436.260 |
| Alemanha | 40.092 | 33.406 | 32.899 | 35.418 | 38.606 |
| Austrália | 12.772 | 13.287 | 10.363 | 10.363 | 9.077 |
| Cuba | 4.511 | 3.776 | 4.499 | 5.151 | 5.697 |
| Vietnã | 2.441 | 2.443 | 5.400 | 3.000 | 3.400 |
| Argentina | 81.071 | 108.361 | 88.533 | 95.729 | 87.203 |
| Bulgária | 8.280 | 5.304 | 3.857 | 3.100 | 3.300 |
| Bélgica-Luxemburgo | 5.566 | 5.178 | 6.242 | 4.952 | - |
| Canadá | 20.491 | 17.054 | 19.596 | 20.840 | 21.117 |
| Chile | 5.616 | 2.498 | 5.622 | 2.088 | 4.811 |
| China | 115.137 | 69.200 | 86.620 | 78.673 | 86.892 |
| Espanha | 16.668 | 20.329 | 20.667 | 14.316 | 17.238 |
| Estados Unidos | 10.728 | 7.858 | 9.317 | 8.809 | 8.121 |
| França | 10.032 | 7.704 | 9.459 | 9.416 | 8.440 |
| Hungria | 25.127 | 14.059 | 19.621 | 15.906 | 16.413 |
| Itália | 5.641 | 7.144 | 6.413 | 7.851 | 6.541 |
| México | 49.143 | 41.090 | 41.511 | 25.277 | 34.805 |
| Romênia | 9.561 | 11.778 | 8.495 | 8.470 | 7.727 |
| Uruguai | 10.152 | 12.173 | 7.015 | 10.935 | 2.940 |

FONTE: FAO.

TABELA 4/I – MEL – QUANTIDADE IMPORTADA, TOTAL E NOS PRINCIPAIS PAÍSES – 1996-2000 (t)

| PAÍS | 1996 | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 |
|--------------------|---------|---------|---------|---------|---------|
| Mundo | 342.006 | 320.307 | 325.943 | 349.334 | 370.878 |
| Arábia Saudita | 4.901 | 4.661 | 6.042 | 5.200 | 6.397 |
| Áustria | 6.013 | 4.208 | 4.439 | 5.634 | 4.430 |
| Holanda | 6.964 | 5.530 | 6.789 | 8.314 | 8.234 |
| Alemanha | 87.952 | 83.295 | 93.552 | 89.617 | 95.016 |
| Brasil | 2.532 | 1.665 | 2.420 | 1.821 | 287 |
| Bélgica-Luxemburgo | 8.423 | 7.499 | 9.061 | 8.672 | - |
| Canadá | 13.411 | 1.992 | 2.409 | 2.859 | 2.824 |
| China | 3.028 | 2.297 | 1.977 | 2.817 | 3.552 |
| Dinamarca | 3.742 | 3.228 | 6.858 | 5.161 | 5.596 |
| Espanha | 8.964 | 7.169 | 10.260 | 13.335 | 13.625 |
| Estados Unidos | 68.310 | 75.950 | 60.039 | 82.791 | 89.890 |
| França | 12.552 | 11.946 | 12.503 | 15.319 | 15.724 |
| Grécia | 2.006 | 2.294 | 3.352 | 2.616 | 2.079 |
| Itália | 11.762 | 12.201 | 12.074 | 12.439 | 12.487 |
| Japão | 41.592 | 34.318 | 29.425 | 34.658 | 40.077 |
| Reino Unido | 21.069 | 21.223 | 24.699 | 22.902 | 22.748 |
| Suécia | 2.591 | 2.355 | 2.901 | 2.926 | 2.348 |
| Suíça | 5.769 | 6.399 | 6.328 | 6.722 | 6.784 |

FONTE: FAO.



TABELA 5/I - MEL - VALOR DAS IMPORTAÇÕES, TOTAL E NOS PRINCIPAIS PAÍSES - 1996-2000 (US\$ 1000 FOB)

| PAÍS | 1996 | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 |
|--------------------|---------|---------|---------|---------|---------|
| Mundo | 565.744 | 540.724 | 486.577 | 452.855 | 438.042 |
| Arábia Saudita | 14.438 | 14.738 | 14.532 | 10.000 | 13.323 |
| Áustria | 12.008 | 8.468 | 8.539 | 7.992 | 6.374 |
| Holanda | 14.707 | 12.200 | 12.542 | 15.316 | 12.366 |
| Alemanha | 134.574 | 130.383 | 136.481 | 112.473 | 104.894 |
| Brasil | 4.970 | 3.293 | 4.430 | 2.504 | 560 |
| Bélgica-Luxemburgo | 13.485 | 12.367 | 14.311 | 11.126 | - |
| Canadá | 19.920 | 3.279 | 3.143 | 3.437 | 3.195 |
| China | 3.017 | 2.408 | 2.068 | 2.769 | 2.858 |
| Dinamarca | 6.894 | 5.415 | 10.560 | 6.970 | 6.026 |
| Espanha | 12.780 | 10.427 | 12.932 | 13.910 | 13.347 |
| Estados Unidos | 115.922 | 124.852 | 81.020 | 91.685 | 96.018 |
| França | 24.068 | 23.869 | 24.374 | 25.711 | 21.735 |
| Grécia | 2.858 | 3.343 | 5.413 | 4.284 | 2.713 |
| Itália | 20.889 | 20.478 | 19.364 | 16.672 | 15.021 |
| Japão | 56.614 | 50.167 | 34.597 | 36.248 | 38.747 |
| Reino Unido | 31.884 | 37.282 | 35.682 | 26.634 | 23.790 |
| Suécia | 6.062 | 5.870 | 6.233 | 5.571 | 4.124 |
| Suíça | 12.734 | 13.572 | 13.670 | 13.457 | 11.708 |

FONTE: FAO.

montante de 436 milhões de dólares. A China, sozinha, teve participação de aproximadamente 25% no total das vendas (Tabelas 2 e 3).

É no trabalho de polinização que as abelhas exercem um papel significativo e contribuem para aumentar a qualidade e a produtividade dos produtos agropecuários na maioria dos países. Nos Estados Unidos, praticamente todas as lavouras e pastagens se utilizam desses serviços. Na Europa e no Canadá, parte expressiva da produção de hortaliças (obtida em estufa) também é resultante da polinização.

Observa-se que alguns países, que se destacam na produção de mel in natura e têm participação expressiva nas vendas para o mercado externo, apresentam-se como importadores potenciais, atingindo uma média, nos últimos cinco anos, em torno de 63% em relação ao volume total comercializado.

As tabelas 4 e 5 possibilitam visualizar as quantidades e os valores das importações nos principais mercados mundiais no período de 1996 a 2000.

Panorama nacional

No Brasil, com a expansão da apicultura nas Regiões Centro-Oeste, Norte e Nordeste tornou-se possível aumentar a produção nacional de mel, passando do 17º lugar no ranking mundial na década de 70, para o 14º lugar na década de 90.

Nos anos mais recentes, o número nacional de colméias e de apiários cresceu, em média, 5% ao ano, embora a atividade no Brasil tenha perdido espaço no ranking mundial, provavelmente pela pouca importância dada ao setor e pela limitação do trabalho de parcerias entre os diversos agentes do setor, tor-



nando os produtos e subprodutos mais competitivos, conciliando competência, qualidade, preços e investimentos (em inovação do processo, marketing e recursos humanos).

A atividade apícola nacional contribui ativamente na geração de benefícios econômicos e sociais, proporcionando a geração de mais de meio milhão de empregos diretos, principalmente nos serviços de manutenção dos apiários, na produção de equipamentos e no manejo dos produtos de mel, pólen, cera, geléia real e polinização de pomares.

No ano de 2000, segundo o IBGE, a produção nacional alcançou 21.865 toneladas. Os estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Minas Gerais e Piauí foram responsáveis por mais de 80%, conforme mostra a tabela 6.

Entretanto, segundo a Federação das Associações dos Apicultores, a produção brasileira deverá atingir cifras maiores, podendo oscilar entre 35 mil e 40 mil toneladas.

É consenso que na maioria dos estados produtores o setor carece de uniformidade de informações estatísticas nos segmentos de produção, beneficiamento e comercialização, demandando respostas mais precisas a respeito de alguns pontos, tais como: produção existente, número de apicultores (profissio-

nais e amadores), entrepostos de vendas (onde se encontram, qual a sua capacidade), prática de manejo dos apiários e do mel extraído, embalagem (especificando origem do produto, tipo de florada) e selo de qualidade, dentre outros itens.

O trabalho de parcerias, ainda pouco difundido, deverá intensificar-se gradativamente, propiciando uma maior integração e conscientização entre federação, associações de apicultores e os diversos agentes da cadeia produtiva do mel.

O setor apícola nacional possui uma confederação nacional, oito federações, cerca de 650 associações organizadas e instituídas e aproximadamente 1.500 entrepostos de venda distribuídos nos principais centros consumidores.

Dados censitários (1995-1996) informam um contingente de 173 mil apicultores, movimentando aproximadamente 1.700 mil colméias, distribuídas em todo o território nacional. Estes números, porém, devem aumentar substancialmente à medida que forem computados os agricultores familiares que exploram a atividade como uma fonte de renda complementar.

Quanto ao consumo nacional de mel, segundo a Epagri/Cepea, deve oscilar entre 200 e 250 gramas/hab/ano – quantidade pouco

TABELA 6/I – MEL – PRODUÇÃO BRASILEIRA E NOS PRINCIPAIS ESTADOS – 1996-2000

| 1996 | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 |
|--------|--|---|--|---|
| 21.173 | 19.062 | 18.309 | 19.751 | 21.865 |
| 6.155 | 5.440 | 5.717 | 5.985 | 5.816 |
| 4.262 | 3.432 | 3.474 | 3.344 | 3.984 |
| 2.478 | 2.418 | 2.209 | 2.540 | 2.871 |
| 2.983 | 2.350 | 1.956 | 1.805 | 1.830 |
| 1.235 | 1.279 | 1.573 | 1.885 | 2.101 |
| 1.137 | 1.720 | 1.127 | 1.587 | 1.863 |
| 2.923 | 2.422 | 2.253 | 2.605 | 3.401 |
| | 21.173 6.155 4.262 2.478 2.983 1.235 1.137 | 21.173 19.062 6.155 5.440 4.262 3.432 2.478 2.418 2.983 2.350 1.235 1.279 1.137 1.720 | 21.173 19.062 18.309 6.155 5.440 5.717 4.262 3.432 3.474 2.478 2.418 2.209 2.983 2.350 1.956 1.235 1.279 1.573 1.137 1.720 1.127 | 21.173 19.062 18.309 19.751 6.155 5.440 5.717 5.985 4.262 3.432 3.474 3.344 2.478 2.418 2.209 2.540 2.983 2.350 1.956 1.805 1.235 1.279 1.573 1.885 1.137 1.720 1.127 1.587 |

FONTE: IBGE

(t)



expressiva, usada mais para fins medicinais se comparada ao consumo de países europeus. Na Alemanha, é de cerca 2,4 kg/hab/ano.

No entanto, o aumento do consumo brasileiro de mel in natura é questão de tempo, uma vez que cresce, gradualmente, a demanda por seus subprodutos nos principais centros consumidores do País (geléia real, pólen, própolis, etc.). É preciso que se busquem alternativas de mercado, mediante a promoção de feiras, exposições, seminários, serviços de marketing, dentre outros, tornando os produtos apícolas nacionais mais acessíveis e conhecidos junto à população, sendo mais uma opção de fonte complementar de alimento, uma vez que o mel, usado regularmente, proporciona uma série de benefícios à sua saúde humana.

Embora o Brasil possua uma extensão territorial bastante expressiva, com vegetação e clima diversificados e favoráveis à exploração apícola, produzindo em níveis compatíveis com os das necessidades do mercado interno, ainda se importa mel natural, principalmente dos países do Mercosul. Nos últimos anos, entretanto, observa-se uma recuperação gradativa no volume de negócios realizados, apresentando superávit na balança comercial. Chamam a atenção, também, os baixos preços recebidos nas vendas destes produtos, quando comparados com os valores de compra no mercado.

TABELA 7/I - MEL - QUANTIDADE E VALOR DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS, POR ESTADO - 2000-2002

| | 2 | 2000 | 20 | 001 | 20 | 02 (1) |
|----------------|-------------------------|-------------------|-------------------------|-------------------|-------------------------|-------------------|
| ESTADO | VALOR FOB (US\$1000) | QUANTIDADE (t) | VALOR FOB (US\$1000) | QUANTIDADE (t) | VALOR FOB (US\$1000) | QUANTIDADE (t) |
| Minas Gerais | 8,9 | 0,7 | 50,2 | 41,7 | 31,3 | 21,0 |
| São Paulo | 39,1 | 12,6 | 249,6 | 197,4 | 1.010,4 | 731,3 |
| Paraná | 0,2 | 0,1 | 146,5 | 122,9 | 72,4 | 56,3 |
| Santa Catarina | 262,5 | 243,6 | 2.042,3 | 1.814,5 | 1.060,5 | 839,5 |
| Ceará | - | - | 236,9 | 244,5 | 360,2 | 275,5 |
| Espírito Santo | - | - | 65,8 | 60,9 | - | - |
| Pará | 10,0 | 9,5 | - | - | - | - |
| Demais estados | 10,4 | 2,4 | 18,0 | 6,7 | 1,3 | 0,5 |
| Total | 331,1 | 268,9 | 2.809,4 | 2.488,6 | 2.536,1 | 1.924,2 |

FONTE: Secex/Decex.
(1) Refere-se ao período de janeiro a abril de 2002.

TABELA 8/I - MEL - VALOR, QUANTIDADE E PREÇO MÉDIO DAS IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS - 1996-2001

| DISCRIMINAÇÃO | 1996 | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 |
|-----------------------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| Valor FOB (US\$ 1000) | 4.970 | 3.293 | 4.430 | 2.504 | 560 | 413 |
| Quantidade (t) | 2.532 | 1.664 | 2.420 | 1.821 | 287 | 254 |
| Preço médio (US\$/t) | 1.963 | 1.979 | 1.830 | 1.376 | 1.951 | 1.626 |

FONTE: Secex/Decex.



Panorama estadual

Santa Catarina dispõe de farta vegetação natural e cultivada, de boa qualidade floral e melífera, que proporciona excelentes condições para a exploração da atividade apícola, atuando como fonte complementar da renda familiar do produtor.

Além de mel, a apicultura estadual produz, a exemplo da nacional, cera, própolis, geléia real e pólen, dentre outros produtos. Realiza também serviços de polinização, que contribuem para a melhoria da produtividade dos produtos agrícolas, especialmente frutas, sementes e grãos.

São mais de 30 mil apicultores, entre profissionais e amadores, que se dedicam à atividade, responsáveis pela exploração de cerca de 400 mil colméias espalhadas em todo o território catarinense. Deste contingente, ape-

nas cerca de três mil são profissionais e têm na apicultura a principal fonte de renda; os demais 90% são amadores e consideram a atividade secundária ou marginal e apenas fonte complementar de renda.

Explorada em todos os municípios do estado, apresenta um rendimento médio de até 18 quilos por colméia, que, de acordo com as condições climáticas (índice pluviométrico, temperaturas, umidade relativa, etc.), localização geográfica, disponibilidade de florada, dentre outros fatores, poderão influir no rendimento das abelhas, na qualidade e sabor do mel.

As maiores densidades de colméias por apicultor (relação número de colméia por apicultor), segundo a Epagri/Cepea e Faasc, situam-se nas propriedades rurais no litoral do Sul Catarinense, que utiliza principalmente a florada de eucalipto. Em seguida vem o Planalto Norte

(t)

TABELA 9/I – MEL – QUANTIDADE PRODUZIDA E PARTICIPAÇÃO POR MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA DE SANTA CATARINA – 1996-2000

| | | | | | | (1) |
|----------------------------|---------|---------|---------|---------|---------|------------------------------|
| MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA | 1996 | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | PARTICIPAÇÃO % No período |
| Santa Catarina | 4.261,7 | 3.431,8 | 3.474,1 | 3.344,3 | 3.983,7 | 100,0 |
| Araranguá | 91,0 | 91,0 | 176,0 | 84,5 | 120,0 | 3,0 |
| Blumenau | 98,7 | 117,7 | 139,8 | 111,0 | 122,0 | 3,2 |
| Campos de Lages | 804,7 | 420,2 | 428,1 | 392,0 | 535,8 | 14,0 |
| Canoinhas | 396,4 | 401,0 | 424,0 | 422,0 | 418,0 | 11,1 |
| Chapecó | 272,7 | 215,4 | 245,8 | 239,1 | 296,6 | 6,9 |
| Concórdia | 221,0 | 216,8 | 108,0 | 100,4 | 120,3 | 4,1 |
| Criciúma | 797,2 | 686,7 | 519,1 | 398,1 | 723,5 | 16,9 |
| Curitibanos | 138,0 | 121,7 | 98,1 | 102,5 | 108,1 | 3,1 |
| Florianópolis | 26,6 | 27,0 | 31,7 | 43,1 | 43,3 | 0,9 |
| Itajaí | 15,5 | 5,4 | 15,2 | 16,9 | 17,4 | 0,4 |
| Ituporanga | 47,0 | 15,5 | 73,0 | 83,6 | 74,2 | 1,6 |
| Joaçaba | 298,9 | 306,2 | 234,6 | 260,7 | 263,6 | 7,4 |
| Joinville | 54,4 | 16,4 | 30,7 | 28,9 | 28,4 | 0,9 |
| Rio do Sul | 109,7 | 83,6 | 147,0 | 191,9 | 172,9 | 3,8 |
| São Bento do Sul | 62,0 | 65,0 | 43,0 | 46,5 | 46,7 | 1,4 |
| São Miguel d'Oeste | 181,2 | 149,0 | 193,2 | 264,3 | 293,8 | 5,8 |
| Tabuleiro | 151,0 | 121,0 | 195,4 | 213,2 | 180,5 | 4,7 |
| Tijucas | 119,0 | 57,0 | 72,8 | 75,6 | 86,6 | 2,2 |
| Tubarão | 240,6 | 214,9 | 199,8 | 174,7 | 227,2 | 5,7 |
| Xanxerê | 136,3 | 100,6 | 98,8 | 95,4 | 104,9 | 2,9 |

FONTE: IBGE.



QUADRO 1/I – MEL – CALENDÁRIO DE COLHEITA, TIPO DE FLORADA, NÚMERO DE COLMÉIA POR APICULTOR E RENDIMENTO POR COLMÉIA, POR MESORREGIÃO DE SANTA CATARINA – 2002

| MESORREGIÃO GEOGRÁFICA | PERÍODO DE COLHEITA | TIPO DE Florada | COLMÉIA/ APICULTOR (nº) | RENDIMENTO/ COLMÉIA (kg) |
|---------------------------|------------------------|------------------------------------|----------------------------|-----------------------------|
| Oeste Catarinense | agosto a novembro | silvestre, uva-do-japão e laranja | 7 | 13,007 |
| Norte Catarinense | setembro a novembro | silvestre (vassouras) e bracatinga | 26 | 14,521 |
| Serrana | setembro a dezembro | silvestre (vassouras) e bracatinga | 23 | 18,336 |
| Grande Florianópolis | setembro a novembro | silvestre | 26 | 15,814 |
| Vale do Itajaí | agosto a dezembro | silvestre | 34 | 16,986 |
| Sul Catarinense | março a maio | eucalipto | 87 | 25,830 |

FONTE: Epagri/Cepea e Faasc.

Catarinense, onde predomina o mel extraído de flores silvestres e bracatinga, seguido do Alto Vale do Itajaí, com uso de flores silvestres e, finalmente, a região Oeste Catarinense, que apresenta a menor concentração de colméia por apicultor, conforme mostra a tabela 10.

Apresenta-se, a seguir, um quadro demonstrativo dos meses de maior ocorrência da colheita de mel, do tipo de florada predominante, do número médio de colméia por apicultor, bem como do rendimento obtido por colméia, por mesorregião de Santa Catarina.

A produção estadual de mel, em 2000, segundo o IBGE, foi de 3.984 toneladas, desta-

cando-se na segunda posição no ranking nacional (a primeira posição é do Rio Grande do Sul). Todavia, segundo a Federação das Associações de Apicultores de Santa Catarina, se for computado o volume total comercializado no mercado informal, sobe sensivelmente, devendo ultrapassar em mais de 60% os dados oficiais, estimando-se para 2001 uma produção entre 5,5 mil e 6 mil toneladas, considerada baixa em função da ocorrência de fatores climáticos adversos (queda excessiva de temperatura e excesso de chuva), retardando a formação da florada e prejudicando sua qualidade.

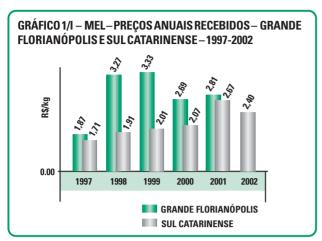
TABELA 10/I – MEL – PRECOS MENSAIS RECEBIDOS – GRANDE FLORIANÓPOLIS E SUL CATARINENSE – 1997-2002.

(R\$/ka)

| | • | 5 | | | | | | | | | | (************************************** |
|-----|------------------|---------------|------------------|---------------|------------------|---------------|------------------|---------------|------------------|---------------|------------------|---|
| ANO | 199 | 97 | 199 | 98 | 199 | 9 | 200 | 00 | 200 |)1 | 200 | 2 |
| MÊS | GRANDE FPOLIS | SUL Catar. |
| Jan | - | - | - | 1,80 | 3,28 | 2,00 | 2,38 | 2,00 | 2,60 | 2,10 | - | 2,80 |
| Fev | - | - | - | 1,80 | 3,28 | 2,03 | 2,55 | 1,85 | 2,60 | 2,26 | - | 2,80 |
| Mar | - | - | 2,46 | 1,80 | 3,32 | 2,00 | 2,56 | 1,90 | 2,91 | 2,33 | - | - |
| Abr | - | - | 2,55 | 1,80 | 3,29 | 2,00 | 2,42 | 1,90 | 2,15 | 2,40 | - | - |
| Mai | - | - | 3,48 | 1,80 | 3,32 | 2,00 | 3,08 | 1,90 | 2,88 | 2,83 | - | 1,60 |
| Jun | - | - | 3,53 | 1,80 | 3,33 | 2,04 | 2,90 | 2,10 | 2,92 | 2,83 | - | - |
| Jul | 1,80 | 1,72 | 3,50 | 1,95 | 3,50 | 2,00 | 3,12 | 2,15 | 3,20 | 2,93 | - | - |
| Ago | 1,80 | 1,60 | 3,50 | 2,00 | - | 2,00 | 3,15 | 2,23 | 3,20 | 2,93 | - | - |
| Set | 1,70 | 1,70 | 3,50 | 2,00 | - | 2,00 | 2,56 | 2,36 | - | 2,93 | - | - |
| Out | 1,90 | 1,65 | 3,50 | 2,00 | - | 2,00 | 3,00 | 2,36 | - | 2,93 | - | - |
| Nov | 2,13 | 1,80 | 3,39 | 2,04 | - | 2,00 | 2,38 | 2,06 | - | 2,80 | - | - |
| Dez | - | 1,80 | 3,27 | 2,07 | - | 2,00 | 2,18 | 2,06 | - | 2,80 | - | - |

FONTE: Instituto Cepa/SC.





FONTE: Instituto Cepa/SC.

Embora as estatísticas oficiais indiquem com pouca precisão o destino do mel catarinense, estima-se que aproximadamente metade da produção seja consumida no mercado interno; os demais 50% são vendidos para os principais centros consumidores do País (São Paulo, Rio de Janeiro, Goiás, Minas Gerais e Tocantins) e para o mercado mundial, principalmente Alemanha, Argentina, Japão e Uruguai. Segundo a Secex/Decex, em 2001 Santa Catarina exportou para esses países um total de 2.042 toneladas, representando 1.814 mil dólares, o que demonstra a expressiva participação estadua l - cerca de 73% - no volume total das exportações brasileiras de mel. Somente no primeiro quadrimestre de 2002, o acumulado das vendas catarinenses já soma 1.060 toneladas, conforme dados da tabela 7, com destaque para o mercado alemão, que continua sendo o nosso principal parceiro.

Segundo a Epagri/Cepea, o setor apícola dispõe da seguinte estrutura de produção e comercialização:

- uma federação;
- 68 associações de apicultores
- 40 entrepostos de compras e vendas.

Ressalta-se que dos 40 entrepostos existentes, apenas cinco funcionam com capacidade total de processamento; cerca de 30 operam entre 5% e 15% de sua capacidade, enquanto os cincos entrepostos restantes se encontram praticamente desativados.

O comportamento dos preços do mel recebidos pelo apicultor catarinense no período de janeiro de 1997 a maio de 2002, coletados pelo Instituto Cepa/SC nas regiões produtoras Sul Catarinense e Grande Florianópolis, são mostrados na tabela 10 e gráfico 1.

De acordo as previsões da Epagri/Cepea e a Faasc e esperando que não ocorra fator climático adverso (frio fora de época, dias contínuos de chuvas, excesso de umidade na época da florada, dentre outros), a estimativa é de que a produção estadual atinja de 6 mil a 6,5 mil toneladas.

Nos municípios da região Sul Catarinense, a colheita da safra 2002 já aconteceu (março a maio). Foi considerada regular, atingindo, em média, 20 kg/colméia, enquanto no ano de 2000 alcançou 50kg/colméia. Nas demais regiões do estado, a colheita será iniciada somente a partir do mês de agosto.

Luiz Marcelino Vieira



Desempenho da pesca

PESCA

o Brasil, tanto a pesca artesanal quanto a industrial desempenham importante papel na subsistência dos pescadores e na geração regional de riquezas.

Ao longo do litoral brasileiro estabeleceram-se comunidades e parques industriais que têm suas raízes na pesca. Atualmente, porém, observa-se uma significativa diminuição de peixe, moluscos e crustáceos (por inobservância do defeso de algumas espécies, excesso de pesca, etc.), razão pela qual o volume de produção se mantém nos mesmos níveis há alguns anos.

O setor está necessitando de medidas adequadas de ordenamento e alternativas para que a atividade sobreviva e seja compensadora.

Nosso País ocupa o 26º lugar na lista mundial de países que exploram a atividade pesqueira. Sua produção, em 1999, foi de 655 mil toneladas (Tabela 1).

TABELA 1/I – CAPTURAS NOMINAIS DE PEIXES. CRUSTÁCEOS E MOLUSCOS, POR PAÍS OU ÁREA – 1995-1999

| China Peru Japão Chile | 12.562.706 8.937.342 5.966.615 7.433.902 5.224.566 | 14.182.107 9.515.048 5.933.440 6.690.942 5.001.483 | 15.722.344 7.869.871 5.926.113 5.810.764 | 17.229.927 4.338.437 5.263.384 3.265.383 | 17.240.032 8.429.290 5.176.460 |
|------------------------|--|--|---|---|--------------------------------------|
| Japão | 5.966.615 7.433.902 | 5.933.440 6.690.942 | 5.926.113 | 5.263.384 | |
| | 7.433.902 | 6.690.942 | | | 5.176.460 |
| Chile | | | 5.810.764 | 2 265 202 | |
| | 5.224.566 | 5.001.483 | | 3.203.303 | 5.050.528 |
| Estados Unidos | | | 4.983.463 | 4.708.980 | 4.749.645 |
| Indonésia | 3.503.779 | 3.557.623 | 3.790.790 | 3.964.897 | 4.149.420 |
| Federação Russa | 4.311.809 | 4.676.666 | 4.661.853 | 4.454.759 | 4.141.157 |
| Índia | 3.219.583 | 3.474.064 | 3.517.084 | 3.214.765 | 3.316.815 |
| Tailândia | 3.013.268 | 3.004.678 | 2.877.622 | 2.900.320 | 3.004.900 |
| Noruega | 2.524.111 | 2.648.457 | 2.856.597 | 2.850.565 | 2.620.073 |
| Coréia do Sul | 2.319.915 | 2.413.713 | 2.204.047 | 2.026.934 | 2.119.668 |
| Filipinas | 1.860.491 | 1.783.593 | 1.805.806 | 1.833.458 | 1.870.450 |
| Islândia | 1.612.548 | 2.060.168 | 2.205.944 | 1.681.951 | 1.736.267 |
| Dinamarca | 1.999.033 | 1.681.517 | 1.826.852 | 1.557.335 | 1.405.011 |
| Malaísia | 1.112.375 | 1.130.372 | 1.172.922 | 1.153.719 | 1.251.768 |
| México | 1.329.469 | 1.464.084 | 1.489.020 | 1.174.742 | 1.202.178 |
| Vietnã | 999.860 | 1.028.500 | 1.078.668 | 1.130.660 | 1.200.000 |
| Espanha | 1.147.724 | 1.131.618 | 1.150.098 | 1.215.645 | 1.167.242 |
| China - Taiwan | 1.010.022 | 967.483 | 1.038.048 | 1.091.768 | 1.099.715 |
| Argentina | 1.155.784 | 1.250.132 | 1.353.254 | 1.128.689 | 1.024.804 |
| Canadá | 848.891 | 904.665 | 970.955 | 1.013.747 | 1.021.916 |
| Bangladesh | 792.389 | 814.787 | 829.426 | 839.141 | 924.056 |
| Mianmar | 758.214 | 804.830 | 830.346 | 872.971 | 851.581 |
| Reino Unido | 909.928 | 865.145 | 886.261 | 920.355 | 837.759 |
| Marrocos | 848.951 | 642.886 | 791.906 | 710.436 | 745.431 |

(continua) FONTE: FAO

Segundo a FAO, os principais países em volume de pescado são a China, o Peru, o Japão e o Chile.

Um novo quadro se verificou em 2001 no tocante à balança comercial do setor pesqueiro Nacional.

Durante muitos anos, ela tem sido deficitária. No ano passado, contudo, as exportações superaram as importações, revertendo esse quadro (Gráfico 1).

As exportações atingiram US\$ 270.907.977,00, com um volume de 67.268 toneladas, enquan-

conclusão

| PAÍS OU ÁREA | 1995 | 1996 | 1997 | 1998 | 1999 |
|------------------------|------------|------------|------------|------------|------------|
| Brasil | 706.708 | 715.482 | 744.585 | 706.789 | 655.000 |
| Paquistão | 526.849 | 537.432 | 589.731 | 596.980 | 654.530 |
| Nova Zelândia | 544.242 | 421.104 | 596.017 | 636.219 | 594.084 |
| África do Sul | 575.654 | 440.327 | 514.464 | 558.857 | 588.001 |
| França | 614.373 | 562.289 | 573.165 | 548.764 | 578.071 |
| | | | | | |
| Turquia | 633.968 | 527.826 | 459.153 | 487.700 | 575.097 |
| Países Baixos | 438.092 | 410.798 | 451.799 | 536.626 | 514.611 |
| Equador | 505.395 | 702.974 | 548.988 | 310.022 | 497.872 |
| Gana | 352.976 | 477.173 | 446.797 | 442.759 | 492.776 |
| Nigéria | 349.482 | 337.993 | 387.923 | 463.024 | 455.628 |
| Senegal | 358.617 | 436.259 | 506.966 | 425.766 | 418.125 |
| Venezuela | 500.927 | 496.025 | 469.686 | 505.536 | 411.877 |
| Ucrânia | 378.650 | 417.119 | 373.005 | 462.308 | 407.856 |
| Irã | 341.383 | 351.725 | 342.287 | 367.212 | 387.200 |
| Egito | 310.790 | 320.230 | 342.759 | 362.741 | 380.504 |
| | | | | | |
| Ilhas Faroe | 288.857 | 303.703 | 329.736 | 376.379 | 358.044 |
| Suécia | 404.572 | 370.881 | 357.406 | 410.886 | 351.253 |
| Tanzânia | 359.800 | 323.921 | 356.960 | 348.000 | 310.020 |
| Namíbia | 292.372 | 266.912 | 282.151 | 337.482 | 299.151 |
| Itália | 396.791 | 365.899 | 343.693 | 317.789 | 294.155 |
| Irlanda | 384.632 | 333.030 | 292.673 | 324.760 | 285.921 |
| Sri Lanka | 229.421 | 222.448 | 235.560 | 259.830 | 271.595 |
| Camboja | 102.999 | 94.710 | 102.800 | 107.900 | 269.100 |
| Outros | 360.484 | 251.357 | 233.556 | 246.807 | 246.924 |
| Alemanha | 239.890 | 236.411 | 259.769 | 266.664 | 238.925 |
| Polônia | 426.235 | 341.299 | 353.661 | 220.202 | 205 111 |
| | | | | 238.262 | 235.111 |
| Uganda | 208.789 | 195.088 | 218.026 | 220.628 | 226.097 |
| Austrália | 205.464 | 203.963 | 198.010 | 205.414 | 216.346 |
| Coréia do Norte | 327.083 | 253.125 | 236.462 | 220.000 | 210.000 |
| Congo | 158.627 | 163.010 | 162.211 | 178.041 | 208.448 |
| Portugal | 260.584 | 260.422 | 221.923 | 223.961 | 207.707 |
| Quênia | 192.706 | 180.888 | 161.054 | 172.592 | 205.287 |
| Soma países ou áreas | 87.380.700 | 89.149.900 | 89.343.000 | 82.409.700 | 88.381.500 |
| Outros países ou áreas | 4.490.600 | 4.381.100 | 4.423.300 | 4.523.400 | 4.485.100 |
| TOTAL MUNDIAL | 91.871.300 | 93.531.000 | 93,766,300 | 86.933.100 | 92.866.600 |

FONTE: FAO.



FONTE: Secex/Decex.

to as importações foram de US\$ 243.936.177,00, para 159.334 toneladas.

Esta reversão de situação se explica pelo aumento das exportações de camarões cultivados, principalmente nos estados do Nordeste, cujas exportações de pescado correspondem a 48% do total nacional.

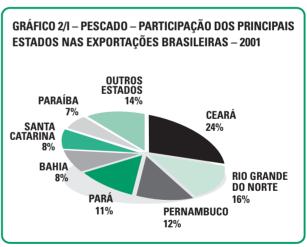
A pesca oceânica em grandes profundidades também contribui para o aumento das exportações quando a frota pesqueira inicia a captura de outras espécies, de grande aceitação no mercado internacional, que antes não eram pescadas. Tal aumento se verifica não apenas no valor das exportações, mas também no volume exportado (Tabela 2).

TABELA 2/I – PESCADO – EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS – 1995-2001

| ANO | TOTAL DE | PESCADO PESCADO |
|------|-------------|-----------------|
| ANU | US\$ FOB | TONELADA |
| 1995 | 146.811.643 | 23.121 |
| 1996 | 122.968.944 | 21.377 |
| 1997 | 110.317.449 | 24.146 |
| 1998 | 104.584.619 | 24.189 |
| 1999 | 125.578.446 | 32.029 |
| 2000 | 227.132.792 | 52.436 |
| 2001 | 270.907.977 | 67.268 |

FONTE: Secex/Decex.

Santa Catarina, com 8% das exportações nacionais, coloca-se em oitavo lugar dentre os principais estados exportadores de pescado. Ceará, Rio Grande do Norte e Pernambuco, três estados do Nordeste, são responsáveis por 52% de todo pescado exportado pelo Brasil (Gráfico 2).



FONTE: Secex/Decex.

Em Santa Catarina, o setor da pesca artesanal conta com 32 colônias de pescadores, com 35 mil profissionais, os quais, somados aos 5 mil não associados (estimativa), totalizam 40 mil catarinenses atuando no setor.

Deste total, não se sabe ao certo quantos se dediquem com exclusividade à atividade e



quantos tenham a renda familiar complementada por outra atividade.

A partir do ano de 2000, as estatísticas pesqueiras estão sendo realizadas em Santa Catarina pela Univali (através do Centro de Ciências Tecnológicas da Terra e do Mar). Os levantamentos restringem-se à pesca industrial, ficando o setor da pesca artesanal sem um acompanhamento estatístico.

Os dados sobre o setor pesqueiro, até 1999, eram levantados pelo Ibama/Cepsul, ano a respeito do qual se dispõe de apenas de uma estimativa de produção, de 130.000 toneladas. Em 2000, o setor pesqueiro industrial em Santa Catarina, com 50 indústrias gerando 14 mil empregos (segundo o Sindipi), teve uma produção registrada de 71.041,8 toneladas de pescado. Este dado demonstra uma redução significativa em relação ao último dado coletado pelo Ibama/Cepsul (Tabela 3).

TABELA 3/I – PESCADO – VOLUME TOTAL DAS CAPTURAS –
SANTA CATARINA – 1990-2000 (t)

| SAIVIA CAIA | MINA - 1990-20 | 00 | | (L) |
|---------------------|----------------|-----------|------------|-----|
| ANO | TOTAL | ARTESANAL | INDUSTRIAL | |
| 1990 | 73.720 | 9.087 | 64.633 | |
| 1991 | 85.406 | 5.839 | 79.567 | |
| 1992 | 82.441 | 6.369 | 76.072 | |
| 1993 | 103.601 | 5.907 | 97.694 | |
| 1994 | 123.612 | 8.298 | 115.314 | |
| 1995 | 81.231 | 6.049 | 75.182 | |
| 1996 | 103.549 | 7.959 | 95.590 | |
| 1997 | 127.333 | 9.045 | 118.288 | |
| 1998 | 133.120 | 9.445 | 123.675 | |
| 1999 ⁽¹⁾ | 130.000 | 9.000 | 121.000 | |
| 2000 | | | 71.042 | |

FONTE: Ibama/Cepsul (até 1998); Instituto Cepa/SC (1999); Univali/CTTMar - Mapa/DPA (2000).

Acredita-se que parte dessa diferença se explique pela mudança de metodologia de coleta adotada. Mas uma realidade que contribuiu para essa queda na produção pesqueira foi a redução da safra da sardinha. A escassez de sardinhas teve início a partir de 1997, ano em que as frotas pesqueiras do estado

capturaram 80 mil toneladas.

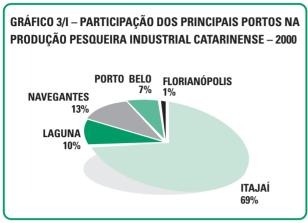
As indústrias de pescado no estado têm a sardinha como seu principal produto. Em 2001 foram pescadas 24 mil toneladas (segundo dados do Centro de Ciências Tecnológicas da Terra e do Mar da Univali). Este volume foi insuficiente para ocupar a capacidade instalada de processamento das indústrias, que é de 80 mil toneladas/ano, forçando a importação dessa matéria-prima. Este fato leva as empresas a também se dedicarem à pesca de outras espécies (como a tainha) que antes eram mais pescadas pelos pescadores artesanais. Este fato representa prejuízo para o pescador artesanal, pois provoca a diminuição da espécie para a captura nas praias. Outra espécie, a cuja captura a frota pesqueira se tem dedicado, é o peixe-sapo. É uma espécie pescada no Sudeste e Sul do Brasil e que tem boa demanda no mercado interacional.

A pescaria e o mercado de peixe-sapo foram descobertos pela atividade de barcos arrendados na costa brasileira. São, em sua maioria, europeus e asiáticos. A legislação federal permite que embarcações estrangeiras que utilizam tecnologia de ponta para atuar em grandes profundidades atuem a partir de 200 metros, e tenham em sua tripulação técnicos brasileiros, que fazem parte do programa de observadores de bordo.

Têm eles a função de acompanhar o trabalho, assimilar a tecnologia empregada e coletar informações essenciais para a avaliação do impacto das pescarias sobre os recursos pesqueiros.

A Univali, em Santa Catarina, monitora uma frota arrendada, composta por embarcações da Espanha, da Alemanha, do Reino Unido, de Belize, Panamá, Japão e Coréia.

Dos portos catarinenses, o de Itajaí se destaca com 69% da produção estadual, segundo dados do CTTMar/Univali; Navegantes e Laguna vêm a seguir, com uma participação de 13% e 10%, respectivamente (Gráfico 3).



FONTE: Univali/CTTMar - Mapa/DPA.

As exportações catarinenses de pescado, em 2001, aumentaram 11% em relação a 2000, chegando a 20,8 milhões de dólares.

Esse fato se repete. Em 2000, as exportações já haviam crescido 137% em relação ao ano anterior.

Verifica-se, nos últimos dois anos, que as importações catarinenses permanecem menores que as exportações, ficando assim a balança comercial, mais uma vez, superavitária. Uma condição que não se verificava há alguns anos (Gráfico 4).

O aumento do dólar contribuiu para a valorização do produto exportado, incrementando o total das exportações, embora, na realidade, a quantidade exportada venha aumentando a cada ano. Entre os produtos mais exportados por portos catarinenses estão os peixes e camarões congelados (Tabela 4).

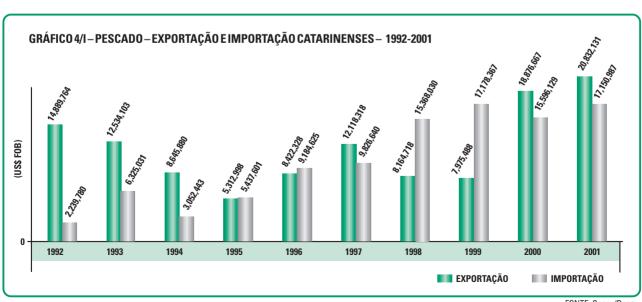
Dos produtos importados pela indústria catarinense, destacam-se a sardinha, a merluza e a abrótea. Os maiores fornecedores de pescado para nosso estado foram, em 2001, a Venezuela, a Rússia, o Uruguai e a Argentina (Tabela 5).

Quase toda a produção da pesca artesanal é absorvida no mercado dentro do próprio estado.

Um dos principais mercados para o pescado industrial catarinense é o entreposto da Ceagesp, abastecendo em torno de 40% da demanda daquele mercado.

Os preços do pescado no mercado atacadista de Santa Catarina tiveram, em 2001, um pequeno aumento em relação aos preços de 2000 (Tabela 32/II, página 174 da Parte II). Entre as espécies, as que tiveram maior elevação foram a abrótea, a anchova e a tainha.

As perspectivas de mercado para os próximos dez anos indicam que a demanda pelos



FONTE: Secex/Decex



produtos da pesca e aqüicultura deverá crescer aproximadamente 25%, em decorrência tanto do aumento populacional, quanto do crescimento da procura por produtos que proporcionam uma alimentação mais saudável.

Santa Catarina procura se equipar para suprir este aumento da demanda, seja através dos investimentos na pesca extrativa, com a renovação da frota pesqueira industrial, seja com o aumento da produção da aqüicultura.

TABELA 4 /I – EXPORTAÇÕES POR GRUPO DE PEIXES, CRUSTÁCEOS, MOLUSCOS E OUTROS INVERTEBRADOS AQUÁTICOS – SANTA CATARINA – 1999-2001

| AQUÁTICOS – SANTA CATARINA – 1999-2001 | | | (US\$ FOB |
|--|--------------|---------------|---------------|
| ITEM | 1999 | 2000 | 2001 |
| Bonitos-listrados, etc. frescos, refrig. exc. filés | 658.605,00 | - | - |
| Sardinhas, sardinelas, etc. frescas e refrigerados exc. filé | 2.560,00 | - | - |
| Peixes-carvão frescos, refrig. exc. filés out. | 62.276,00 | 133.185,00 | |
| Outs. peixes frescos, refrig. exc. filés, outs. ca | 749.991,00 | 1.248.086,00 | 1.130.014,00 |
| Outs. salmonídeos congelados, exc. files, outs. | 123.650,00 | 280.730,00 | 169.917,00 |
| Outs peixes chatos, congelados, exc. filés, outs. | 251.727,00 | 1.266.518,00 | 146.438,00 |
| Atuns-brancos ou germoes, congelados, exc. filés, outs. | 187.534,00 | 22.710,00 | 40,00 |
| Albacoras/atuns barbat. amarela, congeladas | 297.336,00 | 745.873,00 | 847.296,00 |
| Bonitos-listrados, etc. congelados, exc. filés. outs. car. | 2.637.483,00 | 2.065.017,00 | 2.755.367,00 |
| Outs. atuns congelados, exc. filés. outs. carnes | 307.486,00 | 228.070,00 | 251.368,00 |
| Merluzas, abróteas, congeladas | - | - | 208.566,00 |
| Sardinhas, sardinelas, etc. congeladas. exc. filés. outs. | 673.746,00 | 255.839,00 | 84.537,00 |
| Outs peixes congelados, exc. filés. outs. carnes | 359.327,00 | 6.035.820,00 | 7.343.336,00 |
| Fígados, ovas e sêmen de peixes congelados | 409.731,00 | 2.771.003,00 | 1.907.968,00 |
| Filés de merluza, congelados | 1.050,00 | - | 30.951,00 |
| Filés de outs. peixes, congelados | 373.591,00 | 815.159,00 | 2.035.670,00 |
| Outs. carnes de peixes congeladas | 126.395,00 | 606.466,00 | 1.140.179,00 |
| Outs. peixes secos, mesmo salgados mas ñ defumados | 193.913,00 | 324.384,00 | 202.407,00 |
| Camarões não congelados | - | - | 41.650,00 |
| Camarões congelados | 445.636,00 | 1.791.153,00 | 1.029.894,00 |
| Potas e Iulas | 300,00 | 55.099,00 | 12.188,00 |
| Corvinas congeladas | 111.539,00 | 70.375,00 | 567.357,00 |
| Albacoras/atuns frescos, congelados | - | - | 89.590,00 |
| Polvos congelados | - | - | 104.177,00 |
| Salmões-do-pacífico, congelados, exc. filés, outs. | - | 99.895,00 | 307.871,00 |
| Outrs. salmonídeos frescos. refrig. | - | 37.611,00 | 3.126,00 |
| Outros moluscos congelados | - | - | 31.417,00 |
| Caranguejos congelados | - | 22.834,00 | 189.370,00 |
| OUTROS | 1.612,00 | 840,00 | 25.776,00 |
| Total | 7.975.488,00 | 18.876.667,00 | 20.656.470.00 |

FONTE: Secex/Decex.

TABELA 5 – PESCADO – IMPORTAÇÕES CATARINENSES – PRINCIPAIS PRODUTOS E PAÍSES FORNECEDORES – 2001 (US\$ FOB)

| | | | | (, |
|---------------|------------|-----------------|-----------|------------|
| PAÍS | SARDINHA | MERLUZA-ABRÓTEA | OUTROS | TOTAL |
| URUGUAI | | 108.000 | 2.447.809 | 2.555.809 |
| ARGENTINA | | 255.427 | 1.579.295 | 1.834.722 |
| CHILE | | 582.998 | 66.918 | 649.916 |
| RÚSSIA | 4.900.532 | | | 4.900.532 |
| VENEZUELA | 4.910.139 | | | 4.910.139 |
| PAÍSES BAIXOS | 655.585 | | | 655.585 |
| OUTROS | | | 1.644.284 | 1.644.284 |
| Total | 10.466.256 | 946.425 | 5.738.306 | 17.150.987 |

FONTE: Secex/Decex.

José Souza Filho



Desempenho da aqüicultura

AQÜICULTURA

atividade aqüícola catarinense vem se tornando a cada ano mais indispensável ao meio rural e pesqueiro. Os agricultores e pescadores incorporaram essa nova atividade ao seu cotidiano, muitas vezes como complemento da renda. Alguns agricultores simplesmente migraram para a piscicultura. Entre os pescadores artesanais, houve quem optasse pela maricultura, deixando em segundo plano a pesca, que era sua atividade principal.

O setor aqüícola catarinense está organizado em 4 cooperativas, 54 associações municipais, 2 associações regionais e 1 associação estadual de aqüicultores, contando com associados nas atividades de maricultura e piscicultura. Segundo os técnicos da Epagri, o que motiva os produtores a se associarem são: os "descontos na aquisição de grandes quantidades de ração; o uso coletivo de redes; os descontos na compra de equipamentos a vista; a organização da comercialização; a promoção de cursos e seminários, entre outras vantagens".

Dentro da aqüicultura, Santa Catarina conta com as atividades de ranicultura (rãs), carcinicultura (camarões), piscicultura (peixes), ostreicultura (ostras), mitilicultura (mexilhões) e pectinicultura (vieiras).

A produção atual da ranicultura, que teve boas perspectivas na década de 80, com aproximadamente dois mil ranários instalados, não é muito significativa. Segundo dados da Epagri, a produção no ano de 2000 foi de 5.000 quilos, com previsão igual para 2001. Na produção de rãs, destacam-se os municípios de Cordilheira Alta e São Bento do Sul.

Na pectinicultura, com a pesquisa e a extensão realizadas pela Epagri, o destaque cabe às 150 mil sementes de vieiras que vieram do laboratório do Instituto de Ecodesenvolvimento da Baía da Ilha do Governador, no Rio de Janeiro. Foram distribuídas em experimentos nos municípios de Florianópolis, Bombinhas, Porto Belo, Balneário Camboriú, Governador Celso Ramos e Penha. Estas vieiras são da espécie *Nodipecten nodosus*, já utilizadas pela Epagri desde 1998.

O setor aqüícola catarinense, em 2001, alcançou um VBP (valor bruto da produção) de R\$ 47.275.997,00 – 28,10% superior ao do ano 2000.

O maior aumento foi verificado no VBP do camarão e das ostras, que se deveu ao aumento da produção estadual.

A piscicultura teve o mais alto VBP com a produção de peixes de águas interiores (somando R\$ 27.633.644,60), seguida pelo cultivo de mexilhões (R\$ 7.351.410,00) e o de ostras (R\$ 6.688.179,00) (Tabela 1).

Na classificação dos produtos da agricultura catarinense por VBP, a piscicultura fica logo abaixo da extração de erva—mate; depois dela vêm outras culturas tradicionais em nos-

TABELA 1/I – VALOR BRUTO DE PRODUÇÃO DOS PRINCIPAIS
PRODUTOS DA AQUICULTURA EM SANTA CATARINA –

| 2000-2001 | | (ηφ) |
|----------------------------|------------|------------|
| PRODUTO | 2000 | 2001 |
| Peixes de águas interiores | 24.088.029 | 27.633.645 |
| Mexilhão | 8.419.460 | 7.351.410 |
| Ostra | 2.591.825 | 6.688.179 |
| Camarão | 1.806.691 | 5.602.763 |
| Total | 36.906.005 | 47.275.997 |

FONTE: Instituto Cepa/SC



so estado, como mel, trigo, uva, lã, atividades extrativas (de lenha, madeira em toras) e carvão vegetal (Tabela 26, página 168, parte 2).

Caso continue o crescimento verificado nos últimos anos, as atividades aqüícolas não demorarão a figurar entre os produtos que ocupam os primeiros lugares do ranking do VBP agrícola catarinense.

Em Santa Catarina, a piscicultura de águas interiores, a maricultura, o cultivo de camarões, ostras e mexilhões, são atividades que se destacam no cenário estadual e também nacional. Seu desempenho, referente a 2001, será tratado a seguir.

José Souza Filho

PEIXES DE ÁGUAS INTERIORES

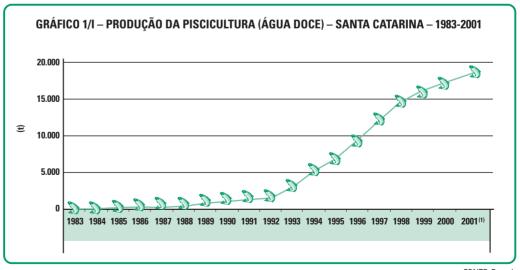
piscicultura catarinense continua em crescimento. Novas áreas estão sendo implantadas para o cultivo de peixes de águas interiores. O crescimento verificado nos últimos anos (Gráfico1) demonstra que a atividade veio para ficar e tem-se destacado nas regiões Vale do Itajaí, Litoral Norte, Oeste e Tubarão.

As estimativas da Epagri (até o fechamento desta publicação, a tabulação dos dados ainda não havia sido concluída) indicam que em 2001 foram produzidas 18.500 toneladas

de peixes de águas mornas e frias no interior do estado, um crescimento de 8,10% em relação ao ano anterior (Tabela1).

As espécies mais cultivadas continuam sendo a tilápia e a carpa comum, que têm na soma de suas produção uma participação em torno de 60% do total produzido no estado.

A tilápia, mais particularmente, e a carpa têm sua produção voltada para a indústria. Alguns frigoríficos utilizam o sistema de parceria com os produtores, fornecendo alevinos



FONTE: Epagri.

piscicultura



e garantindo a compra do peixe ao final do ciclo de engorda. Esta prática tem facilitado muito o sistema de produção para os produtores, pois a garantia da comercialização é um estímulo ao produtor empreendedor, que se sente atraído para entrar na atividade de piscicultura, atividade esta relativamente nova para os agricultores do interior de Santa Catarina.

A comercialização dos peixes vivos para os pesque-pague de outros estados também tem atraído os produtores catarinenses, pois seus preços são atrativos e bastante amplo o mercado que absorve os peixes de espécies como os bagres, que são produzidos junto com as carpas e tilápias no sistema de policultivo orgânico, aproveitando os resíduos orgânicos de suínos e aves.

A rizipiscicultura (cultivo de peixes e arroz), principalmente na região Sul do Estado, tem aumentado sua área de cultivo. Um dos fatores que mais impulsionam esta atividade é a expansão do mercado para o arroz ecologicamente produzido (orgânico). Com o crescimento deste mercado, os produtores optam por utilizar a rizipiscicultura, cuja tecnologia consiste na eliminação de produtos de síntese química nas lavouras, com a utilização de peixes que engordam nessas mesmas quadras de arroz.

TABELA 1/I – PRODUÇÃO DA PISCICULTURA (ÁGUA DOCE) POR ESPÉCIE CULTIVADA – SANTA CATARINA – 1996-2001

| ESPÉCIE | | QUANTIDADE (kg) | | | | | |
|---------------------|-----------|-----------------|------------|------------|------------|------------|--|
| LOI LOIL | 1996 | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 (1) | |
| Bagre-africano | 427.948 | 1.299.999 | 558.460 | 418.024 | 377.473 | 878.146 | |
| Bagre-americano | 133.989 | 537.710 | 611.620 | 735.166 | 1.008.019 | 758.508 | |
| Carpa-capim | 1.099.417 | 1.325.553 | 1.806.800 | 1.752.128 | 1.727.278 | 2.069.852 | |
| Carpa-cabeça-grande | 855.358 | 912.436 | 1.198.377 | 1.214.655 | 1.317.733 | 1.481.540 | |
| Carpa-comum | 3.478.680 | 3.538.857 | 4.975.400 | 5.133.830 | 5.513.737 | 6.078.321 | |
| Carpa-prateada | 625.310 | 782.479 | 809.445 | 753.958 | 794.887 | 1.033.052 | |
| Cascudo | 99.309 | 130.166 | 126.210 | 99.990 | 129.093 | 161.270 | |
| Curimatã | 54.779 | 46.740 | 54.840 | 40.240 | 36.125 | 66.627 | |
| Lambari | 23.025 | 18.810 | 26.920 | 18.700 | 21.739 | 30.579 | |
| Pacu | 81.613 | 232.335 | 240.880 | 277.251 | 277.311 | 287.446 | |
| Tambacu | 7.559 | - | - | - | - | - | |
| Tambaqui | 15.815 | 21.992 | 48.900 | 22.475 | 20.685 | 35.000 | |
| Tilápia | 1.857.922 | 2.767.451 | 3.318.327 | 4.767.391 | 5.215.788 | 4.641.551 | |
| Traíra | 105.741 | 140.015 | 141.065 | 106.593 | 149.540 | 176.498 | |
| Truta | 508.964 | 476.400 | 396.550 | 327.200 | 298.200 | 583.736 | |
| Outras espécies | 79.859 | 137.990 | 96.605 | 310.245 | 225.236 | 217.874 | |
| TOTAL | 9.455.288 | 12.368.933 | 14.410.399 | 15.977.846 | 17.112.844 | 18.500.000 | |

FONTE: Epagri/Ufsc/Prefeituras Municipais/Associações de Piscicultores.

TABELA 2/I – PRECO DE PEIXES DESTINADOS À INDÚSTRIA E AO PESQUE-PAGUE – MÉDIA DO ESTADO - SANTA CATARINA - 2000-2001 (R\$/kg)

| FORÉGIE | 2º SEMES | 2° SEMESTRE 2000 | | 1° SEMESTRE 2001 | | 2° SEMESTRE 2001 | |
|-----------------|-----------|------------------|-----------|------------------|-----------|------------------|--|
| ESPÉCIE | Indústria | Vivo | Indústria | Vivo | Indústria | Vivo | |
| Bagre-africano | 1,01 | 1,52 | 0,93 | 1,61 | 0,85 | 1,53 | |
| Bagre-americano | - | 2,46 | - | 2,32 | - | 2,41 | |
| Carpa-chinesa | 0,78 | 1,45 | 0,82 | 1,55 | 0,85 | 1,45 | |
| Carpa-comum | 0,79 | 1,41 | 0,86 | 1,53 | 0,98 | 1,53 | |
| Tilápia | 0,95 | 1,54 | 0,96 | 1,58 | 1,00 | 1,62 | |
| Truta | - | 5,27 | - | 5,13 | 5,00 | 5,21 | |

FONTE: Instituto Cepa/SC.

Em 2001, observou-se que o preço médio das espécies de peixes de águas interiores cultivadas no estado cresceu 7,25% em relação ao do ano anterior. Esta elevação do preço recebido, aliada ao aumento da produção, resultou num VBP de R\$ 27.333.644,60, 15,50% superior ao de 2000.

Observamos na tabela 2 que os preços para a indústria tiveram uma pequena elevação em 2001, enquanto os preços dos peixes vivos, vendidos para os pesque—pague, permaneceram no mesmo patamar dos preços do segundo semestre de 2000.

Uma pequena elevação pode ser observada no preço de carpas e tilápias, enquanto os preços médios dos bagres ficaram um pouco abaixo dos do ano anterior.

Este fato se explica pela cotação mais elevada dessas espécies no ano de 2000, por uma situação atípica do mercado, quando o frio do mês de julho causou a morte de muitos peixes, diminuindo a oferta e causando uma elevação dos preços dos bagres que restaram para comercialização, principalmente para pesque-pague.

No mercado para produtos da piscicultura

catarinense, algumas alternativas estão surgindo. A Sadia, por exemplo, lançou uma linha de produtos "light" que utiliza filé de tilápia. As tilápias utilizadas são produzidas no Paraná, com um rigoroso controle de qualidade na produção, prestado pela própria Sadia.

Na área da pesquisa em piscicultura, destacamos o trabalho da Universidade Federal de Santa Catarina na busca de adaptação de espécies visando à ampliação do mercado. Dentre as espécies com experimentos em andamento estão o jundiá e o dourado, que estão sendo testados em propriedades no oeste catarinense e na Grande Florianópolis.

Dos insumos utilizados na atividade, observa-se que o aumento dos preços das rações foi superior ao dos peixes; no segundo semestre de 2001, ela chegou a subir, em média, 17,34%, como pode ser observado na tabela 3.

Os preços dos alevinos não tiveram um aumento significativo; apenas os alevinos II tiveram seus preços reajustados em 5,4%, abaixo, portanto, do reajuste médio do preço pago ao produtor (Tabela 4).

TABELA 3/I – PREÇO DA RAÇÃO UTILIZADA NA PISCICULTURA – MÉDIA EM 12 REGIÕES DO ESTADO – SANTA CATARINA – 2000-2001

(R\$/kg)

| APLICAÇÃO | 2° SEMESTRE 2000 | 1° SEMESTRE 2001 | 2° SEMESTRE 2001 |
|----------------------------------|------------------|------------------|------------------|
| Engorda de tilápia e carpa | 13,58 | 14,39 | 15,38 |
| Engorda de bagre e peixe-redondo | 14,69 | 15,48 | 16,62 |
| Engorda de trutas | 19,50 | 20,29 | 23,01 |
| Recria | 14,97 | 15,83 | 18,61 |

FONTE: Instituto Cepa/SC.

TABELA 4/I – PREÇO DE ALEVINOS UTILIZADOS NA PISCICULTURA – MÉDIA EM 12 REGIÕES DO ESTADO – SANTA CATARINA – 2000 E 2001 (R\$/milheiro)

| APLICAÇÃO | 2° SEMESTRE 2000 | | 1º SEMI | 1° SEMESTRE 2001 | | 2° SEMESTRE 2001 | |
|-----------------|------------------|------------|-----------|------------------|-----------|------------------|--|
| ESPÉCIE | ALEVINO I | ALEVINO II | ALEVINO I | ALEVINO II | ALEVINO I | ALEVINO II | |
| Bagre-africano | 65,65 | 114,83 | 64,96 | 119,42 | 66,76 | 120,93 | |
| Bagre-americano | 67,78 | 124,86 | 67,83 | 141,07 | 67,15 | 146,04 | |
| Carpa-chinesa | 54,10 | 105,82 | 51,80 | 106,57 | 54,24 | 108,12 | |
| Carpa-comum | 52,21 | 105,91 | 51,20 | 107,62 | 53,06 | 108,19 | |
| Tilápia | 45,03 | 89,77 | 44,11 | 88,34 | 45,99 | 87,20 | |
| Trutas | - | - | 150,00 | - | 157,50 | - | |

FONTE: Instituto Cepa/SC

José Souza Filho



CAMARÃO MARINHO

Carcinicultura, no mundo, produz anualmente cerca de 865 mil toneladas de camarão; mais de 80% desse total é produzido no hemisfério oriental.

No Brasil, segundo a Associação Brasileira de Criadores de Camarão - ABCC —, a produção total no País, em 2001, foi em torno de 40.000 toneladas, o que lhe dá uma posição de destaque, como o terceiro produtor dentre os produtores do ocidente.

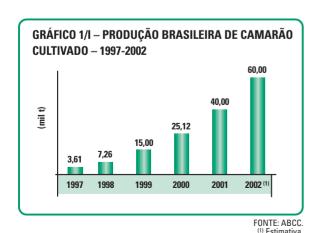
Segundo a mesma associação, as expectativas para 2002 são de que as exportações brasileiras cheguem a US\$ 200 milhões; as áreas de cultivo, aproximadamente 12 mil hectares; a produção, a 60 mil toneladas (Gráfico 1).

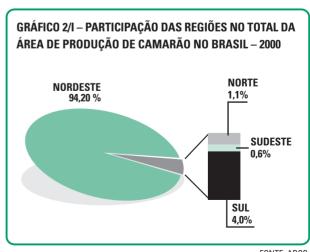
A produção nacional concentra-se nos estados do Nordeste, responsáveis por mais de 90% do total. Os outros produtores encontram-se nos estados das Regiões Norte, Sul e Sudeste (Gráfico 2).

O clima, o grau de salinidade da água e o uso de tecnologias adequadas fazem dos estados do Nordeste os campeões em produção do camarão.

Em 1995, 76% das exportações brasileiras de pescado eram de lagostas e camarão oriundos da pesca; somente a lagosta respondia por quase metade das exportações.

Em 2001, esta situação se inverte e o camarão passa a ser o principal item da pauta







de exportação brasileira de pescado, com uma participação de 48% do total.

Ceará e Rio Grande do Norte são os principais exportadores (o camarão é o principal produto da pauta de exportações do Rio Grande do Norte).

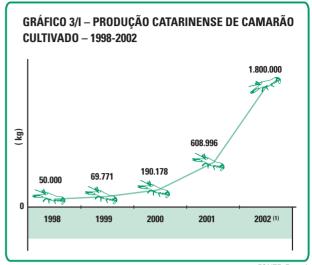
A carcinicultura é uma atividade altamente rentável, com um grande mercado interno e externo (principalmente americano e europeu).

Aproximadamente 60% dos camarões cultivados são vendidos para o mercado europeu, tendo como grandes compradores a França, a Bélgica, a Itália, a Holanda e a Inglaterra.

O Brasil, numa investida para abrir novos mercados, recentemente iniciou exportações de camarão para o Japão e a Suíça.

Os preços no mercado externo estão em baixa desde o início de 2001, devido ao aumento da oferta o produto, que era vendido em 2000 a mais de sete dólares; o preço atualmente gira em torno de quatro dólares.

Em Santa Catarina, a carcinicultura é o setor da maricultura que mais cresce. Em 2001 foram produzidas 609 toneladas, ou seja, três vezes a quantidade produzida no ano anterior; agora, em 2002, segundo estimativas da Epagri, o volume de camarão cultivado no estado chegará a 1,8 mil toneladas, mais uma vez triplicando a produção do ano anterior (Gráfico 3).



FONTE: Epagri.

Em Santa Catarina, a maioria das fazendas é de porte pequeno (até 15 hectares); o número de estabelecimentos existentes em 2000 era de apenas 10, saltando para 23 em 2001 e para 45 em 2002 (Tabela 1).

Estas fazendas totalizam uma área produtiva de 523 hectares.

O crescimento verificado é contínuo. Segundo a Associação dos Aqüicultores da região de Laguna, estão em construção, no complexo lagunar, mais 11 fazendas, com uma área total de 185 hectares.

TABELA 1/I – CARCINICULTURA CATARINENSE, PRODUÇÃO, ÁREA, NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS – 1998-2002

| ANO | | PRODUÇÃO (kg) | | ÁREA (ha) N°. ESTABELE | | |
|----------|----------|---------------|-----------|------------------------|----------------|--|
| AN0 | 1º CICLO | 2º CICLO | TOTAL | AREA (IIa) | N . ESTABELEG. | |
| 1998 | 15.000 | 35.000 | 50.000 | 35 | 3 | |
| 1999 | 23.802 | 45.969 | 69.771 | 80 | 6 | |
| 2000 | 74.515 | 115.663 | 190.178 | 108 | 10 | |
| 2001 | 226.605 | 345.514 | 572.119 | 270 | 23 | |
| 2002 (1) | - | - | 1.800.000 | 523 | 45 | |

FONTE: Epagri.



As exportações catarinenses de camarão congelado diminuíram um pouco em 2001 (queda de 21,7% em relação ao ano anterior). Foram exportadas 155,4 toneladas, totalizando US\$ 1.029.894,00 (Tabela 2). Os camarões, juntamente com os peixes congelados, foram os produtos mais negociados no mercado internacional.

TABELA 2/I – EXPORTAÇÕES CATARINENSES DE CAMARÕES CONGELADOS – 1997-2001

| EXPORTAÇÃO | | | | | | |
|-----------------------------|---------|--------------|------|--|--|--|
| ANO kg US\$ FOB US\$ FOB/kg | | | | | | |
| 1997 | 6.150 | 40.300,00 | 6,55 | | | |
| 1998 | 10.890 | 57.960,00 | 5,32 | | | |
| 1999 | 46.320 | 445.636,00 | 9,62 | | | |
| 2000 | 198.537 | 1.791.153,00 | 9,02 | | | |
| 2001 | 155.434 | 1.029.894,00 | 6,63 | | | |

FONTE: Secex/Decex

Toda a produção catarinense é absorvida pelo mercado, comprada por empresas catarinenses e do Rio Grande do Sul.

Os preços em 2002 estão um pouco abaixo dos níveis de 2001.

A espécie cultivada pelos produtores catarinenses é o *Litopenaeus vannamei* (camarãobranco-do-pacífico), uma espécie exótica, também cultivada nos outros estados, que tem na rusticidade, na boa taxa de sobrevivência, na boa conversão e sobrevivência as características que fizeram o sucesso das fazendas instaladas a partir dos anos 90.

O conhecimento dos custos de produção auxiliam na condução do negócio. Por isso, o Instituto Cepa/SC, juntamente com a Epagri, calculou os custos de produção do camarão considerando dois sistemas de cultivo, que representam a realidade da maioria dos produtores do estado.

No sistema em que o povoamento é de 15 camarões por metro quadrado (utilizado em fazendas novas para evitar maiores riscos), o custo de produção total por quilo de camarão produzido em um ciclo ficou em R\$ 5,07.

Em outro sistema, utilizado em fazendas com tanques já "maduros", com um povoamento de 25 camarões por metro quadrado, o custo total ficou um pouco mais baixo, R\$ 4,93 por quilo de camarão produzido.

Como o preço médio pago ao produtor fica em torno de R\$ 8,00, pode-se observar a viabilidade desse agronegócio. No entanto, não se pode esquecer que este ramo tem um investimento inicial relativamente alto, em torno de 20 mil reais por hectare, sem considerar o preço da terra, que nos últimos anos tem aumentado muito em função da grande procura por novos investidores. As terras que eram vendidas em torno de R\$ 500,00 o hectare, atualmente alcançam valores superiores a R\$ 10.000.00.

A carcinicultura catarinense continua sendo impulsionada por fatores como a forte demanda pelo produto, a disponibilidade de mão-de-obra e as características das áreas e águas apropriadas ao cultivo, que, aliadas à tecnologia empregada com o apoio da Epagri e Ufsc, fazem com que as perspectivas para os próximos seis a oito anos sejam que "o cultivo de camarão deverá atingir 2.500 hectares de área alagada, envolvendo 500 criadores, em boa parte médios e grandes" (de acordo com a publicação do Instituto Cepa/SC "Perspectivas para a Agricultura Familiar – Horizonte 2010").

José Souza Filho



MOLUSCOS (ostras e mexilhões)

Santa Catarina é o maior produto nacional de ostras e mexilhões cultivados. Mais de 90% da produção brasileira sai de águas catarinenses. As espécies mais cultivadas são da ostra-japonesa ou ostra-do-pacífico (Crassostrea gigas) e o mexilhão ou marisco (Perna perna).

A característica do litoral catarinense, com baías e enseadas com águas de boa qualidade, facilita a instalação dos cultivos. A Ufsc e a Epagri são as precussoras da atividade, fornecendo tecnologia e assistência técnica adequadas.

Os primeiros cultivos foram instalados no estado nos anos de 88 e 89, com uma produção inicial de 500 toneladas de mexilhões e 43 mil dúzias de ostras (Tabela 1)

TABELA 1/I – PRODUÇÃO DE MEXILHÕES E OSTRAS CULTIVADOS EM SANTA CATARINA – 1991-2001

| AN0 | OSTRAS (dz) | MEXILHÕES (t) |
|------|-------------|---------------|
| 1991 | 43.000 | 500 |
| 1992 | 48.000 | 1.084 |
| 1993 | 25.500 | 1.224 |
| 1994 | 58.320 | 2.479 |
| 1995 | 64.719 | 3.346 |
| 1996 | 122.355 | 5.202 |
| 1997 | 201.120 | 6.397 |
| 1998 | 219.045 | 7.720 |
| 1999 | 605.892 | 9.460 |
| 2000 | 762.426 | 11.365 |
| 2001 | 1.592.213 | 10.667 |

FONTE: Epagri/Ufsc/Associações de Maricultores.

Com a produção concentrada nos municípios de Florianópolis, São Francisco do Sul, Balneário Camboriú, Itapema, Penha, Governador Celso Ramos, Bombinhas, São José, Palhoça, Biguaçu e Porto Belo, a atividade envol-

ve aproximadamente mil famílias e gera em torno de seis mil empregos diretos e indiretos.

Com a diminuição dos recursos pesqueiros observados nos últimos anos, os profissionais da pesca artesanal encontraram na maricultura uma alternativa de renda. Muitos migraram completamente para essa nova atividade, deixando de lado a pesca artesanal.

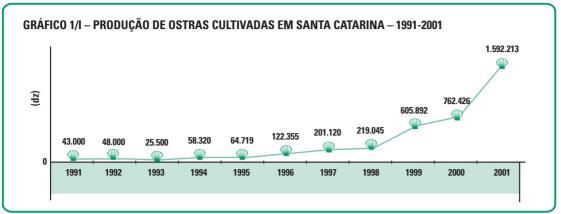
Também se encontram nesse meio alguns produtores que pouca ligação tinham anteriormente com o mar, mas viram na maricultura uma atividade de futuro promissor e decidiram investir na criação de moluscos.

O mercado tem um crescimento animador, principalmente nos grandes centros urbanos do País. Cerca de 80% do produto é consumido dentro do próprio estado; principalmente no verão, os restaurantes da orla catarinense absorvem essa produção.

O governo do estado está negociando com o Canadá um projeto de pesquisa em maricultura, com a implantação de um Centro de Excelência em Maricultura — Cemar —, com previsão de investimentos da ordem de US\$ 85 milhões nos primeiros cinco anos.

Uma tendência para 2010, que já começa a se verificar, é "a expansão das atividades de maricultura, que certamente aumentará os riscos de conflito de uso do espaço marinho, em especial com a pesca artesanal e a área de turismo e laser náutico" (Perspectivas para a agricultura familiar – horizonte 2010 – Instituto Cepa/SC).

A produção de ostras em 2001, nos municípios do litoral catarinense, foi de 1.592.213 dúzias. Esta produção corresponde a duas vezes o que foi produzido no ano anterior



FONTE: Epagri/UFSC/Associações de Maricultores.

(762.426,00 dúzias) (Gráfico 1). Este salto na produção se deveu ao aumento no número de produtores que acreditaram na atividade e tiveram disponibilidade de sementes para a safra de verão e inverno.

A falta de sementes, que nos anos anteriores era a maior preocupação dos produtores, parece agora solucionada.

No ano de 2001, o laboratório da Ufsc produziu e distribuiu aos maricultores do estado 21,5 milhões de sementes de ostras.

Também produzem sementes, a partir deste ano, o laboratório da Univali, no município de Penha, e um laboratório da iniciativa privada instalado no sul da Ilha de Florianópolis.

O mercado para as ostras tem contribuído para o incremento da produção. Festas gastronômicas, como a Fenaostra (realizada em Florianópolis), fazem o marketing desse produto, cujo consumo aumenta cada vez mais em bares e restaurantes do litoral catarinense. Os preços da ostra, em 2001, mantiveram-se nos mesmos níveis do ano anterior. Apenas a ostra média com SIF – a mais procurada pelo mercado, por seu preço mais acessível (R\$ 4,39 a dúzia) – é que teve um pequeno aumento de preço (Tabela 2).

Em 2001, a produção catarinense de mexilhões foi de 10.667,10 toneladas, um pouco abaixo do esperado, 6,14% a menos que em 2000 (Gráfico 2).

Esta diminuição – de quase 100 mil toneladas – na safra deve-se à falta de sementes para povoamento dos cultivos. Esta falta de sementes é provocada pela demora dos órgãos competentes na liberação das autorizações para extração das sementes. Estas são coletadas em bancos naturais (costões); poucos produtores utilizam coletores artificiais instalados no próprio cultivo.

A burocracia (segundo informações das associações de produtores) emperra o trâmite das

TABELA 2/I – PREÇO DAS OSTRAS CULTIVADAS EM SANTA CATARINA – MÉDIA SEMESTRAI – 2000-2001

| SEMESTRAL - 2000-2001 (H\$/duzia) | | | | | |
|-----------------------------------|------------|-----------|------------|-----------|--|
| ESPÉCIE | 20 | 00 | 2001 | | |
| ESPECIE | PRIM. SEM. | SEG. SEM. | PRIM. SEM. | SEG. SEM. | |
| Ostra média. sem SIF | 2,76 | 3,00 | 3,83 | 3,88 | |
| Ostra média. com SIF | 3,50 | 3,68 | 4,28 | 4,39 | |
| Ostra grande. sem SIF | 3,56 | 3,89 | 4,64 | 4,20 | |
| Ostra grande. com SIF | 4,00 | 4,63 | 5,25 | 5,20 | |

FONTE: Instituto Cepa/SC.

licenças, que é fornecida pelo Ministério do Meio Ambiente, atrasando a liberação e, conseqüentemente, a coleta das sementes, fato que desestimula o produtor que depende da atividade (no caso de pescadores artesanais) para manterse nas comunidades litorâneas de origem.

A criação de mexilhões envolve um maior número de maricultores por ser uma atividade que requer menos investimento inicial, menos mão-de-obra, além do baixo custo na obtenção de sementes.

O mercado para os mexilhões não tem andado muito bom (segundo os produtores catarinenses). A dificuldade para obter o serviço de inspeção federal — SIF — faz com que a comercialização para outros mercados seja feita por poucas empresas - somente aquelas que

TABELA 3/I – PREÇO DOS MEXILHÕES CULTIVADOS EM SANTA CATARINA – MÉDIA SEMESTRAL – 2000-2001 (R\$/kq)

| MEXILHÃO | 2000 | | 2001 | |
|--------------------|------------|-----------|------------|-----------|
| WEXILHAU | PRIM. SEM. | SEG. SEM. | PRIM. SEM. | SEG. SEM. |
| Com casca. sem SIF | 0,75 | 0,74 | 0,72 | 0,66 |
| Com casca. com SIF | 2,38 | 2,29 | 2,97 | 2,00 |
| Sem casca. sem SIF | 3,81 | 3,89 | 4,23 | 4,11 |
| Sem casca. com SIF | S/INF | 4,53 | 4,82 | 4,60 |

FONTE: Instituto Cepa/SC

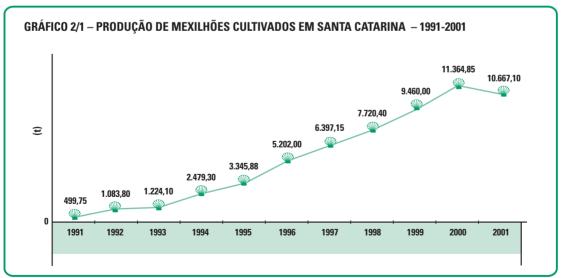
possuem o SIF podem processar o produto e explorar os mercados em outros grandes centros. Esta dificuldade desestimula o produtor.

Os preços do mexilhão sem casca, tanto com SIF como sem, ficaram, no ano de 2001, um pouco acima dos de 2000 (Tabela 3).

Já os mexilhões com casca, na sua maior parte vendidos pelos produtores aos frigoríficos atacadistas ou diretamente para bares e restaurantes dentro do próprio estado, tiveram seus preços um pouco abaixo dos do ano anterior.

Para o contínuo desenvolvimento das atividades de cultivo de moluscos ainda são necessários avanços na organização dos produtores, na capacitação dos maricultores para a gestão de seus empreendimentos com serviço de inspeção federal — SIF —, permitindo o escoamento da produção para outros mercados fora do estado.

O alcance desses fatores, juntamente com o cuidado com as questões ambientais proporciona ao segmento da maricultura um crescimento ordenado, com qualidade e competitividade.



FONTE: Epagri/UFSC/Associações de Maricultores

José Souza Filho



DESEMPENHO DO SETOR FLORESTAL

Panorama Mundial

Setor florestal dos países tropicais poderá ser beneficiado pelo Protocolo de Kioto

s florestas cobrem atualmente cerca de 30% da área territorial do conjunto de países do globo terrestre. São quase 3,9 bilhões de hectares de florestas no mundo, sendo 95% de formação natural e apenas 5% de florestas plantadas. A Rússia e o Brasil são os maiores detentores das florestas mundiais,

com 22% e 14,1%, respectivamente, da superfície total (Tabela 1).

As florestas plantadas somam aproximadamente 186,7 milhões de hectares, a maior parte no continente asiático. A China, com mais de 45 milhões de hectares reflorestados, detém 24% da área mundial cultivada com florestas, seguida pela Índia (17,4%), a Rússia, (9,3%), os Estados Unidos (8,7%), o Japão (5,7%) e a Indonésia (5,3%). O Brasil, com aproximadamente 5 milhões de hectares reflorestados, é o sétimo país que mais refloresta no mundo.

A produção mundial total de madeira atingiu 3,35 bilhões de m³ em 2000, 1,9% a

TABELA 1/I - COBERTURA FLORESTAL MUNDIAL - 2001

| CONTINENTE E PAÍS | ÁREA TOTAL (1.000 ha) | TOTAL DE FLORESTAS (1.000 ha) | PORCENTAGEM DO TOTAL DE FLORESTAS (%) | FLORESTAS PLANTADAS (1.000 ha) |
|-------------------------------|--------------------------|-------------------------------------|---|--------------------------------------|
| Mundo | 13.063.900 | 3.869.455 | 100,0 | 186.733 |
| África | 2.978.394 | 649.866 | 16,8 | 8.036 |
| República do Congo | 226.705 | 135.207 | 3,5 | 97 |
| Demais países | 2.751.689 | 514.659 | 13,3 | 7.939 |
| Ásia | 3.084.746 | 547.793 | 14,2 | 115.847 |
| China | 932.743 | 163.480 | 4,2 | 45.083 |
| Índia | 297.319 | 64.113 | 1,7 | 32.578 |
| Indonésia | 181.157 | 104.986 | 2,7 | 9.871 |
| Japão | 37.652 | 24.081 | 0,6 | 10.682 |
| Tailândia | 51.089 | 14.762 | 0,4 | 4.920 |
| Demais países | 1.584.786 | 176.371 | 4,6 | 12.713 |
| Oceania | 849.096 | 197.623 | 5,1 | 2.848 |
| Austrália | 768.230 | 154.539 | 4,0 | 1.043 |
| Demais países | 80.866 | 43.084 | 1,1 | 1.805 |
| Europa | 2.259.957 | 1.039.251 | 26,9 | 32.015 |
| Rússia | 1.688.851 | 851.392 | 22,0 | 17.340 |
| Ucrânia | 57.935 | 9.584 | 0,2 | 4.425 |
| Demais países | 513.171 | 178.275 | 4,6 | 10.250 |
| América do Norte e A. Central | 2.136.966 | 549.304 | 14,2 | 17.533 |
| Canadá | 922.097 | 244.571 | 6,3 | |
| Estados Unidos da América | 915.895 | 225.993 | 5,8 | 16.238 |
| Demais países | 298.974 | 78.740 | 2,0 | 1.295 |
| América do Sul | 1.754.741 | 885.618 | 22,9 | 10.455 |
| Brasil | 845.651 | 543.905 | 14,1 | 4.982 |
| Demais países | 909.090 | 341.713 | 8,8 | 5.474 |

FONTE: FAO.



mais do que em 1999. Os EUA têm participação de cerca de 15% neste montante, seguidos pela Índia (9,5%) e pela China (8,6%). O Brasil é o quarto maior produtor mundial de madeira, tendo participado com 7% da produção total no ano de 2000 (Tabela 2).

TABELA 2/I – PRODUÇÃO MUNDIAL DE MADEIRA EM TORAS (1) SEGUNDO OS CONTINENTES E PRINCIPAIS PAÍSES – 1997-2000

(mil m³)

| CONTINENTE E PAÍS | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 |
|----------------------------------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| MUNDO | 3.286.128 | 3.181.868 | 3.291.183 | 3.352.470 |
| África | 582.476 | 584.936 | 588.946 | 596.373 |
| República do Congo | 64.878 | 66.050 | 67.367 | 68.630 |
| Etiópia | 85.504 | 86.532 | 88.247 | 89.930 |
| Nigéria | 67.740 | 67.836 | 68.292 | 68.767 |
| Demais países | 364.353 | 364.518 | 365.041 | 369.047 |
| América do Norte e A. Central | 769.605 | 764.080 | 776.871 | 782.569 |
| Canadá | 191.178 | 176.619 | 186.402 | 187.444 |
| Estados Unidos da América | 485.880 | 494.016 | 497.641 | 500.434 |
| Demais países | 92.547 | 93.445 | 92.827 | 94.691 |
| América do Sul | 303.778 | 303.040 | 332.702 | 337.999 |
| Brasil | 213.480 | 213.703 | 231.563 | 235.402 |
| Demais países | 90.298 | 89.336 | 101.139 | 102.597 |
| Europa | 522.151 | 463.152 | 529.613 | 577.311 |
| Rússia | 134.664 | 95.000 | 143.600 | 158.100 |
| Finlândia | 51.329 | 53.660 | 53.637 | 54.263 |
| Suécia | 60.200 | 60.600 | 58.700 | 61.800 |
| Demais países | 275.958 | 253.892 | 273.676 | 303.148 |
| Ásia | 1.055.455 | 1.014.346 | 1.008.576 | 998.598 |
| China | 311.153 | 298.489 | 291.413 | 287.472 |
| Índia | 316.442 | 317.163 | 318.286 | 319.498 |
| Indonésia | 139.093 | 123.108 | 121.774 | 120.339 |
| Demais países | 288.766 | 275.586 | 277.103 | 271.289 |
| Oceania | 52.664 | 52.316 | 54.476 | 59.620 |

FONTE: FAC

Estes quatro países, mais o Canadá e a Rússia, são responsáveis por mais da metade de toda a madeira produzida no mundo.

A madeira produzida na América do Norte e na Europa destina-se majoritariamente ao aproveitamento industrial, enquanto nos países da América Central, da América do Sul e da Ásia, a maior parte da madeira é utilizada para produção de energia. Nos países da África e na Índia, quase toda a produção é usada como fonte energética. No global, mais da metade de toda a produção mundial de biomassa florestal é usada para produção de energia (lenha e carvão vegetal).

Do 1,59 bilhão de m³ de madeira destinada à transformação industrial no mundo em 2000, 27% foi produzido pelos EUA, 11,5% pelo Canadá, 6,7% pela Rússia, 6,5% pelo Brasil e 6,1% pela China (Tabela 3). Nos últimos dois anos, a produção mundial de madeira para uso industrial cresceu mais de 3% ao ano. O aumento vem ocorrendo em

TABELA 3/I – PRODUÇÃO MUNDIAL DE MADEIRA EM TORAS PARA FINS INDUSTRIAIS(1) SEGUNDO OS CONTINENTES E PRINCIPAIS PAÍSES – 1997-2000 (mil m³

| CONTINENTE E PAÍS | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 |
|----------------------------------|-----------|-----------|-----------|------------|
| MUNDO | 1.538.297 | 1.480.954 | 1.536.804 | 1.586.5390 |
| África | 68.855 | 68.455 | 68.196 | 68.826 |
| América do Norte e A. Central | 614.239 | 608.345 | 620.542 | 624.343 |
| Canadá | 185.859 | 173.615 | 181.763 | 182.787 |
| Estados Unidos da América | 416.092 | 422.034 | 425.659 | 428.452 |
| Demais países | 12.288 | 12.696 | 13.120 | 13.104 |
| América do Sul | 128.053 | 126.332 | 150.053 | 152.953 |
| Brasil | 84.684 | 83.764 | 100.395 | 102.994 |
| Demais países | 43.369 | 42.568 | 49.658 | 49.959 |
| EUROPA | 418.988 | 396.683 | 422.501 | 463.937 |
| Alemanha | 35.488 | 36.441 | 35.063 | 46.504 |
| Rússia | 88.374 | 77.400 | 94.600 | 105.800 |
| Finlândia | 47.288 | 49.541 | 49.593 | 50.148 |
| França | 31.316 | 32.718 | 33.237 | 39.120 |
| Suécia | 56.400 | 54.700 | 52.800 | 55.900 |
| Demais países | 160.122 | 145.884 | 157.208 | 166.465 |
| ÁSIA | 266.600 | 240.261 | 232.879 | 229.063 |
| China | 107.046 | 107.437 | 100.361 | 96.421 |
| Indonésia | 45.538 | 31.216 | 31.358 | 31.358 |
| Demais países | 114.016 | 101.609 | 101.160 | 101.284 |
| OCEANIA | 41.564 | 40.877 | 42.633 | 47.418 |

FONTE: FAO.

"Refere-se a toda a madeira bruta em estado natural, destinada a serraria ou a fabricação de painéis reconstituídos ou de celulose e papel.

Refere-se a toda a madeira bruta em estado natural, incluindo madeira para serraria, para fabricação de painéis reconstituídos, para celulose e papel, para produção de carvão vegetal, de lenha e qualquer outra forma de uso da biomassa florestal.



quase todas as regiões, exceto no continente asiático, que tem apresentado, nos últimos anos, uma queda sistemática na oferta de madeira para a indústria. As maiores contribuições para este crescimento ocorreram na Europa, com destaque para a Rússia e a França e, na América Latina, principalmente o Brasil.

Da produção mundial de madeira para uso industrial, aproximadamente 60% se destina ao processamento mecânico. O restante se divide entre a produção de papel e celulose e a fabricação de painéis reconstituídos. No ano de 2000, dos cerca de 950 milhões de m³ de madeira bruta destinada à produção de serrados, laminados e compensados, os EUA e o Canadá responderam, juntos, por mais de 40% (Tabela 4). Os maiores

TABELA 4/I – PRODUÇÃO MUNDIAL DE MADEIRA EM TORAS PARA PROCESSAMENTO MECÂNICO (1) SEGUNDO OS CONTINENTES E PRINCIPAIS PAÍSES – 1997-2000 (mil m³)

| CONTINENTE E PAÍS | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 |
|----------------------------------|---------|---------|---------|---------|
| MUNDO | 940.532 | 889.813 | 919.216 | 949.836 |
| ÁFRICA | 26.894 | 28.017 | 27.518 | 28.196 |
| América do Norte e A. Central | 408.323 | 391.925 | 406.680 | 409.547 |
| Canadá | 151.582 | 142.303 | 149.497 | 150.368 |
| Estados Unidos da América | 247.112 | 239.237 | 246.241 | 248.241 |
| Demais países | 9.629 | 10.385 | 10.942 | 10.938 |
| AMÉRICA DO SUL | 77.043 | 72.296 | 79.022 | 79.459 |
| Brasil | 47.779 | 46.779 | 48.300 | 49.290 |
| Demais países | 29.264 | 25.517 | 30.722 | 30.169 |
| EUROPA | 237.972 | 226.713 | 235.821 | 263.143 |
| Alemanha | 25.387 | 24.633 | 23.404 | 33.829 |
| Rússia | 40.586 | 42.400 | 46.500 | 49.700 |
| Finlândia | 24.976 | 25.587 | 25.090 | 25.995 |
| França | 21.134 | 21.967 | 22.185 | 26.500 |
| Suécia | 34.100 | 32.000 | 30.800 | 30.700 |
| Demais países | 91.789 | 80.127 | 87.842 | 96.419 |
| ÁSIA | 170.017 | 150.437 | 148.762 | 146.593 |
| China | 59.111 | 59.559 | 55.583 | 53.623 |
| Indonésia | 30.833 | 21.815 | 24.861 | 24.861 |
| Malásia | 29.907 | 20.207 | 20.288 | 21.442 |
| Demais países | 50.166 | 48.856 | 48.030 | 46.667 |
| OCEANIA | 20.285 | 20.425 | 21.413 | 22.897 |

FONTE: FAO.

(1) Refere-se a toda a madeira bruta em estado natural, destinada a serraria ou a fabricação de painéis reconstituídos ou de celulose e papel.

crescimentos desta produção nos últimos anos foram verificados na Europa, enquanto na Ásia ocorreu, no período, uma significativa contração.

Em 2001 os fatos de maior implicação para o setor florestal mundial foram os avanços na regulamentação e implementação do Protocolo de Kioto, assinado em 1997 no Japão. Em Kioto, os países desenvolvidos se comprometeram a alcançar, até o período 2008-2012, uma redução média de 5,2% nas emissões de gases de efeito estufa na atmosfera, em relação aos níveis de 1990.

Para facilitar o cumprimento do acordo por parte dos países desenvolvidos, foi criado o Mecanismo de Desenvolvimento Limpo – MDL. O MDL visa a permitir que estes países patrocinem projetos de redução de emissões de gases ou de sua fixação em países em desenvolvimento e se beneficiem deles, com isso compensando as necessidades de redução de suas próprias emissões ou comercializar os Certificados de Redução de Emissões (CRE) com os países que não conseguirem atingir suas metas de redução. Pelo funcionamento do MDL, será criado um novo mercado mundial, o "mercado das commodities ambientais" ou o "mercado de carbono".

A Conferência de Haia, realizada na Holanda em novembro de 2000, com o objetivo de definir as regras operacionais para facilitar o alcance destas metas, teve pouco progresso. Em março de 2001, o governo americano decidiu se afastar das negociações envolvendo o acordo e se descomprometeu do cumprimento das metas previstas.

Apesar destes percalços, a convenção das partes realizada em julho de 2001, em Bonn, na Alemanha, resultou em importantes avanços na direção da regulamentação do protocolo assinado em 1997.



A conferência de Marrakesh, realizada em outubro de 2001, buscou resolver assuntos que ficaram pendentes em Bonn e concluir o acordo entre as partes. Com a participação de 167 países e atendendo a exigências do Japão, da Rússia e do Canadá, a conferência flexibilizou as regras de aplicação do acordo e reconheceu a fixação (seqüestro) de carbono pelas florestas, cultivos e pastos, como parte integrante do mecanismo de desenvolvimento limpo. Foram aprovadas as regras básicas do mercado de carbono, através da criação dos Certificados de Redução de Emissões e da transferência de direitos e bônus de emissão.

Com isso, foram criadas as bases fundamentais para que os países pudessem ratificar e implementar o Protocolo de Kioto. Para ser validado, ele precisa ser ratificado por pelo menos 55 países, que sejam responsáveis por pelo menos 55% das emissões mundiais de gases de efeito estufa na atmosfera.

Até o mês de setembro de 2002, mais de 70 países já haviam ratificado o acordo. Formalmente, apenas os Estados Unidos se recusam a assiná-lo. Outros países, como o Canadá, a Rússia e a China, o estão discutindo, com forte propensão a aprová-lo. Há uma grande expectativa em relação à Rússia, posto que o país é o segundo maior emissor de gases de efeito estufa na atmosfera com cerca de 17% do total mundial das emissões. Se a ratificação russa se consumar, os países subscritores somarão quase 53% das emissões e o mundo ficará mais próximo de ver o Protocolo implementado. O Brasil se en-

contra entre os que já ratificaram.

O impacto mais importante do Protocolo de Kioto para o setor florestal é a criação de mercado para projetos de implantação de florestas para seqüestro de carbono do ar pela fotossíntese, gerando com isso créditos e certificados comercializáveis no mercado de carbono. Em caráter experimental, estão sendo criados vários fundos internacionais, como o Prototype Carbon Fund do Banco Mundial. que captou US\$ 150 milhões para financiar projetos florestais específicos de "sequestro" de carbono. Um grupo de 24 companhias americanas está desenvolvendo o projeto piloto "Chicago Climate Exchange", visando ao desenvolvimento do comércio de emissão de gases de efeito estufa.

As possibilidades e a amplitude do MDL para a economia e a base florestal mundial ainda são incertas. As últimas estimativas indicam um mercado mundial de carbono de US\$ 10 bilhões por ano, com valor da tonelada de carbono entre cinco e dez dólares.

É difícil prever as reais condições de o setor florestal, que pode absorver até dez toneladas de carbono por hectare por ano, responder por uma boa parcela deste mercado. O que se tem como certo é que, se prevalecer o princípio da adicionalidade¹, países como o Brasil, que dispõem de vastas áreas de terras passíveis de florestamento e de vantagem comparativa no ritmo de crescimento da biomassa, poderão ser bastante beneficiados pelo MDL.

Princípio segundo o qual somente a implantação de novos projetos florestais permite fixar quantidades adicionais de carbono da atmosfera. As florestas já existentes estariam naturalmente retirando CO2 da atmosfera e por isso não poderiam ser contabilizadas.

TABELA 5/I – PRODUÇÃO DOS PRINCIPAIS PRODUTOS FLORESTAIS – BRASIL – 1997-2000

| PRODUTO | UNIDADE MEDIDA | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 |
|------------------------------|-------------------|------------|------------|------------|------------|
| EXTRAÇÃO VEGETAL | | | | | |
| Carvão vegetal | t | 1.650.835 | 1.284.032 | 1.281.125 | 1.429.180 |
| Erva-mate | t | 189.469 | 183.504 | 176.922 | 174.481 |
| Lenha | m³ | 62.461.750 | 58.347.879 | 54.672.259 | 50.395.399 |
| Madeira em tora | m³ | 26.303.849 | 22.149.783 | 21.310.243 | 21.918.527 |
| SILVICULTURA | | | | | |
| Carvão vegetal | t | 3.784.064 | 3.042.789 | 2.536.847 | 2.385.516 |
| Erva-mate | t | 307.327 | 424.433 | 462.665 | 522.019 |
| Lenha | m³ | 27.392.913 | 30.252.670 | 35.770.568 | 40.469.405 |
| Madeira p/papel e celulose | m³ | 35.451.543 | 38.648.350 | 41.129.624 | 46.009.475 |
| Madeira p/outras finalidades | m³ | 21.663.350 | 33.933.841 | 23.433.414 | 25.708.036 |

FONTE: IBGE.

Produção e Mercado de Produtos Florestais no Brasil

Queda nas exportações de celulose comprometeram a performance exportadora do setor em 2001

O Brasil tem uma posição importante na produção e no comércio internacional de produtos florestais. Em 2000, a produção de madeira bruta de espécies cultivadas para a produção de papel e celulose e para o processamento mecânico cresceu, em relação a 1999, expressivos 12% e 10%, respectivamente (Tabela 5).

Toda a madeira transformada em papel e celulose no Brasil provém da silvicultura. A produção de madeira para esta finalidade alcançou 46 milhões de m³ em 2000. São Paulo é o estado maior produtor nacional, seguido pelos estados do Paraná, da Bahia, de Santa Catarina e Minas Gerais.

A participação das florestas nativas no fornecimento de madeira para processamento mecânico vem diminuindo sistematicamente. Segundo o IBGE, em 2000 foram extraídos 21,9 milhões de m³ de madeira em toros das florestas nativas e 25,7 milhões de m³ de madeira da silvicultura destinada a serraria ou laminação.

Em 2000, foram produzidos no país 23,1 milhões de m³ de serrados, um crescimento de 22% em relação a 1999 (Tabela 6). Nos últimos seis anos, a taxa média de crescimento anual da produção das serrarias foi de 5,7%. As exportações de serrados neste período mantiveram-se num percentual entre 7% e 9% da produção, alcançando 1.800 mil m³ em 2000.

TABELA 6/I – PRODUÇÃO E DESTINO DA MADEIRA SERRADA –
BRASIL – 1994-2000 (mil m³)

| | | | | (|
|------|----------|---------|------------|------------|
| ANO | PRODUÇÃO | CONSUMO | EXPORTAÇÃO | IMPORTAÇÃO |
| 1994 | 16.610 | 15.630 | 1.331 | 351 |
| 1995 | 17.180 | 16.592 | 1.295 | 707 |
| 1996 | 17.700 | 16.944 | 1.259 | 503 |
| 1997 | 18.500 | 17.400 | 1.446 | 346 |
| 1998 | 18.200 | 17.110 | 1.327 | 245 |
| 1999 | 18.900 | 17.700 | 1.741 | - |
| 2000 | 23.100 | 20.300 | 1.800 | - |

FONTE: Abimci, STCP, ABPM.



A produção de laminados e compensados em 2000 foi de 2,5 milhões de m³, volume 12% superior ao obtido em 1999 (Tabela 7).

O consumo destes produtos esteve bastante irregular nos últimos anos, variando entre 850 mil e 2 milhões de m³. As exportações de madeira compensada e laminada em 2000 atingiram 1,4 milhão de m³, 57% da produção total.

A escassez de matéria-prima nos EUA e no Japão e a crise na Indonésia vêm favorecendo as exportações brasileiras de compensados, que têm o Reino Unido, os EUA e a Alemanha como principais mercados. Em 2001, o volume de

madeira compensada exportada pelo Brasil cresceu 10% em relação a 2000. Para 2002, as estimativas do setor apontam para um crescimento das exportações da ordem de 3% a 4%.

O segmento de painéis reconstituídos também apresentou grande crescimento nos últimos anos, com uma taxa anual de expansão da produção de 13% entre 1994 e 2000 (Tabela 8). O elevado crescimento verificado no consumo interno de chapas de aglomerado impulsionou sua produção nos últimos anos, tendo atingido 1,8 milhão de metros cúbicos em 2000.

TABELA 7/I – PRODUÇÃO E DESTINO DE LAMINADOS E COMPENSADOS – BRASIL – 1994-2000 (mil m³)

| AN0 | PRODUÇÃO | CONSUMO | EXPORTAÇÃO |
|------|----------|---------|------------|
| 1994 | 1.900 | 1.002 | 898 |
| 1995 | 1.600 | 852 | 748 |
| 1996 | 1.670 | 1.012 | 658 |
| 1997 | 1.650 | 1.000 | 650 |
| 1998 | 1.600 | 980 | 620 |
| 1999 | 2.200 | 2.000 | 1.300 |
| 2000 | 2.470 | 1.000 | 1.400 |

FONTE: Abimci, STCP, ABPM.

O consumo brasileiro de MDF (*Mediam Density Fiberboard*), particularmente pela construção civil e pela indústria de móveis, cresceu rapidamente, passando de 6,6 mil m³ em 1994 para quase 400 mil m³ em 2000. Este produto era totalmente importado até 1997, ano em que começou a operar no Brasil a primeira planta industrial produtora desta chapa. Em 1999, o País já se tornou auto-suficiente. Para os próximos anos, prevê-se que estarão em operação cinco unidades industriais produtoras de MDF e uma de OSB (*Oriented Strand Board*), com grande expansão da produ-

TABELA 8/I – PRODUÇÃO E DESTINO DOS PAINÉIS RECONSTITUÍDOS –
BRASII – 1994-2000

(m3)

| ANO PRODUTOS PRODUÇÃO IMPORTAÇÃO EXPORTAÇÃO CONSUMO 1994 758.286 3.178 55.736 705.728 1995 879.296 43.136 56.567 865.865 1996 1.059.056 114.272 58.729 1.114.599 1997 Aglomerado 1.224.112 120.107 49.462 1.294.757 1998 1.313.053 12.667 3.646 1.322.074 1999 1.499.947 1.363 28.019 1.473.291 2000 1.762.220 15.349 15.712 1.761.857 1994 554.400 82 281.230 273.252 1995 538.040 4.258 236.667 305.630 1997 Chapa de fibra 539.230 16.131 233.397 321.964 1998 506.692 1.164 207.779 300.077 1999 535.691 - 204.929 330.762 2000 558.766 - 194.920 363.846 < |
|---|
| 1995 879.296 43.136 56.567 865.865 1996 1.059.056 114.272 58.729 1.114.599 1997 Aglomerado 1.224.112 120.107 49.462 1.294.757 1998 1.313.053 12.667 3.646 1.322.074 1999 1.499.947 1.363 28.019 1.473.291 2000 1.762.220 15.349 15.712 1.761.857 1995 554.400 82 281.230 273.252 1995 555.500 425 271.051 284.874 1996 538.040 4.258 236.667 305.630 1997 Chapa de fibra 539.230 16.131 233.397 321.964 1998 506.692 1.164 207.779 300.077 1999 535.691 - 204.929 330.762 2000 558.766 - 194.920 363.846 1995 - 21.486 - 21.486 1996 <td< th=""></td<> |
| 1996 Aglomerado 1.059.056 114.272 58.729 1.114.599 1997 Aglomerado 1.224.112 120.107 49.462 1.294.757 1998 1.313.053 12.667 3.646 1.322.074 1999 1.499.947 1.363 28.019 1.473.291 2000 1.762.220 15.349 15.712 1.761.857 1994 554.400 82 281.230 273.252 1995 555.500 425 271.051 284.874 1996 538.040 4.258 236.667 305.630 1997 539.230 16.131 233.397 321.964 1998 506.692 1.164 207.779 300.077 1999 535.691 - 204.929 330.762 2000 558.766 - 194.920 363.846 1995 - 21.486 - 21.486 1996 - 53.462 - 53.462 1997 MDF |
| 1997 Aglomerado 1.224.112 120.107 49.462 1.294.757 1998 1.313.053 12.667 3.646 1.322.074 1999 1.499.947 1.363 28.019 1.473.291 2000 1.762.220 15.349 15.712 1.761.857 1994 554.400 82 281.230 273.252 1995 555.500 425 271.051 284.874 1996 538.040 4.258 236.667 305.630 1997 506.692 1.164 207.779 300.077 1999 535.691 - 204.929 330.762 2000 558.766 - 194.920 363.846 1994 - 6.616 - 6.616 1995 - 21.486 - 21.486 1996 - 53.462 - 53.462 1997 MDF 30.036 113.287 - 143.323 1998 166.692 35.589 <t< td=""></t<> |
| 1998 1.313.053 12.667 3.646 1.322.074 1999 1.499.947 1.363 28.019 1.473.291 2000 1.762.220 15.349 15.712 1.761.857 1994 554.400 82 281.230 273.252 1995 555.500 425 271.051 284.874 1996 538.040 4.258 236.667 305.630 1997 535.691 - 207.779 300.077 1999 535.691 - 204.929 330.762 2000 558.766 - 194.920 363.846 1994 - 6.616 - 6.616 1995 - 21.486 - 21.486 1996 - 53.462 - 53.462 1997 MDF 30.036 113.287 - 143.323 1998 166.692 35.589 17.918 184.363 1999 357.041 10.977 17.430 350.588 |
| 1999 1.499.947 1.363 28.019 1.473.291 2000 1.762.220 15.349 15.712 1.761.857 1994 554.400 82 281.230 273.252 1995 555.500 425 271.051 284.874 1996 538.040 4.258 236.667 305.630 1997 539.230 16.131 233.397 321.964 1998 506.692 1.164 207.779 300.077 1999 535.691 - 204.929 330.762 2000 558.766 - 194.920 363.846 1994 - 6.616 - 6.616 1995 - 21.486 - 21.486 1997 MDF 30.036 113.287 - 143.323 1998 166.692 35.589 17.918 184.363 1999 357.041 10.977 17.430 350.588 |
| 2000 1.762.220 15.349 15.712 1.761.857 1994 554.400 82 281.230 273.252 1995 555.500 425 271.051 284.874 1996 538.040 4.258 236.667 305.630 1997 539.230 16.131 233.397 321.964 1998 506.692 1.164 207.779 300.077 1999 535.691 - 204.929 330.762 2000 558.766 - 194.920 363.846 1994 - 6.616 - 6.616 1995 - 21.486 - 21.486 1996 - 53.462 - 53.462 1997 MDF 30.036 113.287 - 143.323 1998 166.692 35.589 17.918 184.363 1999 357.041 10.977 17.430 350.588 |
| 1994 554.400 82 281.230 273.252 1995 555.500 425 271.051 284.874 1996 538.040 4.258 236.667 305.630 1997 539.230 16.131 233.397 321.964 1998 506.692 1.164 207.779 300.077 1999 535.691 - 204.929 330.762 2000 558.766 - 194.920 363.846 1994 - 6.616 - 6.616 1995 - 21.486 - 21.486 1996 - 53.462 - 53.462 1997 MDF 30.036 113.287 - 143.323 1998 166.692 35.589 17.918 184.363 1999 357.041 10.977 17.430 350.588 |
| 1995 555.500 425 271.051 284.874 1996 538.040 4.258 236.667 305.630 1997 539.230 16.131 233.397 321.964 1998 506.692 1.164 207.779 300.077 1999 535.691 - 204.929 330.762 2000 558.766 - 194.920 363.846 1994 - 6.616 - 6.616 1995 - 21.486 - 21.486 1996 - 53.462 - 53.462 1997 MDF 30.036 113.287 - 143.323 1998 166.692 35.589 17.918 184.363 1999 357.041 10.977 17.430 350.588 |
| 1996 538.040 4.258 236.667 305.630 1997 Chapa de fibra 539.230 16.131 233.397 321.964 1998 506.692 1.164 207.779 300.077 1999 535.691 - 204.929 330.762 2000 558.766 - 194.920 363.846 1994 - 6.616 - 6.616 1995 - 21.486 - 21.486 1996 - 53.462 - 53.462 1997 MDF 30.036 113.287 - 143.323 1998 166.692 35.589 17.918 184.363 1999 357.041 10.977 17.430 350.588 |
| 1997 Chapa de fibra 539.230 16.131 233.397 321.964 1998 506.692 1.164 207.779 300.077 1999 535.691 - 204.929 330.762 2000 558.766 - 194.920 363.846 1994 - 6.616 - 6.616 1995 - 21.486 - 21.486 1996 - 53.462 - 53.462 1997 MDF 30.036 113.287 - 143.323 1998 166.692 35.589 17.918 184.363 1999 357.041 10.977 17.430 350.588 |
| 1998 506.692 1.164 207.779 300.077 1999 535.691 - 204.929 330.762 2000 558.766 - 194.920 363.846 1994 - 6.616 - 6.616 1995 - 21.486 - 21.486 1996 - 53.462 - 53.462 1997 MDF 30.036 113.287 - 143.323 1998 166.692 35.589 17.918 184.363 1999 357.041 10.977 17.430 350.588 |
| 1999 535.691 - 204.929 330.762 2000 558.766 - 194.920 363.846 1994 - 6.616 - 6.616 1995 - 21.486 - 21.486 1996 - 53.462 - 53.462 1997 MDF 30.036 113.287 - 143.323 1998 166.692 35.589 17.918 184.363 1999 357.041 10.977 17.430 350.588 |
| 2000 558.766 - 194.920 363.846 1994 - 6.616 - 6.616 1995 - 21.486 - 21.486 1996 - 53.462 - 53.462 1997 MDF 30.036 113.287 - 143.323 1998 166.692 35.589 17.918 184.363 1999 357.041 10.977 17.430 350.588 |
| 1994 - 6.616 - 6.616 1995 - 21.486 - 21.486 1996 - 53.462 - 53.462 1997 MDF 30.036 113.287 - 143.323 1998 166.692 35.589 17.918 184.363 1999 357.041 10.977 17.430 350.588 |
| 1995 - 21.486 - 21.486 1996 - 53.462 - 53.462 1997 MDF 30.036 113.287 - 143.323 1998 166.692 35.589 17.918 184.363 1999 357.041 10.977 17.430 350.588 |
| 1996 - 53.462 - 53.462 1997 MDF 30.036 113.287 - 143.323 1998 166.692 35.589 17.918 184.363 1999 357.041 10.977 17.430 350.588 |
| 1997 MDF 30.036 113.287 - 143.323 1998 166.692 35.589 17.918 184.363 1999 357.041 10.977 17.430 350.588 |
| 1998 166.692 35.589 17.918 184.363 1999 357.041 10.977 17.430 350.588 |
| 1999 357.041 10.977 17.430 350.588 |
| |
| 20000 2000 2000 2000 2000 2000 2000 2000 2000 2000 2000 2000 2000 2 |
| 2000 301.330 10.333 3.037 300.070 |
| 1994 1.312.686 9.876 336.966 985.596 |
| 1995 1.434.796 65.047 327.618 1.172.225 |
| 1996 Todos os tipos 1.597.096 171.992 295.396 1.473.691 |
| 1997 de painéis 1.793.378 249.525 282.859 1.760.044 |
| 1998 1.986.437 49.420 229.343 1.806.514 |
| 1999 2.392.679 12.340 250.378 2.154.641 |
| 2000 2.702.342 25.908 213.669 2.514.581 |

FONTE: ABIPA



ção, do consumo e das exportações do produto.

Os três segmentos que compõem a indústria brasileira de base florestal exportaram 4,2 bilhões de dólares americanos em 2001, uma redução de 5% em relação a 2000. Este recuo se deveu à forte queda dos preços da celulose brasileira no mercado internacional em 2001, em relação a 2000 (-30%). Devido a esta retração de preços, mesmo com um volume exportado 11% superior ao de 2000, o valor das exportações da *commodity* em 2001 foi US\$ 355 milhões inferior ao do ano anterior.

O valor exportado dos vários tipos de papel em 2001 ficou praticamente nos mesmos níveis de 2000, mas com um volume 12% superior e um preço médio 10% menor. Comportamento semelhante foi observado nas exportações de madeiras e suas obras.

O segmento de móveis de madeira, contrariando o comportamento dos demais segmentos da indústria florestal, exportou, em 2001, quase 30% a mais que no ano anterior, atingindo a cifra de US\$ 509 milhões. Este crescimento, provocado quase que exclusivamente pelo aumento do volume exportado, já reflete os esforços empreendidos pela Agência de Promoção das Exportações (Apex), através do Programa de Promoção das Exportações de Móveis (Promóvel).

Para este ano, a perspectiva é de um aumento na quantidade física das exportações brasileiras de produtos florestais, com gradativa recuperação dos preços. Os preços médios da celulose de fibra curta (celulose BHKP) no mercado internacional declinaram ao longo de 2001; estiveram abaixo de US\$ 400.00/t no primeiro trimestre deste ano, mas a partir de abril foram se recuperando aos poucos, podendo encerrar o ano em patamares próximos aos níveis históricos médios.

Para melhorar a competitividade dos produtos florestais no mercado internacional, o Brasil tem-se preocupado em certificar suas florestas econômicas. Atualmente, já há mais de um milhão de hectares de florestas certificadas com o selo florestal FSC (Conselho de Manejo Florestal), situação que coloca o País na quarta posição mundial em área certificada. São 763 mil hectares certificados com florestas plantadas e 287 mil hectares certificados com florestas nativas da Região Amazônica.

O objetivo da certificação florestal é fornecer a garantia de que os produtos são originários de florestas manejadas de modo sustentável, com padrões ambientalmente corretos, economicamente viáveis e socialmente benéficos. A certificação das florestas é o ponto de partida para a certificação da cadeia de custódia, relativa a toda a cadeia produtiva, condição para a obtenção do selo verde (FSC), para o produto final.



Produção e Mercado de Produtos Florestais em Santa Catarina

Preços das matérias-primas da indústria florestal continuam em elevação

As florestas cultivadas são responsáveis por quase toda a oferta catarinense de matéria-prima para a indústria florestal. Segundo o IBGE, a produção catarinense de madeira em toras para processamento mecânico aumentou quase 18% em 2000 em relação a 1999, crescimento semelhante ao observado entre 1998 e 1999 (Tabela 9). Em 2001, estima-se que este crescimento tenha sido de cerca de 8%.

O expressivo crescimento das exportações catarinenses de produtos florestais, verificado nos últimos anos, vem mantendo a expansão da demanda de matérias-primas. A indústria de móveis e de laminados e compensados consome cerca de 40% da madeira bruta utilizada no processamento mecânico. O restante é consumido nas serrarias e transformado em diversos outros produtos derivados da madeira.

Os reflorestamentos de pínus são responsáveis pela quase totalidade da oferta de madeira para a indústria florestal catarinense. Esta indústria consome cerca de 13 milhões de m³ por ano de toras de pínus. Deste montante, aproximadamente 4,5 milhões de m³ são transformados em celulose e pastas de alto rendimento, 6,9 milhões m³ se transformam em madeira serrada, 1,3 milhão de m³ é consumido na produção de compensados e o restante é utilizado na produção de aglomerados, MDF² e energia.

TABELA 9/I – PRODUÇÃO DOS PRINCIPAIS PRODUTOS FLORESTAIS – SANTA CATARINA – 1997-2001

| PRODUTO | UNIDADE MEDIDA | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 (1) |
|------------------------------|-------------------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| EXTRAÇÃO VEGETAL | | | | | | |
| Carvão vegetal | t | 11.300 | 9.908 | 12.294 | 13.017 | 11.167 |
| Erva-mate | t | 53.525 | 51.403 | 45.057 | 39.967 | 50.000 |
| Lenha | m³ | 2.650.725 | 2.418.411 | 2.370.329 | 2.384.795 | 2.196.862 |
| Madeira em tora | m³ | 194.978 | 140.731 | 119.342 | 115.684 | 93.671 |
| SILVICULTURA | | | | | | |
| Carvão vegetal | t | 4.385 | 3.855 | 8.171 | 7.409 | 8.580 |
| Erva-mate | t | 46.017 | 53.932 | 71.312 | 63.203 | 60.000 |
| Lenha | m³ | 2.467.532 | 3.180.606 | 3.647.999 | 3.856.420 | 4.087.000 |
| Madeira p/papel e celulose | m³ | 4.894.481 | 4.327.376 | 5.232.573 | 5.624.487 | 5.905.000 |
| Madeira p/outras finalidades | m³ | 5.366.866 | 5.492.337 | 6.436.865 | 7.578.472 | 8.184.000 |

FONTE: IBGE .

(1) Estimativa Instituto Cepa/SC.

² Madeira processada pela Tafisa S/A, em Piên, no Paraná.

setor florestal



A produção catarinense de madeira serrada de pínus é de cerca de 2,5 milhões de m³ por ano, a de compensados atinge 1,3 milhão de m³/ano (parte com matéria-prima importada de outros estados, especialmente do Paraná).

A produção de madeira para fabricação de papel e celulose em 2000 foi 7,5% superior à produção de 1999, segundo levantamentos do IBGE. Para 2001, estima-se um aumento de 5% na produção de madeira para esta finalidade, em relação ao ano anterior (Tabela 9). A produção catarinense de celulose e pastas celulósicas é de pouco mais de 800 mil toneladas anuais.

Os preços dos produtos florestais em Santa Catarina mostraram-se sensivelmente superiores em 2001 quando comparados aos de 2000. O aumento dos preços em 2001 foi maior para as matérias-primas da indústria de base florestal. Os preços médios da tora de pínus para celulose e de eucalipto para serraria foram 15% superiores em 2001 em relação a 2000. Para o pínus para serraria, esta variação foi de expressivos 35% (Tabela 10).

A evolução dos preços das principais matérias-primas da indústria florestal de Santa Catarina, nos últimos anos, em valores nominais e a preços de abril de 2001, pode ser vis-

TABELA 10/I - PRECO MÉDIO DOS PRINCIPAIS PRODUTOS FLORESTAIS - SANTA CATARINA - 1997-2001

| PRODUTO | UNIDADE MEDIDA | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 |
|--|-------------------|-------|-------|-------|-------|-------|
| Carvão vegetal (R\$) | m³ | 17,63 | 18,60 | 19,26 | 21,36 | 23,75 |
| Carvão vegetal (R\$ de abr/02) | m³ | 27,12 | 27,54 | 25,65 | 24,96 | 25,18 |
| Erva-mate nativa (R\$) | arroba | 2,19 | 2,11 | 2,08 | 2,44 | 3,06 |
| Erva-mate nativa (R\$ de abr/02) | arroba | 3,38 | 3,12 | 2,77 | 2,85 | 3,25 |
| Lenha de eucalipto (R\$) | m³ | 7,75 | 9,02 | 9,02 | 9,38 | 11,24 |
| Lenha de eucalipto (R\$ de abr/02) | m³ | 11,92 | 13,35 | 12,01 | 10,97 | 11,90 |
| Lenha de mata nativa (R\$) | m³ | 5,99 | 6,13 | 6,50 | 7,00 | 8,15 |
| Lenha de mata nativa (R\$ de abr/02) | m³ | 9,22 | 9,07 | 8,65 | 8,18 | 8,63 |
| Pínus para celulose (R\$) | t | 9,00 | 9,26 | 9,46 | 10,82 | 12,49 |
| Pínus para celulose (R\$ de abr/02) | t | 13,85 | 13,71 | 12,58 | 12,67 | 13,21 |
| Madeira roliça p/ const (R\$) | m | 1,29 | 1,23 | 1,16 | 1,14 | 1,13 |
| Madeira roliça p/ const (R\$ de abr/02) | m | 1,99 | 1,81 | 1,55 | 1,33 | 1,19 |
| Escora de madeira (R\$) | unid. | 2,76 | 2,92 | 2,86 | 2,90 | 2,80 |
| Escora de madeira (R\$ de abr/02) | unid. | 4,24 | 4,32 | 3,81 | 3,39 | 2,97 |
| Madeira em toras de eucalipto R(\$) | m³ | 30,05 | 31,09 | 32,59 | 31,99 | 36,69 |
| Madeira toras de eucalipto (R\$ de abr/02) | m³ | 46,24 | 46,03 | 43,45 | 37,45 | 38,79 |
| Madeira em toras de pínus (R\$) | m³ | 22,29 | 23,39 | 24,93 | 30,10 | 40,90 |
| Madeira toras de pínus (R\$ de abr/02) | m³ | 34,27 | 34,64 | 33,16 | 35,14 | 43,24 |
| Madeira roliça p/ const (R\$ de abr/02) | m | 1,99 | 1,81 | 1,55 | 1,33 | 1,19 |
| Escora de madeira (R\$) | unid. | 2,76 | 2,92 | 2,86 | 2,90 | 2,80 |
| Escora de madeira (R\$ de abr/02) | unid. | 4,24 | 4,32 | 3,81 | 3,39 | 2,97 |
| Madeira em toras de eucalipto R(\$) | m³ | 30,05 | 31,09 | 32,59 | 31,99 | 36,69 |
| Madeira toras de eucalipto (R\$ de abr/02) | m³ | 46,24 | 46,03 | 43,45 | 37,45 | 38,79 |
| Madeira em toras de pínus (R\$) | m³ | 22,29 | 23,39 | 24,93 | 30,10 | 40,90 |
| Madeira toras de pínus (R\$ de abr/02) | m³ | 34,27 | 34,64 | 33,16 | 35,14 | 43,24 |

FONTE: Instituto Cepa/SC.



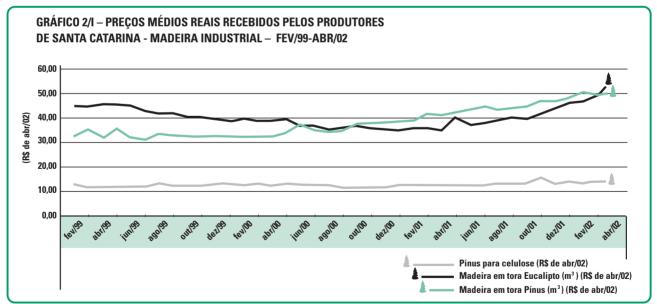
ta na tabela 10. Entre abril de 1999 e abril de 2002, os preços da madeira em toros de pínus para processamento mecânico evoluíram, nominalmente, 114% e, em termos reais, 57%. Para a tora de eucalipto para serraria, esta variação foi de 66% e 21%, respectivamente (Gráficos 1 e 2). A menor variação de preços neste período ocorreu com a madeira fina de pínus para fabricação de celulose, com uma variação real positiva de 16%.

Este expressivo aumento, observado nos preços da madeira para uso industrial, é justificado pelo grande crescimento da demanda, combinado a uma oferta inelástica da matéria-prima, no curto e médio prazo.

As exportações catarinenses de produtos florestais, nos últimos anos, foram responsáveis, em boa parte, pelo aumento da demanda por matéria-prima florestal. O valor ex-



FONTE: Instituto Cepa/SC.

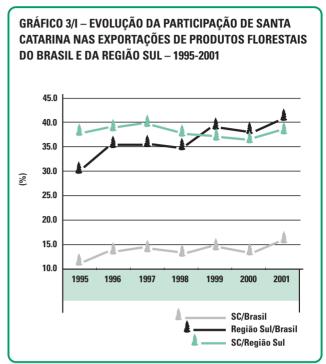


FONTE: Instituto Cepa/SC



portado pelos três segmentos do setor em 2001 foi 45% superior ao verificado em 1998 (Tabela 11).

A recessão mundial e o atentado de setembro nos EUA prejudicaram as exportações de produtos florestais em 2001, especialmente para o mercado americano. Assim mesmo, o crescimento das exportações florestais de Santa Catarina em 2001 foi de 8%, enquanto na Região Sul foi de apenas 2,4% e no Brasil foi negativo. Com isso, o estado elevou sua participação para 16% nas exportações brasileiras do setor e para 39% nas da Região Sul. Nos últimos anos, Santa Catarina, assim como a Região Sul, vem aumentando sua participação nas exportações brasileiras de produtos florestais (Gráfico 3).



FONTE: Secex/Decex.

TABELA 11/I – EXPORTAÇÃO DE PRODUTOS FLORESTAIS – SANTA CATARINA – 1995-2001

(US\$ 1.000 FOB)

| ITEM | 1995 | 1996 | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 |
|--|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| ERVA-MATE E DERIVADOS | 4.231 | 4.401 | 3.479 | 3.180 | 2.559 | 2.638 | 2.913 |
| MADEIRA E OBRAS DE MADEIRA | 202.150 | 207.251 | 240.219 | 223.979 | 293.333 | 298.908 | 321.959 |
| Madeira bruta | 3.130 | 2.425 | - | - | - | 976 | - |
| Madeira serrada | 34.529 | 43.175 | 64.163 | 67.328 | 90.799 | 85.364 | 100.468 |
| Madeira laminada | 3.904 | 4.030 | 5.490 | 2.293 | 2.314 | 2.383 | 1.765 |
| Madeira perfilada | 29.281 | 22.212 | 28.533 | 26.241 | 35.841 | 31.197 | 2.627 |
| Painéis de mad. reconstituída (MDF e aglomerado) | 14.110 | 17.199 | 17.834 | 8.658 | 2.903 | 5.789 | 10.109 |
| Painéis de madeira compensada | 40.273 | 39.860 | 40.883 | 32.795 | 51.566 | 52.486 | 51.884 |
| Molduras de madeira | 885 | 505 | 214 | 1.614 | 4.199 | 3.936 | 6.330 |
| Caixas, engradados e paletes de madeira | 7.118 | 8.110 | 3.925 | 3.523 | 3.516 | 4.522 | 2.089 |
| Ferramentas, armações e cabos de madeira | 12.875 | 9.653 | 11.078 | 12.522 | 12.878 | 12.104 | 13.403 |
| Portas, janelas, assoalhos e outras | 54.483 | 58.809 | 64.980 | 67.681 | 86.190 | 86.647 | 86.776 |
| Obras de marcenaria e carpintaria | 34.463 | 50.009 | 04.300 | 07.001 | 00.130 | 00.047 | 00.770 |
| Outras madeiras e obras de madeira | 1.562 | 1.273 | 3.119 | 1.324 | 3.127 | 13.504 | 46.508 |
| PAPEL E CELULOSE | 126.385 | 102.866 | 94.947 | 82.424 | 93.757 | 104.221 | 110.827 |
| Pasta de celulose e papel sanitário | 4.015 | 20.560 | 18.250 | 11.541 | 8.700 | 9.429 | 12.284 |
| Embalagens e pasta "quate" | 5.818 | 5.342 | 5.275 | 4.086 | 2.713 | 4.648 | 5.939 |
| Papel e cartão kraft, kraftliner | 91.969 | 69.743 | 65.874 | 63.736 | 78.785 | 87.119 | 90.115 |
| Outros papéis | 24.583 | 7.221 | 5.548 | 3.061 | 3.559 | 3.025 | 2.490 |
| MÓVEIS DE MADEIRA | 152.757 | 158.392 | 178.517 | 151.419 | 184.238 | 214.290 | 233.720 |
| Móveis de madeira p/ escritório | 2.755 | 4.689 | 4.031 | 2.542 | 2.609 | 4.008 | 2.577 |
| Móveis de madeira p/ cozinha | 22.874 | 19.054 | 13.141 | 10.220 | 6.176 | 7.524 | 5.454 |
| Móveis de madeira p/ quartos | 71.913 | 72.314 | 72.560 | 55.779 | 72.240 | 82.546 | 88.307 |
| Outros móveis de madeira | 55.215 | 62.335 | 85.350 | 78.200 | 91.609 | 108.857 | 99.832 |
| Componentes p/ móveis de madeira | - | 0 | 3.435 | 4.678 | 11.604 | 11.355 | 20.486 |
| TOTAL PRODUTOS FLORESTAIS | 485.523 | 472.910 | 517.162 | 461.002 | 573.887 | 620.057 | 669.419 |
| TOTAL EXPORTAÇÕES - SANTA CATARINA | 2.652.025 | 2.637.308 | 2.805.718 | 2.605.306 | 2.567.364 | 2.711.703 | 3.028.399 |

FONTE: Secex/Decex.



As madeiras e suas obras representaram quase a metade das exportações florestais catarinenses em 2001, com destaque para a madeira serrada, que teve crescimento de 18% no valor, passando a 15% do total das exportações estaduais de produtos florestais. Nos segmentos de maior valor agregado, destacase o item molduras, que segue expandindo de forma expressiva suas exportações.

O aumento do volume físico exportado foi a principal causa por este bom desempenho exportador da indústria catarinense de base florestal. Um dos itens mais importantes da pauta foram o papel e o cartão Kraft, cujo valor médio da tonelada exportada em 2001 caiu 23% em relação a 2000. O preço da madeira compensada exportada em 2001 foi 4% menor e o dos móveis, 2% inferior ao obtido no ano anterior.

As exceções ficaram por conta da madeira serrada e das aberturas e assoalhos. A primeira, após ter atingido um nível muito baixo de preços em 2000, mostrou uma recuperação de 8% no preço da exportação em 2001. Já as aberturas e assoalhos alcançaram preços médios 6% superiores nas exportações de 2001 comparados aos de 2000.

A desvalorização cambial dos últimos três anos permitiu a conquista de novos espaços no mercado internacional pela indústria florestal catarinense, por viabilizar o fechamento de contratos de exportação com menores preços. O acirramento da concorrência internacional tem levado a uma redução dos preços da maioria dos produtos das cadeias produtivas que compõem o setor florestal, em que pese o esforço dos exportadores em embarcar produtos de maior valor agregado.

A boa performance exportadora do setor florestal catarinense nos últimos anos ampliou sua importância na pauta das exportações do estado. Em 1993, as exportações do setor representaram 14,6% do total exportado por Santa Catarina; nos últimos três anos, este percentual foi superior a 22% (Gráfico 4).



FONTE: Secex/Decex

Para 2002, espera-se um crescimento expressivo das exportações de produtos florestais, com ampliação de sua participação sobre o total e com ligeira recuperação de preços. No primeiro quadrimestre do ano, o valor das exportações do setor foi 12% superior em relação a igual período do ano anterior.

Para fortalecer a competitividade da indústria de móveis e de produtos da madeira foi assinado em 2001 um convênio entre o Governo de Santa Catarina, através do Funcitec, e o Governo Federal, através da Finep. O projeto de pesquisa, de iniciativa do Instituto Evaldo Lodi - IEL -, da Fiesc, busca resolver alguns gargalos da cadeia de produção de móveis e madeira, como laboratórios de testes e ensaios de embalagens e de secagem

setor florestal



de madeiras, desenvolvimento de design e gestão de matérias-primas. Será desenvolvido em parceria entre o Senai e as universidades de Santa Catarina com atividades na área.

Com o objetivo de ampliar a base florestal de Santa Catarina, introduzir a atividade em um grande número de pequenas e médias propriedades rurais, gerar novas oportunidades de trabalho e renda nas atividades agropecuárias e reduzir o êxodo rural, o governo estadual está implementando o Programa Florestal Catarinense desde 1999.

Através do Projeto Florestal de Geração de Trabalho e Renda, até o final de 2001 haviam sido beneficiados mais de 8.000 pequenos agricultores e plantados 4.416 hectares de florestas, com investimentos de R\$ 6,1 milhões (Tabela 12). Para 2002, estão previstos investimentos de mais R\$ 6 milhões no pro-

jeto, beneficiando quatro mil novos agricultores, com a implantação de mais 3.300 hectares de reflorestamento comercial.

O Projeto Catarinense de Desenvolvimento Florestal repassa aos agricultores a quantia de R\$ 300,00 por hectare reflorestado, para a cobertura de parte dos investimentos efetuados na implantação do reflorestamento. Em 2002, deverão ser beneficiadas mais 4.000 famílias de pequenos e médios agricultores e implantados mais 4.000 hectares de floresta, com investimentos de R\$ 1,2 milhão de recursos públicos.

Ao todo, até o final de 2002, está projetada a implantação, através do Programa Florestal Catarinense, de 12.000 hectares de reflorestamento, com aplicação de R\$ 13,5 milhões, beneficiando 18.000 propriedades agrícolas de Santa Catarina.

TABELA 12/I – REALIZAÇÕES DO PROGRAMA FLORESTAL CATARINENSE – PERÍODO 1999-2002

| PROJETO/ITEM | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 (1) | | | | | | | |
|--|-------|-------|--------|----------|--|--|--|--|--|--|--|
| PROJETO FLORESTAL DE GERAÇÃO DE TRABALHO E RENDA | | | | | | | | | | | |
| Nº agricultores beneficiados (acumulado) | 1.442 | 4.282 | 8.156 | 12.000 | | | | | | | |
| Área plantada (hectare) | 721 | 2.958 | 4.416 | 7.705 | | | | | | | |
| Valor aplicado (R\$ 1.000,00) | 94 | 2.156 | 6.102 | 12.300 | | | | | | | |
| PROJETO CATARINENSE DE DESENVOLVIMENTO FLORESTAL | | | | | | | | | | | |
| Nº agricultores beneficiados (acumulado) | 1.238 | 2.757 | 2.984 | 6.984 | | | | | | | |
| Área plantada (hectare) | 2.410 | - | 303 | 4.000 | | | | | | | |
| Valor aplicado (R\$ 1.000,00) | 586 | 619 | 91 | 1.200 | | | | | | | |
| TOTAL AGRICULTORES BENEFICIADOS (acumulado) | 2.680 | 7.039 | 11.140 | 18.984 | | | | | | | |
| AREA PLANTADA TOTAL (HECTARE) | 3.131 | 2.958 | 4.719 | 11.705 | | | | | | | |
| VALOR TOTAL APLICADO (R\$ 1.000,00) | 680 | 2.775 | 6.193 | 13.500 | | | | | | | |

FONTE: SDA-Gedet

Fievisau

Luiz Toresan



Parte 2

DIVISÃO POLÍTICA DO TERRITÓRIO E INFORMAÇÕES CLIMÁTICAS

TABELA 1/II – ÁREA TERRITORIAL, SEGUNDO OS MUNICÍPIOS – SANTA CATARINA – 2000

| MUNICíPIO | ÁREA TERRITORIAL (km²) |
|---------------------------|------------------------|
| Abdon Batista | 197,6 |
| Abelardo Luz | 1.035,9 |
| Agrolândia | 191,9 |
| Agronômica | 116,5 |
| Água Doce | 1.318,9 |
| Águas de Chapecó | 138,9 |
| Águas Frias | 76,8 |
| Águas Mornas | 327,4 |
| Alfredo Wagner | 732,3 |
| Alto Bela Vista | 104,0 |
| Anchieta | 229,5 |
| Angelina | 523,6 |
| Anita Garibaldi | 605,1 |
| Anitápolis | 575,5 |
| Antônio Carlos | 242,4 |
| Apiúna | 488,3 |
| Arabutã | 130,9 |
| Araquari | 401,8 |
| Araranguá | 298,0 |
| Armazém | 138,4 |
| Arroio Trinta | 112,1 |
| Arvoredo | 91,1 |
| Ascurra | 118,9 |
| Atalanta | 97,9 |
| Aurora | 226,1 |
| Balneário Arroio do Silva | 93,6 |
| Balneário Camboriú | 46,4 |
| Balneário Barra do Sul | 110,4 |
| Balneário Gaivota | 150,8 |
| Bandeirante | 147,0 |
| Barra Bonita | 62,3 |
| Barra Velha | 142,2 |
| Bela Vista do Toldo | 526,8 |
| Belmonte | 92,8 |
| Benedito Novo | 385,5 |
| Biguaçu | 302,4 |
| Blumenau | 509,4 |
| Bocaina do Sul | 495,6 |
| Bombinhas | 37,4 |
| Bom Jardim da Serra | 934,0 |
| Bom Jesus | 68,4 |

| MUNICíPIO | ÁREA TERRITORIAL (km²) |
|---------------------|------------------------|
| Bom Jesus do Oeste | 67,1 |
| Bom Retiro | 1.063,9 |
| Botuverá | 317,2 |
| Braço do Norte | 193,9 |
| Braço do Trombudo | 89,8 |
| Brunópolis | 336,1 |
| Brusque | 280,2 |
| Caçador | 998,6 |
| Caibi | 177,9 |
| Calmon | 633,7 |
| Camboriú | 211,6 |
| Capão Alto | 1.349,5 |
| Campo Alegre | 501,1 |
| Campo Belo do Sul | 1.021,8 |
| Campo Erê | 457,5 |
| Campos Novos | 1.632,0 |
| Canelinha | 151,1 |
| Canoinhas | 1.141,5 |
| Capinzal | 224,5 |
| Capivari de Baixo | 46,9 |
| Catanduvas | 196,5 |
| Caxambu do Sul | 143,3 |
| Celso Ramos | 189,6 |
| Cerro Negro | 417,4 |
| Chapadão do Lageado | 113,7 |
| Chapecó | 624,3 |
| Cocal do Sul | 78,4 |
| Concórdia | 806,3 |
| Cordilheira Alta | 84,5 |
| Coronel Freitas | 234,4 |
| Coronel Martins | 99,7 |
| Corupá | 407,2 |
| Correia Pinto | 622,7 |
| Criciúma | 209,8 |
| Cunha Porã | 217,4 |
| Cunhataí | 55,2 |
| Curitibanos | 952,0 |
| Descanso | 285,6 |
| Dionísio Cerqueira | 376,4 |
| Dona Emma | 146,4 |
| Doutor Pedrinho | 374,4 |



Continuação

| MUNICíPIO | ÁREA TERRITORIAL (km²) |
|-----------------------------|------------------------|
| Entre Rios | 105,2 |
| Ermo | 64,8 |
| Erval Velho | 231,4 |
| Faxinal dos Guedes | 279,8 |
| Flor do Sertão | 65,1 |
| Florianópolis | 435,8 |
| Formosa do Sul | 95,3 |
| Forquilhinha | 183,7 |
| Fraiburgo | 434,8 |
| Frei Rogério | 156,9 |
| Galvão | 131,0 |
| Garopaba | 108,1 |
| Garuva | 498,7 |
| Gaspar | 369,2 |
| Governador Celso Ramos | 104,9 |
| Grão Pará | 328,6 |
| Gravatal | 194,0 |
| Guabiruba | 172,9 |
| Guaraciaba | 348,0 |
| Guaramirim | 242,7 |
| Guarujá do Sul | 99,3 |
| Guatambu | 205,9 |
| Herval d'Oeste | 212,6 |
| Ibjam | 147,0 |
| Ibicaré | 166,1 |
| Ibirama | 268,1 |
| lçara | 315,2 |
| Ilhota | 244,8 |
| Imaruí | 540,8 |
| Imbituba | 185,4 |
| Imbuia | 123,9 |
| Indaial | 429,2 |
| Iomerê | 111,6 |
| Ipira | 150,0 |
| Iporã do Oeste | 184,0 |
| lpuaçu | 258,6 |
| Ipumirim | 239,5 |
| Iraceminha | 158,6 |
| Irani | 318,3 |
| Irati | 78,8 |
| Irineópolis | 580,2 |
| Itá | 165,8 |
| Itaiópolis | 1.240,4 |
| Itajaí | 303,1 |
| Itapema | 58,6 |
| Itapiranga | 285,6 |
| Itapoá | 255,6 |
| Ituporanga | 335,1 |
| Jaborá | 187,7 |
| Jacinto Machado | |
| | 416,6 |
| Jaguaruna Jaraguá do Sul | 327,6 520.0 |
| Jaraguá do Sul | 539,0 67.1 |
| Jardinópolis | 67,1 |

| MUNICíPIO | ÁREA TERRITORIAL (km²) |
|-----------------|------------------------|
| Joacaba | 240,2 |
| Joinville | 1.079,7 |
| José Boiteux | 358,0 |
| Jupiá | 91,3 |
| Lacerdópolis | 69,0 |
| Lages | 2.647,4 |
| Laguna | 444,5 |
| Lajeado Grande | 66,8 |
| Laurentino | 67,8 |
| Lauro Muller | 266,7 |
| Lebon Régis | 989,0 |
| Leoberto Leal | 297,8 |
| Lindóia do Sul | 190,0 |
| Lontras | 197,2 |
| Luiz Alves | 260,3 |
| Luzerna | 116,5 |
| Macieira | 235,4 |
| Mafra | 1.784,8 |
| Major Gercino | 278,1 |
| Major Vieira | 543,5 |
| Maracajá | 70,5 |
| Maravilha | 168,7 |
| Marema | 99,6 |
| Massaranduba | 393,8 |
| Matos Costa | 371,1 |
| Meleiro | 185,7 |
| Mirim Doce | 333,4 |
| Modelo | 95,5 |
| Mondaí | 215,1 |
| Monte Carlo | 166,4 |
| Monte Castelo | 565,2 |
| Morro da Fumaça | 82,7 |
| Morro Grande | 250,8 |
| Navegantes | 119,1 |
| Nova Erechim | 62,9 |
| Nova Itaberaba | 135,5 |
| Nova Trento | 398,3 |
| Nova Veneza | 290,2 |
| Novo Horizonte | 151,1 |
| Orleans | 599,8 |
| Otacílio Costa | 922,7 |
| Ouro | 209,1 |
| Ouro Verde | 201,2 |
| Paial | 84,8 |
| Painel | 763,7 |
| Palhoca | 322,2 |
| Palma Sola | 313,8 |
| Palmeira | 291,8 |
| Palmitos | 347,2 |
| Papanduva | 775,9 |
| Paraíso | 182,7 |
| Passo de Torres | 90,4 |
| Passos Maia | 588,6 |



conclusão

| MUNICíPIO | ÁREA TERRITORIAL (km²) |
|------------------------------|------------------------|
| Paulo Lopes | 447,1 |
| Pedras Grandes | 152,8 |
| Penha | 60,3 |
| Peritiba | 96,7 |
| Petrolândia | 251,2 |
| Piçarras | 85,6 |
| Pinhalzinho | 134,2 |
| Pinheiro Preto | 66,6 |
| Piratuba | 148,7 |
| Planalto Alegre | 61,0 |
| Pomerode | 217,5 |
| Ponte Alta | 557,8 |
| Ponte Alta do Norte | 383,4 |
| Ponte Serrada | 568,8 |
| Porto Belo | 92,8 |
| Porto União | 923,9 |
| Pouso Redondo | 363,3 |
| Praia Grande | 285,8 |
| Presidente Castelo Branco | 70,1 |
| Presidente Getúlio | 321,9 |
| Presidente Vereu | 224,6 |
| Princesa Princesa | 88,4 |
| Quilombo | 283,2 |
| Rancho Queimado | 269,7 |
| Rio das Antas | 342,8 |
| Rio do Campo | 496,1 |
| Rio do Campo | 244,3 |
| Rio dos Cedros | 555,0 |
| Rio do Sul | 260,8 |
| Rio Fortuna | 285,8 |
| Rio Negrinho | 588,1 |
| Rio Rufino | 333,1 |
| Riqueza | 191,3 |
| Rodeio | 133,7 |
| Romelândia | 237,3 |
| Salete | 167,1 |
| Saltinho | 153,3 |
| Salto Veloso | 101,8 |
| Sangão | 83,1 |
| Santa Cecília | 1.173,8 |
| Santa Helena | 80,6 |
| | · |
| Santa Rosa de Lima | 184,3 |
| Santa Rosa do Sul | 164,2 |
| Santa Terezinha | 720,9 |
| Santa Terezinha do Progresso | 113,0 |
| Santiago do Sul | 74,1 |
| Santo Amaro da Imperatriz | 352,4 |
| São Bernardino | 210,0 |
| São Bento do Sul | 486,9 |
| São Bonifácio | 451,8 |
| São Carlos | 157,9 |
| São Cristovão do Sul | 350,2 |
| São Domingos | 384,2 |

| MUNICíPIO | ÁREA TERRITORIAL (km²) |
|-------------------------|---------------------------------------|
| São Francisco do Sul | 540,8 |
| São João do Oeste | 161,4 |
| São João Batista | 219,6 |
| São João do Itaperiú | 151,1 |
| São João do Sul | 175,1 |
| São Joaquim | 1.885,4 |
| São José | 114,7 |
| São José do Cedro | 260,7 |
| São José do Cerrito | 967,2 |
| São Lourenço do Oeste | 360,7 |
| São Ludgero | 120,0 |
| São Martinho | 235,7 |
| São Miguel da Boa Vista | · · · · · · · · · · · · · · · · · · · |
| | 71,8 |
| São Miguel do Oeste | 235,8 |
| São Pedro de Alcântara | 140,8 |
| Saudades | 199,8 |
| Schroeder | 149,2 |
| Seara | 315,8 |
| Serra Alta | 91,1 |
| Siderópolis | 262,6 |
| Sombrio | 151,1 |
| Sul Brasil | 113,1 |
| Taió | 714,0 |
| Tangará | 459,1 |
| Tigrinhos | 58,0 |
| Tijucas | 278,4 |
| Timbé do Sul | 333,8 |
| Timbó | 129,8 |
| Timbó Grande | 548,8 |
| Três Barras | 418,4 |
| Treviso | 156,3 |
| Treze de Maio | 179,7 |
| Treze Tílias | 177,5 |
| Trombudo Central | 101,5 |
| Tubarão | 283,6 |
| Tunápolis | 133,6 |
| Turvo | 244,0 |
| União do Oeste | 88,2 |
| Urubici | 1.017,5 |
| Urupema | 278,2 |
| Urussanga | 237,1 |
| Vargeão | 151,1 |
| Vargem | 396,2 |
| Vargem Bonita | 306,9 |
| Vidal Ramos | 343,3 |
| Videira | 377,8 |
| Vitor Meireles | 423,1 |
| Witmarsum | 129,7 |
| Xanxerê | 380,8 |
| Xavantina | 211,7 |
| Xaxim | 293,4 |
| Zortéa | 297,4 |
| SANTA CATARINA | 95.286,1 |

FONTE: IBGE.

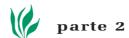


TABELA 2/II – MÉDIA DAS TEMPERATURAS MÍNIMAS MENSAIS, SEGUNDO AS ESTAÇÕES AGROMETEOROLÓGICAS - SANTA CATARINA – 2001

| LOCALIZAÇÃO DA ESTAÇÃO | JAN | FEV | MAR | ABR | MAI | JUN | JUL | AG0 | SET | OUT | NOV | DEZ | MÉDIA |
|---------------------------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|-------|
| Araranguá | 22,5 | 23,4 | 23,3 | 19,7 | 15,4 | 14,3 | 12,3 | 15,9 | 16,2 | 19,1 | 19,5 | 20,7 | 18,5 |
| Blumenau | 22,1 | 23,2 | 22,1 | 20,7 | 15,8 | 15,0 | 13,4 | 16,2 | 16,6 | 17,6 | 20,0 | 20,2 | 18,5 |
| Caçador | 18,0 | 18,5 | 17,6 | 15,6 | 10,4 | 8,3 | 10,1 | 11,9 | 12,8 | 13,7 | 16,7 | 15,5 | 14,0 |
| Campos Novos | 17,5 | 18,6 | 17,4 | 16,7 | 11,0 | 10,4 | 11,6 | 13,1 | 12,7 | 14,8 | 17,5 | 16,8 | 14,8 |
| Chapecó | 20,8 | 21,1 | 20,4 | 18,4 | 12,1 | 11,4 | 12,3 | 15,4 | 14,3 | 16,7 | 19,2 | 18,9 | 16,7 |
| Curitibanos | 18,5 | 19,3 | 18,7 | 16,7 | 10,8 | 10,5 | 10,7 | 13,1 | 12,8 | 14,3 | 17,0 | 16,7 | 14,9 |
| Florianópolis | 21,7 | 22,5 | 21,8 | 19,7 | 14,8 | 14,0 | 12,2 | 15,3 | 15,7 | 16,8 | 18,2 | 19,0 | 17,6 |
| Indaial | 22,0 | 23,2 | 22,3 | 20,3 | 15,2 | 14,3 | 13,0 | 16,2 | 16,3 | 18,0 | 20,1 | 20,4 | 18,4 |
| Itajaí | 21,5 | 22,9 | 21,8 | 20,2 | 15,4 | 14,3 | 12,5 | 15,7 | 16,2 | 17,2 | 19,3 | 19,8 | 18,0 |
| Ituporanga | 19,9 | 21,2 | 20,2 | 17,8 | 12,6 | 12,4 | 11,0 | 14,1 | 14,4 | 16,2 | 18,6 | 18,6 | 16,4 |
| Joinville | 21,3 | 22,7 | 24,0 | 20,8 | 15,2 | 13,9 | 11,5 | 14,6 | 15,7 | 16,1 | 17,8 | 18,8 | 17,7 |
| Lages | 18,3 | 19,6 | 18,4 | 16,2 | 10,1 | 9,3 | 8,8 | 11,7 | 12,2 | 14,0 | 16,4 | 16,2 | 14,2 |
| Matos Costa | 16,7 | 17,6 | 17,1 | 15,0 | 9,6 | 7,8 | 8,3 | 10,7 | 10,4 | 12,1 | 13,7 | 15,1 | 12,8 |
| Ponte Serrada | 17,5 | 18,1 | 17,0 | 16,5 | 10,5 | 10,0 | 10,5 | 13,1 | 11,9 | 13,4 | 16,1 | 15,5 | 14,1 |
| Rio Negrinho | 18,2 | 19,2 | 18,5 | 16,5 | 11,3 | 10,7 | 10,7 | 12,1 | 13,0 | 14,2 | 16,1 | 16,5 | 14,7 |
| São Joaquim | 15,5 | 16,4 | 15,4 | 13,6 | 8,2 | 8,3 | 8,1 | 11,0 | 9,4 | 11,8 | 13,0 | 13,3 | 12,0 |
| São Miguel do Oeste | 20,0 | 19,9 | 19,5 | 18,1 | 11,2 | 11,6 | 12,4 | 15,8 | 14,9 | 17,5 | 19,6 | 19,7 | 16,6 |
| Urussanga | 21,7 | 22,7 | 22,2 | 19,4 | 14,4 | 13,3 | 11,8 | 15,5 | 15,5 | 17,6 | 19,1 | 19,6 | 17,7 |
| Videira | 20,0 | 20,5 | 19,2 | 16,8 | 11,5 | 9,9 | 10,9 | 12,9 | 14,0 | 15,2 | 18,1 | 17,4 | 15,5 |

FONTE: Epagri/Climerh.

TABELA 3/II – MÉDIA DAS TEMPERATURAS MÁXIMAS MENSAIS, SEGUNDO AS ESTAÇÕES AGROMETEOROLÓGICAS – SANTA CATARINA – 2001

| 07111711 0711711111171 | | | | | | | | | | | | | (0) |
|---------------------------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|-------|
| LOCALIZAÇÃO DA ESTAÇÃO | JAN | FEV | MAR | ABR | MAI | JUN | JUL | AG0 | SET | OUT | NOV | DEZ | MÉDIA |
| Araranguá | 28,6 | 29,6 | 28,6 | 25,4 | 20,7 | 20,8 | 19,1 | 22,9 | 20,8 | 24,7 | 25,1 | 25,9 | 24,4 |
| Blumenau | 32,6 | 32,9 | 32,2 | 29,0 | 24,0 | 23,4 | 22,5 | 25,3 | 23,5 | 26,7 | 28,7 | 30,0 | 27,6 |
| Caçador | 24,3 | 25,0 | 24,6 | 22,5 | 16,7 | | 16,3 | 19,5 | 17,9 | 20,9 | 23,8 | 23,8 | 19,6 |
| Campos Novos | 26,6 | 26,4 | 26,8 | 24,3 | 17,6 | 18,3 | 19,4 | 22,6 | 19,6 | 22,8 | 26,2 | 25,6 | 23,0 |
| Chapecó | 27,3 | 27,2 | 26,9 | 24,8 | 17,8 | 18,1 | 19,2 | 23,1 | 20,8 | 24,2 | 27,1 | 26,7 | 23,6 |
| Curitibanos | 26,0 | 24,7 | 24,7 | 22,2 | 15,7 | 15,5 | 16,6 | 19,4 | 17,2 | 19,9 | 23,1 | 23,5 | 20,7 |
| Florianópolis | 30,2 | 30,8 | 30,2 | 27,9 | 23,4 | 22,9 | 21,1 | 23,3 | 22,4 | 25,1 | 26,3 | 27,9 | 26,0 |
| Indaial | 31,3 | 32,0 | 31,1 | 28,3 | 23,2 | 22,1 | 21,4 | 24,3 | 23,5 | 26,6 | 28,7 | 29,5 | 26,8 |
| Itajaí | 30,5 | 30,8 | 29,6 | 27,0 | 22,5 | 21,4 | 19,5 | 22,7 | 21,9 | 24,4 | 26,0 | 27,5 | 25,3 |
| Ituporanga | 28,1 | 28,4 | 28,6 | 24,6 | 19,2 | 17,9 | 18,0 | 21,3 | 20,1 | 22,9 | 25,6 | 26,3 | 23,4 |
| Joinville | 29,8 | 30,0 | 30,5 | 27,0 | 22,0 | 21,7 | 19,5 | 23,5 | 23,6 | 26,7 | 27,6 | 28,6 | 25,9 |
| Lages | 26,6 | 25,2 | 24,5 | 21,7 | 15,7 | 15,8 | 16,2 | 19,1 | 16,8 | 19,8 | 23,0 | 23,3 | 20,6 |
| Matos Costa | 23,6 | 25,2 | 23,7 | 21,0 | 15,5 | 14,4 | 14,9 | 17,8 | 15,9 | 19,2 | 21,5 | 21,5 | 19,5 |
| Ponte Serrada | 26,4 | 26,7 | 26,6 | 22,7 | 16,3 | 16,2 | 17,4 | 21,3 | 18,9 | 22,0 | 24,4 | 24,0 | 21,9 |
| Rio Negrinho | 27,3 | 27,7 | 27,5 | 24,5 | 19,1 | 18,6 | 19,4 | 22,0 | 19,9 | 23,2 | 25,2 | 25,5 | 23,3 |
| São Joaquim | 23,0 | 21,7 | 21,0 | 18,4 | 12,9 | 13,5 | 14,3 | 16,7 | 14,2 | 17,5 | 19,9 | 19,7 | 17,7 |
| São Miguel do Oeste | 27,3 | 28,4 | 26,8 | 25,3 | 17,7 | 18,0 | 19,1 | 22,7 | 20,9 | 24,1 | 26,8 | 26,4 | 23,6 |
| Urussanga | 29,4 | 30,7 | 28,9 | 25,8 | 21,2 | 21,4 | 20,2 | 23,7 | 21,8 | 25,9 | 26,7 | 27,1 | 25,2 |
| Videira | 27,1 | 26,6 | 26,7 | 23,9 | 17,4 | 16,6 | 17,9 | 21,2 | 19,5 | 22,5 | 25,6 | 25,2 | 22,5 |

FONTE: Epagri/Climerh.



TABELA 4/II – UMIDADE RELATIVA MÉDIA MENSAL, SEGUNDO AS ESTAÇÕES AGROMETEOROLÓGICAS – SANTA CATARINA – 2001

(%)

| LOCALIZAÇÃO DA ESTAÇÃO JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ Araranguá 80,5 82,1 82,7 78,5 74,9 72,3 72,2 73,5 73,1 67,1 66,8 67,8 Blumenau 73,5 77,1 78,6 83,6 82,2 82,7 83,5 79,0 80,8 72,4 73,1 70,2 Caçador 72,7 75,5 66,7 68,6 66,3 63,9 79,3 74,8 78,2 74,0 73,9 73,3 Campos Novos 79,0 81,7 75,7 78,7 82,3 77,1 73,5 66,6 68,6 Chapecó 77,2 79,9 75,2 77,7 83,1 77,4 72,3 65,2 74,9 68,4 69,8 67,4 Curitibanos 84,6 86,8 83,8 85,3 87,4 84,4 83,7 82,2 87,7 82, | (70) |
|---|-------|
| Blumenau 73,5 77,1 78,6 83,6 82,2 82,7 83,5 79,0 80,8 72,4 73,1 70,2 Caçador 72,7 75,5 66,7 68,6 66,3 63,9 79,3 74,8 78,2 74,0 73,9 73,3 Campos Novos 79,0 81,7 75,7 78,7 82,3 77,1 73,5 70,4 78,6 69,5 66,6 68,6 Chapecó 77,2 79,9 75,2 77,7 83,1 77,4 72,3 65,2 74,9 68,4 69,8 67,4 Curitibanos 84,6 86,8 83,8 85,3 87,4 84,4 83,7 82,2 87,7 82,6 79,7 77,2 Florianópolis 79,0 82,0 81,0 83,0 82,0 84,0 84,0 83,0 78,0 79,0 79,0 Indaial 83,0 84,2 84,0 87,6 86,2 86,6 88,3 87,6 87,2 80,5 82,1 80,6 Itajaí 77,6 80, | MÉDIA |
| Caçador 72,7 75,5 66,7 68,6 66,3 63,9 79,3 74,8 78,2 74,0 73,9 73,3 Campos Novos 79,0 81,7 75,7 78,7 82,3 77,1 73,5 70,4 78,6 69,5 66,6 68,6 Chapecó 77,2 79,9 75,2 77,7 83,1 77,4 72,3 65,2 74,9 68,4 69,8 67,4 Curitibanos 84,6 86,8 83,8 85,3 87,4 84,4 83,7 82,2 87,7 82,6 79,7 77,2 Florianópolis 79,0 82,0 81,0 83,0 82,0 84,0 84,0 83,0 78,0 79,0 Indaial 83,0 84,2 84,0 87,6 86,2 86,6 88,3 87,6 87,2 80,5 82,1 80,6 Itajaí 77,6 80,6 81,8 82,3 78,5 82,7 83,7 83,5 82,4 | 74,3 |
| Campos Novos 79,0 81,7 75,7 78,7 82,3 77,1 73,5 70,4 78,6 69,5 66,6 68,6 Chapecó 77,2 79,9 75,2 77,7 83,1 77,4 72,3 65,2 74,9 68,4 69,8 67,4 Curitibanos 84,6 86,8 83,8 85,3 87,4 84,4 83,7 82,2 87,7 82,6 79,7 77,2 Florianópolis 79,0 82,0 81,0 83,0 82,0 84,0 84,0 84,0 83,0 78,0 79,0 Indaial 83,0 84,2 84,0 87,6 86,6 88,3 87,6 87,2 80,5 82,1 80,6 Itajaí 77,6 80,6 81,8 82,3 78,5 82,7 83,7 83,5 82,4 76,3 78,7 77,5 Ituporanga 79,4 82,3 81,2 86,1 86,4 86,1 86,5 83,3 8 | 78,1 |
| Chapecó 77,2 79,9 75,2 77,7 83,1 77,4 72,3 65,2 74,9 68,4 69,8 67,4 Curitibanos 84,6 86,8 83,8 85,3 87,4 84,4 83,7 82,2 87,7 82,6 79,7 77,2 Florianópolis 79,0 82,0 81,0 83,0 82,0 84,0 84,0 83,0 78,0 79,0 Indaial 83,0 84,2 84,0 87,6 86,2 86,6 88,3 87,6 87,2 80,5 82,1 80,6 Itajaí 77,6 80,6 81,8 82,3 78,5 82,7 83,7 83,5 82,4 76,3 78,7 77,5 Ituporanga 79,4 82,3 81,2 86,1 86,4 86,1 86,5 83,3 83,0 76,1 75,3 74,0 Joinville 78,0 90,5 90,2 93,6 90,4 85,1 83,1 82,4 83,1 | 72,3 |
| Curitibanos 84,6 86,8 83,8 85,3 87,4 84,4 83,7 82,2 87,7 82,6 79,7 77,2 Florianópolis 79,0 82,0 81,0 83,0 82,0 84,0 84,0 84,0 83,0 78,0 79,0 Indaial 83,0 84,2 84,0 87,6 86,2 86,6 88,3 87,6 87,2 80,5 82,1 80,6 Itajaí 77,6 80,6 81,8 82,3 78,5 82,7 83,7 83,5 82,4 76,3 78,7 77,5 Ituporanga 79,4 82,3 81,2 86,1 86,4 86,1 86,5 83,3 83,0 76,1 75,3 74,0 Joinville 78,0 90,5 90,2 93,6 90,4 85,1 83,1 82,4 83,1 74,5 79,5 76,3 Lages 79,6 79,4 83,3 84,3 83,1 81,4 78,8 78,8 </td <td>75,1</td> | 75,1 |
| Florianópolis 79,0 82,0 81,0 83,0 82,0 84,0 84,0 84,0 83,0 78,0 79,0 79,0 Indaial 83,0 84,2 84,0 87,6 86,2 86,6 88,3 87,6 87,2 80,5 82,1 80,6 Itajaí 77,6 80,6 81,8 82,3 78,5 82,7 83,7 83,5 82,4 76,3 78,7 77,5 Ituporanga 79,4 82,3 81,2 86,1 86,4 86,1 86,5 83,3 83,0 76,1 75,3 74,0 Joinville 78,0 90,5 90,2 93,6 90,4 85,1 83,1 82,4 83,1 74,5 79,5 76,3 Lages 79,6 79,4 83,3 84,3 83,1 81,4 78,8 78,8 83,3 77,6 73,5 73,5 Matos Costa 83,5 85,3 80,8 82,3 84,1 80,5 79,9 73,9 81,4 74,3 74,7 73,8 Ponte Serrada 84,3 86,9 81,5 78,5 81,0 77,3 74,4 70,8 72,2 68,8 73,3 70,9 Rio Negrinho 80,4 82,7 81,3 83,3 84,2 83,2 81,5 78,8 83,1 75,1 78,2 77,1 | 74,0 |
| Indaial 83,0 84,2 84,0 87,6 86,2 86,6 88,3 87,6 87,2 80,5 82,1 80,6 Itajaí 77,6 80,6 81,8 82,3 78,5 82,7 83,7 83,5 82,4 76,3 78,7 77,5 Ituporanga 79,4 82,3 81,2 86,1 86,4 86,1 86,5 83,3 83,0 76,1 75,3 74,0 Joinville 78,0 90,5 90,2 93,6 90,4 85,1 83,1 82,4 83,1 74,5 79,5 76,3 Lages 79,6 79,4 83,3 84,3 83,1 81,4 78,8 78,8 83,3 77,6 73,5 73,5 Matos Costa 83,5 85,3 80,8 82,3 84,1 80,5 79,9 73,9 81,4 74,3 74,7 73,8 Ponte Serrada 84,3 86,9 81,5 78,5 81,0 77,3 74,4 </td <td>83,8</td> | 83,8 |
| Itajaí 77,6 80,6 81,8 82,3 78,5 82,7 83,7 83,5 82,4 76,3 78,7 77,5 Ituporanga 79,4 82,3 81,2 86,1 86,4 86,1 86,5 83,3 83,0 76,1 75,3 74,0 Joinville 78,0 90,5 90,2 93,6 90,4 85,1 83,1 82,4 83,1 74,5 79,5 76,3 Lages 79,6 79,4 83,3 84,3 83,1 81,4 78,8 78,8 83,3 77,6 73,5 73,5 Matos Costa 83,5 85,3 80,8 82,3 84,1 80,5 79,9 73,9 81,4 74,3 74,7 73,8 Ponte Serrada 84,3 86,9 81,5 78,5 81,0 77,3 74,4 70,8 72,2 68,8 73,3 70,9 Rio Negrinho 80,4 82,7 81,3 83,3 84,2 83,2 8 | 81,4 |
| Ituporanga 79,4 82,3 81,2 86,1 86,4 86,1 86,5 83,3 83,0 76,1 75,3 74,0 Joinville 78,0 90,5 90,2 93,6 90,4 85,1 83,1 82,4 83,1 74,5 79,5 76,3 Lages 79,6 79,4 83,3 84,3 83,1 81,4 78,8 78,8 83,3 77,6 73,5 73,5 Matos Costa 83,5 85,3 80,8 82,3 84,1 80,5 79,9 73,9 81,4 74,3 74,7 73,8 Ponte Serrada 84,3 86,9 81,5 78,5 81,0 77,3 74,4 70,8 72,2 68,8 73,3 70,9 Rio Negrinho 80,4 82,7 81,3 83,3 84,2 83,2 81,5 78,8 83,1 75,1 78,2 77,1 | 84,8 |
| Joinville 78,0 90,5 90,2 93,6 90,4 85,1 83,1 82,4 83,1 74,5 79,5 76,3 Lages 79,6 79,4 83,3 84,3 83,1 81,4 78,8 78,8 83,3 77,6 73,5 73,5 Matos Costa 83,5 85,3 80,8 82,3 84,1 80,5 79,9 73,9 81,4 74,3 74,7 73,8 Ponte Serrada 84,3 86,9 81,5 78,5 81,0 77,3 74,4 70,8 72,2 68,8 73,3 70,9 Rio Negrinho 80,4 82,7 81,3 83,3 84,2 83,2 81,5 78,8 83,1 75,1 78,2 77,1 | 80,5 |
| Lages 79,6 79,4 83,3 84,3 83,1 81,4 78,8 78,8 83,3 77,6 73,5 73,5 Matos Costa 83,5 85,3 80,8 82,3 84,1 80,5 79,9 73,9 81,4 74,3 74,7 73,8 Ponte Serrada 84,3 86,9 81,5 78,5 81,0 77,3 74,4 70,8 72,2 68,8 73,3 70,9 Rio Negrinho 80,4 82,7 81,3 83,3 84,2 83,2 81,5 78,8 83,1 75,1 78,2 77,1 | 81,6 |
| Matos Costa 83,5 85,3 80,8 82,3 84,1 80,5 79,9 73,9 81,4 74,3 74,7 73,8 Ponte Serrada 84,3 86,9 81,5 78,5 81,0 77,3 74,4 70,8 72,2 68,8 73,3 70,9 Rio Negrinho 80,4 82,7 81,3 83,3 84,2 83,2 81,5 78,8 83,1 75,1 78,2 77,1 | 83,9 |
| Ponte Serrada 84,3 86,9 81,5 78,5 81,0 77,3 74,4 70,8 72,2 68,8 73,3 70,9 Rio Negrinho 80,4 82,7 81,3 83,3 84,2 83,2 81,5 78,8 83,1 75,1 78,2 77,1 | 79,7 |
| Rio Negrinho 80,4 82,7 81,3 83,3 84,2 83,2 81,5 78,8 83,1 75,1 78,2 77,1 | 79,5 |
| | 76,7 |
| lan , , , | 80,7 |
| São Joaquim 86,5 87,4 87,7 86,8 87,6 79,8 77,3 75,2 85,9 80,1 77,7 77,3 | 82,4 |
| São Miguel do Oeste 73,8 77,5 73,7 75,7 78,1 73,8 67,3 61,5 69,8 61,0 62,3 65,3 | 70,0 |
| Urussanga 82,5 87,9 84,8 87,6 83,5 83,1 83,2 80,6 81,9 76,2 77,1 | 75,7 |
| Videira 76,7 74,1 77,4 78,0 84,2 83,9 77,5 71,6 75,9 75,5 69,0 65,3 | 75,8 |

FONTE: Epagri/Climerh.

TABELA 5/II – PRECIPITAÇÃO MÉDIA MENSAL, SEGUNDO AS ESTAÇÕES AGROMETEOROLÓGICAS – SANTA CATARINA – 2001

| | | | | | | | | | | | | | (1111) |
|---------------------------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|------|-------|-------|-------|-------|---------|
| LOCALIZAÇÃO DA ESTAÇÃO | JAN | FEV | MAR | ABR | MAI | JUN | JUL | AG0 | SET | OUT | NOV | DEZ | TOTAL |
| Araranguá | 280,1 | 258,7 | 57,3 | 165,3 | 170,8 | 100,3 | 208,0 | 28,6 | 316,9 | 128,1 | 157,4 | 129,4 | 2.000,9 |
| Blumenau | 227,9 | 197,0 | 209,0 | 139,5 | 149,7 | 91,4 | 98,1 | 72,0 | 180,1 | 158,0 | 99,3 | 115,8 | 1.737,8 |
| Caçador | 188,7 | 237,2 | 127,3 | 156,6 | 169,6 | 99,9 | 134,6 | 82,4 | 134,7 | 203,5 | 167,6 | 82,3 | 1.784,4 |
| Campos Novos | 221,1 | 142,3 | 102,6 | 283,7 | 196,5 | 189,2 | 191,4 | 52,2 | 179,2 | 215,6 | 160,8 | 118,5 | 2.053,1 |
| Chapecó | 212,1 | 251,2 | 133,2 | 202,3 | 228,5 | 208,3 | 151,6 | 62,0 | 210,3 | 220,8 | 122,5 | 97,1 | 2.099,9 |
| Curitibanos | 224,6 | 220,5 | 108,9 | 160,6 | 168,3 | 123,5 | 120,2 | 79,9 | 179,5 | 240,1 | 217,8 | 72,0 | 1.915,9 |
| Florianópolis | 186,1 | 537,0 | 162,4 | 181,0 | 295,0 | 95,0 | 82,7 | 52,0 | 195,6 | 227,2 | 202,5 | 103,8 | 2.320,3 |
| Indaial | 222,6 | 194,4 | 166,0 | 73,3 | 228,2 | 112,0 | 98,8 | 88,7 | 255,9 | 185,1 | 151,6 | 116,7 | 1.893,3 |
| Itajaí | 220,0 | 222,5 | 122,3 | 175,9 | 191,4 | 124,8 | 117,9 | 49,6 | 262,5 | 199,1 | 128,1 | 123,8 | 1.937,9 |
| Ituporanga | 143,3 | 253,6 | 133,7 | 141,4 | 223,3 | 128,8 | 97,5 | 64,4 | 184,1 | 140,0 | 216,2 | 121,5 | 1.847,8 |
| Joinville | 277,2 | 599,4 | 427,5 | 174,2 | 192,3 | 202,3 | 182,0 | 47,8 | 247,1 | 218,6 | 170,2 | 98,7 | 2.837,3 |
| Lages | 278,9 | 153,0 | 131,9 | 172,3 | 159,0 | 123,2 | 137,9 | 83,1 | 251,5 | 170,7 | 123,3 | 128,5 | 1.913,3 |
| Matos Costa | 211,0 | 294,0 | 120,0 | 164,0 | 169,0 | 141,0 | 163,0 | 44,0 | 179,0 | 233,0 | 161,0 | 163,0 | 2.042,0 |
| Ponte Serrada | 256,8 | 244,6 | 228,9 | 286,4 | 181,1 | 217,8 | 158,2 | 38,0 | 158,6 | 233,1 | 224,3 | 135,3 | 2.363,1 |
| Rio Negrinho | 395,0 | 214,9 | 142,0 | 91,4 | 169,6 | 156,3 | 187,5 | 84,2 | 120,7 | 197,0 | 144,4 | 194,9 | 2.097,9 |
| São Joaquim | 379,1 | 199,7 | 88,1 | 156,4 | 201,8 | 137,5 | 233,3 | 60,9 | 226,3 | 204,8 | 190,9 | 133,3 | 2.212,1 |
| São Miguel do Oeste | 210,4 | 153,8 | 155,2 | 125,3 | 178,6 | 239,1 | 134,7 | 72,5 | 178,2 | 133,4 | 190,0 | 87,8 | 1.859,0 |
| Urussanga | 250,4 | 374,4 | 77,3 | 151,1 | 161,6 | 80,7 | 163,0 | 53,0 | 254,1 | 120,2 | 206,7 | 140,5 | 2.033,0 |
| Videira | 274,1 | 209,8 | 148,9 | 186,0 | 190,0 | 123,8 | 130,6 | 89,9 | 199,6 | 227,4 | 303,2 | 130,4 | 2.213,7 |

FONTE: Epagri/Climerh.

CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA

TABELA 6/II – POPULAÇÃO RESIDENTE, SEGUNDO A SITUAÇÃO DE DOMICÍLIO – BRASIL E SANTA CATARINA – 1991/2010 (mil hab.)

| DISCRIMINAÇÃO | 1991 | 1996 | 2000 | 2010 (1) |
|----------------|---------|---------|---------|----------|
| BRASIL | 146.825 | 157.070 | 169.799 | 191.008 |
| Rural | 35.834 | 33.993 | 31.845 | 31.057 |
| Urbana | 110.991 | 123.077 | 137.954 | 151.268 |
| SANTA CATARINA | 4.542 | 4.875 | 5.356 | 6.096 |
| Rural | 1.333 | 1.310 | 1.138 | 1.125 |
| Urbana | 3.209 | 3.565 | 4.218 | 4.971 |

FONTE: IBGE. (1) População rural e urbana: estimativa do Instituto Cepa/SC.

TABELA 7/II – POPULAÇÃO RESIDENTE TOTAL E RURAL, POR FAIXA ETÁRIA – SANTA CATARINA – 1970/2000 (mil hab.)

| FAIXA ETÁRIA | | | TOTAL | | | | | RURA | Ļ | |
|--------------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|
| (a.com.) | 1970 | 1980 | 1991 | 1996 | 2000 | 1970 | 1980 | 1991 | 1996 | 2000 |
| 05 | 454,0 | 467,3 | 502,0 | 469,0 | 475,6 | 277,6 | 196,0 | 152,7 | 134,3 | 103,2 |
| 5110 | 454,5 | 441,2 | 511,3 | 498,0 | 507,6 | 271,9 | 196,9 | 154,6 | 140,7 | 114,6 |
| 10115 | 397,1 | 457,0 | 490,2 | 517,4 | 526,3 | 235,5 | 203,7 | 150,5 | 144,8 | 118,3 |
| 15120 | 336,5 | 455,3 | 447,0 | 481,2 | 535,8 | 190,4 | 188,4 | 138,8 | 127,2 | 112,6 |
| 20125 | 255,2 | 374,9 | 434,7 | 435,2 | 478,6 | 138,7 | 141,1 | 126,6 | 111,4 | 89,2 |
| 25130 | 188,5 | 300,0 | 433,8 | 420,4 | 441,2 | 100,7 | 106,6 | 118,6 | 108,1 | 83,4 |
| 30135 | 162,5 | 236,8 | 376,2 | 431,3 | 445,7 | 86,0 | 85,0 | 99,5 | 108,5 | 88,6 |
| 35140 | 143,8 | 187,1 | 313,1 | 370,9 | 437,8 | 77,2 | 70,8 | 82,1 | 91,6 | 87,4 |
| 40145 | 125,9 | 163,8 | 253,3 | 308,9 | 366,6 | 68,6 | 64,2 | 69,0 | 75,9 | 73,5 |
| 45150 | 101,3 | 134,7 | 190,1 | 243,5 | 301,3 | 55,9 | 54,1 | 55,8 | 63,2 | 62,5 |
| 50155 | 83,2 | 117,2 | 155,0 | 185,0 | 235,2 | 46,3 | 47,7 | 47,8 | 51,5 | 53,1 |
| 55160 | 65,0 | 92,1 | 128,5 | 147,0 | 174,3 | 35,4 | 38,0 | 41,1 | 44,0 | 43,3 |
| 60165 | 48,9 | 71,3 | 108,7 | 120,2 | 142,1 | 26,3 | 29,5 | 34,8 | 35,9 | 36,1 |
| 65170 | 35,3 | 54,9 | 80,9 | 95,7 | 108,9 | 18,8 | 22,4 | 25,6 | 28,7 | 27,6 |
| 70e+ | 47,1 | 71,1 | 117,2 | 144,1 | 179,5 | 24,9 | 28,1 | 36,0 | 42,0 | 44,7 |
| ld. Ignor. | 2,9 | 3,6 | | 7,6 | | 1,5 | 1,3 | 0,0 | 2,3 | |
| TOTAL | 2.901,7 | 3.628,3 | 4.542,0 | 4.875,4 | 5.356,5 | 1.655,7 | 1.473,8 | 1.333,5 | 1.310,1 | 1.138,1 |

FONTE: IBGE



TABELA 8/II – POPULAÇÃO RESIDENTE TOTAL, RURAL E URBANA, SEGUNDO OS MUNICÍPIOS – SANTA CATARINA – 2000 (hab.)

| MUNICÍPIO | POPUI Total | LAÇÃO RESID Rural | ENTE 2000 Urbana |
|---------------------------|----------------|----------------------|---------------------|
| Abdon Batista | 2.775 | 2.062 | 713 |
| Abelardo Luz | 16.440 | 9.212 | 7.228 |
| Agrolândia | 7.810 | 3.176 | 4.634 |
| Agronômica | 4.257 | 3.385 | 872 |
| Água Doce | 6.843 | 3.695 | 3.148 |
| Águas de Chapecó | 5.782 | 3.580 | 2.202 |
| Águas Frias | 2.525 | 2.008 | 517 |
| Águas Mornas | 5.390 | 3.675 | 1.715 |
| Alfredo Wagner | 8.857 | 6.384 | 2.473 |
| Alto Bela Vista | 2.098 | 1.576 | 522 |
| Anchieta | 7.133 | 4.690 | 2.443 |
| Angelina | 5.776 | 4.761 | 1.015 |
| Anita Garibaldi | 10.273 | 6.085 | 4.188 |
| Anitápolis | 3.234 | 2.120 | 1.114 |
| Antônio Carlos | 6.434 | 4.674 | 1.760 |
| Apiúna | 8.520 | 4.914 | 3.606 |
| Arabutã | 4.160 | 3.189 | 971 |
| Araquari | 23.645 | 1.645 | 22.000 |
| Araranguá | 54.706 | 9.654 | 45.052 |
| Armazém | 6.873 | 4.248 | 2.625 |
| Arroio Trinta | 3.490 | 1.393 | 2.097 |
| Arvoredo | 2.305 | 1.894 | 411 |
| Ascurra | 6.934 | 815 | 6.119 |
| Atalanta | 3.429 | 2.296 | 1.133 |
| Aurora | 5.474 | 3.992 | 1.482 |
| Balneário Arroio do Silva | 6.043 | 167 | 5.876 |
| Balneário Camboriú | 73.455 | - | 73.455 |
| Balneário Barra do Sul | 6.045 | 13 | 6.032 |
| Balneário Gaivota | 5.450 | 2.473 | 2.977 |
| Bandeirante | 3.177 | 2.436 | 741 |
| Barra Bonita | 2.118 | 1.862 | 256 |
| Barra Velha | 15.530 | 964 | 14.566 |
| Bela Vista do Toldo | 5.721 | 5.151 | 570 |
| Belmonte | 2.588 | 1.636 | 952 |
| Benedito Novo | 9.071 | 4.170 | 4.901 |
| Biguaçu | 48.077 | 5.170 | 42.907 |
| Blumenau | 261.808 | 19.865 | 241.943 |
| Bocaina do Sul | 2.980 | 2.565 | 415 |
| Bombinhas | 8.716 | - | 8.716 |
| Bom Jardim da Serra | 4.079 | 1.956 | 2.123 |
| Bom Jesus | 2.046 | 1.057 | 989 |
| Bom Jesus do Oeste | 2.150 | 1.774 | 376 |
| Bom Retiro | 7.967 | 2.631 | 5.336 |
| Botuverá | 3.756 | 2.953 | 803 |
| Braço do Norte | 24.802 | 6.923 | 17.879 |
| Braço do Trombudo | 3.187 | 1.565 | 1.622 |
| Brunópolis | 3.331 | 2.624 | 707 |
| Brusque | 76.058 | 2.802 | 73.256 |
| Caçador | 63.322 | 7.780 | 55.542 |
| Caibi | 6.354 | 3.294 | 3.060 |
| Calmon | 3.467 | 2.075 | 1.392 |
| Camboriú | 41.445 | 2.018 | 39.427 |
| Capão Alto | 3.020 | 2.416 | 604 |
| Campo Alegre | 11.634 | 4.763 | 6.871 |

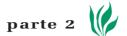
| MUNICÍPIO | POPULAÇÃO RESIDENTE Total Rural U | | ENTE 2000 Urbana |
|------------------------|--------------------------------------|--------|---------------------|
| 0 01 101 | | | |
| Campo Belo do Sul | 8.051 | 3.611 | 4.440 |
| Campo Erê | 10.353 | 4.597 | 5.756 |
| Campos Novos | 28.729 | 6.173 | 22.556 |
| Canelinha | 9.004 | 4.712 | 4.292 |
| Canoinhas | 51.631 | 13.727 | 37.904 |
| Capinzal | 19.955 | 4.495 | 15.460 |
| Capivari de Baixo | 18.561 | 1.125 | 17.436 |
| Catanduvas | 8.291 | 2.987 | 5.304 |
| Caxambu do Sul | 5.263 | 3.209 | 2.054 |
| Celso Ramos | 2.844 | 2.206 | 638 |
| Cerro Negro | 4.098 | 3.404 | 694 |
| Chapadão do Lageado | 2.561 | 2.272 | 289 |
| Chapecó | 146.967 | 12.375 | 134.592 |
| Cocal do Sul | 13.726 | 2.319 | 11.407 |
| Concórdia | 63.058 | 17.804 | 45.254 |
| Cordilheira Alta | 3.093 | 2.790 | 303 |
| Coronel Freitas | 10.535 | 6.041 | 4.494 |
| Coronel Martins | 2.388 | 1.930 | 458 |
| Corupá | 11.847 | 3.120 | 8.727 |
| Correia Pinto | 17.026 | 4.980 | 12.046 |
| Criciúma | 170.420 | 17.371 | 153.049 |
| Cunha Porã | 10.229 | 4.942 | 5.287 |
| Cunhataí | 1.822 | 1.487 | 335 |
| Curitibanos | 36.061 | 3.623 | 32.438 |
| Descanso | 9.129 | 5.244 | 3.885 |
| Dionísio Cerqueira | 14.250 | 5.640 | 8.610 |
| Dona Emma | 3.309 | 1.941 | 1.368 |
| Doutor Pedrinho | 3.082 | 1.413 | 1.669 |
| Entre Rios | 2.857 | 2.106 | 751 |
| Ermo | 2.057 | 1.464 | 593 |
| Erval Velho | 4.269 | 2.109 | 2.160 |
| Faxinal dos Guedes | 10.767 | 3.723 | 7.044 |
| Flor do Sertão | 1.612 | 1.417 | 195 |
| Florianópolis | 342.315 | 10.130 | 332.185 |
| Formosa do Sul | 2.725 | 1.834 | 891 |
| Forquilhinha | 18.348 | 3.792 | 14.556 |
| Fraiburgo | 32.948 | 5.325 | 27.623 |
| Frei Rogério | 2.971 | 2.484 | 487 |
| Galvão | 4.235 | 1.741 | 2.494 |
| Garopaba | 13.164 | 2.442 | 10.722 |
| Garuva | 11.378 | 3.122 | 8.256 |
| Gaspar | 46.414 | 16.813 | 29.601 |
| Governador Celso Ramos | 11.598 | 756 | 10.842 |
| Grão Pará | 5.817 | 3.143 | 2.674 |
| Gravatal | 10.799 | 6.935 | 3.864 |
| Guabiruba | 12.976 | 928 | 12.048 |
| Guaraciaba | 11.038 | 6.673 | 4.365 |
| Guaramirim | 23.794 | 4.782 | 19.012 |
| Guarujá do Sul | 4.696 | 2.425 | 2.271 |
| Guatambu | 4.702 | 3.719 | 983 |
| Herval d'Oeste | 20.044 | 2.904 | 17.140 |
| Ibiam | 1.955 | 1.454 | 501 |
| Ibicaré | 3.587 | 2.347 | 1.240 |
| Ibirama | 15.802 | 2.687 | 13.115 |



Continuação

| MUNICÍPIO | POPULAÇÃO RESIDEN Total Rural | | ENTE 2000 Urbana |
|-----------------|----------------------------------|--------|---------------------|
| Içara | 48.634 | 9.064 | 39.570 |
| Ilhota | 10.574 | 4.129 | 6.445 |
| Imaruí | 13.404 | 9.495 | 3.909 |
| Imbituba | 35.700 | 1.173 | 34.527 |
| Imbuia | 5.246 | 3.291 | 1.955 |
| Indaial | 40.194 | 1.812 | 38.382 |
| lomerê | 2.553 | 1.870 | 683 |
| Ipira | 4.979 | 2.765 | 2.214 |
| Iporã do Oeste | 7.877 | 5.026 | 2.851 |
| lpuaçu | 6.122 | 5.155 | 967 |
| Ipumirim | 6.907 | 4.423 | 2.484 |
| Iraceminha | 4.592 | 3.370 | 1.222 |
| Irani | 8.602 | 3.544 | 5.058 |
| Irati | 2.202 | 1.790 | 412 |
| Irineópolis | 9.734 | 6.770 | 2.964 |
| Itá | 6.764 | 3.342 | 3.422 |
| Itaiópolis | 19.086 | 10.329 | 8.757 |
| Itajaí | 147.494 | 5.544 | 141.950 |
| Itapema | 25.869 | 1.088 | 24.781 |
| Itapiranga | 13.998 | 8.616 | 5.382 |
| Itapoá | 8.839 | 648 | 8.191 |
| Ituporanga | 19.492 | 7.828 | 11.664 |
| Jaborá | 4.194 | 2.832 | 1.362 |
| Jacinto Machado | 10.923 | 6.385 | 4.538 |
| Jaguaruna | 14.613 | 4.375 | 10.238 |
| Jaraguá do Sul | 108.489 | 12.169 | 96.320 |
| Jardinópolis | 1.994 | 1.179 | 815 |
| Joaçaba | 24.066 | 2.378 | 21.688 |
| Joinville | 429.604 | 14.632 | 414.972 |
| José Boiteux | 4.594 | 3.128 | 1.466 |
| Jupiá | 2.220 | 1.549 | 671 |
| Lacerdópolis | 2.173 | 1.190 | 983 |
| Lages | 157.682 | 4.100 | 153.582 |
| Laguna | 47.568 | 10.284 | 37.284 |
| Lajeado Grande | 1.572 | 1.096 | 476 |
| Laurentino | 5.062 | 1.824 | 3.238 |
| Lauro Muller | 13.604 | 3.681 | 9.923 |
| Lebon Régis | 11.682 | 4.702 | 6.980 |
| Leoberto Leal | 3.739 | 3.282 | 457 |
| Lindóia do Sul | 4.877 | 3.556 | 1.321 |
| Lontras | 8.381 | 3.072 | 5.309 |
| Luiz Alves | 7.974 | 5.850 | 2.124 |
| Luzerna | 5.572 | 1.608 | 3.964 |
| Macieira | 1.900 | 1.596 | 304 |
| Mafra | 49.940 | 12.227 | 37.713 |
| Major Gercino | 3.143 | 2.166 | 977 |
| Major Vieira | 6.906 | 4.707 | 2.199 |
| Maracajá | 5.541 | 2.020 | 3.521 |
| Maravilha | 18.521 | 4.295 | 14.226 |
| Marema | 2.651 | 1.710 | 941 |
| Massaranduba | 12.562 | 7.933 | 4.629 |
| Matos Costa | 3.204 | 1.954 | 1.250 |
| Meleiro | 7.080 | 3.873 | 3.207 |
| Mirim Doce | 2.753 | 1.595 | 1.158 |

| MUNICÍPIO | POP Total | ULAÇÃO RESIDEN Rural | NTE 2000 Urbana |
|----------------------------|--------------|-------------------------|--------------------|
| Modelo | 3.930 | 1.729 | 2.201 |
| Mondaí | 8.728 | 4.679 | 4.049 |
| Monte Carlo | 8.579 | 1.274 | 7.305 |
| Monte Castelo | 8.350 | 3.777 | 4.573 |
| Morro da Fumaça | 14.551 | 3.397 | 11.154 |
| Morro Grande | 2.917 | 2.180 | 737 |
| Navegantes | 39.317 | 2.667 | 36.650 |
| Nova Erechim | 3.543 | 1.823 | 1.720 |
| Nova Itaberaba | 4.256 | | 425 |
| Nova Tranto | | 3.831 3.179 | |
| Nova Trento Nova Veneza | 9.852 | | 6.673 |
| Novo Horizonte | 11.511 | 4.312 | 7.199 |
| | 3.101 | 2.378 | 723 |
| Orleans | 20.031 | 7.218 | 12.813 |
| Otacílio Costa | 13.993 | 1.182 | 12.811 |
| Ouro | 7.419 | 3.254 | 4.165 |
| Ouro Verde | 2.352 | 1.727 | 625 |
| Paial | 2.052 | 1.793 | 259 |
| Painel | 2.384 | 1.560 | 824 |
| Palhoça | 102.742 | 4.828 | 97.914 |
| Palma Sola | 8.206 | 5.014 | 3.192 |
| Palmeira | 2.133 | 1.362 | 771 |
| Palmitos | 16.034 | 8.028 | 8.006 |
| Papanduva | 16.822 | 8.869 | 7.953 |
| Paraíso | 4.796 | 3.494 | 1.302 |
| Passo de Torres | 4.400 | 878 | 3.522 |
| Passos Maia | 4.763 | 4.015 | 748 |
| Paulo Lopes | 5.924 | 2.370 | 3.554 |
| Pedras Grandes | 4.921 | 4.056 | 865 |
| Penha | 17.678 | 1.685 | 15.993 |
| Peritiba | 3.230 | 1.913 | 1.317 |
| Petrolândia | 6.406 | 4.595 | 1.811 |
| Piçarras | 10.911 | 2.296 | 8.615 |
| Pinhalzinho | 12.356 | 3.043 | 9.313 |
| Pinheiro Preto | 2.729 | 1.588 | 1.141 |
| Piratuba | 5.812 | 3.102 | 2.710 |
| Planalto Alegre | 2.452 | 1.713 | 739 |
| Pomerode | 22.127 | 3.414 | 18.713 |
| Ponte Alta | 5.168 | 1.385 | 3.783 |
| Ponte Alta do Norte | 3.221 | 883 | 2.338 |
| Ponte Serrada | 10.561 | 3.331 | 7.230 |
| Porto Belo | 10.704 | 731 | 9.973 |
| Porto União | 31.858 | 5.279 | 26.579 |
| Pouso Redondo | 12.203 | 5.835 | 6.368 |
| Praia Grande | 7.286 | 3.349 | 3.937 |
| Presidente Castelo Branco | 2.160 | 1.703 | 457 |
| Presidente Getúlio | 12.333 | 4.466 | 7.867 |
| Presidente Nereu | 2.305 | 1.529 | 776 |
| Princesa | 2.613 | 2.045 | 568 |
| Quilombo | 10.736 | 6.039 | 4.697 |
| Rancho Queimado | 2.637 | 1.534 | 1.103 |
| Rio das Antas | 6.129 | 3.903 | 2.226 |
| Rio do Campo | 6.522 | 4.234 | 2.288 |
| Rio do Oeste | 6.730 | 4.104 | 2.626 |
| Rio dos Cedros | 8.939 | 5.181 | 3.758 |
| 400 004,00 | 0.000 | 5.101 | 0.700 |



Conclusão

| MUNICÍPIO | POPU Total | LAÇÃO RESID Rural | ENTE 2000 Urbana |
|------------------------------|---------------|----------------------|---------------------|
| Rio do Sul | 51.650 | 3.232 | 48.418 |
| Rio Fortuna | 4.320 | 3.107 | 1.213 |
| Rio Negrinho | 37.707 | 5.057 | 32.650 |
| Rio Rufino | 2.414 | 1.861 | 553 |
| Riqueza | 5.166 | 3.889 | 1.277 |
| Rodeio | 10.380 | 1.514 | 8.866 |
| Romelândia | 6.491 | 4.371 | 2.120 |
| Salete | 7.163 | 2.580 | 4.583 |
| Saltinho | 4.196 | 3.297 | 899 |
| Salto Veloso | 3.910 | 1.076 | 2.834 |
| Sangão | 8.128 | 4.504 | 3.624 |
| Santa Cecília | 14.802 | 3.185 | 11.617 |
| Santa Helena | 2.588 | 1.848 | 740 |
| Santa Rosa de Lima | 2.007 | 1.584 | 423 |
| Santa Rosa do Sul | 7.810 | 4.768 | 3.042 |
| Santa Terezinha | 8.840 | 7.698 | 1.142 |
| Santa Terezinha do Progresso | 3.416 | 2.990 | 426 |
| Santiago do Sul | 1.696 | 1.175 | 521 |
| Santo Amaro da Imperatriz | 15.708 | 3.172 | 12.536 |
| São Bernardino | 3.140 | 2.611 | 529 |
| São Bento do Sul | 65.437 | 3.611 | 61.826 |
| São Bonifácio | 3.218 | 2.536 | 682 |
| São Carlos | 9.364 | 4.017 | 5.347 |
| São Cristovão do Sul | 4.504 | 1.785 | 2.719 |
| São Domingos | 9.540 | 4.110 | 5.430 |
| São Francisco do Sul | 32.301 | 2.371 | 29.930 |
| São João do Oeste | 5.789 | 4.295 | 1.494 |
| São João Batista | 14.861 | 3.588 | 11.273 |
| São João do Itaperiú | 3.161 | 1.707 | 1.454 |
| São João do Sul | 6.784 | 5.641 | 1.143 |
| São Joaquim | 22.836 | 6.707 | 16.129 |
| São José | 173.559 | 2.329 | 171.230 |
| São José do Cedro | 13.678 | 7.019 | 6.659 |
| São José do Cerrito | 10.393 | 8.241 | 2.152 |
| São Lourenço do Oeste | 19.647 | 6.240 | 13.407 |
| São Ludgero | 8.587 | 2.592 | 5.995 |
| São Martinho | 3.274 | 2.386 | 888 |
| São Miguel da Boa Vista | 2.018 | 1.687 | 331 |
| São Miguel do Oeste | 32.324 | 4.932 | 27.392 |

| MUNICÍPIO | | JLAÇÃO RESII | |
|------------------------|-----------|--------------|-----------|
| WONIGIFIO | Total | Rural | Urbana |
| São Pedro de Alcântara | 3.584 | 1.488 | 2.096 |
| Saudades | 8.324 | 5.427 | 2.897 |
| Schroeder | 10.811 | 1.409 | 9.402 |
| Seara | 16.484 | 6.221 | 10.263 |
| Serra Alta | 3.330 | 2.129 | 1.201 |
| Siderópolis | 12.082 | 2.979 | 9.103 |
| Sombrio | 22.962 | 7.037 | 15.925 |
| Sul Brasil | 3.116 | 2.372 | 744 |
| Taió | 16.257 | 8.370 | 7.887 |
| Tangará | 8.754 | 4.521 | 4.233 |
| Tigrinhos | 1.878 | 1.665 | 213 |
| Tijucas | 23.499 | 4.788 | 18.711 |
| Timbé do Sul | 5.323 | 3.640 | 1.683 |
| Timbó | 29.358 | 2.575 | 26.783 |
| Timbó Grande | 6.501 | 3.726 | 2.775 |
| Três Barras | 17.124 | 2.901 | 14.223 |
| Treviso | 3.144 | 1.583 | 1.561 |
| Treze de Maio | 6.716 | 4.952 | 1.764 |
| Treze Tílias | 4.840 | 1.933 | 2.907 |
| Trombudo Central | 5.795 | 2.641 | 3.154 |
| Tubarão | 88.470 | 18.545 | 69.925 |
| Tunápolis | 4.777 | 3.560 | 1.217 |
| Turvo | 10.887 | 5.250 | 5.637 |
| União do Oeste | 3.391 | 2.397 | 994 |
| Urubici | 10.252 | 3.591 | 6.661 |
| Urupema | 2.527 | 1.342 | 1.185 |
| Urussanga | 18.727 | 8.077 | 10.650 |
| Vargeão | 3.526 | 2.146 | 1.380 |
| Vargem | 3.225 | 2.574 | 651 |
| Vargem Bonita | 5.158 | 2.959 | 2.199 |
| Vidal Ramos | 6.279 | 4.782 | 1.497 |
| Videira | 41.589 | 5.802 | 35.787 |
| Vitor Meireles | 5.519 | 4.421 | 1.098 |
| Witmarsum | 3.251 | 2.639 | 612 |
| Xanxerê | 37.429 | 5.044 | 32.385 |
| Xavantina | 4.404 | 3.458 | 946 |
| Xaxim | 22.857 | 6.799 | 16.058 |
| Zortéa | 2.633 | 580 | 2.053 |
| Santa Catarina | 5.356.360 | 1.138.429 | 4.217.931 |

FONTE: IBGE.

TABELA 9/II – PESSOAS OCUPADAS, POR SEXO, SEGUNDO O SETOR ECONÔMICO – SANTA CATARINA – 1998-1999

| UNIMININ | 1330-133 | J | | (11.7 | |
|------------|-----------|-----------|-----------|-----------|--|
| SETOR | 1: | 998 | 1999 | | |
| ECONÔMICO | Homens | Mulheres | Homens | Mulheres | |
| Primário | 400.387 | 299.581 | 412.375 | 324.553 | |
| Secundário | 500.640 | 169.951 | 536.857 | 296.622 | |
| Terciário | 558.240 | 576.121 | 594.992 | 443.201 | |
| TOTAL | 1.459.267 | 1.045.653 | 1.544.224 | 1.064.376 | |

FONTE: IBGE.

TABELA 10/II – PESSOAS OCUPADAS, POR SITUAÇÃO DE DOMICÍLIO, SEGUNDO OS GRUPOS DE IDADE – SANTA CATARINA – 1998-1999 (n°)

| | | | | | | ` ' | |
|--------------|---------|-----------|------------|---------|---------|---------|--|
| GRUPOS DE | TO | TAL | OTAL RURAL | | URBANA | | |
| IDADE (anos) | 1998 | 1999 | 1998 | 1999 | 1998 | 1999 | |
| 10 I 14 | 101.396 | 84.915 | 72.013 | 61.646 | 29.383 | 23.269 | |
| 15 I 24 | 552.487 | 592.103 | 161.309 | 171.005 | 391.178 | 421.098 | |
| 25 I 39 | 999.548 | 1.012.614 | 251.179 | 269.309 | 748.369 | 743.305 | |
| 40 I 49 | 487.390 | 500.202 | 145.758 | 143.661 | 341.632 | 356.541 | |
| 50 I 59 | 222.951 | 264.053 | 77.773 | 96.553 | 145.178 | 167.500 | |
| 60 e mais | 141.148 | 154.713 | 70.859 | 68.050 | 70.289 | 86.663 | |

FONTE: IBGE.



TABELA 11/II – DOMICÍLIOS PARTICULARES PERMANENTES E INDICADORES DE BEM-ESTAR, SEGUNDO A SITUAÇÃO DE DOMICÍLIO – SANTA CATARINA – 1998-2000 (n°)

| DISCRIMINAÇÃO | | RURAL | | | URBANA | | |
|---------------------------|---------|---------|---------|-----------|-----------|-----------|--|
| | 1998 | 1999 | 2000 | 1998 | 1999 | 2000 | |
| Domicílio particular | 344.504 | 347.255 | 295.521 | 1.036.986 | 1.077.170 | 1.203.221 | |
| Rede de água geral | 61.644 | 68.058 | 45.625 | 939.627 | 981.790 | 1.071.803 | |
| Lixo coletado diretamente | 78.349 | 88.415 | 78.288 | 964.400 | 1.007.386 | 1.166.374 | |
| Luz elétrica | 323.764 | 333.295 | | 1.032.954 | 1.074.263 | | |
| Geladeira | 290.356 | 297.814 | | 1.006.454 | 1.042.853 | | |
| Rádio | 333.558 | 329.804 | | 987.445 | 1.021.338 | | |
| Televisão | 278.259 | 285.602 | | 986.292 | 1.027.143 | | |

FONTE: IBGE.

TABELA 12/II - TRABALHADORES NO AGRONEGÓCIO CATARINENSE - 1996/2000

(n°)

| ATIVIDADE | 1996 | 1999 | 2000 |
|---|---------|-----------|-----------|
| PRODUÇÃO VEGETAL E DERIVADOS | | | |
| CULTIVO PRODUTOS VEGETAIS | 9.959 | 30.902 | 11.607 |
| Cultivo de cereais | 1.390 | 2.648 | 1.104 |
| Cultivo de outros produtos temporários | 1.260 | 3.973 | 990 |
| Cultivo de outras frutas, frutos secos, plantas para preparo de bebidas | 5.505 | 19.146 | 6.618 |
| Exploração florestal | 1.235 | 2.760 | 1.353 |
| Outros | 569 | 2.375 | 1.542 |
| PRODUÇÃO ANIMAL E DERIVADOS | | | |
| CRIAÇÃO DE ANIMAIS | 6.084 | 8.252 | 6.278 |
| Criação de suínos | 1.252 | 2.377 | 1.397 |
| Criação de aves | 2.865 | 4.645 | 3.927 |
| Criação de bovinos | 1.862 | 1.071 | 793 |
| Outros | 105 | 159 | 161 |
| Outras produções | 5.235 | 11.552 | 5.963 |
| Pesca | 2.094 | 6.153 | 2.338 |
| Produção mista: lavouras e pecuária | 3.071 | 5.318 | 3.446 |
| Outras | 70 | 81 | 179 |
| Derivados de animais | 1.963 | 2.548 | 1.842 |
| PRODUÇÃO DA INDÚSTRIA AGROALIMENTAR | | | |
| PREPARAÇÃO PRODUTOS VEGETAIS | 3.847 | 5.145 | 3.359 |
| ABATE ANIMAIS E PREPARAÇÕES | 30.251 | 42.470 | 32.802 |
| Abate de reses, preparação de produtos de carne | 8.493 | 12.005 | 10.433 |
| Abate de aves e outros pequenos animais e preparação de produtos de | 16.524 | 22.521 | 17.131 |
| Preparação de carne, banha e produtos de salsicharia não-associada | 3.616 | 2.981 | 2.288 |
| Preparação e preservação do pescado e fabrç. de conservas de peixes | 1.618 | 4.963 | 2.950 |
| Indústria de moagem | 4.379 | 6.279 | 4.085 |
| Fabricação de biscoitos e massas | 2.025 | 3.229 | 2.358 |
| Fabricação de outros produtos alimentícios | 6.902 | 13.222 | 8.906 |
| FABRICAÇÃO DE MÁQUINAS E INSUMOS | | | |
| Fabricação de insumos agrícolas | 975 | 1.263 | 957 |
| Fabricação de máquinas agrícolas | 1.861 | 2.835 | 2.405 |
| Fabricação de máquinas para indústria agroalimentar e da madeira | 1.077 | 1.680 | 1.313 |
| Indústria da madeira, papel e papelão | 63.405 | 95.698 | 74.393 |
| Comércio atacadista, produtos agrícolas e agroalimentares | 9.020 | 16.968 | 12.090 |
| Comércio atacadista e máquinas agrícolas | 188 | 179 | 180 |
| Atividades de serviços relacionados com a agricultura | 9.558 | 15.249 | 9.232 |
| TOTAL AGRONEGÓCIO | 156.729 | 257.471 | 177.770 |
| TOTAL DEMAIS ATIVIDADES | 752.354 | 1.213.702 | 900.159 |
| TOTAL SANTA CATARINA | 909.083 | 1.471.173 | 1.077.929 |

FONTE: Ministério do Trabalho. RAIS 1996, 1999 e 2000.

OBS: As informações da RAIS - Relação Anual de Informações Sociais - são devidas ao Decreto 76.900/75, que estabelece que todo empregador deve fornecer às entidades governamentais da área social, por meio da RAIS, as informações solicitadas de cada um de seus empregados, com os quais manteve relação de emprego durante qualquer período de um determinado ano-base.



ESTRUTURA DE PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO

TABELA 13/II – CAPACIDADE ESTÁTICA DE ARMAZENAGEM (1) EM MEIO AMBIENTE NÃO CONTROLADO, POR TIPO DOS ARMAZÉNS CADASTRADOS NA CONAB, SEGUNDO AS MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS – SANTA CATARINA – 2002

| - (| T) |
|-----|----|
| | 14 |

| MICRORREGIÕES | TIPO DE ARMAZÉM | | | | | | |
|---------------------|-----------------|----------|------------|-----------|-----------|--|--|
| GEOGRÁFICAS | Convencional | Depósito | Graneleiro | Silo | Total | | |
| Araranguá | 55.714 | 626 | 2.924 | 234.730 | 293.994 | | |
| Blumenau | 13.263 | - | 200 | 39.973 | 53.436 | | |
| Campos de Lages | 9.174 | - | - | 11.329 | 20.503 | | |
| Canoinhas | 57.340 | - | 73.061 | 74.327 | 204.728 | | |
| Chapecó | 89.346 | 2.830 | 146.188 | 263.369 | 501.733 | | |
| Concórdia | 6.926 | - | - | 77.020 | 83.946 | | |
| Criciúma | 13.297 | 100 | - | 115.069 | 128.466 | | |
| Curitibanos | 53.298 | - | 50.287 | 140.033 | 243.618 | | |
| Florianópolis | 5.200 | - | - | 11.660 | 16.860 | | |
| Itajaí | 19.530 | - | - | 1.826 | 21.356 | | |
| Ituporanga | 11.645 | 1.828 | - | 2.846 | 16.319 | | |
| Joaçaba | 21.164 | 800 | 16.903 | 106.453 | 145.320 | | |
| Joinville | 23.591 | 75 | 256.420 | 114.276 | 394.362 | | |
| Rio do Sul | 13.047 | - | 1.800 | 77.076 | 91.923 | | |
| Sao Bento do Sul | - | - | - | 1.040 | 1.040 | | |
| Sao Miguel do Oeste | 18.296 | - | 98.008 | 45.992 | 162.296 | | |
| Tabuleiro | 400 | - | - | - | 400 | | |
| Tijucas | - | - | - | - | - | | |
| Tubarão | 15.993 | 4.400 | 1.796 | 38.825 | 61.014 | | |
| Xanxerê | 121.538 | - | 95.239 | 243.328 | 460.105 | | |
| Santa Catarina | 548.762 | 10.659 | 742.826 | 1.599.172 | 2.901.419 | | |

FONTE: Conab.

(1) Situação em 3/4/2002.

TABELA 14/II – COOPERATIVAS, SEGUNDO O TIPO DE

| ATIVIDADE – S | ANIA CA | IAKINA - | - 199/-2 | UUT | (nº |
|-----------------|---------|----------|-----------------|------|------|
| SEGMENTOS | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 |
| Agropecuário | 49 | 50 | 46 | 53 | 59 |
| Consumo | 18 | 20 | 20 | 18 | 17 |
| Crédito | 50 | 55 | 57 | 62 | 60 |
| Educacional | 16 | 16 | 15 | 16 | 17 |
| Especial | - | 1 | 2 | 2 | 2 |
| Habitacional | 5 | 6 | 3 | 3 | 3 |
| Infra-estrutura | 30 | 30 | 29 | 29 | 29 |
| Mineral | 1 | 2 | 2 | 2 | 2 |
| Produção | 10 | 12 | 15 | 13 | 14 |
| Saúde | 30 | 34 | 39 | 44 | 41 |
| Trabalho | 68 | 79 | 75 | 65 | 41 |
| Transporte | - | - | - | - | 19 |
| TOTAL | 277 | 305 | 303 | 307 | 304 |

FONTE: Ocesc.

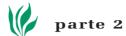


TABELA 15/II – COOPERADOS, SEGUNDO O TIPO DE COOPERATIVA – SANTA CATARINA – 1997-2001 (n°)

| SEGMENTO | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 |
|-----------------|---------|---------|---------|---------|---------|
| Agropecuário | 53.155 | 48.387 | 47.194 | 46.706 | 50.046 |
| Consumo | 46.890 | 59.849 | 62.264 | 82.245 | 99.177 |
| Crédito | 62.171 | 66.465 | 76.117 | 88.486 | 105.873 |
| Educacional | 9.723 | 10.830 | 10.874 | 13.788 | 14.328 |
| Especial | - | 24 | 90 | 101 | 67 |
| Habitacional | 2.834 | 1.578 | 1.328 | 1.094 | 881 |
| Infra-estrutura | 131.591 | 136.447 | 142.257 | 146.575 | 152.246 |
| Mineral | 400 | 405 | 416 | 461 | 539 |
| Produção | 391 | 455 | 607 | 552 | 518 |
| Saúde | 5.662 | 6.090 | 6.735 | 7.724 | 8.003 |
| Trabalho | 14.762 | 20.314 | 24.749 | 28.961 | 30.358 |
| Transporte | - | - | - | - | 2.762 |
| TOTAL | 327.579 | 350.844 | 372.631 | 416.693 | 464.798 |

FONTE: Ocesc.

TABELA 16/II – RECEBIMENTO DE PRODUTOS AGROPECUÁRIOS PELAS COOPERATIVAS, SEGUNDO OS PRINCIPAIS PRODUTOS – SANTA CATARINA – 1997-2001 (t)

| PRODUTO 1997 1998 1999 2000 2001 Alho 460 420 420 50 160 Ameixa 168 130 - 167 88 Arroz em Casca 115.817 121.420 168.439 204.753 233.240 Aveia 2.014 781 3.045 3.140 1.836 Azevém 263 137 361 227 303 Cebola 1.400 301 301 1.665 232 Cevada 1.781 2.134 - 93 2.278 Erva Mate 1.659 1.009 1.759 976 825 Ervilhaca 280 60 86 289 155 Feijão 147.861 32.638 47.399 60.993 30.439 Laranja 54.628 88.864 28.583 54.46 64.517 Maçã 28.479 31.673 34.984 48.423 38.697 Mar | | | | | | |
|---|---------------------|---------|---------|---------|---------|-----------|
| Ameixa 168 130 - 167 88 Arroz em Casca 115.817 121.420 168.439 204.753 233.240 Aveia 2.014 781 3.045 3.140 1.836 Azevém 263 137 361 227 303 Cebola 1.400 301 301 1.665 232 Cevada 1.781 2.134 - 93 2.278 Erva Mate 1.659 1.009 1.759 976 825 Ervilhaca 280 60 86 289 155 Feijão 147.861 32.638 47.399 60.993 30.439 Laranja 54.628 88.864 28.583 54.466 64.517 Maçã 28.479 31.673 34.984 48.423 38.697 Maracujá 3.350 2.982 4.620 4.200 371 Milho 764.111 529.202 669.980 919.079 1.243.038 < | PRODUTO | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 |
| Arroz em Casca 115.817 121.420 168.439 204.753 233.240 Aveia 2.014 781 3.045 3.140 1.836 Azevém 263 137 361 227 303 Cebola 1.400 301 301 1.665 232 Cevada 1.781 2.134 - 93 2.278 Erva Mate 1.659 1.009 1.759 976 825 Ervilhaca 280 60 86 289 155 Feijão 147.861 32.638 47.399 60.993 30.439 Laranja 54.628 88.864 28.583 54.446 64.517 Maçã 28.479 31.673 34.984 48.423 38.697 Maracujá 3.350 2.982 4.620 4.200 371 Milho 764.111 529.202 669.980 919.079 1.243.038 Nectarina - 130 - 216 164 | Alho | 460 | 420 | 420 | 50 | 160 |
| Aveia 2.014 781 3.045 3.140 1.836 Azevém 263 137 361 227 303 Cebola 1.400 301 301 1.665 232 Cevada 1.781 2.134 - 93 2.278 Erva Mate 1.659 1.009 1.759 976 825 Ervilhaca 280 60 86 289 155 Feijão 147.861 32.638 47.399 60.993 30.439 Laranja 54.628 88.864 28.583 54.446 64.517 Maçã 28.479 31.673 34.984 48.423 38.697 Maracujá 3.350 2.982 4.620 4.200 371 Milho 764.111 529.202 669.980 919.079 1.243.038 Nectarina - 130 - 216 164 Pepino - - - 10 - Pêssego </td <td>Ameixa</td> <td>168</td> <td>130</td> <td>-</td> <td>167</td> <td>88</td> | Ameixa | 168 | 130 | - | 167 | 88 |
| Azevém 263 137 361 227 303 Cebola 1.400 301 301 1.665 232 Cevada 1.781 2.134 - 93 2.278 Erva Mate 1.659 1.009 1.759 976 825 Ervilhaca 280 60 86 289 155 Feijão 147.861 32.638 47.399 60.993 30.439 Laranja 54.628 88.864 28.583 54.446 64.517 Maçã 28.479 31.673 34.984 48.423 38.697 Maracujá 3.350 2.982 4.620 4.200 371 Milho 764.111 529.202 669.980 919.079 1.243.038 Nectarina - 130 - 216 164 Pepino - - - 10 - Pêssego 687 260 350 430 297 Soja | Arroz em Casca | 115.817 | 121.420 | 168.439 | 204.753 | 233.240 |
| Cebola 1.400 301 301 1.665 232 Cevada 1.781 2.134 - 93 2.278 Erva Mate 1.659 1.009 1.759 976 825 Ervilhaca 280 60 86 289 155 Feijão 147.861 32.638 47.399 60.993 30.439 Laranja 54.628 88.864 28.583 54.446 64.517 Maçã 28.479 31.673 34.984 48.423 38.697 Maracujá 3.350 2.982 4.620 4.200 371 Milho 764.111 529.202 669.980 919.079 1.243.038 Nectarina - 130 - 216 164 Pepino - - - 10 - Pêssego 687 260 350 430 297 Soja 348.236 301.391 304.853 361.916 476.207 < | Aveia | 2.014 | 781 | 3.045 | 3.140 | 1.836 |
| Cevada 1.781 2.134 - 93 2.278 Erva Mate 1.659 1.009 1.759 976 825 Ervilhaca 280 60 86 289 155 Feijão 147.861 32.638 47.399 60.993 30.439 Laranja 54.628 88.864 28.583 54.446 64.517 Maçã 28.479 31.673 34.984 48.423 38.697 Maracujá 3.350 2.982 4.620 4.200 371 Milho 764.111 529.202 669.980 919.079 1.243.038 Nectarina - 130 - 216 164 Pepino - - - 10 - Pêssego 687 260 350 430 297 Soja 348.236 301.391 304.853 361.916 476.207 Trigo 49.986 35.753 65.754 66.299 71.411 | Azevém | 263 | 137 | 361 | 227 | 303 |
| Erva Mate 1.659 1.009 1.759 976 825 Ervilhaca 280 60 86 289 155 Feijão 147.861 32.638 47.399 60.993 30.439 Laranja 54.628 88.864 28.583 54.446 64.517 Maçã 28.479 31.673 34.984 48.423 38.697 Maracujá 3.350 2.982 4.620 4.200 371 Milho 764.111 529.202 669.980 919.079 1.243.038 Nectarina - 130 - 216 164 Pepino - - - 10 - Pêssego 687 260 350 430 297 Soja 348.236 301.391 304.853 361.916 476.207 Trigo 49.986 35.753 65.754 66.299 71.411 Tritcale 23 732 8.749 4.619 249 <t< td=""><td>Cebola</td><td>1.400</td><td>301</td><td>301</td><td>1.665</td><td>232</td></t<> | Cebola | 1.400 | 301 | 301 | 1.665 | 232 |
| Ervilhaca 280 60 86 289 155 Feijão 147.861 32.638 47.399 60.993 30.439 Laranja 54.628 88.864 28.583 54.446 64.517 Maçã 28.479 31.673 34.984 48.423 38.697 Maracujá 3.350 2.982 4.620 4.200 371 Milho 764.111 529.202 669.980 919.079 1.243.038 Nectarina - 130 - 216 164 Pepino - - - 10 - Pêssego 687 260 350 430 297 Soja 348.236 301.391 304.853 361.916 476.207 Trigo 49.986 35.753 65.754 66.299 71.411 Triticale 23 732 8.749 4.619 249 Uva 3.018 3.218 1.350 2.448 3.800 <tr< td=""><td>Cevada</td><td>1.781</td><td>2.134</td><td>-</td><td>93</td><td>2.278</td></tr<> | Cevada | 1.781 | 2.134 | - | 93 | 2.278 |
| Feijão 147.861 32.638 47.399 60.993 30.439 Laranja 54.628 88.864 28.583 54.446 64.517 Maçã 28.479 31.673 34.984 48.423 38.697 Maracujá 3.350 2.982 4.620 4.200 371 Milho 764.111 529.202 669.980 919.079 1.243.038 Nectarina - 130 - 216 164 Pepino - - - 10 - Pêssego 687 260 350 430 297 Soja 348.236 301.391 304.853 361.916 476.207 Trigo 49.986 35.753 65.754 66.299 71.411 Triticale 23 732 8.749 4.619 249 Uva 3.018 3.218 1.350 2.448 3.800 Aves (1.000 cab) 59.691 66.962 69.427 73.999 74.22 | Erva Mate | 1.659 | 1.009 | 1.759 | 976 | 825 |
| Laranja 54.628 88.864 28.583 54.446 64.517 Maçã 28.479 31.673 34.984 48.423 38.697 Maracujá 3.350 2.982 4.620 4.200 371 Milho 764.111 529.202 669.980 919.079 1.243.038 Nectarina - 130 - 216 164 Pepino - - - 10 - Pêssego 687 260 350 430 297 Soja 348.236 301.391 304.853 361.916 476.207 Trigo 49.986 35.753 65.754 66.299 71.411 Triticale 23 732 8.749 4.619 249 Uva 3.018 3.218 1.350 2.448 3.800 Aves (1.000 cab) 59.691 66.962 69.427 73.999 74.220 Bovinos (cab) 2.385 2.222 1.063 748 652 </td <td>Ervilhaca</td> <td>280</td> <td>60</td> <td>86</td> <td>289</td> <td>155</td> | Ervilhaca | 280 | 60 | 86 | 289 | 155 |
| Maçã 28.479 31.673 34.984 48.423 38.697 Maracujá 3.350 2.982 4.620 4.200 371 Milho 764.111 529.202 669.980 919.079 1.243.038 Nectarina - 130 - 216 164 Pepino - - - 10 - Pêssego 687 260 350 430 297 Soja 348.236 301.391 304.853 361.916 476.207 Trigo 49.986 35.753 65.754 66.299 71.411 Triticale 23 732 8.749 4.619 249 Uva 3.018 3.218 1.350 2.448 3.800 Aves (1.000 cab) 59.691 66.962 69.427 73.999 74.220 Bovinos (cab) 2.385 2.222 1.063 748 652 Suínos (1.000 cab) 1.309 1.564 1.646 1.751 1 | Feijão | 147.861 | 32.638 | 47.399 | 60.993 | 30.439 |
| Maracujá 3.350 2.982 4.620 4.200 371 Milho 764.111 529.202 669.980 919.079 1.243.038 Nectarina - 130 - 216 164 Pepino - - - 10 - Pêssego 687 260 350 430 297 Soja 348.236 301.391 304.853 361.916 476.207 Trigo 49.986 35.753 65.754 66.299 71.411 Triticale 23 732 8.749 4.619 249 Uva 3.018 3.218 1.350 2.448 3.800 Aves (1.000 cab) 59.691 66.962 69.427 73.999 74.220 Bovinos (cab) 2.385 2.222 1.063 748 652 Suínos (1.000 cab) 1.309 1.564 1.646 1.751 1.857 Leite (1.000 l) 189.574 200.562 210.791 241.430 | Laranja | 54.628 | 88.864 | 28.583 | 54.446 | 64.517 |
| Milho 764.111 529.202 669.980 919.079 1.243.038 Nectarina - 130 - 216 164 Pepino - - - 10 - Pêssego 687 260 350 430 297 Soja 348.236 301.391 304.853 361.916 476.207 Trigo 49.986 35.753 65.754 66.299 71.411 Triticale 23 732 8.749 4.619 249 Uva 3.018 3.218 1.350 2.448 3.800 Aves (1.000 cab) 59.691 66.962 69.427 73.999 74.220 Bovinos (cab) 2.385 2.222 1.063 748 652 Suínos (1.000 cab) 1.309 1.564 1.646 1.751 1.857 Leite (1.000 l) 189.574 200.562 210.791 241.430 233.005 Mexilhão Benef. (t) - - - 54 | Maçã | 28.479 | 31.673 | 34.984 | 48.423 | 38.697 |
| Nectarina - 130 - 216 164 Pepino - - - 10 - Pêssego 687 260 350 430 297 Soja 348.236 301.391 304.853 361.916 476.207 Trigo 49.986 35.753 65.754 66.299 71.411 Triticale 23 732 8.749 4.619 249 Uva 3.018 3.218 1.350 2.448 3.800 Aves (1.000 cab) 59.691 66.962 69.427 73.999 74.220 Bovinos (cab) 2.385 2.222 1.063 748 652 Suínos (1.000 cab) 1.309 1.564 1.646 1.751 1.857 Leite (1.000 l) 189.574 200.562 210.791 241.430 233.005 Mexilhão Benef. (t) - - - 54 200 | Maracujá | 3.350 | 2.982 | 4.620 | 4.200 | 371 |
| Pepino - - - 10 - Pêssego 687 260 350 430 297 Soja 348.236 301.391 304.853 361.916 476.207 Trigo 49.986 35.753 65.754 66.299 71.411 Triticale 23 732 8.749 4.619 249 Uva 3.018 3.218 1.350 2.448 3.800 Aves (1.000 cab) 59.691 66.962 69.427 73.999 74.220 Bovinos (cab) 2.385 2.222 1.063 748 652 Suínos (1.000 cab) 1.309 1.564 1.646 1.751 1.857 Leite (1.000 l) 189.574 200.562 210.791 241.430 233.005 Mexilhão Benef. (t) - - - 54 200 | Milho | 764.111 | 529.202 | 669.980 | 919.079 | 1.243.038 |
| Pêssego 687 260 350 430 297 Soja 348.236 301.391 304.853 361.916 476.207 Trigo 49.986 35.753 65.754 66.299 71.411 Triticale 23 732 8.749 4.619 249 Uva 3.018 3.218 1.350 2.448 3.800 Aves (1.000 cab) 59.691 66.962 69.427 73.999 74.220 Bovinos (cab) 2.385 2.222 1.063 748 652 Suínos (1.000 cab) 1.309 1.564 1.646 1.751 1.857 Leite (1.000 l) 189.574 200.562 210.791 241.430 233.005 Mexilhão Benef. (t) - - - 54 200 | Nectarina | - | 130 | - | 216 | 164 |
| Soja 348.236 301.391 304.853 361.916 476.207 Trigo 49.986 35.753 65.754 66.299 71.411 Triticale 23 732 8.749 4.619 249 Uva 3.018 3.218 1.350 2.448 3.800 Aves (1.000 cab) 59.691 66.962 69.427 73.999 74.220 Bovinos (cab) 2.385 2.222 1.063 748 652 Suínos (1.000 cab) 1.309 1.564 1.646 1.751 1.857 Leite (1.000 l) 189.574 200.562 210.791 241.430 233.005 Mexilhão Benef. (t) - - - 54 200 | Pepino | - | - | - | 10 | - |
| Trigo 49.986 35.753 65.754 66.299 71.411 Triticale 23 732 8.749 4.619 249 Uva 3.018 3.218 1.350 2.448 3.800 Aves (1.000 cab) 59.691 66.962 69.427 73.999 74.220 Bovinos (cab) 2.385 2.222 1.063 748 652 Suínos (1.000 cab) 1.309 1.564 1.646 1.751 1.857 Leite (1.000 l) 189.574 200.562 210.791 241.430 233.005 Mexilhão Benef. (t) - - - 54 200 | Pêssego | 687 | 260 | 350 | 430 | 297 |
| Triticale 23 732 8.749 4.619 249 Uva 3.018 3.218 1.350 2.448 3.800 Aves (1.000 cab) 59.691 66.962 69.427 73.999 74.220 Bovinos (cab) 2.385 2.222 1.063 748 652 Suínos (1.000 cab) 1.309 1.564 1.646 1.751 1.857 Leite (1.000 l) 189.574 200.562 210.791 241.430 233.005 Mexilhão Benef. (t) - - - 54 200 | Soja | 348.236 | 301.391 | 304.853 | 361.916 | 476.207 |
| Uva 3.018 3.218 1.350 2.448 3.800 Aves (1.000 cab) 59.691 66.962 69.427 73.999 74.220 Bovinos (cab) 2.385 2.222 1.063 748 652 Suínos (1.000 cab) 1.309 1.564 1.646 1.751 1.857 Leite (1.000 l) 189.574 200.562 210.791 241.430 233.005 Mexilhão Benef. (t) - - - 54 200 | Trigo | 49.986 | 35.753 | 65.754 | 66.299 | 71.411 |
| Aves (1.000 cab) 59.691 66.962 69.427 73.999 74.220 Bovinos (cab) 2.385 2.222 1.063 748 652 Suínos (1.000 cab) 1.309 1.564 1.646 1.751 1.857 Leite (1.000 l) 189.574 200.562 210.791 241.430 233.005 Mexilhão Benef. (t) - - - 54 200 | Triticale | 23 | 732 | 8.749 | 4.619 | 249 |
| Bovinos (cab) 2.385 2.222 1.063 748 652 Suínos (1.000 cab) 1.309 1.564 1.646 1.751 1.857 Leite (1.000 l) 189.574 200.562 210.791 241.430 233.005 Mexilhão Benef. (t) - - - 54 200 | Uva | 3.018 | 3.218 | 1.350 | 2.448 | 3.800 |
| Suínos (1.000 cab) 1.309 1.564 1.646 1.751 1.857 Leite (1.000 l) 189.574 200.562 210.791 241.430 233.005 Mexilhão Benef. (t) - - - 54 200 | Aves (1.000 cab) | 59.691 | 66.962 | 69.427 | 73.999 | 74.220 |
| Leite (1.000 I) 189.574 200.562 210.791 241.430 233.005 Mexilhão Benef. (t) - - - 54 200 | Bovinos (cab) | 2.385 | 2.222 | 1.063 | 748 | 652 |
| Mexilhão Benef. (t) 54 200 | Suínos (1.000 cab) | 1.309 | 1.564 | 1.646 | 1.751 | 1.857 |
| • • | Leite (1.000 I) | 189.574 | 200.562 | 210.791 | 241.430 | 233.005 |
| Ostras (dúzias) 800 180 | Mexilhão Benef. (t) | - | - | - | 54 | 200 |
| | Ostras (dúzias) | - | - | - | 800 | 180 |

FONTE: Ocesc



TABELA 17/II – MÁQUINAS AGRÍCOLAS VENDIDAS, SEGUNDO O TIPO – SANTA CATARINA – 1997-2001 (nº)

| DISCRIMINAÇÃO | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 |
|----------------------|--------|--------|-------|-------|-------|
| Cultivadores | 160 | 95 | 95 | 141 | 199 |
| Trator de rodas | 786 | 867 | 1.013 | 1.159 | 1.732 |
| Tratores de esteiras | 25 | 25 | 22 | 37 | 17 |
| Colheitadeiras | 50 | 85 | 131 | 136 | 156 |
| Retroescavadeiras | 126 | 169 | 62 | 126 | 86 |
| TOTAL CEDAL | 1 1/17 | 1 2/11 | 1 222 | 1 500 | 2 100 |

FONTE: Anfavea.

TABELA 18/II – CONSUMO APARENTE DE FERTILIZANTES, SEGUNDO O TIPO – SANTA CATARINA – 1997-2001 (t)

| DISCRIMINAÇÃO | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 |
|---------------|---------|---------|---------|---------|---------|
| Fertilizantes | 353.351 | 383.414 | 349.552 | 435.680 | 468.256 |
| Nutrientes | | | | | |
| -N | 52.389 | 58.635 | 56.235 | 71.544 | 78.112 |
| - P205 | 56.774 | 57.638 | 52.002 | 61.971 | 65.818 |
| - K20 | 50.372 | 55.910 | 47.537 | 55.700 | 57.230 |

FONTE: Anda.

TABELA 19/II – PRODUÇÃO DE SEMENTES CERTIFICADAS (1), SEGUNDO OS PRODUTOS AGRÍCOLAS – SANTA CATARINA – SAFRAS 96/97-00/01 (t)

| CULTURA | 96/97 | 97/98 | 98/99 | 99/00 | 00/01 |
|----------------|-----------|----------|----------|-----------|-----------|
| Alho | - | 88,60 | 96,00 | - | - |
| Arroz-irrigado | 4.020,92 | 6.580,39 | 5.898,49 | 10.058,99 | 8.888,24 |
| Batata-semente | 15.836,79 | 8.779,23 | 9.803,54 | 11.557,17 | 15.299,76 |
| Feijão | 71,25 | 5,00 | - | 120,00 | - |
| Milho | - | - | - | 5.354,43 | 8.691,56 |
| Soja | - | 193,35 | 1.285,00 | 485,80 | 714,46 |
| Trigo | - | 23,46 | 368,00 | 158,10 | - |

FONTE: Cidasc.

(1) Produção aprovada.

TABELA 20/II – PRODUÇÃO DE SEMENTES FISCALIZADAS (1), SEGUNDO OS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS - SANTA CATARINA – SAFRAS 96/97-00/01 (t)

| CULTURA | 96/97 | 97/98 | 98/99 | 99/00 | 00/01 |
|-------------------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| Arroz-irrigado | 2.510,60 | 979,02 | - | - | 314,77 |
| Arroz-de-sequeiro | 36,00 | 135,00 | 165,00 | 5,10 | - |
| Aveia | 656,16 | 550,05 | 19,20 | 2.795,55 | 967,88 |
| Azevém | 28,45 | 57,80 | 138,00 | 101,70 | 101,58 |
| Cevada | 108,00 | 288,00 | 169,50 | 292,61 | 279,01 |
| Feijão | 2.706,52 | 2.244,26 | 7.075,13 | 2.470,49 | 902,36 |
| Milheto | 240,00 | 125,00 | 60,00 | 190,00 | 386,00 |
| Milho | 3.120,06 | 3.361,88 | 7.767,00 | - | 10.494,97 |
| Soja | 76.363,23 | 77.247,47 | 67.684,85 | 65.112,04 | 48.979,37 |
| Trigo | 7.069,65 | 3.900,19 | 8.189,30 | 4.559,65 | 7.014,20 |
| Triticale | 136,00 | 146,30 | 656,90 | 656,90 | 1.076,25 |

FONTE: Cidasc.

(1) Produção aprovada.



TABELA 21/II – CRÉDITO RURAL CONCEDIDO A PRODUTORES E COOPERATIVAS, SEGUNDO A FINALIDADE – SANTA CATARINA 1998-2001

| DISCRIMINAÇÃO | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 |
|---------------------------|-------------|-------------|-------------|---------------|
| CUSTEIO | | | | |
| Número de contratos | 121.857 | 132.837 | 141.303 | 176.350 |
| - Atividade agrícola | 113.227 | 124.735 | 134.065 | 160.670 |
| - Atividade pecuária | 8.630 | 8.102 | 7.238 | 15.680 |
| Valor dos contratos (R\$) | 580.481.421 | 637.756.403 | 752.118.658 | 1.437.900.738 |
| - Atividade agrícola | 380.275.740 | 447.910.920 | 507.136.985 | 984.305.093 |
| - Atividade pecuária | 200.205.681 | 189.845.482 | 244.981.673 | 453.595.645 |
| INVESTIMENTO | | | | |
| Número de contratos | 9.971 | 7.191 | 14.816 | 25.978 |
| - Atividade agrícola | 8.657 | 5.244 | 10.654 | 18.273 |
| - Atividade pecuária | 1.314 | 1.947 | 4.162 | 7.705 |
| Valor dos contratos (R\$) | 47.030.810 | 56.785.349 | 109.976.951 | 238.150.879 |
| - Atividade agrícola | 36.364.086 | 40.155.369 | 68.665.459 | 152.986.774 |
| - Atividade pecuária | 10.666.724 | 16.629.980 | 41.311.492 | 85.164.105 |
| COMERCIALIZAÇÃO | | | | |
| Número de contratos | 614 | 1.395 | 1.886 | 955 |
| - Atividade agrícola | 248 | 558 | 1.025 | 475 |
| - Atividade pecuária | 366 | 837 | 861 | 480 |
| Valor dos contratos (R\$) | 99.089.944 | 172.341.053 | 276.256.235 | 275.935.041 |
| - Atividade agrícola | 94.981.175 | 153.186.410 | 244.516.883 | 243.938.517 |
| - Atividade pecuária | 4.108.769 | 19.154.643 | 31.739.352 | 31.996.524 |

FONTE: BCB.

INFORMAÇÕES ECONÔMICAS DA AGROPECUÁRIA

TABELA 22/II – ESTIMATIVA DO BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA DOS PRINCIPAIS PRODUTOS VEGETAIS – SANTA CATARINA – SAFRAS – 00/01-01/02

| | SAFRA 00/01 | | | | | | | | | | | | |
|-----------|-------------|---------------------|---------------------|-------------|------------------|--------|---------|--------|--|--|--|--|--|
| | | | DEMANDA | | | | | | | | | | |
| PRODUTO | OFERTA | | CONSUMO | | RESERVAS | | | SALD0 | | | | | |
| | | ANIMAL IN NATURA | HUMANO IN NATURA | INDUSTRIAL | PARA SEMENTES | PERDAS | TOTAL | | | | | | |
| Alho | 16,4 | - | 4,5 | 3,2 | 4,4 | 1,2 | 13,3 | 3,1 | | | | | |
| Arroz | 892,7 | - | 439,0 | - | 28,0 | 2,5 | 469,5 | 423,2 | | | | | |
| Banana | 546,0 | - | 110,0 | 80,0 | - | 163,8 | 353,8 | 192,2 | | | | | |
| Batata | 128,8 | - | 140,0 | - | 17,5 | 2,2 | 159,7 | -30,9 | | | | | |
| Cebola | 375,6 | - | 30,0 | - | - | 115,6 | 145,6 | 230,0 | | | | | |
| Feijão | 164,2 | - | 75,0 | 1,0 | 4,0 | 14,0 | 94,0 | 70,2 | | | | | |
| Mandioca | 709,0 | 226,6 | 47,7 | 425,7 | - | 9,0 | 709,0 | 0,0 | | | | | |
| Milho (1) | 4.000,0 | 4.452,1 | 85,0 | 50,0 | 4,0 | 195,0 | 4.786,1 | -786,1 | | | | | |
| Soja | 534,3 | 6,0 | 3,0 | 1.150,0 | 20,0 | 15,0 | 1.194,0 | -659,7 | | | | | |
| Trigo | 54,3 | - | - | 330,0 | 5,0 | 1,1 | 336,1 | -281,8 | | | | | |
| | | | | SAFRA 01/02 | | | | | | | | | |

| | | SAFKA UT/UZ | | | | | | | | | | | |
|-----------|---------|---------------------|---------------------|------------|------------------|--------|---------|----------|--|--|--|--|--|
| | | | | DEMAN | DA | | | | | | | | |
| PRODUTO | OFERTA | | CONSUMO | | RESERVAS | | | SALD0 | | | | | |
| | | ANIMAL IN NATURA | HUMANO IN NATURA | INDUSTRIAL | PARA SEMENTES | PERDAS | TOTAL | | | | | | |
| Alho | 19,6 | - | 4,5 | 3,8 | 8,4 | 1,3 | 18,0 | 1,6 | | | | | |
| Arroz | 905,5 | - | 439,5 | - | 28,0 | 2,5 | 470,0 | 435,5 | | | | | |
| Banana | 585,8 | - | 110,0 | 80,0 | - | 175,4 | 365,4 | 220,4 | | | | | |
| Batata | 138,5 | - | 140,0 | - | 18,0 | 2,5 | 160,5 | -22,0 | | | | | |
| Cebola | 394,6 | - | 30,0 | - | - | 134,6 | 164,6 | 230,0 | | | | | |
| Feijão | 170,0 | - | 75,0 | 1,0 | 4,0 | 14,0 | 94,0 | 76,0 | | | | | |
| Mandioca | 600,0 | 192,0 | 40,0 | 360,0 | - | 8,0 | 600,0 | 0,0 | | | | | |
| Milho (1) | 3.250,0 | 4.610,8 | 85,0 | 50,0 | 4,0 | 100,0 | 4.849,8 | -1.599,8 | | | | | |
| Soja | 548,0 | 6,0 | 3,0 | 1.140,0 | 20,0 | 17,0 | 1.186,0 | -638,0 | | | | | |
| Trigo | 79,9 | - | - | 335,0 | 7,0 | 1,6 | 343,6 | -263,7 | | | | | |

FONTE: Instituto Cepa/SC.

Oferta de milho mais substitutos.
Obs.: Estimado em 5/7/02.



TABELA 23/II – EXPORTAÇÕES DO AGRONEGÓCIO CATARINENSE – 2000-2002

(US\$ 1000 FOB)

| DDODUTOS EVDODTADOS | 2000 | 0004 | | | 2002 | | |
|---|-----------|-----------|---------|-----------|---------|---------|---------|
| PRODUTOS EXPORTADOS | 2000 | 2001 | Janeiro | Fevereiro | Março | Abril | Maio |
| PRODUÇÃO ANIMAL E DERIVADOS | | | | | | | |
| Carne suína e miudezas | 92.843 | 226.174 | 12.772 | 28.635 | 29.433 | 23.987 | 24.672 |
| Carnes de aves e miudezas | 424.467 | 605.607 | 40.129 | 45.300 | 53.425 | 37.871 | 35.326 |
| Outras carnes | 30.875 | 39.137 | 2.197 | 1.695 | 2.463 | 1.488 | 2.029 |
| Mel natural | 262 | 2.042 | 112 | 195 | 338 | 416 | 432 |
| Leite, creme de leite e concentrados | 82 | 36 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Pescado, crustáceos e preparações | 20.699 | 23.730 | 962 | 983 | 1.627 | 826 | 1.420 |
| Subtotal | 569.229 | 896.472 | 56.172 | 76.808 | 87.286 | 64.588 | 63.879 |
| PRODUÇÃO VEGETAL E DERIVADOS | | | | | | | |
| Milho de semeadura | 613 | 31 | 155 | 58 | 0 | 0 | 0 |
| Arroz semibrangueado | 435 | 443 | 17 | 15 | 22 | 15 | 19 |
| Outros cereais | 167 | 7.274 | 457 | 0 | 1 | 0 | 2 |
| Açúcar e produtos de confeitaria | 7.790 | 7.539 | 3.185 | 574 | 519 | 173 | 559 |
| Fumo | 88.697 | 90.579 | 550 | 7.991 | 6.040 | 4.236 | 2.760 |
| Banana | 4.284 | 6.621 | 1.114 | 1.108 | 1.204 | 1.279 | 1.933 |
| Maçã | 18.865 | 9.964 | 131 | 4.894 | 6.123 | 2.874 | 1.284 |
| Outras frutas frescas ou secas | 657 | 514 | 43 | 27 | 56 | 58 | 56 |
| Óleo de soja, em bruto degomado | 22.902 | 27.979 | 0 | 3.205 | 0 | 4.985 | 6.014 |
| Soja para semeadura | 538 | 462 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Outs grãos de soja, mesmo triturados | 14 | 4.920 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Outros óleos de soja | 104 | 968 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Sucos de frutas | 15.390 | 5.119 | 255 | 1.714 | 417 | 373 | 0 |
| Goma e resina | 682 | 1.195 | 109 | 21 | 133 | 112 | 166 |
| Erva-mate e derivados | 2.638 | 2.913 | 239 | 147 | 119 | 232 | 258 |
| Outros produtos hortícolas (frescos ou refrig.) | 455 | 382 | 5 | 5 | 4 | 0 | 73 |
| Preparação de produtos hortícolas (conservas) | 4.342 | 3.505 | 249 | 344 | 214 | 268 | 323 |
| Outros frutos e sementes oleginosas | 226 | 135 | 2 | 3 | 11 | 3 | 5 |
| Plantas ornamentais | 102 | 238 | 29 | 10 | 41 | 16 | 41 |
| Subtotal | 168.900 | 170.780 | 6.540 | 20.116 | 14.904 | 14.624 | 13.493 |
| OUTROS PRODUTOS DA INDÚSTRIA AGROALIMEN | ITAR | | | | | | |
| Indústria de moagem | 572 | 1.561 | 399 | 98 | 96 | 260 | 124 |
| Outros produtos da indústria alimentar | 34.889 | 15.794 | 80 | 140 | 214 | 179 | 556 |
| Óleos e gorduras | 1.634 | 1.280 | 111 | 50 | 89 | 7 | 166 |
| Subtotal | 37.095 | 18.635 | 590 | 288 | 399 | 446 | 846 |
| INDÚSTRIA DA MADEIRA PAPEL E PAPELÃO | | | | | | | |
| Madeira e obras de madeiras | 298.908 | 321.928 | 22.442 | 26.455 | 30.863 | 31.299 | 33.459 |
| Móveis de madeira | 214.290 | 219.355 | 16.258 | 18.931 | 22.141 | 23.662 | 24.389 |
| Papel e papelão | 104.221 | 111.303 | 9.848 | 9.714 | 9.386 | 8.116 | 8.377 |
| Subtotal | 617.419 | 652.586 | 48.548 | 55.100 | 62.390 | 63.077 | 66.225 |
| TOTAL GERAL | 1.392.643 | 1.738.473 | 111.850 | 152.312 | 164.979 | 142.735 | 144.443 |
| TOTAL SANTA CATARINA | 2.711.703 | 3.028.399 | 197.449 | 252.117 | 275.607 | 254.370 | 255.785 |

FONTE: Secex/Decex.



TABELA 24/II – IMPORTAÇÕES DO AGRONEGÓCIO CATARINENSE – 2000-2002

(US\$ 1000 FOB)

| PRODUTOS IMPORTADOS | 2000 | 2001 | | | 2002 | | |
|---|---------|---------|---------|-----------|--------|--------|--------|
| THOUGHT OF THE STANDOO | 2000 | 2001 | Janeiro | Fevereiro | Março | Abril | Maio |
| PRODUÇÃO ANIMAL E DERIVADOS | | | | | | | |
| Carne suína e miudezas | 337 | 529 | 55 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Carnes de aves e miudezas | 628 | 481 | 36 | 308 | 0 | 552 | 0 |
| Carnes de bovinos e miudezas | 12.629 | 3.557 | 123 | 80 | 42 | 196 | 161 |
| Outras carnes | 160 | 122 | 19 | 18 | 0 | 23 | 4 |
| Leite, queijos e derivados | 2.478 | 1.272 | 235 | 119 | 118 | 208 | 445 |
| Pescado e crustáceos e preparações | 16.059 | 17.401 | 1.609 | 1.428 | 2.203 | 2.000 | 2.375 |
| Subtotal | 32.291 | 23.362 | 2.077 | 1.953 | 2.363 | 2.979 | 2.985 |
| PRODUÇÃO VEGETAL E DERIVADOS | | | | | | | |
| Milho | 59.060 | 52.769 | 555 | 729 | 1.191 | 270 | 2.754 |
| Trigo | 263 | 27 | 2.826 | 4.823 | 2.550 | 5.622 | 4.590 |
| Outros cereais | 16.305 | 1.680 | 267 | 109 | 86 | 55 | 74 |
| Fumo | 2.169 | 4.556 | 295 | 76 | 1.944 | 394 | 169 |
| Maçã | 982 | 3.011 | 31 | 33 | 74 | 105 | 32 |
| Pêra | 2.061 | 1.799 | 175 | 253 | 254 | 109 | 45 |
| Ameixa | 1.428 | 1.198 | 29 | 103 | 161 | 134 | 6 |
| Kiwi | 522 | 614 | 0 | 0 | 58 | 46 | 44 |
| Uva | 362 | 498 | 34 | 57 | 76 | 33 | 61 |
| Outras frutas frescas ou secas | 1.253 | 919 | 128 | 23 | 21 | 8 | 14 |
| Complexo soja | 13.834 | 30.188 | 4.288 | 2.259 | 4.911 | 1.128 | 1.810 |
| Sucos de frutas | 105 | 13 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Goma e resina | 2.242 | 1.722 | 166 | 15 | 130 | 184 | 83 |
| Cebola | 1.168 | 525 | 5 | 23 | 59 | 143 | 246 |
| Alho | 1.142 | 255 | 128 | 29 | 5 | 26 | 19 |
| Outros produtos hortícolas (frescos ou refrig.) | 459 | 2.677 | 212 | 191 | 130 | 172 | 196 |
| Preparação de produtos hortícolas (conservas) | 4.951 | 4.759 | 482 | 513 | 284 | 508 | 368 |
| Outros frutos e sementes oleaginosas | 399 | 4.733 | 72 | 19 | 46 | 6 | 14 |
| | | 106 | | | | 0 | |
| Plantas ornamentais | 100.745 | | 0 000 | 0.255 | 11.000 | | 10 525 |
| Subtotal | 108.745 | 107.728 | 9.693 | 9.255 | 11.980 | 8.943 | 10.525 |
| OUTROS PRODUTOS DA INDÚSTRIA AGROALIMENTA | | | | | | | |
| Malte | 2.102 | 2.573 | 189 | 0 | 15 | 111 | 119 |
| Outros produtos da indústria de moagem | 221 | 500 | 87 | 53 | 58 | 44 | 23 |
| Leveduras vivas ou mortas | 1.988 | 1.829 | 151 | 204 | 114 | 203 | 230 |
| Outros produtos da indústria alimentar | 603 | 866 | 381 | 133 | 139 | 238 | 172 |
| Açúcar e produtos de confeitaria | 3.576 | 2.272 | 121 | 365 | 260 | 145 | 175 |
| Indústria de bebidas | 1.665 | 1.838 | 53 | 87 | 183 | 155 | 146 |
| ndústria de alimentos para animais | 18.148 | 40.224 | 5.638 | 5.524 | 3.607 | 5.091 | 4.325 |
| Óleos e gorduras animais ou vegetais | 3.735 | 4.152 | 1.484 | 47 | 23 | 196 | 1.013 |
| Plantas industriais e medicinais | 44 | 44 | 20 | 19 | 13 | 6 | 0 |
| Subtotal | 32.082 | 54.298 | 8.124 | 6.432 | 4.412 | 6.189 | 6.203 |
| NDÚSTRIA DA MADEIRA PAPEL E PAPELÃO | | ı | 1 | | | | |
| Madeira e obras de madeiras | 3.719 | 2.928 | 104 | 282 | 232 | 196 | 413 |
| Móveis de madeira | 61 | 40 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 |
| Papel e papelão | 16.298 | 8.320 | 620 | 618 | 543 | 443 | 480 |
| Subtotal | 20.078 | 11.288 | 724 | 900 | 776 | 639 | 893 |
| TOTAL GERAL | 193.196 | 196.676 | 20.618 | 18.540 | 19.531 | 18.750 | 20.606 |
| TOTAL SANTA CATARINA | 957.117 | 860.372 | 84.413 | 61.937 | 63.864 | 81.132 | 74.938 |

FONTE: Secex/Decex.



TABELA 25/II – VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO, CONSUMO INTERMEDIÁRIO E PRODUTO INTERNO BRUTO SEGUNDO A ATIVIDADE ECONÔMICA DO SETOR PRIMÁRIO – SANTA CATARINA – 1995-2001 (1) (mil R (mil R\$)

| GRUPOS DE ATIVIDADE | | | VALOR BRUTO | DA PRODUÇÃO | | |
|--------------------------------------|-----------|-----------|-------------|-------------|-----------|-----------|
| ECONÔMICA | 1996 | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 (2) |
| Lavouras, horticultura, floricultura | 1.221.732 | 1.511.624 | 1.558.439 | 1.801.137 | 2.123.248 | 2.532.180 |
| Pecuária | 1.751.995 | 2.007.984 | 2.066.999 | 2.439.914 | 2.967.589 | 3.522.480 |
| Indústria rural | 181.906 | 207.311 | 236.046 | 266.211 | 343.096 | 398.312 |
| Silvicultura | 314.262 | 213.949 | 300.170 | 388.853 | 464.019 | 535.776 |
| Extração vegetal | 66.907 | 56.615 | 52.036 | 50.841 | 53.026 | 61.429 |
| Prod. part. do pessoal residente | 4.104 | 4.091 | 4.695 | 5.629 | 6.409 | 6.943 |
| TOTAL | 3.540.906 | 4.022.384 | 4.218.385 | 4.952.585 | 5.957.387 | 7.057.119 |
| Consumo Intermediário | 1.043.522 | 1.178.974 | 1.223.587 | 1.472.635 | 1.810.832 | 2.177.628 |
| Produto Interno Bruto | 2.497.384 | 2.823.411 | 2.994.798 | 3.479.950 | 4.146.555 | 4.879.491 |

FONTE: Instituto Cepa/SC. (1) Não inclui pesca e aquiculura.
(2) Estimativa.

TABELA 26/II – VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS CATARINENSES – 1994-2001 (RS)

| PRODUTOS | 1994 | 1995 | 1996 | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 |
|-----------------------------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|
| Arroz | 125.616.000 | 129.825.000 | 108.443.000 | 124.081.000 | 190.864.000 | 218.666.000 | 199.003.000 | 278.902.389 |
| Alho | 26.025.000 | 13.070.000 | 18.981.000 | 27.468.000 | 28.997.000 | 39.843.000 | 38.974.000 | 41.237.262 |
| Batata-inglesa | 49.798.000 | 46.058.000 | 24.439.000 | 26.489.000 | 29.234.000 | 24.093.000 | 27.493.000 | 44.858.652 |
| Cana-de-açúcar | 16.539.000 | 12.510.000 | 10.780.000 | 16.898.000 | 20.589.000 | 20.692.000 | 24.482.000 | 43.386.265 |
| Cebola | 61.609.000 | 71.265.000 | 40.206.000 | 73.307.000 | 52.703.000 | 85.487.000 | 109.993.000 | 108.979.696 |
| Feijão | 142.551.000 | 132.293.000 | 91.004.000 | 118.110.000 | 110.902.000 | 113.935.000 | 101.370.000 | 185.006.464 |
| Fumo | 182.865.000 | 200.416.000 | 308.717.000 | 377.058.000 | 303.060.000 | 367.614.000 | 369.953.000 | 360.254.496 |
| Mandioca | 34.735.000 | 42.625.000 | 34.033.000 | 47.469.000 | 54.079.000 | 61.638.000 | 83.225.000 | 85.462.031 |
| Milho | 297.538.000 | 365.907.000 | 275.624.000 | 311.908.000 | 327.994.000 | 446.473.000 | 618.007.000 | 589.304.367 |
| Soja | 57.762.000 | 66.654.000 | 79.065.000 | 99.249.000 | 110.324.000 | 124.599.000 | 146.709.000 | 186.869.484 |
| Tomate | 18.614.000 | 25.197.000 | 17.007.000 | 40.459.000 | 39.053.000 | 30.559.000 | 33.644.000 | 46.377.707 |
| Trigo | 8.351.000 | 8.333.000 | 14.142.154 | 4.402.000 | 5.710.000 | 7.598.000 | 10.105.000 | 17.741.165 |
| Banana | 92.022.000 | 69.782.000 | 37.395.000 | 38.425.000 | 52.002.000 | 50.658.000 | 59.183.000 | 73.738.393 |
| Laranja | 7.637.000 | 20.006.000 | 10.944.000 | 16.543.000 | 24.343.000 | 23.579.000 | 32.161.000 | 43.201.093 |
| Maça | 44.923.000 | 66.620.000 | 129.995.000 | 163.234.000 | 180.056.000 | 154.736.000 | 229.281.000 | 380.016.339 |
| Uva | 15.223.000 | 14.887.000 | 6.970.000 | 9.218.000 | 10.687.000 | 10.347.000 | 15.357.000 | 16.068.872 |
| Carvão Vegetal (1) | 6.379.000 | 2.811.000 | 2.895.000 | 2.451.000 | 2.127.000 | 2.521.000 | 2.788.000 | 3.122.663 |
| Erva-mate (1) | 29.879.000 | 41.294.000 | 27.589.000 | 25.780.000 | 25.398.000 | 24.626.000 | 24.289.000 | 29.330.152 |
| Lenha (1) | 31.960.000 | 32.468.000 | 17.710.000 | 19.564.000 | 18.760.000 | 18.813.000 | 20.775.000 | 23.940.081 |
| Madeira em toras (1) | 64.360.000 | 55.217.000 | 17.989.000 | 8.208.000 | 5.188.000 | 4.331.000 | 4.601.000 | 4.371.944 |
| Madeiras para papel (2) | 65.022.000 | 71.741.000 | 59.987.000 | 40.419.000 | 42.044.000 | 59.987.000 | 70.022.000 | 83.143.816 |
| Toras para outras finalidades (2) | 158.916.026 | 285.372.224 | 160.508.000 | 113.212.000 | 172.287.000 | 220.495.000 | 267.370.000 | 301.963.991 |
| Lenha (2) | 25.426.000 | 32.248.000 | 32.240.000 | 18.430.000 | 27.071.000 | 32.240.000 | 35.780.000 | 45.771.723 |
| Bovino (3) | 192.395.652 | 268.383.916 | 251.251.221 | 285.768.068 | 340.280.318 | 373.819.794 | 490.049.140 | 571.426.940 |
| Suíno (3) | 368.813.681 | 623.657.489 | 620.175.207 | 739.844.745 | 740.968.631 | 922.774.461 | 1.060.071.953 | 1.327.329.127 |
| Frango (3) | 314.344.645 | 482.579.885 | 520.337.116 | 572.304.206 | 554.816.544 | 637.789.614 | 738.762.574 | 860.903.166 |
| Leite (3) | 106.077.095 | 168.262.150 | 182.897.712 | 197.860.912 | 207.610.536 | 231.046.794 | 299.997.523 | 299.436.278 |
| Lã | 118.565 | 270.295 | 182.714 | 129.931 | 130.919 | 125.585 | 85.932 | 174.880 |
| Ovos de galinha | 60.661.163 | 88.522.973 | 105.689.308 | 123.600.499 | 121.856.963 | 127.389.621 | 148.040.000 | 142.356.095 |
| Mel | 6.263.970 | 13.743.254 | 17.529.787 | 14.211.190 | 15.975.192 | 15.285.985 | 21.776.785 | 21.833.016 |
| Camarão | | | | | | | 1.806.691 | 5.602.763 |
| Ostra | | | | | | | 2.591.825 | 6.688.179 |
| Mexilhão | | | | | | | 8.419.460 | 7.351.410 |
| Peixes de águas interiores | | | | | | | 24.088.029 | 27.333.645 |
| TOTAL | 2.612.424.797 | 3.452.019.186 | 3.224.726.220 | 3.656.101.551 | 3.815.111.103 | 4.451.761.855 | 5.320.254.911 | 6.263.484.544 |

FONTE: IBGE e Instituto Cepa/SC.

Profit : IBGE e instituto Lepa/St.

¹ Produtos da extração vegetal.

² Produtos da extração vegetal.

³ Estimativa Instituto Cepa/SC (produção de leite e abates totais).

Obs: Para os dados de produção dos anos mais recentes obtidos no LSPA, o valor da produção foi estimado temporariamente pelos preços do Instituto Cepa/SC até que os documentos acima sejam disponibilizados.



TABELA 27/II – ÍNDICE DE PRODUTIVIDADE DAS PRINCIPAIS CULTURAS – SANTA CATARINA – 1987-2001 (ano base 1985 = 100)

| PRODUTO | ALH0 | ARROZ | BANANA | BATATA INGLESA | CEBOLA | FEIJÃO | FUMO EM FOLHA | MAÇÃ | MANDIOCA | MILHO | SOJA | TOMATE | TRIGO | UVA |
|---------|--------|--------|--------|-------------------|--------|--------|------------------|--------|----------|--------|--------|--------|--------|--------|
| 1987 | 108,71 | 100,73 | 97,74 | 94,80 | 110,95 | 77,01 | 89,62 | 97,28 | 120,63 | 104,88 | 93,77 | 112,96 | 96,26 | 78,73 |
| 1988 | 80,98 | 113,02 | 97,53 | 99,59 | 108,48 | 89,76 | 97,50 | 106,12 | 125,55 | 104,74 | 93,35 | 111,36 | 56,02 | 106,98 |
| 1989 | 108,65 | 113,88 | 91,54 | 98,43 | 87,94 | 92,16 | 95,99 | 114,33 | 129,27 | 116,54 | 112,26 | 127,02 | 100,13 | 106,38 |
| 1990 | 94,95 | 120,43 | 98,15 | 107,62 | 111,47 | 86,65 | 101,72 | 133,38 | 128,63 | 115,03 | 108,22 | 130,59 | 77,59 | 114,85 |
| 1991 | 96,82 | 130,91 | 97,35 | 95,07 | 110,63 | 62,60 | 96,02 | 108,17 | 129,84 | 63,02 | 69,38 | 128,31 | 98,93 | 78,47 |
| 1992 | 112,64 | 147,89 | 115,94 | 104,60 | 107,38 | 126,43 | 102,53 | 137,20 | 134,12 | 130,88 | 133,34 | 115,11 | 114,29 | 107,36 |
| 1993 | 122,45 | 132,44 | 124,81 | 118,73 | 107,42 | 110,11 | 100,91 | 178,47 | 134,90 | 136,95 | 147,25 | 153,12 | 98,49 | 112,82 |
| 1994 | 101,47 | 143,89 | 126,93 | 118,42 | 114,32 | 127,54 | 102,13 | 128,77 | 131,78 | 140,03 | 148,95 | 160,23 | 93,62 | 103,50 |
| 1995 | 103,98 | 147,94 | 103,41 | 110,54 | 106,72 | 108,03 | 94,23 | 135,87 | 135,68 | 150,09 | 161,82 | 152,42 | 113,37 | 98,61 |
| 1996 | 88,47 | 150,56 | 92,83 | 114,67 | 96,43 | 112,09 | 90,92 | 173,76 | 80,72 | 132,76 | 180,24 | 92,76 | 112,97 | 71,26 |
| 1997 | 100,29 | 160,59 | 112,82 | 110,33 | 108,73 | 124,45 | 107,70 | 189,66 | 116,73 | 156,79 | 179,03 | 147,69 | 72,40 | 92,42 |
| 1998 | 127,54 | 173,59 | 122,67 | 111,67 | 114,68 | 87,15 | 78,87 | 182,06 | 121,29 | 146,79 | 175,37 | 154,22 | 114,17 | 88,85 |
| 1999 | 135,80 | 194,26 | 131,79 | 110,47 | 165,39 | 105,70 | 109,07 | 186,87 | 134,39 | 150,23 | 159,31 | 149,78 | 141,63 | 83,04 |
| 2000 | 147,04 | 191,50 | 140,53 | 122,77 | 194,62 | 141,20 | 110,18 | 144,13 | 134,31 | 179,79 | 184,04 | 147,80 | 136,23 | 102,65 |
| 2001 | 146,95 | 210,96 | 137,45 | 131,84 | 161,01 | 150,47 | 106,97 | 172,64 | 139,63 | 196,20 | 200,20 | 154,64 | 121,33 | 93,87 |

FONTE: Instituto Cepa/SC.

PREÇOS AGRÍCOLAS

TABELA 28/II – PREÇOS MÍNIMOS VIGENTES, POR PRODUTO, NA REGIÃO CENTRO-SUL – 1998-2002

(R\$)

| AN0 | MÊS | ARROZ IRRIGADO (sc 50 kg) | ARROZ SEQUEIRO (sc 60 kg) | FEIJÃO (sc 60 kg) | SOJA (sc 60 kg) | MILHO (sc 60 kg) | TRIGO (t) | MANDIOCA (raiz) (t) | FARINHA DE MANDIOCA (50 kg) | FÉCULA DE MANDIOCA (kg) |
|------|-----|---------------------------------|---------------------------------|----------------------|--------------------|---------------------|--------------|---------------------------|-----------------------------------|-------------------------------|
| | Jan | 10,53 | 9,30 | 26,00 | 8,88 | 6,70 | 157,00 | 25,00 | 7,70 | 0,229 |
| | Fev | 10,53 | 9,30 | 26,00 | 9,50 | 6,70 | 157,00 | 25,00 | 7,70 | 0,229 |
| | Mar | 10,53 | 9,30 | 26,00 | 9,50 | 6,70 | 157,00 | 25,00 | 7,70 | 0,229 |
| | Abr | 10,53 | 9,30 | 26,00 | 9,50 | 6,70 | 157,00 | 25,00 | 7,70 | 0,229 |
| | Mai | 10,53 | 9,30 | 26,00 | 9,50 | 6,70 | 157,00 | 25,00 | 7,70 | 0,229 |
| 1998 | Jun | 10,53 | 9,30 | 26,00 | 9,50 | 6,70 | 157,00 | 25,00 | 7,70 | 0,229 |
| | Jul | 10,53 | 9,30 | 26,00 | 9,50 | 6,70 | 157,00 | 25,00 | 7,70 | 0,229 |
| | Ago | 10,53 | 9,30 | 26,00 | 9,50 | 6,70 | 157,00 | 25,00 | 7,70 | 0,229 |
| | Set | 10,53 | 9,30 | 26,00 | 9,50 | 6,70 | 157,00 | 25,00 | 7,70 | 0,229 |
| | Out | 10,53 | 9,30 | 26,00 | 9,50 | 6,70 | 157,00 | 25,00 | 7,70 | 0,229 |
| | Nov | 10,53 | 9,30 | 26,00 | 9,50 | 6,70 | 157,00 | 25,00 | 7,70 | 0,229 |
| | Dez | 10,53 | 9,30 | 26,00 | 9,50 | 6,70 | 157,00 | 25,00 | 7,70 | 0,229 |
| | Jan | 10,53 | 9,30 | 26,00 | 9,50 | 6,70 | 157,00 | 25,00 | 7,70 | 0,229 |
| | Fev | 10,53 | 9,30 | 26,00 | 9,50 | 6,70 | 157,00 | 25,00 | 7,70 | 0,229 |
| | Mar | 10,53 | 9,30 | 26,00 | 9,50 | 6,70 | 157,00 | 25,00 | 7,70 | 0,229 |
| | Abr | 10,53 | 9,30 | 26,00 | 9,50 | 6,70 | 157,00 | 25,00 | 7,70 | 0,229 |
| | Mai | 10,53 | 9,30 | 26,00 | 9,50 | 6,70 | 157,00 | 25,00 | 7,70 | 0,229 |
| 1999 | Jun | 10,53 | 9,30 | 26,00 | 9,50 | 6,70 | 157,00 | 25,00 | 7,70 | 0,229 |
| | Jul | 10,53 | 9,30 | 26,00 | 9,50 | 6,70 | 157,00 | 25,00 | 7,70 | 0,229 |
| | Ago | 10,53 | 9,30 | 26,00 | 9,50 | 6,70 | 185,00 | 25,00 | 7,70 | 0,229 |
| | Set | 10,53 | 9,30 | 26,00 | 9,50 | 6,70 | 185,00 | 25,00 | 7,70 | 0,229 |
| | Out | 10,53 | 9,30 | 26,00 | 9,50 | 6,70 | 185,00 | 25,00 | 7,70 | 0,229 |
| | Nov | 10,53 | 9,30 | 28,00 | 9,50 | 6,70 | 185,00 | 25,00 | 7,70 | 0,229 |
| | Dez | 10,53 | 9,30 | 28,00 | 9,50 | 6,70 | 185,00 | 25,00 | 7,70 | 0,229 |

(continua)



(conclusão)

| ANO | MÊS | ARROZ IRRIGADO (sc 50 kg) | ARROZ SEQUEIRO (sc 60 kg) | FEIJÃO (sc 60 kg) | SOJA (sc 60 kg) | MILHO (sc 60 kg) | TRIGO (t) | MANDIOCA (raiz) (t) | FARINHA DE MANDIOCA (50 kg) | FÉCULA DE MANDIOCA (kg) |
|------|-----|---------------------------------|---------------------------------|----------------------|--------------------|---------------------|--------------|---------------------------|-----------------------------------|-------------------------------|
| | Jan | 10,50 | 9,30 | 28,00 | 9,50 | 6,70 | 185,00 | 28,50 | 8,50 | 0,2530 |
| | Fev | 10,90 | 9,30 | 28,00 | 9,70 | 7,10 | 185,00 | 28,50 | 8,50 | 0,2530 |
| | Mar | 10,90 | 9,30 | 28,00 | 9,70 | 7,10 | 185,00 | 28,50 | 8,50 | 0,2530 |
| | Abr | 10,90 | 9,30 | 28,00 | 9,70 | 7,10 | 185,00 | 28,50 | 8,50 | 0,2530 |
| | Mai | 10,90 | 9,30 | 28,00 | 9,70 | 7,10 | 185,00 | 28,50 | 8,50 | 0,2530 |
| 2000 | Jun | 10,90 | 9,30 | 28,00 | 9,70 | 7,10 | 185,00 | 28,50 | 8,50 | 0,2530 |
| | Jul | 10,92 | 9,30 | 28,00 | 9,70 | 7,10 | 185,00 | 28,50 | 8,50 | 0,2530 |
| | Ago | 10,92 | 9,30 | 28,00 | 9,70 | 7,10 | 205,00 | 28,50 | 8,50 | 0,2530 |
| | Set | 10,92 | 9,30 | 28,00 | 9,70 | 7,10 | 205,00 | 28,50 | 8,50 | 0,2530 |
| | Out | 10,92 | 9,30 | 28,00 | 9,70 | 7,10 | 205,00 | 28,50 | 8,50 | 0,2530 |
| | Nov | 10,92 | 9,30 | 28,00 | 9,70 | 7,10 | 205,00 | 28,50 | 8,50 | 0,2530 |
| | Dez | 10,92 | 9,30 | 28,00 | 9,70 | 7,10 | 205,00 | 28,50 | 8,50 | 0,2530 |
| | Jan | 10,92 | 9,30 | 28,00 | 9,70 | 7,10 | 205,00 | 30,78 | 9,18 | 0,2732 |
| | Fev | 10,92 | 8,37 | 28,00 | 9,70 | 7,28 | 205,00 | 30,78 | 9,18 | 0,2732 |
| | Mar | 10,92 | 8,37 | 28,00 | 9,70 | 7,28 | 205,00 | 30,78 | 9,18 | 0,2732 |
| | Abr | 10,92 | 8,37 | 28,00 | 9,70 | 7,28 | 205,00 | 30,78 | 9,18 | 0,2732 |
| | Mai | 10,92 | 8,37 | 28,00 | 9,70 | 7,28 | 205,00 | 30,78 | 9,18 | 0,2732 |
| 2001 | Jun | 10,92 | 8,37 | 28,00 | 9,70 | 7,28 | 205,00 | 30,78 | 9,18 | 0,2732 |
| | Jul | 10,92 | 8,37 | 28,00 | 9,70 | 7,28 | 205,00 | 30,78 | 9,18 | 0,2732 |
| | Ago | 10,92 | 8,37 | 28,00 | 9,70 | 7,28 | 225,00 | 30,78 | 9,18 | 0,2732 |
| | Set | 10,92 | 8,37 | 28,00 | 9,70 | 7,28 | 225,00 | 30,78 | 9,18 | 0,2732 |
| | Out | 10,92 | 8,37 | 28,00 | 9,70 | 7,28 | 225,00 | 30,78 | 9,18 | 0,2732 |
| | Nov | 10,92 | 8,37 | 28,00 | 9,70 | 7,28 | 225,00 | 30,78 | 9,18 | 0,2732 |
| | Dez | 10,92 | 8,37 | 28,00 | 9,70 | 7,28 | 225,00 | 30,78 | 9,18 | 0,2732 |
| | Jan | 10,92 | 8,37 | 28,00 | 9,70 | 7,28 | 225,00 | 30,78 | 9,18 | 0,2732 |
| | Fev | 10,92 | 7,95 | 28,00 | 10,18 | 7,43 | 225,00 | 30,78 | 9,18 | 0,2732 |
| | Mar | 10,92 | 7,95 | 28,00 | 10,18 | 7,43 | 225,00 | 30,78 | 9,18 | 0,2732 |
| | Abr | 10,92 | 7,95 | 28,00 | 10,18 | 7,43 | 225,00 | 30,78 | 9,18 | 0,2732 |
| | Mai | 10,92 | 7,95 | 28,00 | 10,18 | 7,43 | 225,00 | 30,78 | 9,18 | 0,2732 |
| 2002 | Jun | 10,92 | 7,95 | 28,00 | 10,18 | 7,43 | 225,00 | 30,78 | 9,18 | 0,2732 |
| | Jul | 10,92 | 7,95 | 28,00 | 10,18 | 7,43 | 225,00 | 30,78 | 9,18 | 0,2732 |
| | Ago | 10,92 | 7,95 | 28,00 | 10,18 | 7,43 | 225,00 | 30,78 | 9,18 | 0,2732 |
| | Set | 10,92 | 7,95 | 28,00 | 10,18 | 7,43 | 285,00 | 30,78 | 9,18 | 0,2732 |
| | Out | 10,92 | 7,95 | 28,00 | 10,18 | 7,43 | 285,00 | 30,78 | 9,18 | 0,2732 |
| | Nov | 10,92 | 7,95 | 28,00 | 10,18 | 7,43 | 285,00 | 30,78 | 9,18 | 0,2732 |
| | Dez | 10,92 | 7,95 | 28,00 | 10,18 | 7,43 | 285,00 | 30,78 | 9,18 | 0,2732 |

FONTE: Conab.



TABELA 29/II – PREÇOS MÉDIOS MENSAIS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES PELOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGROPECUÁRIOS - SANTA CATARINA - JAN/DEZ-2001

(R\$)

| PRODUTO | | | | | | | 2001 | | | | | |
|-----------------------------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| | JAN | FEV | MAR | ABR | MAI | JUN | JUL | AGO | SET | OUT | NOV | DEZ |
| Alho (kg) | 1,90 | 1,90 | 1,95 | 2,20 | 2,20 | 2,20 | 2,20 | | | | 2,65 | |
| Arroz-irrigado (50 kg) | 12,53 | 12,26 | 11,64 | 11,66 | 12,31 | 13,86 | 14,42 | 14,9 | 15,92 | 19,42 | 17,67 | 18,14 |
| Batata-inglesa (50 kg) | 14,02 | 18,47 | 20,61 | 25,22 | 28,31 | 25,91 | 21,47 | 20,93 | 20,53 | 20,32 | 16,54 | 14,64 |
| Cana-de-açúcar (t) | 45,00 | 45,00 | 43,75 | 45,00 | 58,75 | 60,00 | 65,00 | 55,00 | 53,33 | 53,33 | 53,33 | 53,33 |
| Cebola (20kg) | 7,07 | 8,00 | 5,22 | 10,47 | 7,01 | 5,72 | | | | 11,20 | 7,39 | 7,00 |
| Feijão-preto (60 kg) | 28,68 | 34,28 | 34,25 | 39,56 | 47,09 | 59,47 | 6,27 | | | | 80,00 | 73,20 |
| Feijão-carioca (60kg) | 42,32 | 37,56 | 52,62 | 50,61 | 42,68 | 42,95 | 42,00 | | | | 40,00 | 39,80 |
| Fumo em folha (estufa)(kg) | 2,36 | 2,36 | 2,36 | 2,36 | 2,36 | 2,36 | 2,36 | 2,36 | 2,36 | 2,36 | 2,36 | 2,36 |
| Mandioca (t) | | | | 45,00 | 47,68 | 49,63 | 45,93 | 45,02 | 50,41 | | | |
| Milho em grão (60 kg) | 7,85 | 7,70 | 8,00 | 7,78 | 8,00 | 8,39 | 9,31 | 10,39 | 10,95 | 10,82 | 11,52 | 11,45 |
| Soja em grão (60 kg) | 19,43 | 18,58 | 17,45 | 17,28 | 18,08 | 20,07 | 23,16 | 25,22 | 26,47 | 27,52 | 27,87 | 26,20 |
| Tomate Long Vid (22-25 kg) | 3,91 | 4,67 | 8,71 | 14,21 | 15,41 | 11,26 | 11,91 | 11,09 | 8,00 | 7,40 | 11,56 | 13,87 |
| Trigo intermediário (60 kg) | 11,43 | 11,60 | 11,79 | 13,61 | 14,81 | 15,96 | 16,50 | 16,50 | | 16,52 | 15,96 | 15,48 |
| Trigo superior (60kg) | 12,37 | 12,40 | 12,56 | 14,32 | 15,52 | 16,39 | 16,80 | 16,80 | | 16,67 | 16,21 | 15,99 |
| Banana-caturra (20 kg) | 7,97 | 4,23 | 5,21 | 6,26 | 3,66 | 2,00 | 2,17 | 1,67 | 1,76 | 1,59 | 1,50 | 2,30 |
| Banana-prata (kg) | 6,80 | 8,91 | 9,00 | 8,42 | 7,07 | 6,13 | 6,00 | 6,00 | 5,00 | 4,64 | 4,14 | 4,27 |
| Erva-mate(fol. verde)(15kg) | 2,81 | 3,12 | 3,13 | 3,14 | 3,16 | 3,20 | 3,04 | 2,99 | 3,00 | 3,03 | 3,04 | 3,03 |
| Laranja (indústria)(t) | | | | | 42,00 | 57,11 | 79,11 | 79,11 | 79,17 | | | |
| Pêssego (kg) | 0,65 | 0,52 | | | | | | | 1,00 | 0,76 | 0,81 | 0,79 |
| Uva vinífera(kg) | 0,62 | 0,64 | 0,75 | | | | | | | | | 0,80 |
| Bovinos (30kg) (1) | 47,11 | 44,11 | 45,00 | 45,00 | 45,18 | 46,00 | 46,00 | 46,00 | 46,00 | 46,35 | 47,00 | 47,80 |
| Frangos (kg) (1) | 0,79 | 0,80 | 0,76 | 0,75 | 0,74 | 0,77 | 0,82 | 0,85 | 0,86 | 0,89 | 0,88 | 0,89 |
| Suínos (kg) (1) | 1,16 | 1,07 | 1,10 | 1,25 | 1,23 | 1,21 | 1,24 | 1,20 | 1,20 | 1,25 | 1,35 | 1,35 |
| Lã (kg) | 1,20 | 1,20 | 1,20 | 1,20 | 1,20 | 1,30 | 1,30 | 1,30 | 1,40 | 1,40 | 1,40 | 1,40 |
| Leite plataforma (I) | 0,25 | 0,25 | 0,26 | 0,28 | 0,30 | 0,32 | 0,33 | 0,30 | 0,26 | 0,24 | 0,25 | 0,26 |
| Ovos de galinha col. (dz) | 1,03 | 1,01 | 1,06 | 1,04 | 1,07 | 1,06 | 1,13 | 1,13 | 1,05 | 1,05 | 1,02 | 1,01 |
| Mel (kg) | 4,01 | 4,02 | 3,91 | 3,64 | 4,06 | 3,96 | 4,19 | 4,18 | 4,33 | 4,39 | 4,36 | 4,40 |

FONTE: Instituto Cepa/SC.

⁽¹⁾ Refere-se ao preço pelo peso do animal vivo
NOTA: As médias referem-se aos preços mais comuns registrados diariamente nas principais regiões produtoras.



TABELA 30/II – PREÇOS MÉDIOS MENSAIS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES PELOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGROPECUÁRIOS – SANTA CATARINA – JAN/JUN-2002 (R\$)

| PROPUTO | | | 2002 | | | |
|-----------------------------|-------|----------|-------|--------|--------|-------|
| PRODUTO | JAN | FEV | MAR | ABR | MAI | JUN |
| Alho (kg) | 2,65 | 2,70 | 2,70 | 2,92 | 3,80 | 3,80 |
| Arroz-irrigado (50 kg) | 17,79 | 15,13 | 14,75 | 14,63 | 15,19 | 15,94 |
| Batata-inglesa (50 kg) | 12,38 | 13,89 | 13,92 | 14,9 | 18,35 | 17,55 |
| Cana-de-açúcar (t) | 53,33 | 53,33 | 53,33 | 51,67 | 51,67 | 51,67 |
| Cebola (20kg) | 7,00 | 9,13 | 7,70 | 7,51 | 8,47 | |
| Feijão-preto (60 kg) | 61,82 | 54,82 | 60,00 | 54,706 | 47,701 | 53,06 |
| Feijão-carioca (60kg) | 43,50 | 39,65 | 50,00 | 50,57 | 45,35 | 52,22 |
| Fumo em folha (estufa)(kg) | 2,61 | 2,61 | 2,61 | 2,61 | 2,61 | 2,61 |
| Mandioca (t) | | | | 49,78 | 55,00 | 55,00 |
| Milho em grão (60 kg) | 11,49 | 12,48,00 | 12,12 | 12,89 | 13,48 | 14,00 |
| Soja em grão (60 kg) | 25,00 | 22,88 | 20,31 | 21,74 | 23,09 | 26,89 |
| Tomate Long Vid (22-25 kg) | 8,52 | 8,00 | 7,59 | 12,67 | 9,94 | 14,11 |
| Trigo intermediário (60 kg) | 15,69 | 15,70 | 16,12 | 16,15 | 17,01 | 18,73 |
| Trigo superior (60kg) | 16,10 | 16,23 | 16,45 | 16,79 | 17,74 | 19,58 |
| Banana-caturra (20 kg) | 2,39 | 1,86 | 2,60 | 2,74 | 2,54 | 2,41 |
| Banana-prata (kg) | 5,00 | 5,00 | 5,00 | 4,64 | 5,00 | 5,18 |
| Erva-mate(fol. verde)(15kg) | 3,002 | 3,12 | 3,25 | 3,27 | 3,31 | 3,34 |
| Laranja (indústria)(t) | | | | | 80,00 | 85,00 |
| Pêssego (kg) | 0,82 | 0,92 | | | | |
| Uva vinífera(kg) | 0,66 | 0,65 | 0,67 | | | |
| Bovinos (30kg) (1) | 48,00 | 48,00 | 48,00 | 48,00 | 47,41 | 46,00 |
| Frangos (kg) (1) | 0,89 | 0,90 | 0,90 | 0,91 | 0,92 | 0,92 |
| Suínos (kg) (1) | 1,33 | 1,26 | 1,21 | 1,15 | 1,12 | 1,12 |
| Lã (kg) | | | | | | |
| Leite plataforma (I) | 0,27 | 0,27 | 0,28 | 0,30 | 0,32 | 0,33 |
| Ovos de galinha col. (dz) | 1,04 | 1,04 | 0,99 | 0,97 | 1,00 | 1,08 |
| Mel (Kg) | 4,20 | 4,29 | 4,38 | 4,46 | 4,24 | 4,41 |

FONTE: Instituto Cepa/SC.

The Refere-se ao preço pelo peso do animal vivo.

NOTA: As médias referem-se aos preços mais comuns registrados diariamente nas principais regiões produtoras.

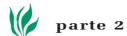


TABELA 31/II – ÍNDICE DE PREÇOS RECEBIDOS PELOS AGRICULTORES CATARINENSES – IPR – 2001-2002 – (base – agosto/94=100)

| ANO/MÊS | | | | | | 2 | 001 | | | | | |
|----------------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|
| PRODUTO | JAN | FEV | MAR | ABR | MAI | JUN | JUL | AG0 | SET | OUT | NOV | DEZ |
| Alho | 150,79 | 150,79 | 154,76 | 174,60 | 174,60 | 174,60 | 174,60 | 183,33 | 190,48 | 190,48 | 190,48 | 210,32 |
| Arroz | 131,34 | 128,51 | 122,01 | 122,22 | 129,04 | 145,28 | 151,15 | 156,18 | 166,88 | 184,28 | 185,22 | 190,15 |
| Batata | 106,62 | 140,46 | 156,73 | 191,79 | 215,29 | 197,03 | 163,27 | 159,16 | 156,12 | 154,52 | 127,07 | 111,33 |
| Cebola | 456,13 | 516,13 | 530,32 | 675,48 | 452,26 | 369,03 | 352,90 | 443,23 | 537,42 | 645,16 | 476,77 | 451,61 |
| Feijão-carioca | 201,52 | 178,86 | 250,57 | 241,00 | 203,24 | 204,52 | 200,00 | 215,29 | 215,29 | 215,29 | 190,48 | 189,52 |
| Fumo | 171,13 | 171,13 | 171,13 | 171,13 | 171,13 | 171,13 | 171,13 | 171,13 | 171,13 | 171,13 | 171,13 | 171,13 |
| Mandioca | 242,26 | 242,26 | 242,26 | 162,81 | 172,50 | 179,56 | 166,17 | 162,88 | 182,38 | 170,30 | 170,30 | 170,30 |
| Milho em grão | 130,83 | 128,33 | 133,33 | 129,67 | 133,33 | 139,83 | 155,17 | 173,17 | 182,50 | 180,33 | 192,00 | 190,83 |
| Soja em grão | 183,13 | 175,12 | 164,47 | 162,87 | 170,41 | 189,16 | 218,28 | 237,70 | 249,48 | 259,38 | 262,68 | 246,94 |
| Tomate | 40,06 | 47,85 | 89,24 | 145,59 | 157,89 | 115,37 | 122,03 | 113,63 | 81,97 | 75,82 | 118,44 | 142,11 |
| Trigo | 160,76 | 163,15 | 165,82 | 191,42 | 208,30 | 224,47 | 232,07 | 232,07 | 226,44 | 232,35 | 222,64 | 217,72 |
| Banana-caturra | 273,88 | 145,36 | 179,04 | 215,12 | 125,77 | 68,73 | 74,57 | 57,39 | 60,48 | 54,64 | 51,55 | 79,04 |
| Maçã | 72,00 | 72,00 | 99,00 | 114,00 | 147,00 | 114,00 | 162,00 | 159,00 | 159,00 | 189,00 | 186,00 | 183,00 |
| Bovinos | 217,15 | 203,32 | 207,47 | 207,47 | 208,85 | 211,62 | 211,62 | 211,62 | 211,62 | 214,38 | 213,00 | 219,92 |
| Frangos | 129,51 | 131,15 | 124,59 | 122,95 | 121,31 | 126,23 | 134,43 | 139,34 | 140,98 | 145,90 | 144,26 | 145,90 |
| Suínos | 173,13 | 159,70 | 164,18 | 186,57 | 183,58 | 180,60 | 185,07 | 179,10 | 179,10 | 188,06 | 201,49 | 201,49 |
| Leite | 125,00 | 125,00 | 130,00 | 140,00 | 150,00 | 160,00 | 165,00 | 150,00 | 130,00 | 120,00 | 125,00 | 130,00 |
| TOTAL | 170,38 | 161,83 | 170,35 | 179,75 | 169,44 | 166,66 | 171,77 | 176,78 | 181,18 | 187,45 | 184,39 | 185,60 |

(continua)

(conclusão)

| ANO/MÊS | | | 2002 | | |
|----------------|--------|--------|--------|--------|--------|
| PRODUTO | JAN | FEV | MAR | ABR | MAI |
| Alho | 210,32 | 214,29 | 214,29 | 231,75 | 301,59 |
| Arroz | 186,48 | 158,60 | 151,15 | 153,35 | 159,22 |
| Batata | 94,14 | 105,63 | 113,76 | 113,00 | 139,54 |
| Cebola | 451,61 | 589,03 | 496,77 | 516,13 | 546,45 |
| Feijão-carioca | 207,14 | 188,81 | 189,43 | 240,81 | 215,95 |
| Fumo | 197,18 | 197,18 | 197,18 | 197,18 | 197,18 |
| Mandioca | 170,30 | 170,30 | 170,30 | 180,10 | 198,99 |
| Milho em grão | 191,50 | 208,00 | 202,00 | 214,83 | 224,67 |
| Soja em grão | 235,63 | 215,65 | 191,42 | 204,90 | 217,62 |
| Tomate | 87,30 | 81,97 | 80,23 | 145,08 | 117,73 |
| Trigo | 220,68 | 220,82 | 232,07 | 227,14 | 239,24 |
| Banana-caturra | 82,13 | 63,92 | 90,03 | 92,44 | 87,97 |
| Maçã | 183,00 | 183,00 | 147,00 | 117,00 | 117,00 |
| Bovinos | 221,30 | 221,30 | 221,30 | 221,30 | 218,53 |
| Frangos | 145,90 | 147,54 | 147,54 | 149,18 | 150,82 |
| Suínos | 198,51 | 188,06 | 180,60 | 171,64 | 167,16 |
| Leite | 135,00 | 135,00 | 140,00 | 150,00 | 155,00 |
| TOTAL | 187,72 | 188,50 | 183,47 | 189,34 | 191,49 |

FONTE: Instituto Cepa/SC.



TABELA 32/II – PREÇOS MÉDIOS MENSAIS DOS PRODUTOS DE PESCA EM FRIGORÍFICOS ATACADISTAS – SANTA CATARINA – 2001-2002 (R\$/Kg pescado inteiro)

| ANO/MÊS | 2001 | | | | | | | | 2002 | | | | |
|------------------------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|--------------|-------|------|-------|-------|
| ESPÉCIES | MAI | JUN | JUL | AGO | SET | OUT | NOV | DEZ | JAN | FEV | MAR | ABR | MAI |
| Abrotea grande | 1,79 | 1,49 | 1,47 | 1,74 | 1,61 | 1,59 | 1,73 | 1,75 | 1,95 | 1,90 | 1,83 | 1,94 | 1,62 |
| Abrotea média | 1,25 | 1,31 | 1,23 | 1,22 | 1,16 | 1,22 | 1,43 | 1,33 | 1,50 | 1,70 | 1,35 | 1,62 | 1,01 |
| Abrotea pequena | 0,88 | 0,92 | 0,83 | 0,95 | 0,95 | 0,95 | 0,93 | 0,90 | 1,05 | 1,10 | 1,00 | 1,15 | 0,83 |
| Anchovas grande | 3,15 | 3,11 | 2,48 | 2,65 | 2,67 | 3,00 | 2,40 | 2,75 | 3,80 | 5,00 | 3,80 | 3,32 | 2,63 |
| Anchovas média | 2,38 | 2,37 | 1,75 | 2,00 | 2,14 | 2,40 | 2,18 | 2,03 | 2,75 | 3,85 | 3,20 | 2,20 | 1,88 |
| Anchovas pequena | 1,38 | 1,50 | 1,47 | 1,40 | 1,43 | 1,60 | 1,53 | 1,50 | 2,00 | | | 1,10 | 1,18 |
| Atum grande | | | | | | | | | | | | | |
| Atum médio | | | | | | | | | | | | | |
| Atum pequeno | | | | | | | | | | | | | |
| Bagre | 1,07 | 1,06 | 1,04 | 1,05 | 1,12 | 1,12 | 1,37 | 1,22 | 1,35 | 1,09 | 1,00 | 0,98 | 1,13 |
| Berbigão limpo | 3,90 | 3,80 | 3,50 | | | | | | | 5,50 | 3,80 | 4,00 | 3,50 |
| Betara | 1,36 | 1,40 | 1,31 | 1,33 | 1,25 | 1,38 | 1,57 | 1,56 | 1,40 | 1,30 | 1,53 | 1,37 | 1,52 |
| Cação-anjo | 2,43 | 2,24 | 2,00 | 1,70 | 2,00 | 2,16 | 1,93 | 2,01 | 2,00 | 2,25 | 2,42 | 2,38 | 2,22 |
| Cação-caçonete | 1,80 | 1,57 | 1,63 | 1,70 | 1,53 | 1,63 | 1,67 | 1,78 | 1,88 | | 2,10 | 2,50 | 1,75 |
| Cação-enguia | 0,88 | 0,67 | 0,73 | 0,73 | 0,68 | 0,61 | 0,83 | 0,79 | 0,88 | | 1,00 | | 0,64 |
| Cação-machote | 2,69 | 2,14 | 1,80 | 1,77 | 2,14 | 2,44 | 2,33 | 2,30 | 2,25 | 2,00 | 2,50 | 2,61 | 2,75 |
| Cação-raia | 1,20 | 0,64 | 0,86 | 0,60 | 0,55 | 0,86 | 0,50 | 0,66 | 0,88 | 1,35 | 1,10 | 1,02 | 0,95 |
| Cação-viola | 1,33 | 1,32 | 1,09 | 1,05 | 1,05 | 1,00 | 1,02 | 1,18 | 1,40 | 1,60 | 1,57 | 1,49 | 1,44 |
| Camarão-ferrinho | 0,77 | 0,80 | 0,80 | 0,90 | 0,90 | 1,05 | 1,05 | 1,13 | 1,70 | 1,48 | 1,82 | 1,53 | 1,63 |
| Camarão-médio-primeira | 10,20 | - | | 16,50 | 16,85 | 12,67 | 12,33 | 13,00 | 11,50 | 10,00 | | 16,00 | 10,25 |
| Camarão-médio-segunda | 8,10 | 12,00 | 12,50 | 13,00 | 15,42 | | | 18,00 | 9,50 | 6,50 | | 6,73 | 8,13 |
| Camarão-médio-terceira | 5,47 | 5,00 | 5,25 | 6,75 | 8,89 | 10,00 | 10,00 | 8,33 | | | | | 5,75 |
| Camarão-rosa | 17,78 | - | 18,00 | 25,33 | 23,00 | 24,00 | | 26,50 | 28,50 | ••• | | | |
| Camarãosetebarbas | 0,90 | 0,87 | 0,78 | 1,00 | 1,40 | 1,96 | 1,88 | 1,65 | 2,08 | 2,58 | 2,24 | | 1,00 |
| Carne-de-siri | 6,11 | | 5,33 | 5,33 | | 6,00 | 5,67 | | | 7,50 | 7,50 | | |
| Congrio-rosa | 4,75 | 5,67 | - | 4,00 | 5,66 | 4,75 | 4,88 | 5,67 | 2.00 | 3,00 | | 2 15 | 5,00 |
| · · | 1,37 | 1 52 | 1.40 | 1,37 | 4,50 | 1,40 | | 5,50 | 3,00 1,73 | 1,77 | 1,76 | 3,15 | 4,50 |
| Corvina grande | | 1,52 | 1,49 | | 1,61 | | 1,23 | 1,34 | | | | 1,85 | 1,53 |
| Corvina média | 1,06 | 1,11 | 1,13 | 1,00 | 1,00 | 1,03 | 1,00 | 1,01 | 1,50 | 1,52 | 1,44 | 1,55 | 1,11 |
| Corvina pequena | 0,74 | 0,86 | 0,74 | 0,70 | 0,80 | 0,82 | 0,67 | 0,69 | 0,90 | 1,00 | 1,10 | 1,10 | 0,84 |
| Espada grande | 0,79 | 0,91 | 0,91 | 0,93 | 0,87 | 0,76 | 0,67 | 0,71 | 0,80 | 0,98 | 0,83 | 1,00 | 0,75 |
| Espada média | 0,57 | 0,55 | 0,58 | 0,50 | 0,55 | 0,56 | 0,51 | 0,50 | 0,60 | 0,60 | 0,70 | 0,68 | 0,57 |
| Espada pequena | 0,33 | 0,33 | 0,47 | 0,40 | 0,40 | 0,50 | | | 0,45 | 0,60 | 0,60 | 0,60 | 0,45 |
| Gordinho | 0,98 | 1,14 | 1,07 | 1,07 | 1,05 | 1,24 | 0,87 | 0,93 | 0,95 | 1,13 | 1,10 | 1,25 | 0,95 |
| Guaivira | 0,62 | 0,48 | 0,63 | 0,78 | 0,87 | 0,73 | 0,80 | 1,03 | 0,90 | 0,80 | 0,63 | 0,75 | 0,78 |
| Linguado grande | 5,58 | 4,59 | 5,08 | 6,05 | 5,39 | 5,88 | 5,78 | 6,50 | 6,25 | 7,00 | 7,00 | 6,50 | 6,00 |
| Linguado médio | 4,06 | 3,50 | 4,00 | 5,11 | 4,09 | 4,54 | 4,61 | 5,13 | 4,50 | 4,50 | 4,50 | 4,25 | 4,25 |
| Linguado pequeno | 2,32 | 2,50 | 2,75 | 2,92 | 3,50 | 3,75 | 3,54 | 3,33 | 3,13 | 2,25 | 2,38 | 2,12 | 3,13 |
| Lula primeira | 2,75 | | | | | | | 6,50 | 2,50 | 4,33 | 4,33 | 4,33 | 3,20 |
| Lula segunda | 1,75 | | | | | | | | | | | | 2,50 |
| Lula terceira | 0,00 | | | | | | | ••• | | | ••• | | 1,50 |
| Manjuba | | 0,35 | | | | | | | | | 0,25 | | |
| Mistura | 0,84 | 1,08 | 0,67 | 0,93 | 0,72 | 0,77 | 0,63 | 0,73 | 0,95 | 1,00 | 1,00 | 0,95 | 0,72 |
| Papa-terra | 1,30 | 1,30 | 1,40 | 1,27 | 1,27 | 1,73 | 1,65 | 1,53 | | 1,44 | 1,00 | | 1,40 |
| Pescada-comum-grande | 2,58 | 3,36 | 3,81 | 3,87 | 3,97 | 4,09 | 3,00 | 4,00 | 4,00 | 5,00 | 6,00 | 5,50 | 3,84 |
| Pescada-comum-média | 1,80 | 2,04 | 1,96 | 2,27 | 1,81 | 1,87 | 2,50 | 2,75 | | 2,50 | 3,00 | 2,75 | 2,19 |
| Pescada-comum-pequena | 1,16 | 1,16 | 1,26 | 1,57 | 1,05 | 1,30 | 1,57 | 1,50 | | 1,50 | 2,50 | 2,05 | 1,65 |
| Pescada-goete-grande | 1,55 | 1,54 | 1,51 | 1,44 | 1,51 | 1,44 | 1,93 | 1,85 | 1,55 | | 1,37 | 1,65 | 1,44 |
| Pescada-goete-média | 1,24 | 1,29 | 1,18 | 1,21 | 1,14 | 1,17 | 1,42 | 1,55 | | | 1,20 | 1,10 | 1,15 |

(continua)



(conclusão)

| ANO/MÊS | | 2001 | | | | | | | 2002 | | | | |
|----------------------------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|
| ESPÉCIES | MAI | JUN | JUL | AGO | SET | OUT | NOV | DEZ | JAN | FEV | MAR | ABR | MAI |
| Pescada-goete-pequena | 0,95 | 0,92 | 1,00 | 1,00 | 1,00 | 1,00 | 1,00 | 1,00 | | | | | 0,94 |
| Pescada-maria-mole-grande | 1,60 | 1,53 | 1,64 | 1,46 | 1,46 | 1,56 | 1,54 | 1,36 | 1,55 | | | | 1,57 |
| Pescada-maria-mole-média | 1,17 | 1,06 | 1,17 | 1,16 | 1,16 | 1,34 | 1,17 | 1,17 | 1,15 | 1,90 | 1,57 | 1,90 | 1,18 |
| Pescada-maria-mole-pequena | 0,76 | 0,72 | 0,87 | 0,90 | 0,90 | 0,87 | 0,90 | 0,90 | | 1,40 | 1,25 | 1,45 | 0,94 |
| Porco grande | 0,95 | 0,84 | 0,90 | 0,90 | 1,00 | 0,67 | 0,70 | 1,03 | | | 0,87 | 0,80 | 1,00 |
| Porco médio | 0,56 | 0,77 | 0,80 | 0,70 | 0,70 | 0,50 | 0,50 | 0,50 | | | | | |
| Porco pequeno | 0,36 | 0,50 | 0,43 | 0,40 | 0,50 | | | | | | | | 0,80 |
| Sardinha fresca grande | 1,72 | 1,21 | 1,33 | 1,52 | 1,37 | 1,28 | 1,23 | 1,00 | 1,48 | 2,50 | 2,50 | 2,00 | |
| Sardinha fresca media | 1,40 | 0,80 | 0,80 | | | 0,87 | 0,83 | 0,83 | | | | | |
| Sardinha fresca pequena | 0,85 | 0,63 | 0,67 | | | 0,57 | 0,53 | 0,53 | | | | | |
| Tainha grande | 2,29 | 2,58 | 2,77 | 2,96 | 2,67 | 3,33 | 2,83 | 2,83 | | | | 3,00 | 2,05 |
| Tainha média | 1,68 | 1,91 | 2,09 | 2,20 | 1,93 | 2,50 | 2,45 | 2,40 | | | | 2,00 | 1,45 |
| Tainha pequena | 1,17 | 1,20 | 1,34 | 1,37 | 1,37 | 1,50 | 1,43 | 1,43 | | | | 1,50 | 1,00 |

FONTE: Instituto Cepa/SC.

TABELA 33/II – PREÇOS MÉDIOS MENSAIS RECEBIDOS PELOS AQUICULTORES – SANTA CATARINA – 2001-2002

(R\$/kg)

| | | 3 | | | | | | | | | | | |
|------|-----|-------------------|----------------------------|------------------------------|-----------------------------|----------------------------|---------------------------|--------------------------|-------------------------|----------------------------|-------------------|----------------|-----------------|
| ANO | MÊS | BAGRE AFRICANO | BAGRE AFRICANO (IND) | BAGRE AMERICANO (VIVO) | BAGRE AMERICANO (IND) | CARPA CHINESA (VIVO) | CARPA CHINESA (IND) | CARPA COMUM (VIVO) | CARPA COMUM (IND) | TILÁPIA (IND) (VIVO) | TILÁPIA (VIVO) | TRUTA (IND) | TRUTA (VIVO) |
| | Mai | 0,80 | 1,54 | | 2,09 | 0,92 | 1,58 | 0,90 | 1,55 | 0,99 | 1,62 | | 5,13 |
| | Jun | 0,80 | 1,50 | | 2,44 | 0,80 | 1,52 | 0,88 | 1,47 | 1,01 | 1,59 | | 5,13 |
| | Jul | 0,80 | 1,58 | | 2,15 | 0,80 | 1,45 | 0,88 | 1,53 | 1,01 | 1,60 | 5,00 | 5,17 |
| 2001 | Ago | 0,80 | 1,63 | | 2,23 | 0,80 | 1,49 | 1,25 | 1,50 | 1,01 | 1,64 | | 5,00 |
| | Set | 0,91 | 1,49 | | 2,63 | 0,90 | 1,38 | 1,20 | 1,42 | 1,02 | 1,56 | | 5,38 |
| | Out | 0,90 | 1,54 | | 2,34 | 0,90 | 1,45 | 0,93 | 1,59 | 1,02 | 1,66 | | 5,25 |
| | Nov | 0,85 | 1,41 | | 2,63 | 0,85 | 1,45 | 0,80 | 1,57 | 0,97 | 1,63 | | 5,21 |
| | Dez | 0,85 | 1,53 | | 2,50 | 0,85 | 1,47 | 0,80 | 1,55 | 0,97 | 1,62 | | 5,25 |
| | Jan | 0,85 | 1,58 | | 2,50 | 0,85 | 1,49 | 0,80 | 1,52 | 0,97 | 1,59 | | 5,50 |
| | Fev | 0,85 | 1,58 | | 2,50 | 0,85 | 1,49 | 0,80 | 1,52 | 0,97 | 1,59 | | 5,50 |
| 2002 | Mar | 0,85 | 1,72 | | 2,40 | 0,85 | 1,59 | 0,85 | 1,63 | 0,90 | 1,66 | | 5,50 |
| | Abr | 0,93 | 1,72 | | 2,50 | 0,93 | 1,63 | 0,93 | 1,66 | 1,02 | 1,71 | | 5,50 |
| | Mai | 0,85 | 1,64 | | 2,38 | 0,85 | 1,56 | 0,85 | 1,61 | 0,95 | 1,67 | | 5,40 |

(continua)

(conclusão)

| | | , | | | | | | | (Conclusão) | |
|------|-------|----------------------|---------|-----------|--------------|------------|----------|-------------------|-------------|--|
| ANIO | MÊS | OSTRA MÉDIA (R\$/dz) | | OSTRA GRA | NDE (R\$/dz) | MARISCO CO | IM CASCA | MARISCO SEM CASCA | | |
| ANO | IVIES | Sem Sif | Com Sif | Sem Sif | Com Sif | Sem Sif | Com Sif | Sem Sif | Com Sif | |
| | Mai | 4,00 | 4,33 | 4,83 | 5,33 | 0,77 | 2,50 | 4,50 | 4,57 | |
| | Jun | 4,00 | 4,33 | 4,83 | 5,33 | 0,70 | 2,33 | 4,33 | 4,57 | |
| | Jul | 3,75 | 4,33 | 4,00 | 5,17 | 0,65 | 2,00 | 4,00 | 4,60 | |
| 2001 | Ago | 3,75 | 4,33 | 4,00 | 5,17 | 0,67 | 2,00 | 4,00 | 4,60 | |
| | Set | 3,75 | 4,33 | 4,00 | 5,17 | 0,65 | 2,00 | 4,17 | 4,60 | |
| | Out | 4,00 | 4,33 | 4,17 | 5,17 | 0,67 | 2,00 | 4,17 | 4,60 | |
| | Nov | 4,00 | 4,33 | 4,50 | 5,17 | 0,60 | 2,00 | 4,17 | 4,60 | |
| | Dez | 4,00 | 4,67 | 4,50 | 5,33 | 0,70 | 2,00 | 4,17 | 4,60 | |
| | Jan | 4,00 | 4,83 | 4,67 | 5,33 | 0,73 | 2,00 | 4,50 | 4,80 | |
| | Fev | 4,00 | 4,67 | 4,50 | 5,33 | 0,70 | 2,00 | 4,17 | 4,60 | |
| 2002 | Mar | 4,00 | 4,57 | 4,50 | 5,33 | 0,70 | 2,00 | 4,17 | 4,60 | |
| | Abr | 4,00 | 4,67 | 4,50 | 5,33 | 0,85 | 2,00 | 4,17 | 4,60 | |
| | Mai | 4,00 | 4,67 | 4,50 | 5,33 | 0,85 | 2,00 | 4,17 | 4,60 | |

FONTE: Instituto Cepa/SC.



TABELA 34/II – EQUIVALÊNCIA ENTRE PREÇOS PAGOS E RECEBIDOS PELOS AGRICULTORES CATARINENSES PARA PRODUTOS SELECIONADOS – 1999-2001

| | UNIDADE DE | IN | ISUMO/PRODU | VARIAÇÃO (%) | | | |
|--------------------------------|------------|-----------|-------------|--------------|--------|--------|-------------------|
| ESPECIFICAÇÃO | MEDIDA | 2001 A | 2000 B | 1999 C | A/B | A/C | B/C |
| ARROZ (sc 50 kg) | • | | | | | | |
| - Satanil E | 201 | 19,64 | 22,04 | 16,74 | -10,90 | 17,32 | 31,67 |
| - Microtrator (14 a 15 Cv) | unid | 709,61 | 803,86 | 595,82 | -11,72 | 19,10 | 34,92 |
| - Uréia | sc 50 kg | 1,61 | 1,73 | 1,10 | -6,66 | 47,22 | 57,73 |
| FEIJÃO-PRETO (sc 60 kg) | | | | | | | |
| - Adubo 05-20-10 | sc 50 kg | 0,42 | 0,72 | 0,65 | -41,69 | -34,85 | 11,72 |
| - Calcário ensacado | t | 0,93 | 1,48 | 1,28 | -37,05 | -26,81 | 16,27 |
| - Dithane PM | kg | 0,25 | 0,46 | 0,39 | -44,78 | -35,69 | 16,46 |
| MILHO (sc 60 kg) | | - | | | | | |
| - Adubo 07-30-13 | sc 50 kg | 2,76 | 2,16 | 2,46 | 28,14 | 12,34 | -12,33 |
| - Calcário ensacado | t | 5,09 | 3,60 | 3,78 | 41,35 | 34,56 | -4,81 |
| - Primestra | 51 | 6,87 | 4,47 | 4,77 | 53,59 | 44,04 | -6,22 |
| - Trator (62 a 65 Cv) | unid | 3.725,78 | 2.678,55 | 2.688,75 | 39,10 | 38,57 | -0,38 |
| SOJA (sc 60 kg) | • | • | | • | | | |
| - Adubo 03-30-15 | sc 50 kg | 1,11 | 1,31 | 1,38 | -15,51 | -19,68 | -4,94 |
| - Calcário ensacado | t | 2,14 | 2,25 | 2,26 | -4,95 | -5,57 | -0,65 |
| - Trifluralina 445 | I | 0,44 | 0,51 | 0,51 | -14,03 | -14,30 | -0,31 |
| - Trator (62 a 65 Cv) | unid | 1.563,17 | 1.671,28 | 1.607,39 | -6,47 | -2,75 | 3,98 |
| TRIGO (sc 60 kg) | | | , , | , | -, | , - | -, |
| - Adubo 05-25-25 | sc 50 kg | 1,81 | 1,99 | 2,73 | -8,76 | -33,64 | -27,27 |
| - Uréia | sc 50 kg | 1,6 | 1,65 | 1,89 | -3,51 | -15,65 | -12,58 |
| - Tilt 250 CE | | 5,03 | 5,83 | 8,25 | -13,82 | -39,05 | -29,27 |
| BATATA (sc 50 kg) | | 5/55 | 5/55 | -7 | ,. | 00,00 | |
| - Adubo 05-20-10 | sc 50 kg | 1,04 | 1,39 | 1,80 | -24,96 | -42,08 | -22,82 |
| - Manzate BR | kg | 0,64 | 0,90 | 1,10 | -29,14 | -41,96 | -18,09 |
| - Superfosfato triplo | sc 50 kg | 1,32 | 1,85 | 2,41 | -28,58 | -45,03 | -23,02 |
| BANANA-CATURRA (cx 20 kg) | | .,,== | 1,00 | _, | | , | |
| - Adubo 00-20-20 | sc 50 kg | 6,60 | 5,16 | 7,33 | 27,82 | -10,04 | -29,62 |
| - Óleo mineral | 200 I | 82,44 | 63,66 | 79,96 | 29,51 | 3,11 | -20,38 |
| - Roundup 480 | 1 | 2,99 | 2,61 | 3,86 | 14,55 | -22,47 | -32,32 |
| CEBOLA (sc 20 kg) | | | _, . | 0,00 | /00 | , . , | 02,02 |
| - Adubo 05-20-10 | sc 50 kg | 2,73 | 3,01 | 4,46 | -9,41 | -38,80 | -32,44 |
| - Microtrator (14 a 15 Cv) | unid | 1.298,16 | 1.444,05 | 2.058,03 | -10,10 | -36,92 | -29,83 |
| FUMO (kg) | uma | 11200/10 | ,00 | 2.000,00 | 10/10 | 00/02 | 20,00 |
| - Diária trabalhador rural | unid | 6,35 | 6,64 | 6,16 | -4,34 | 3,22 | 7,90 |
| - Lenha (eucalipto/bracatinga) | m st | 4,82 | 4,67 | 4,35 | 3,23 | 10,77 | 7,31 |
| TOMATE (cx 22 a 25 kg) | III oc | 4,02 | 4,01 | 4,00 | 0,20 | 10,77 | 7,01 |
| - Adubo 05-20-10 | sc 50 kg | 2,28 | 3,03 | 2,97 | -24,66 | -23,14 | 2,02 |
| - Ridomil+Mancozeb | kg | 4,98 | 6,91 | 7,30 | -24,00 | -31,77 | -5,36 |
| - Decis | 250 ml | 1,43 | 1,98 | 2,03 | -27,75 | -29,55 | -2,49 |
| - Diária trabalhador rural | unid | 1,43 | 2,06 | 2,12 | -22,90 | -29,55 | -2,43 |
| BOI GORDO (arroba) | ı uniu | 1,00 | 2,00 | ۷,۱۷ | 22,00 | ۷-1,01 | د _ا ۲۰ |
| . Arame farpado | 500 m | 1,35 | 1,46 | 1,46 | -7,78 | -7,26 | 0,57 |
| . Bezerro desmamado | unid | 6,61 | 6,16 | 5,96 | 7,18 | 10,77 | 3,35 |
| LEITE (litro) | uniu | 0,01 | 0,10 | 5,30 | 1,10 | 10,11 | J,JJ |
| . Arame farpado | 500 m | 225,75 | 200,01 | 193,58 | 12,87 | 16,62 | 3,32 |
| . Ração p/ bovinos lactação | sc 40 kg | 49,45 | 46,17 | 49,19 | 7,11 | 0,52 | -6,15 |
| . Vaca leit. s/ registro | | | | | | | |
| SUÍNO (kg) | unid | 2.091,27 | 1.613,01 | 1.698,10 | 29,65 | 23,15 | -5,01 |
| | co 40 kg | 1/15 | 16.25 | 14.40 | 11 21 | η 10 | 12 07 |
| . Concentrado p/ suínos | sc 40 kg | 14,5 | 16,35 | 14,49 | -11,31 | 0,10 | 12,87 |
| . Milho (produtor) | sc 60 kg | 7,58 | 10,36 | 9,87 | -26,89 | -23,22 | 5,02 |
| . Ração p/ suínos inicial | sc 40 kg | 15,83 | 16,27 | 14,45 | -2,72 | 9,56 | 12,62 |

FONTE: Instituto Cepa/SC.

In findice anual, obtido pela média dos índices mensais, que expressa a quantidade de produto necessário para adquirir o insumo nas unidades de medida estabelecidas.



Parte 3

ANEXO I

DIVISÃO TERRITORIAL DO ESTADO DE SANTA CATARINA, COM INDICAÇÃO DAS MESORREGIÕES, MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS E MUNICÍPIOS — 1997

MESORREGIÃO OESTE CATARINENSE

MRG SÃO MIGUEL DO OESTE

Anchieta Bandeirante

Barra Bonita Belmonte

Descanso

Dionísio Cerqueira

Guaraciaba Guarujá do Sul Iporã do Oeste Itapiranga

Mondaí Palma Sola Paraíso

Princesa Riqueza

Romelândia Santa Helena

São João do Oeste

São José do Cedro São Miguel do Oeste

Tunápolis

MRG CHAPECÓ

Águas de Chapecó

Águas Frias

Bom Jesus do Oeste

Caibi

Campo Erê

Caxambu do Sul

Chapecó

Cordilheira Alta

Coronel Freitas

Cunha Porã Cunhataí

Flor do Sertão

Formosa do Sul Guatambu

Iraceminha

Irati

Jardinópolis

Maravilha

Modelo

Nova Erechim

Nova Itaberaba

Novo Horizonte

Palmitos

Pinhalzinho
Planalto Alegre

Quilombo

Saltinho

Santa Terezinha do Progresso

Santiago do Sul

São Bernardino

São Carlos

São Louranço do Oeste

São Miguel da Boa Vista

Saudades

Serra Alta

Sul Brasil

Tigrinhos União do Oeste

MRG XANXERÊ

Abelardo Luz

Bom Jesus

Coronel Martins

Entre Rios

Faxinal dos Guedes

Galvão

lpuaçu

Jupiá

Lajeado Grande

Marema

Ouro Verde

Passos Maia

Ponte Serrada

São Domingos

Vargeão

Xanxerê

Xaxim

MRG JOAÇABA

Água Doce

Arroio Trinta

Caçador

Calmon

Capinzal

Catanduvas

Erval Velho

Fraiburgo

Herval do Oeste

Ibiam

Ibicaré

Iomerê

Jaborá

Joaçaba

Lacerdópolis

Lebon Régis

Luzerna

Macieira

Matos Costa

Ouro

Pinheiro Preto

Rio das Antas

Salto Veloso

Tangará

Treze Tílias

Vargem Bonita

Videira

MRG CONCÓRDIA

Alto bela Vista

Arabutã

Arvoredo

Concórdia

Ipira

Ipumirim

Irani

ltá

Lindóia do Sul

Paial

Peritiba

Piratuba

Presidente Castelo Branco

Seara

Xavantina

MESORREGIÃO NORTE CATARINENSE

MRG CANOINHAS

Bela Vista do Toldo

Canoinhas

Irineópolis

Itaiópolis

Mafra

Major Vieira

Monte Castelo

Papanduva

Porto União

Santa Terezinha

Timbó Grande

Três Barras

MRG SÃO BENTO DO SUL

Campo Alegre

Rio Negrinho

São Bento do Sul

MRG JOINVILLE

Araquari

Balneário Barra do Sul

Corupá

Garuva

Guaramirim

Itapoá

Jaraguá do Sul

Joinville

Massaranduba

São Francisco do Sul

Schroeder

MESORREGIÃO SERRANA

MRG CURITIBANOS

Abdon Batista

Brunópolis

Campos Novos

Curitibanos

Frei Rogério

Monte Carlo

Ponte Alta

Ponte Alta do Norte

Santa Cecília

São Cristovão do Sul

Vargem

Zortéa

MRG CAMPOS DE LAGES

Anita Garibaldi

Bocaina do Sul

Bom Jardim da Serra

Bom Retiro

Campo Belo do Sul

Capão Alto

Celso Ramos

Cerro Negro

Correia Pinto

Lages

Otacílio Costa

Painel

Palmeira

Rio Rufino

São Joaquim

São José do Cerrito

Urubici

Urupema

MESORREGIÃO VALE DO ITAJAÍ

MRG RIO DO SUL

Agronômica

Aurora

Braço do Trombudo

Doma Emma

Ibirama

José Boiteux

Laurentino

Lontras

Mirim Doce

Pouso Redondo

Presidente Getúlio

Presidente Nereu

Rio do Campo

Rio do Oeste

Rio do Sul

Salete

Taió

Trombudo Central

Vitor Meireles

Witmarsum

MRG BLUMENAU

Apiúna

Ascurrra

Benedito Novo

Blumenau

Botuverá

Brusque

Doutor Pedrinho

Gaspar

Guabiruba Indaial

Luiz Alves

Pomerode

Rio dos Cedros Rodeio

Timbó

MRG ITAJAÍ

Balneário Camboriú

Barra Velha

Bombinhas

Camboriú

Ilhota

Itajaí

Itapema

Navegantes

Penha

Piçarras

Porto Belo

São João do Itaperiú

MRG ITUPORANGA

Agrolândia

Atalanta

Chapadão do Lajeado

Imbuia

Ituporanga

Petrolândia

Vidal Ramos

MESORREGIÃO GRANDE

FLORIANÓPOLIS

MRG TIJUCAS

Angelina

Canelinha

Leoberto Leal

Major Gercino

Nova Trento

São João Batista

Tijucas

MRG FLORIANÓPOLIS

Antônio Carlos

Biguaçu

Florianópolis

Governador Celso Ramos

Palhoça

Paulo Lopes

Santo Amaro da Imperatriz

São José

São Pedro de Alcântara

MRG TABULEIRO

Águas Mornas

Alfredo Wagner

Anitápolis

Rancho Queimado

São Bonifácio

MESORREGIÃO SUL

CATARINENSE

MRG TUBARÃO
Armazém

Braco do Norte

Capivari de Baixo

Garopaba

Grão Pará

Gravatal Imaruí

Imbituba

Jaquaruna

Laguna Orleans

Pedras Grandes

Rio Fortuna

Sangão

Santa Rosa de Lima

São Ludgero

São Martinho

Treze de Maio

Tubarão

MRG CRICIÚMA

Cocal do Sul

Criciúma

Forquilhinha

İçara

Lauro Muller

Morro da Fumaça

Nova Veneza

Siderópolis

Treviso

Urussanga

MRG ARARANGUÁ

Araranguá

Balneário Arroio do Silva

Balneário Gaivota

Ermo

Jacinto Machado

Maracajá

Meleiro

Morro Grande

Passo de Torres

Praia Grande

Santa Rosa do Sul

São João do Sul

Sombrio

Timbé do Sul

Turvo

ANEXO II

ASSOCIAÇÕES DE MUNICÍPIOS DO ESTADO DE SANTA CATARINA

ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS

DA REGIÃO DA GRANDE

<u>FLORIANÓPOLIS – GRANFPOLIS</u>

Águas Mornas Alfredo Wagner Angelina

Anitápolis

Antônio Carlos

Biguaçu

Canelinha

Florianópolis

Garopaba

Governador Celso Ramos

Leoberto Leal

Major Gercino

Nova Trento

Palhoça

Paulo Lopes

Rancho Queimado

Santo Amaro da Imperatriz

São Bonifácio

São João Batista

São José

São Pedro de Alcântara

Tijucas

ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DA FOZ DO RIO ITAJAÍ – AMFRI

Balneário Camboriú

Bombinhas Camboriú

Ilhota

Itajaí

Itapema

Luiz Alves

Navegantes

Penha

Piçarras

Porto Belo

<u>ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS</u> <u>DO MÉDIO VALE DO ITAJAÍ –</u>

AMMVI

Apiúna

Ascurra

Benedito Novo

Blumenau

Botuverá

Brusque

Doutor Pedrinho

Gaspar Guabiruba

Indaial

Pomerode

Rio dos Cedros

Rodeio Timbó ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS

DO NORDESTE DE SANTA

<u>CATARINA – AMUNESC</u>

Araquari

Balneário Barra do Sul

Campo Alegre

Garuva

Itapoá

Joinville

Rio Negrinho

São Bento do Sul

São Francisco do Sul

<u>ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS</u>

DO OESTE DE SANTA CATARINA –

AMOSC

Águas de Chapecó

Águas Frias

Caxambu do Sul

Chapecó

Cordilheira Alta

Coronel Freitas

Formosa do Sul

Guatambu

Irati

Jardinópolis

Nova Erechim

Nova Itaberaba

Pinhalzinho

Planalto Alegre

Quilombo

Santiago do Sul

Serra Alta

São Carlos

Sul Brasil

União do Oeste

ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS

DO PLANALTO NORTE

CATARINENSE – AMPLA

Itaiópolis

Mafra

Monte Castelo

Papanduva

ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS

<u>DA REGIÃO CARBONÍFERA –</u>

AMREC

Cocal do Sul

Criciúma

Forquilhinha

lçara

Lauro Müller

Morro da Fumaça

Nova Veneza

Siderópolis

Treviso

Urussanga

ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS

DO ALTO URUGUAI CATARINENSE -

AMAUC

Alto Bela Vista

Arabutã

Arvoredo

Concórdia

Ipira

Ipumirim

Irani

ltá

Lindóia do Sul

Paial

Peritiba Piratuba

Presidente Castelo Branco

Seara

Xavantina

ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS

DA REGIÃO DE LAGUNA – AMUREL

Armazém

Braco do Norte

Capivari de Baixo

Grão Pará

Gravatal

lmaruí

Imbituba

IIIIbitaba

Jaguaruna Laguna

Orleans

Pedras Grandes

Rio Fortuna

Sangão

Santa Rosa de Lima

São Ludgero

São Martinho

Treze de Maio

Tubarão

ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DA REGIÃO SERRANA – AMURES

Anita Garibaldi

Bocaina do Sul

Bom Jardim da Serra

Bom Retiro

Campo Belo do Sul

Capão Alto

Cerro Negro

Correia Pinto

Lages

Otacílio Costa

Rio Rufino

Painel



Palmeira
Ponte Alta
São Joaquim

São José do Cerrito

Urubici Urupema

<u>ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS</u> <u>DO ALTO VALE DO RIO DO PEIXE</u> —

AMARP

Arroio Trinta Caçador Calmon

Curitibanos

Fraiburgo

Frei Rogério

Ibiam

Iomerê Macieira Lebon Régis

Pinheiro Preto

Ponte Alta do Norte

Rio das Antas

Salto Veloso

Santa Cecília

São Cristóvão do Sul

Timbó Grande Videira

<u>ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS</u> DO ALTO VALE DO ITAJAÍ – AMAVI

Agrolândia Agronômica Atalanta

Aurora

Braço do Trombudo Chapadão do Lajeado

Dona Emma Ibirama Imbuia

ltuporanga

José Boiteux

Laurentino Lontras

Mirim Doce

Petrolândia

Pouso Redondo

Presidente Getúlio

Presidente Nereu

Rio do Campo

Rio do Oeste Rio do Sul

Salete

Santa Terezinha

Taió

Trombudo Central

Vidal Ramos
Vitor Meireles

Witmarsum

ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS

DO MEIO OESTE CATARINENSE —

<u>AMMOC</u>

Água Doce

Capinzal

Catanduvas

Erval Velho

Herval do Oeste

Ibicaré

Jaborá

Joaçaba

Lacerdópolis

Luzerna

Ouro

Tangará

Treze Tílias

Vargem Bonita

ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS

DO EXTREMO OESTE CATARINENSE

- AMEOSC

Bandeirante Barra Bonita Belmonte

Descanso

Dionísio Cerqueira

Guaraciaba

Guaruiá do Sul

Iporã do Oeste

Itapiranga

Mondaí

Palma Sola

Paraíso

Princesa

Santa Helena

São João do Oeste São José do Cedro

São Miguel do Oeste

Tunápolis

ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO ALTO IRANI — AMAI

Abelardo Luz

Bom Jesus

Coronel Martins

Entre Rios

Faxinal dos Guedes

Galvão Ipuaçu

Lajeado Grande

Marema

Ouro Verde Passos Maia

Ponte Serrada

São Domingos Vargeão

Xanxerê

Xaxim

ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO VALE DO ITAPOCU – AMVALI

Barra Velha

Corupá

Guaramirim

Jaraguá do Sul

Massaranduba

São João do Itaperiú

Schroeder

<u>ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO</u>

EXTREMO SUL CATARINENSE –

<u>AMESC</u>

Araranguá

Balneário Arroio do Silva

Balneário Gaivota

Ermo

Jacinto Machado

Maracajá

Meleiro

Morro Grande

Passo de Torres

Praia Grande

Santa Rosa do Sul

São João do Sul

Sombrio

Timbé do Sul

Turvo

<u>ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS</u> <u>DA REGIÃO DO CONTESTADO -</u>

<u>AMURC</u>

Bela Vista do Toldo

Canoinhas

Irineópolis

Major Vieira

Matos Costa

Porto União

Três Barras

ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS

DO ENTRE RIOS – AMERIOS

Anchieta

Bom Jesus do Oeste

Caibi

Campo Erê

Cunha Porã Cunhataí

Flor do Sertão Iraceminha Maravilha

Modelo Palmitos

Riqueza Romelândia

Saltinho

Saitiiiio

Santa Terezinha do Progresso

São Miguel da Boa Vista

Saudades Tigrinhos ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS

DO NOROESTE CATARINENSE —

AMNOROESTE

Jupiá

Novo Horizonte

São Bernardino

São Lourenço do Oeste

<u>ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO</u> <u>PLANALTO SUL CATARINENSE –</u> <u>AMPLASC</u>

Abdon Batista

Brunópolis

Campos Novos

Celso Ramos

Monte Carlo

Vargem

Zortéa

ANEXO III

DIVISÃO TERRITORIAL DO ESTADO DE SANTA CATARINA, COM INDICAÇÃO DAS REGIÕES HIDROGRÁFICAS E MUNICÍPIOS — 1997

| REGIÃO HIDROGRÁFICA | BACIA/ SUB-BACIA HIDROGRÁFICA | MUNICÍPIOS |
|---------------------|----------------------------------|---|
| RH-1 EXTREMO OESTE | PEPERI-GUAÇU | Bandeirante Barra Bonita Belmonte Dionísio Cerqueira Guaraciaba Guarujá do Sul Itapiranga Paraíso Princesa Santa Helena São João do Oeste São José do Cedro São Miguel do Oeste |



| REGIÃO HIDROGRÁFICA | BACIA/ Sub-Bacia Hidrográfica | MUNICÍPIOS |
|---------------------|----------------------------------|--|
| RH-1 EXTREMO OESTE | RIO DAS ANTAS | Anchieta Caibi Campo Erê Cunha Porã Descanso Flor do Sertão Iporã do Oeste Iraceminha Maravilha Mondaí Palma Sola Palmitos Riqueza Romelândia Santa Terezinha Progresso São Miguel da Boa Vista |
| RH-2 MEIO OESTE | RIO CHAPECÓ | Abelardo Luz Águas de Chapecó Águas Frias Bom Jesus do Oeste Caxambu do Sul Cordilheira Alta Coronel Freitas Coronel Martins Cunhataí Entre Rios Formosa do Sul Galvão Guatambu Ipuaçu Irati Jardinópolis Jupiá Lajeado Grande Marema Modelo Nova Erechim Nova Itaberaba Novo Horizonte Ouro Verde Pinhalzinho Planalto Alegre Quilombo Saltinho Santiago do Sul São Bernadino São Carlos São Domingos São Lourenço do Oeste Saudades Serra Alta Sul Brasil União do Oeste |



| REGIÃO HIDROGRÁFICA | BACIA/ Sub-Bacia Hidrográfica | MUNICÍPIOS |
|---------------------------|----------------------------------|--|
| RH-2 MEIO OESTE | RIO IRANI | Arvoredo Bom Jesus Chapecó Faxinal dos Guedes Passos Maia Ponte Serrada Vargeão Xanxerê Xavantina Xaxim |
| RH-3 VALE DO RIO DO PEIXE | RIO DO PEIXE | Arroio Trinta Caçador Calmon Capinzal Erval Velho Fraiburgo Herval do Oeste Ibiam Ibicaré Iomerê Ipira Joaçaba Lacerdópolis Luzerna Macieira Ouro Peritiba Pinheiro Preto Piratuba Rio das Antas Salto Veloso Tangará Treze Tilias Videira |
| | RIO JACUTINGA | Água Doce Alto Bela Vista Arabutã Catanduvas Concórdia Ipumirim Irani Itá Jaborá Lindóia do Sul Paial Presidente Castelo Branco Seara Vargem Bonita |



| REGIÃO HIDROGRÁFICA | BACIA/ Sub-Bacia Hidrográfica | MUNICÍPIOS |
|----------------------------|----------------------------------|--|
| RH-4 PLANALTO DE LAGES | RIO CANOAS | Abdon Batista Anita Garibaldi Bocaina do Sul Bom Retiro Brunópolis Capão Alto Campo Belo do Sul Campos Novos Celso Ramos Cerro Negro Correa Pinto Curitibanos Frei Rogério Lages Lebon Régis Monte Carlo Otacílio Costa Painel Palmeira Ponte Alta Ponte Alta do Norte Rio Rufino Santa Cecília São Cristóvão do Sul São José do Cerrito Urubici Vargem Zortéa |
| | RIO PELOTAS | Bom Jardim da Serra São Joaquim Urupema |
| RH-5 PLANALTO DE CANOINHAS | RIO NEGRO | Campo Alegre Mafra Rio Negrinho São Bento do Sul Três Barras |
| | RIO CANOINHAS | Bela Vista do Toldo Canoinhas Itaiópolis Major Vieira Monte Castelo Papanduva |
| | RIO IGUAÇU | Irineópolis Matos Costa Porto União Timbó Grande |

| | | 1 |
|---------------------|-------------|---|
| RH-6 BAIXADA NORTE | RIO CUBATÃO | Garuva Itapoá Joinville São Francisco do Sul |
| | RIO ITAPOCU | Araquari Balneário Barra do Sul Barra Velha Corupá Guaramirim Jaraguá do Sul Massaranduba São João do Itaperiú Schroeder |
| RH-7 VALE DO ITAJAÍ | RIO ITAJAÍ | Agrolândia Agronômica Alfredo Wagner Atalanta Aurora Apiúna Ascurra Balneário Camboriú Benedito Novo Blumenau Botuverá Braço do Trombudo Brusque Camboriú Chapadão do Lajeado Dona Emma Doutor Pedrinho Gaspar Guabiruba Ibirama Ilhota Imbuia Indaial Itajaí Ituporanga José Boiteux Laurentino Lontras Luiz Alves Mirim Doce Navegantes Penha Petrolândia Piçarras Pomerode |



| REGIÃO HIDROGRÁFICA | BACIA/ Sub-Bacia Hidrográfica | MUNICÍPIOS |
|----------------------|----------------------------------|---|
| RH-7 VALE DO ITAJAÍ | RIO ITAJAÍ | Pouso Redondo Presidente Getúlio Presidente Nereu Rio do Campo Rio do Oeste Rio dos Cedros Rio do Sul Rodeio Salete Santa Terezinha Taió Timbó Trombudo Central Vidal Ramos Vitor Meirelles Witmarsum |
| RH-8 LITORAL CENTRO | RIO TIJUCAS | Angelina Bombinhas Canelinha Governador Celso Ramos Itapema Leoberto Leal Major Gercino Nova Trento Porto Belo São João Batista Tijucas |
| | RIO BIGUAÇU | Antonio Carlos Biguaçu Florianópolis |
| | RIO CUBATÃO DO SUL | Águas Mornas Palhoça Rancho Queimado Santo Amaro da Imperatriz São José São Pedro de Alcântara |
| | RIO DA MADRE | Garopaba Paulo Lopes |
| | RIO D'UNA | lmaruí Imbituba |
| RH-9 SUL CATARINENSE | RIO TUBARÃO | Anitápolis Armazém Braço do Norte Capivari de Baixo Grão Pará Gravatal Jaguaruna |



| REGIÃO HIDROGRÁFICA | BACIA/ Sub-Bacia Hidrográfica | MUNICÍPIOS |
|-------------------------------|----------------------------------|---|
| RH-9 SUL CATARINENSE RIO TU | RIO TUBARÃO | Laguna Lauro Muller Orleans Pedras Grandes Rio Fortuna Sangão Santa Rosa de Lima São Bonifácio São Ludgero São Martinho Treze de Maio Tubarão |
| RH-10 EXTREMO SUL CATARINENSE | RIO URUSSANGA | Cocal do Sul Içara Morro da Fumaça Urussanga |
| | RIO ARARANGUÁ | Araranguá Balneário Arroio do Silva Balneário Gaivota Criciúma Ermo Forquilhinha Jacinto Machado Maracajá Meleiro Morro Grande Nova Veneza Siderópolis Sombrio Timbé do Sul Treviso Turvo |
| | RIO MAMPITUBA | Passos de Torres Praia Grande Santa Rosa do Sul São João do Sul |



ANEXO IV

CONCEITOS

Consumo aparente de fertilizantes - Quantidade de fertilizantes fornecida pela indústria, ainda que não tenha sido totalmente aplicada na lavoura, uma vez que parte deste volume pode encontrar-se estocada e desperdiçada.

Cooperativa - Sociedade ou empresa constituída por membros de determinado grupo econômico ou social, que objetiva desempenhar, em benefício comum, determinada atividade econômica.

Erva-mate cancheada - É a erva-mate que já passou pelo processo de sapeco e secagem e já foi triturada na cancha ou malhada; representa de 40% a 50% do peso da erva-mate em folha verde.

Microrregião geográfica (MRG) - Regionalização criada mediante a resolução PR n° 51, de 31/7/89, que aprova a divisão do Brasil em meso e microrregiões geográficas. Constituem áreas individualizadas, em cada estado, que apresentam formas de organização do espaço com identidade regional, definidas pelas seguintes dimensões: processo social como determinante, quadro natural como condicionante e rede de comunicação e de lugares como elementos de articulação espacial. O estado de Santa Catarina divide-se em 20 microrregiões e seis mesorregiões.

Pessoal ocupado - Pessoas que, em caráter permanente ou eventual, exercem ocupação remunerada ou não, diretamente ligadas a atividades desenvolvidas no estabelecimento.

População residente - Constituída pelas pessoas moradoras no domicílio.

População rural - População recenseada fora dos limites da área urbana, inclusive nos aglomerados rurais (povoados, arraiais, etc.).

População urbana - Pessoas recenseadas nas cidades, vilas e áreas urbanas isoladas, conforme delimitação das respectivas prefeituras municipais.

Precipitação pluviométrica - Processo pelo qual a água condensada na atmosfera atinge gravitacionalmente a superfície terrestre.

Preços médios ponderados - Média dos preços mensais recebidos pelo produtor, ponderados pelas quantidades mensais comercializadas ao longo do ano.

Produção - Resultado da atividade econômica desenvolvida pelo estabelecimento em dado período, medida em termos de quantidade.

Produção extrativa vegetal - Produção de produtos vegetais obtida de espécies florestais nativas.

Produto - Resultado de qualquer atividade específica.

Produto Interno Bruto (PIB) - Medida, em unidade monetária, do fluxo total de bens e serviços finais produzidos pelo sistema econômico, em determinado período. Corresponde, portanto, ao Valor Bruto da Produção menos o consumo intermediário.

Semente fiscalizada - Resultante da multiplicação da semente básica, produzida em campos específicos, de acordo com as normas estabelecidas pela entidade fiscalizadora e responsável pela qualificação do produto.

Setor terciário - Campo de ação que compreende basicamente o comércio de mercadorias, transporte, comunicações, prestação de serviços, atividades sociais e administração pública.

Situação de domicílio - Classificação da população segundo a localização do domicílio nas

áreas urbanas ou rurais, definidas por lei municipal.

Temperatura - Aquecimento ou resfriamento do ar, governado pelo balanço da radiação solar na superfície terrestre.

Temperatura máxima - Valor máximo da temperatura que ocorre no período de um dia (24 horas).

Temperatura mínima - Valor mínimo da temperatura que ocorre no período de um dia (24 horas).

Umidade relativa do ar - Água na fase de vapor que existe na atmosfera.

Valor Bruto da Produção (VBP) - Produto resultante da multiplicação da quantidade produzida pelo preço médio ao produtor, independente de terem ou não as mercadorias chegado ao mercado formal.

LITERATURA CONSULTADA

- FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Metodologia do censo agropecuário de 1980. Rio de Janeiro, 1985. 247 p. (IBGE. Relatórios Metodológicos, 5).
- FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Metodologia das pesquisas agropecuárias anuais 1981. Rio de Janeiro, 1983. 230 p. (IBGE. Relatórios Metodológicos, 3).
- FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Diretoria de Pesquisas e Inquéritos. Pesquisas agropecuárias contínuas. Rio de Janeiro, 1988. v. 1, n. 2, 360 p.



LISTA DE FONTES

ANUÁRIO ESTATÍSTICO 2000-2001 [Anfavea]. São Paulo: Anfavea, 2002. Disponível na internet. http://www.anfavea.com.br

ANUÁRIO ESTATÍSTICO DA INSPEÇÃO DA PRODUÇÃO ESTADUAL DE SEMENTES E MUDAS - SAFRA 97/98. Florianópolis: Cidasc, 1999.

ANUÁRIO ESTATÍSTICO DA INSPEÇÃO DA PRODUÇÃO ESTADUAL DE SEMENTES E MUDAS - SAFRA 98/99. Florianópolis: Cidasc, 2000.

ANUÁRIO ESTATÍSTICO DA INSPEÇÃO DA PRODUÇÃO ESTADUAL DE SEMENTES E MUDAS - SAFRA 99/00. Florianópolis: Cidasc, 2001.

ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO CRÉDITO RURAL – 1999-2001. Brasília: BCB, 2000-2002. Disponível na internet. http://www.bcb.gov.br

ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO SETOR DE FERTILIZANTES - 1995 - 2001. São Paulo: Anda, 1996-2002.

CENSO AGROPECUÁRIO - SANTA CATARINA 1985. Rio de Janeiro: IBGE, 1991.

COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. {Relatório das unidades por UF e município - 03/04/02}. Brasília, 2002.

CONAB. Preços mínimos. Disponível na internet. http://www.conab.gov.br

EMBRAPA UVA E VINHOS. Banco de Dados de Uva e Vinho. Disponível na internet. http://www.cnpuv.embrapa.br

FAO. Base de Datos Estadísticos. Disponível na internet. http://www.fao.org

FAO. Situación de los bosques Del mundo. Disponível na internet: http://www.fao.org. Acesso em: 23 maio 2002.

IBGE. Banco de Dados Agregados - SIDRA. Disponível na internet. http://www.ibge.gov.br

INSTITUTO DE PLANEJAMENTO E ECONOMIA AGRÍCOLA DE SANTA CATARINA. **Perspectivas para a agricultura familiar**: horizonte 2010. Florianópolis, Instituto Cepa/SC, 2002. 112 p.

OCESC. Informativo técnico. Estatísticas do cooperativismo catarinense. Disponível na internet. http://www.ocesc.org.br

REGINA, M. de A. et al. Viticultura e enologia; atualizando conceitos. Caldas: Epamig, 2002. 340 p.

SECEX/DECEX. Indicadores – Alice Web. Disponível na internet. http://www.mdic.gov.br/indicadores USDA. (www.usda.gov)



LISTA DE GRÁFICOS

| ALHO | |
|---|------|
| 1. Preços de alho importado – 1995-2001 | . 22 |
| 2. Preços recebidos pelos produtores – Santa Catarina – 2000-2001 | 23 |
| BANANA | |
| 1. Evolução do consumo per cápita no mundo – 1994-2000 | . 28 |
| 2. Participação dos principais países na produção mundial – 2001 | 28 |
| 3. Banana-prata – Preços recebidos pelos produtores de Santa Catarina – 2000-2001 | 32 |
| 4. Banana-caturra – Preços recebidos pelos produtores de Santa Catarina – 2000-2001 | 32 |
| ВАТАТА | |
| 1. Comportamento na produção brasileira – Safras 96/97-00/01 | 33 |
| 2. Participação estadual no total da produção brasileira – Safra 00/01 | 33 |
| 3. Comportamento da produção catarinense – Safras 96/97-00/01 | 35 |
| 4. Preços recebidos pelos produtores – Santa Catarina – 2000-2001 | 35 |
| CEBOLA | |
| 1. Comportamento da área plantada no Brasil – Safras 95/96-00/01 | 37 |
| 2. Evolução da produção brasileira – Safras – 96/97-00/01 | . 37 |
| 3. Comportamento da produção catarinense – Safras 96/97-00/01 | 38 |
| 4. Preços médios recebidos pelos produtores de Santa Catarina – Safras 99/00-00/01 | 38 |
| 5. Preços médios de comercialização na Ceagesp – 2000-2001 | 39 |
| 6. Importações brasileiras — 1997-2001 | 39 |
| FEIJÃO | |
| 1. Evolução da produção de feijão nos principais países – 1997-2001 | . 40 |
| MAÇÃ | |
| 1. Evolução da produção nacional – Safras 96/97-00/01 | 56 |
| 2. Importações brasileiras – 1996-2001 | 57 |
| 3. Exportações brasileiras – 1996-2001 | 57 |
| 4. Precos médios da Ceagesp – 1999-2001 | 57 |



MANDIOCA

| 1. Raiz – Preços médios anuais recebidos pelos produtores – 1997-2002 | 64 |
|--|----|
| 2. Farinha grossa – Sul Catarinense – Preços mensais ao produtor – 2000-2002 | 64 |
| 3. Farinha fina – Sul Catarinense – Preços mensais ao produtor – 2000-2002 | 65 |
| MILHO | |
| 1. Principais produtores mundiais – Safra 00/01 | 66 |
| 2. Cotações internacionais – 2000-2002 | |
| 3. Produção do Mercosul – Safra 00/01 | |
| 4. Principais estados produtores – Brasil | |
| 5. Evolução da produção, do consumo e do déficit catarinense – 1999-2001 | 69 |
| 6. Preços ao produtor de Chapecó – 2000-2002 | 71 |
| SOJA | |
| 1. Principais países produtores - Safra 00/01 | 73 |
| 2. Cotações internacionais – 2000-2002 | 74 |
| 3. Distribuição da produção no mercosul – Safra 00/01 | 74 |
| 4. Brasil – Principais estados produtores – Safra 00/01 | 75 |
| 5. Preços ao produtor de Chapecó – 2000-2002 | 76 |
| TOMATE | |
| 1. Preços médios recebidos pelos produtores em Santa Catarina – 2000-2001 | 80 |
| UVA | |
| 1. Participação relativa na produção – 2000-2002 | 88 |
| FLORES E PLANTAS ORNAMENTAIS | |
| 1. Valor das exportações brasileiras – 1995-1999 | 91 |
| 2. Valor das importações brasileiras – 1995-1999 | 91 |
| CARNE DE FRANGO | |
| 1. Produção, consumo e exportação – Brasil – 1999-2001 | 97 |
| 2. Produção, venda interna e exportação – Santa Catarina – 1999-2001 | 98 |

lista de gráficos

| CARNE BOVINA | |
|---|-----|
| 1. Produção, consumo e exportação – Brasil – 2000-2002 | 99 |
| 2. Produção, consumo e importação – Santa Catarina – 2000-2002 | 100 |
| 3. Índices de preços pagos pelo boi gordo em Santa Catarina – 2001-2002 | 100 |
| CARNE SUÍNA | |
| 1. Índice de preços recebidos pelos suinocultores em Santa Catarina – 2000-2001 | 103 |
| MEL | |
| 1. Preços anuais recebidos – Grande Florianópolis e Sul Catarinense – 1997-2002 | 121 |
| PESCA | |
| 1. Importação e exportação brasileira – 1995-2001 | 124 |
| 2. Participação dos principais estados nas exportações brasileiras - 2001 | 124 |
| 3. Participação dos principais portos na produção pesqueira industrial catarinense — $2000 \dots$ | 126 |
| 4. Exportação e importação catarinenses – 1992-2001 | 126 |
| PEIXES DE ÁGUAS INTERIORES | |
| 1. Produção da piscicultura (água doce) – Santa Catarina – 1983-2001 | 129 |
| CAMARÃO MARINHO | |
| 1. Produção brasileira de camarão cultivado — 1997-2002 | 132 |
| 2. Participação das regiões no total da área de produção de camarão no Brasil -2000 | 132 |
| 3. Produção catarinense de camarão cultivado – 1998-2002 | 133 |
| MOLUSCOS (ostras e mexilhões) | |
| 1. Produção de ostras cultivadas em Santa Catarina – 1991-2001 | 136 |
| 2. Produção de mexilhões cultivados em Santa Catarina – 1991-2001 | 137 |
| DESEMPENHO DO SETOR FLORESTAL | |
| 1. Preços médios nominais recebidos pelos produtores de Santa Catarina - madeira | |
| industrial – fev/99-fev/02 | 147 |
| 2. Preços médios reais recebidos pelos produtores de Santa Catarina - madeira | |
| industrial – fev/99-abr/02 | 147 |
| 3. Evolução da participação de Santa Catarina nas exportações de produtos florestais | |
| do Brasil e da Região Sul – 1995-2001 | 148 |
| 4. Participação das exportações de produtos florestais no total das exportações | |



LISTA DE MAPAS

| 1/I – Distribuição Percentual do Valor da Produção Agrícola e Pesqueira, por Produto, Segundo as Mesorregiões Geográficas – Santa Catarina – 2001 |
|---|
| 1/II – Divisão Municipal do estado de Santa Catarina |
| LISTA DE QUADROS |
| FLORES E PLANTAS ORNAMENTAIS 1. Calendário Agrícola – Plantio, colheita e comercialização dos principais produtos agrícolas – Santa Catarina – 2002 |
| MEL 1. Calendário de colheita, tipo de florada, número de colméia por apicultor e rendimento por colméia, por mesorregião de Santa Catarina – 2002 |



LISTA DE TABELAS

| A CONJUNTURA ECONÔMICA EM 2001 E A AGRICULTURA BRASILEIRA | |
|---|-----|
| 1. Área plantada, produção e posição de Santa Catarina na produção nacional, segundo os | |
| principais produtos agrícolas – Safra 00/01 | 11 |
| 2. Valor bruto da produção (VBP) e variação da produção e dos preços na agropecuária | 4.0 |
| catarinense, segundo grupos dos principais produtos – 200-2001 | 12 |
| 3. Estimativa da evolução da produção e dos preços ao produtor na agropecuária | 4.0 |
| catarinense, segundo grupos dos principais produtos – Safras 00/01-01/02 | 13 |
| AS REGRAS PARA A SAFRA 02/03 | |
| Programas para a safra 02/03 | 19 |
| DESEMPENHO DA PRODUÇÃO VEGETAL | |
| ALUO | |
| ALHO | 0.0 |
| 1. Área plantada, produção e produtividade no mundo e principais países - 2000-2001 | |
| Área plantada, produção e produtividade no Brasil e principais estados - 2000-2001 Volume importado nos principais países fornecedores - 1995-2001 | |
| 4. Área plantada, produção e rendimento nas microrregiões geográficas de Santa Catarina – | 41 |
| Safras – 98/99-00/01 | 22 |
| ARROZ | |
| 1. Arroz em casca – Quantidade produzida dos principais países – 1990/2001 | 23 |
| 2. Arroz em casca – Rendimentos dos 10 principais países – 1990/2001 | 24 |
| 3. Arroz em casca - Evolução da produção por país e total do Mercosul – 1997-2002 | 25 |
| 4. Arroz em casca – Produção – Brasil – 1997-2002 | 26 |
| 5. Arroz-irrigado – Produção e rendimento nas principais microrregiões geográficas – | |
| Santa Catarina – 2000-2002 | 27 |
| BANANA | |
| 1. Consumo per cápita de frutas no Brasil – 1996-2000 | 29 |
| 2. Área plantada, produção e rendimento no Brasil – 2000-2001 | |
| 3. Exportação basileira e percentual de participação no Mercosul – 1997-2001 | 31 |
| 4. Área plantada, produção e rendimento nas microrregiões geográficas de Santa Catarina – | |
| 2000-2001 | 31 |
| 5. Área plantada, produção e rendimento nos principais municípios de Santa | _ |
| Catarina – 2001 | 31 |
| 6. Volume das exportações do Brasil e de Santa Catarina e percentual da participação | 0.0 |
| catarinense – 1997-2001 | 32 |



| BATATA | |
|---|----|
| 1. Área plantada, produção e rendimento no Brasil – Safra 00/01 | 34 |
| 2. Área plantada, produção e rendimento nas microrregiões geográficas – Santa Catarina – | |
| Safra 00/01 | 34 |
| 3. Área plantada, produção e rendimento por estado – Safras 98/99-00/01 | 35 |
| CEBOLA | |
| 1. Área plantada, produção e rendimento nos principais estados – Safras 00/01 | 36 |
| 2. Área plantada, produção e rendimento – Santa Catarina – Safra 00/01 | 37 |
| 3. Área plantada, produção e rendimento por estado – Safras 98/99-00/01 | 39 |
| FEIJÃO | |
| 1. Percentual de produção no mundo e nos principais países – 1997-2001 | 40 |
| 2. Rendimentos no mundo e nos principais países – 1997/2001 | 41 |
| 3. Produção no Mercosul, por país – 1997-2001 | 42 |
| 4. Rendimento no Mercosul, por país – 1997-2001 | 42 |
| 5. Variação da produção, área colhida e rendimento no Brasil e principais estados | |
| 1997-2002 | 43 |
| 6. Feijão 1ª safra – Variação da produção, área colhida e rendimento no Brasil e principais | |
| estados – 1997-2002 | 44 |
| 7. Feijão 2ª safra - Variação da produção, área colhida e rendimento no Brasil e principais | |
| estados – 1997-2002 | 45 |
| 8. Feijão 3a Safra – Variação da produção, área colhida e rendimento no Brasil e principais | |
| estados – 1997-2002 | 46 |
| 9. Feijão total – Produção, área colhida e rendimento nas principais microrregiões | |
| geográficas – Santa Catarina – 1997 – 2002 | 47 |
| 10. Feijão 1ª safra – Produção, área colhida e rendimento nas principais microrregiões | |
| geográficas – Santa Catarina – 2000-2002 | 49 |
| 11. Feijão 2ª safra - Produção, área colhida e rendimento nas principais microrregiões | |
| geográficas — Santa Catarina — 2000-2002 | 50 |
| FUMO | |
| 1. Produção, exportação, importação, consumo e estoque final, mundial e dos principais | |
| países – 1998-2002 | 51 |
| 2. Área plantada, produção e rendimento – Brasil – 1990-2002 | 52 |
| 3. Área plantada, produção e rendimento, segundo os estados e regiões — Brasil — 1999-2001 | 52 |
| 4. Quantidade produzida e exportada pelo Brasil – 1992-2001 | 53 |
| 5. Exportações brasileiras — 1992-2001 | 53 |
| 6. Exportações brasileiras – 1995-2001 | 53 |

lista de tabelas

| 7. Exportações catarinenses – 1992-2001 | 53 |
|---|------|
| 8. Comparativo das safras do sul do país – Safras 99/00-01/02 | 53 |
| 9. Preço médio recebido pelos produtores do sul do país, por estado – Safras 96/97-01/02 10. Preço médio recebido pelos produtores do sul do país, segundo os tipos – Safras | |
| 96/97-01/02 | 54 |
| 11. Área plantada, produção e rendimento – Santa Catarina – 1990-2002 12. Área plantada, produção e rendimento, segundo as meso e microrregiões geográficas – Santa Catarina – 1999-2001 | |
| Santa Catarina – 1999-2001 | 99 |
| MAÇÃ | |
| 1. Desempenho da produção brasileira – Safra 00/10 | |
| 2. Área plantada, produção e rendimento por estado – Safras 98/99-00/01 | 58 |
| MANDIOCA | |
| 1. Área colhida e produção – mundial e nos principais países – 1999-2001 | 59 |
| 2. Farinha de mandioca – Quantidade e valor das exportações mundiais e por país – | |
| 1998-2000 | 59 |
| 3. Amido de mandioca – Quantidade e valor das exportações mundiais e por país – | |
| 1998-2000 | . 59 |
| 4. Farinha de mandioca – Quantidade e valor das importações mundiais e por país | |
| 1998-2000 | 60 |
| 5. Amido de mandioca – Quantidade e valor das importações mundiais e por país | |
| 1998-2000 | |
| 6. Área colhida e produção no Brasil e nos principais estados – 2000-2002 7. Raiz de mandioca – Área colhida e produção nas microrregiões geográficas de Santa | b2 |
| Catarina – 1999-2001 | 62 |
| 8. Raiz – Sul Catarinense – Preços mensais recebidos pelo produtor – 1997-2002 | |
| 9. Raiz – Alto Vale – Preços mensais recebidos pelo produtor – 1997-2002 | |
| 10. Farinha grossa – Sul Catarinense – Preços mensais ao produtor – 1997-2002 | |
| 11. Farinha fina – Sul Catarinense – Preços mensais ao produtor – 1997-2002 | |
| 12. Fécula – Alto vale – Preços mensais na indústria – 1997-2002 | |
| MILHO | |
| 1. Oferta/demanda mundial e norte-americana – Safras 00/01-02/03 | . 67 |
| 2. Oferta/demanda da Argentina – Safras 00/01-02/03 | |
| 3. Oferta/demanda – Brasil – Safras 98/99-01/02 | |
| 4. Oferta/demanda – Santa Catarina – 1999-2002 | |
| 5. Área colhida, produção e rendimento mundial – Safras 99/00-01/02 | |
| 6. Área plantada, produção e rendimento por estado – Brasil – Safras – 99/00-01/02 | |
| 7. Área plantada, produção e rendimento por microrregião geográfica – Santa Catarina – | |
| Safras – 99/00-01/02 | . 72 |



| S | O | IJ | A |
|---|---|----|---|
| | | | |

| 1. Soja-grão - Oferta/demanda mundial e norte-americana — Safras 99/00-01/02 | 73 |
|--|----|
| 2. Complexo soja – Brasil - Oferta/demanda – Safras 99/00-00/01 | 75 |
| 3. Área colhida, produção e rendimento mundial e do Mercosul – Safras 99/00-01/02 | 77 |
| 4. Área plantada, produção e rendimento por estado – Safras – 99/00-01/02 | 77 |
| 5. Área plantada, produção e rendimento por microrregião geográfica – Santa Catarina – | |
| Safras – 99/00-01/02 | 77 |
| TOMATE | |
| 1. Área plantada e produção nos principais países produtores 2000-2001 | 78 |
| 2. Área plantada e produção nos países da América do Sul – 2000-2001 | 78 |
| 3. Área plantada, produção e rendimento nos estados – 2000-2001 | 79 |
| 4. Área plantada, produção e rendimento nas microrregiões geográficas – Santa Catarina – | |
| 2000-2001 | 80 |
| TRIGO | |
| 1. Balanço de oferta e demanda mundial – Safras 75/76-02/03 | 81 |
| 2. Produção mundial e dos principais países produtores – 97/98-02/03 | 82 |
| 3. Estimativa de exportação, segundo os principais países e mundial - Safras 98/99 $-$ 02/03 | 83 |
| 4. Estimativa de importação, segundo os principais países e mundial - Safras 98/99–02/03 | 83 |
| 5. Comparativo da safra brasileira – 1980-2002 | 83 |
| 6. Produção brasileira, segundo os estados — 1998-2000 | 83 |
| 7. Oferta e demanda brasileira – Safras 97/98-01/02 | 84 |
| 8. Trigo em grão - Quantidade importada pelo Brasil – 1996-2001 | 84 |
| 9. Farinha – Quantidade importada pelo Brasil – 1996-2001 | 84 |
| 10. Área plantada, produção e rendimento – Santa Catarina – 1980-2002 | 84 |
| 11. Comparativo das safras de Santa Catarina – 1999-2001 | 85 |
| 12. Preços mínimos de garantia – 1999-2002 | 85 |
| 13. Preços médios recebidos pelos produtores de Santa Catarina – 1996-2002 | 86 |
| FLORES E PLANTAS ORNAMENTAIS | |
| 1. Brasil – Exportações de flores e plantas ornamentais – 1999-2001 | 90 |
| 2. Brasil – Importações de flores e plantas ornamentais – 1999-2001 | 92 |
| 3. Produtos mais vendidos no Veiling-Holambra – 1992-1999 | 93 |
| 4. Evolução da floricultura catarinense – 1997 e 2002 | 93 |
| 5. Santa Catarina – Produção comercializada – 2000 | 94 |
| 6. Santa Catarina – Exportações de flores e plantas ornamentais – 1999-2001 | 95 |
| 7. Santa Catarina – Importações de flores e plantas ornamentais – 1999-2001 | 95 |



DESEMPENHO DA PRODUÇÃO ANIMAL

| CARNE DE FRANGO | |
|---|-----|
| 1. Oferta e demanda brasileiras e catarinenses – 2001-2002 | 99 |
| CARNE BOVINA | |
| 1. Oferta e demanda – Brasil e Santa Catarina – 2001-2002 | 100 |
| CARNE SUÍNA | |
| 1. Oferta e demanda brasileiras e catarinenses – 2000-2002 | 102 |
| 2. Abates totais em Santa Catarina – 2000-2002 | 103 |
| 3. Abates totais de suínos em SC, RS e PR – 2000-2002 | 104 |
| LEITE | |
| 1. Produção de leite de vaca de alguns países selecionados – 1997-2002 | 105 |
| 2. Produção brasileira segundo os estados — 1985/2000 | 106 |
| 3. Comparativo entre a produção total e a destinada à industrialização, segundo os | |
| estados – 1997 e 2000 | 107 |
| 4. Produção destinada à industrialização, segundo os estados — 1997-2001 | |
| 5. Produção brasileira destinada à industrialização, segundo os meses – 1997-2001 | |
| 6. Leite e derivados – importações brasileiras – 1992-2001 | |
| 7. Leite e derivados – importações brasileiras, segundo os principais países – 2000-2001 | |
| 8. Leite e derivados – importações brasileiras – janeiro a maio – 1992-2002 | |
| 9. Leite e derivados – exportações brasileiras – 1992-2001 | |
| 10. Leite e derivados – exportações brasileiras – janeiro a maio – 1992-2002 | |
| 11. Produção segundo as micro e mesorregiões geográficas – Santa Catarina – 1985/2000 | 110 |
| 12. Produção inspecionada total das indústrias e postos de resfriamento catarinenses, | |
| segundo os meses – 1997-2001 | |
| 13. Produção destinada à industrialização em Santa Catarina, segundo os meses – 1997-2001 | |
| 14. Preços médios recebidos pelos produtores de Santa Catarina – 1996-2002 | 112 |
| MEL | |
| 1. Quantidade total produzida no mundo e nos principais países – 1997-2001 | 114 |
| 2. Quantidade exportada, total e nos principais países — 1996-2000 | 114 |
| 3. Valor das exportações, total e nos principais países — 1996-2000 | 115 |
| 4. Quantidade importada, total e nos principais países – 1996-2000 | 115 |
| 5. Valor das importações, total e nos principais países — 1996-2000 | |
| 6. Produção brasileira e nos principais estados – 1996-2000 | |
| 7. Quantidade e valor das exportações brasileiras, por estado — 2000-2002 | |
| 8. Valor, quantidade e preço médio das importações brasileiras – 1996-2001 | 118 |



| 9. Quantidade produzida e participação por microrregião geográfica de Santa Catarina – 1996-2000 \dots | 119 |
|---|-----|
| 10. Preços mensais recebidos – Grande Florianópolis e Sul Catarinense – 1997-2002 | 120 |
| DESEMPENHO DA PESCA | |
| 1. Capturas nominais de peixes, crustáceos e moluscos, por país ou área - 1995-1999 | 122 |
| 2. Exportações brasileiras – 1995-2001 | 124 |
| 3. Volume total das capturas – Santa Catarina – 1990-2000 | 125 |
| 4. Exportações por grupo de peixes, crustáceos, moluscos e outros invertebrados | |
| aquáticos – Santa Catarina – 1999-2001 | 127 |
| 5. Importações catarinenses – Principais produtos e países fornecedores – 2001 | 127 |
| DESEMPENHO DA AQÜICULTURA | |
| 1. Valor bruto de produção dos principais produtos da aqüicultura em Santa Catarina – | |
| 2000-2001 | 128 |
| | |
| Peixes de Águas Interiores 1. Producão de pissiculture (água de se) por conácio cultivado. Cente Cetarino. 1000 2001 | 100 |
| Produção da piscicultura (água doce) por espécie cultivada – Santa Catarina – 1996-2001 Preço de peixes destinados à indústria e ao pesque-pague – média do estado – Santa | 130 |
| Catarina – 2000-2001 | 130 |
| 3. Preço da ração utilizada na piscicultura - média em 12 regiões do estado - Santa | 100 |
| Catarina – 2000-2001 | 131 |
| 4. Preço de alevinos utilizados na piscicultura – média em 12 meses do estado - Santa | |
| Catarina – 2000 e 2001 | 131 |
| | |
| Camarão Marinho | |
| 1. Carcinicultura catarinense, produção, área, número de estabelecimentos - 1998-2002 | |
| 2. Exportações catarinenses de camarões congelados – 1997-2001 | 134 |
| Moluscos (Ostras E Mexilhões) | |
| 1. Produção de mexilhões e ostras cultivados em Santa Catarina – 1991-2001 | 135 |
| 2. Preço das ostras cultivadas em Santa Catarina – média semestral – 2000-2001 | |
| 3. Preço dos mexilhões cultivados em Santa Catarina – média semestral - 2000-2001 | |
| | |
| DESEMPENHO DO SETOR FLORESTAL | |
| 1. Cobertura florestal mundial - 2001 | 138 |
| 2. Produção mundial de madeira em toras, segundo os continentes e principais países — | |
| 1997-2000 | 139 |
| 3. Produção mundial de madeira em toras para fins industriais, segundo os continentes e | 400 |
| principais países – 1997-2000 | 139 |

lista de tabelas



| 4. Produção mundial de madeira em toras para processamento mecânico, segundo os | |
|---|-----|
| continentes e principais países – 1997-2000 | 140 |
| 5. Produção dos principais produtos florestais – Brasil – 1997-2000 | 142 |
| 6. Produção e destino da madeira serrada – Brasil – 1994-2000 | 142 |
| 7. Produção e destino de laminados e compensados – Brasil – 1994-2000 | 143 |
| 8. Produção e destino dos painéis reconstituídos – Brasil – 1994-2000 | 143 |
| 9. Produção dos principais produtos florestais – Santa Catarina – 1997-2001 | 145 |
| 10. Preço médio dos principais produtos florestais – Santa Catarina – 1997-2001 | 146 |
| 11. Exportação de produtos florestais – Santa Catarina – 1995-2001 | |
| 12. Realizações do programa florestal catarinense – período 1999-2001 | 150 |
| PARTE II | |
| DIVISÃO POLÍTICA DO TERRITÓRIO E INFORMAÇÕES CLIMÁTICAS | |
| 1. Área territorial, segundo os municípios – Santa Catarina - 2000 | 151 |
| 2. Média das temperaturas mínimas mensais, segundo as estações agrometeorológicas — | |
| Santa Catarina – 2001 | 155 |
| 3. Média das temperaturas máximas mensais, segundo as estações agrometeorológicas – Santa Catarina – 2001 | 155 |
| 4. Umidade relativa média mensal, segundo as estações agrometeorológicas - Santa | |
| Catarina – 2001 | 156 |
| 5. Precipitação média mensal, segundo as estações agrometeorológicas - Santa | |
| Catarina – 2001 | 156 |
| CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA | |
| 6. População residente, segundo a situação de domicílio – Brasil e Santa Catarina – | |
| 1991/2010 | |
| 7. População residente total e rural, por faixa etária — Santa Catarina — 1970/2000 | 157 |
| 8. População residente total, rural e urbana, segundo os municípios — Santa Catarina — 2000 | 158 |
| 9. Pessoas ocupadas, por sexo, segundo o setor econômico — Santa Catarina - 1998-1999 | 160 |
| 10. Pessoas ocupadas, por situação de domicílio, segundo os grupos de idade - Santa | |
| Catarina – 1998-1999 | 160 |
| 11. Domicílios particulares permanentes e indicadores de bem-estar, segundo a situação | |
| de domicílio – Santa Catarina – 1998-2000 | 161 |
| 12. Trabalhadores no agronegócio catarinense – 1996/2000 | 161 |



CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA

| 13. | Capacidade estática de armazenagem em meio ambiente não controlado, por tipo, | |
|-----|--|-----|
| | dos armazéns cadastrados na Conab, segundo as microrregiões geográficas – Santa Catarina - 2002 | 162 |
| 11 | Cooperativas, segundo o tipo de atividade – Santa Catarina – 1997-2001 | |
| | Cooperados, segundo o tipo de atividade – Santa Catarina – 1997-2001 | |
| | Recebimento de produtos agropecuários pelas cooperativas, segundo os principais | 103 |
| 10. | produtos – Santa Catarina – 1997-2001 | 163 |
| 17. | Máquinas agrícolas vendidas, segundo o tipo – Santa Catarina – 1997-2001 | 164 |
| 18. | Consumo aparente de fertilizantes, segundo o tipo – Santa Catarina - 1998-2001 | 164 |
| 19. | Produção de sementes certificadas, segundo os produtos agrícolas – Santa Catarina – | |
| | Safras 96/97-00/01 | 164 |
| 20. | Produção de sementes fiscalizadas, segundo os principais produtos agrícolas – | |
| | Santa Catarina – Safras 96/97-00/01 | 164 |
| 21. | Crédito rural, concedido a produtores e cooperativas, segundo a finalidade - Santa | |
| | Catarina 1998-2001 | 165 |
| | | |
| CAI | RACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA | |
| 22. | Estimativa do balanço de oferta e demanda dos principais produtos vegetais - Santa | |
| | Catarina – Safras – 00/01-01/02 | 165 |
| 23. | Exportações do agronegócio catarinense – 2000-2002 | 166 |
| 24. | Importações do agronegócio catarinense – 2000-2002 | 167 |
| 25. | Valor bruto da produção, consumo intermediário e produto interno bruto, segundo a | |
| | atividade econômica do setor primário – Santa Catarina – 1995-2001 | 168 |
| 26. | Valor bruto da produção dos principais produtos agrícolas catarinenses - 1994-2001 | 168 |
| 27. | Índice de produtividade das principais culturas – Santa Catarina – 1987-2001 | 169 |
| PRI | EÇOS AGRÍCOLAS | |
| 28. | Preços mínimos vigentes, por produto, na Região Centro-Sul – 1998-2002 | 169 |
| 29. | Preços médios mensais recebidos pelos produtores pelos principais produtos | |
| | agropecuários – Santa Catarina – jan/dez-2001 | 171 |
| 30. | Preços médios mensais recebidos pelos produtores pelos principais produtos | |
| | agropecuários – Santa Catarina – jan/jun-2002 | 172 |
| 31. | Índice de preços recebidos pelos agricultores catarinenses – IPR – 2001-2002 | 173 |
| | Preços médios mensais dos produtos de pesca em frigoríficos atacadistas - Santa | |
| | Catarina – 2001-2002 | 174 |
| 33. | Preços médios mensais recebidos pelos aqüicultores – Santa Catarina – 2001-2002 | |
| | Equivalência entre preços pagos e recebidos pelos agricultores catarinenses para | |
| | produtos selecionados – 1999-2001 | 176 |
| | - | |



ÍNDICE REMISSIVO

Alho, 20-23

Aqüicultura, 128-137

Área territorial, 151-153

Armazenagem, 162

Arroz, 23-27

Associação de municípios, 179-182

Aves, 97-99

Bacias hidrográficas, 182-188

Balanço de oferta e demanda, 165

Banana, 28-32

Batata, 33-35

Bovinos, 99-101

Calendário agrícola, 96

Camarão marinho, 132-134

Carnicicultura, 132-134

Carne bovina, 99-101

Carne de frango, 97-99

Carne suína, 101-104

Carvão vegetal, 142, 145

Cebola, 36-39

Cobertura vegetal, 138

Cooperativas, 162-163

Crédito rural, 165

Desempenho da agropecuária, 8-14

Desempenho da aqüicultura, 128-137

Desempenho da pesca, 122-127

Desempenho da produção animal, 97-121

Desempenho da produção vegetal, 20-96

Desempenho do setor florestal, 138-150

Divisão municipal, 154

Domicílios, 161

Equivalência de preços, 176

Erva-mate, 142, 145

Exportação, 166

Feijão, 40-50

Fertilizantes, 164

Flores, 90-95

Fumo, 51-55

Importação, 167

Índice de produtividade, 169

Leite, 104-113

Lenha, 142

Maçã, 56-58

Madeira em tora, 139-141

Mandioca, 58-66

Máquinas agrícolas, 164

Mapa de Santa Catarina, 154

Mel de abelha, 113-121

Mexilhões, 135-137

Microrregiões geográficas, 177-179

Milho, 66-72

Molusco, 135-137

Ostra, 135-137

Ostreicultura, 135-137

Peixes de águas interiores, 129-131

Pesca, 122-127

Pessoal ocupado, 160

PIB. 168

Piscicultura, 129-131

Plantas ornamentais, 90-95

População residente, 157-160

População rural, 157-160

População urbana, 157-160

Precipitação pluviométrica, 156

Preços agrícolas, 169-170

Preços mínimos, 169-170

Preços recebidos, 174-176

Produção florestal, 138-150

Produto interno bruto, 168

Resolução nº 3001, 16-19

Sementes certificadas, 164

Sementes fiscalizadas, 164

Sementes fiscanzadas, 16

Soja, 73-77

Suínos, 101-104

Temperatura máxima, 155

Temperatura mínima, 155

Tomate, 78-81

Trabalhadores no agronegócio, 161

Trigo, 81-86

Umidade relativa, 156

Uva, 87-89

Valor bruto da produção, 168